A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3516—10.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 17 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Agremiações partidarias

Nos paizes de instituições constitucionais representativas não é possivel governar sem um forte apoio na opinião publica e, para que esse apoio se manifeste e exteriorise em palavras e actos que dêem força e vida aos governos, formam-se os partidos.

Nas sociedades bem organisadas nas quaes reinam a paz e tranquilidade necessarias ao rendimento maximo do trabalho dos cidadãos, as agremiações partidarias correspondem, em geral, a duas correntes de opinião, uma progressiva, entusiasta das ideias novas, aspirando a realisal-as mal elas são lançadas a publico pelos pensadores e publicistas, outra, mais moderada, sem se mostrar refractaria ao progresso não admite, todavia, ideias novas senão depois de maduramente estudadas sob todos os aspectos e de preparada convenientemente a opinião para as receber sem sobresaltos. Mas como a maioria da população dos paizes se não dedica ao estudo das questões politicas, entre uma e outra d'aquelas correntes, fluctua a grande massa dos cidadãos que, pendendo, ora para uma, ora para outra, conforme circunstancias de ocasião, dá á agremiação partidaria que lhe corresponde a preponderancia necessaria para ser chamada ao governo.

Os melhores dias da monarquia constitucional decorreram desde que o pacto da Granja, fundindo historicos e reformistas no partido que se chamou progressista, reduziu a duas as agremiações partidarias, ambas fortes e com todos os requisitos de governo, até que os seus dirigentes as desacreditaram na opinião publica por um entendimento tão intimo que dava a impressão de que na realidade não havia distinção entre uma e outra e que, no fundo, havia um só partido de governo, embora na aparencia fossem dois.

Reduzidas assim, de facto, a um só agrupamento as forças partidarias da monarquia, não tardou a manifestar-se a obra de desagregação promovida pelas ambições dos mais insofridos e assim se foram formando grupos, grupelhos, etc., que dominados pelos interesses de corrilho desampararam as instituições, abandonando-as aos ataques vigorosos dos adversarios. E, não sendo possivel n'essa altura uma obra de reconstrução, porque o desagregamento tinha provindo de ambições ilegitimas, de incompatibilidades pessoais irreductiveis, do cansaço, do dessoramento, do descredito, de tudo aquilo, emfim, que se pode designar por corrupção politica, a monarquia caiu.

* * *

Proclámada a Republica, deram os republicanos aparencias de forte união, emquanto durou o governo provisorio. Aparencias, dizemos, porque hoje não é segredo para ninguem que mesmo dentro d'aquele governo prejudicialissimas incompatibilidades surgiram e que só á muito custo se encobriam ao publico.

Os republicanos levavam assim ao governo praticas e costumes do regimen que havia caido, o que, de resto, não era de admirar, visto que n'esse meio tinham sido educados e não possuiam uma educação filosofica propria bastante forte para os ter subtraido á sua influencia.

D'este modo, quando foi publicada a constituição, logo aqueles a quem essa união aparente pesava, advogaram a necessidade de se organisarem os partidos constitucionais o que, de facto, se levou a efeito. Mas formaram-se em torno de ideias ou de principios? Não, em volta de individualidades preponderantes.

Tres eram os homens que desde os tempos da propaganda vinham firmando a sua influencia, tres foram os partidos que se organisaram. Se os homens de marcada influencia fossem quatro, cinco ou seis, quatro, cinco ou seis teriam sido os partidos constitucionais. Seria o cáos e a consequente ruina das novas instituições. Ainda assim pouco menos resultou do que isso.

Dos tres, o que era mais habil politico agarrou-se ás tradições do velho partido republicano, lisongeando assim todos os que não tinham predilecções marcadas por este ou por aquele, defendeu mesmo a inoportunidade da divisão do velho partido, sabendo muito bem que não seria ouvido e herdou toda a sua organisação. D'esta maneira, os outros dois que tiveram de levantar arraiais para formar novos partidos, assumiram para muitos velhos republicanos o ar de dissidentes.

Resultaram d'ahi duas agremiações partidarias fracas que, demais a mais, tinham ainda que proceder á sua organisação nas provincias. A consequencia era facil de prevêr. Aquele que havia herdado a organisação do velho partido republicano apoderou-se do governo e, por si ou por interposta pessoa, d'ele tem desfrutado até hoje, salvo as vicissitudes de que as principais foram o pimentismo e o dezembrismo.

Os outros partidos, que então eram já tres, aperceberam-se por fim, da sua fraqueza e fundiram-se, mas tarde e a más horas, quando incompatibilidades irreductiveis impediam que soldassem e, com efeito, não demorou muito tempo que se manifestassem dissidencias.

Por seu lado, a agremiação partidaria que até hoje tem desfrutado o poder, não tendo diante de si adversarios para temer, começou a desmoralisar-se, fraquejando os laços da disciplina e surgindo ambições que até ali tinham estado refreadas. A retirada do chefe foi o golpe de misericordia e o partido fraccionou-se em varios grupos.

Em resumo, os partidos da Republica, que logo de principio foram em numero superior ao conveniente para disporem da força necessaria para governar, dividiram-se, sub-dividiram-se e por fim pulverisaram-se.

Actualmente contam-se os democraticos, os reconstituintes, os evolucionistas constitucionais, os liberais resultantes da fusão dos unionistas, centristas e evolucionistas, os populares e a federação nacional republicana.

Tal é a situação actual, nada prometedora, que ainda ha pouco tempo fez fracassar todas as tentativas de organisação ministerial feitas pelos homens mais categorisados do partido dominante e tornou viavel o governo da presidencia do sr. coronel Baptista, que não tinha no seu partido situação de predominio.

* * *

E porquê? Porque então se desenharam na sociedade portugueza graves sintomas de indisciplina e desordem, que mais não eram que o reflexo da anarquia que reinava, e reina ainda, nas agremiações dirigentes que, por esse motivo, estão incorrendo em tremendas responsabilidades. O snr. coronel Baptista, além de não excitar a ciumeira dos homens categorisados do seu partido por não ter n'ele, como dissemos, situação de predominio, gosava de justificada reputação de energia e senso. Aceitaram-no, pois, os politicos, mas, o que é mais, recebeu-o de braços abertos a opinião publica, acolhendo-o como um salvador. Um assinalado serviço lhe deve já a sociedade portugueza, que foi tel-a livrado do perigo iminente do bolchevismo.

Os actos corresponderam, pois, á espectativa e, por isso, continua o snr. coronel Baptista a gosar do favor da opinião sensata e imparcial.

Aproveitem os partidos esta circunstancia favoravel de estar no governo quem com mão firme mantém a ordem, para se entregarem a uma tarefa de reconstrução e organisação de duas fortes agremiações partidarias que dêem séria garantia de estabilidade das instituições e oponham uma barreira invencivel ao avanço das ideias que visam á destruição das sociedades modernas.

E o governo continuará, entretanto, na sua utilissima obra de saneamento e ordem dentro do paiz, muito embora, como é natural e provavel, tenha de soffrer qualquer modificação na sua constituição, a não ser que o parlamento lhe embarace a marcha, o que tambem não nos admiraria muito, visto que êle tem tido até hoje o condão de obrar sempre em desacordo com as aspirações do paiz.

Mal lhe vae, porém, se assim continuar. O paiz está farto de incidentes politicos, que é justamente aquilo de que o parlamento mais se ocupa e deseja vêr resolvidas questões que são para êle de interesse vital, que é precisamente aquilo de que o parlamento não cura.

Impõe-se uma mudança de costumes, sob pena de graves perigos para as instituições e para o paiz.

Paz e tranquilidade nas ruas, ordem e moderação nos espiritos é aquilo a que a nação aspira. Para satisfazer tão justissima aspiração uma só coisa é precisa—bom senso—Vê-se, porém, que é mercadoria rara no nosso paiz.

Reaparecimento de "A Capital,,

Ha 37 dias que «A Capital» foi forçada a suspender a sua publicação por virtude da gréve do pessoal tipografico dos jornais de Lisboa.

N'este longo intervalo de tempo não deixamos, todavia, de comunicar com os nossos leitores, acamaradando com os nossos colegas, primeiro na «Imprensa da Noite» e depois na «Imprensa», jornais que puderam publicar-se, em substituição dos que foram forçados a desaparecer temporariamente, devido ao energico e poderoso auxilio do sr. Coronel Baptista, ilustre presidente do do ministerio, ao qual n'este logar protestamos todos o nosso reconhecimento e gratidão.

Reaparece hoje «A Capital» não porque tenham cessado os motivos que a forçaram a suspender, pois que o pessoal tipografico continua intransigente nas suas destemperadas exigencias, mas ainda porque o sr. Coronel Baptista, não satisfeito com a situação transitoria da publicação das duas «Imprensas» a da manhã e a da noite, depois reduzida á da manhã, não arrefeceu nos esforços energicos que empregou para providenciar de forma a que todos os jornais pudessem ser publicados dentro de muito breve praso.

Registamos aqui, com todo o louvor, a isenção politica do nobre presidente do ministerio que não quiz saber de côres politicas dos jornais que as suas diligencias iam fazendo reaparecer.

Com tipografos, vindos um pouco de toda a parte por ordem do sr. presidente do ministerio, reatáram a sua publicação os jornais «A Opinião», «A Lucta», «O Popular», hoje reaparece «A Capital», e esperamos que amanhã poderá recomeçar a sua publicação o nosso colega «A Epoca», e a pouco e pouco reaparecerão todos os outros.

Terminamos prestando homenagem ao pessoal tipografico militar e da policia civica que tem trabalhado nas oficinas da «Imprensa» e dos jornais que vão reaparecendo, não só com evidente boa vontade, mas com muita competencia profissional.

QUESTÕES COLONIAIS

A emigração para Angola

Em que condições ela se deve fazer—O districto de Benguela e o porto do Lobito

Temos actualmente em Portugal muita necessidade de todas as nossas forças vivas para as empregarmos em pró da emigração para Angola.

Nesta ordem de ideias, esta emigração deverá ser de homens inteligentes, activos, dotados de espirito de iniciativa que por conta propria ou de outrem possam estabelecer-se em Angola trabalhando de modo a directo ou indirectamente interessarem a Mãe-Patria.

Preconisamos tambem a emigração dos novos que não tenham podido encontrar na metropole os meios ou as ocasiões de tirarem partido da sua capacidade ou dos seus conhecimentos tecnicos que laboriosamente tenham adquirido, e que prefiram procurar nesse vasto e maravilhoso campo de riquezas que é a nossa provincia de Angola meio de adquirirem fortuna, em logar de vegetarem em situação que mal lhes chegará, na epoca presente, para o seu sustento.

A todos em geral, abre tambem esse manancial de riquezas de toda a especie, inexgotavel, um vastissimo campo de actividades, grande de mais para todos os portuguezes e no qual ha imenso que fazer e que trabalhar.

Não falaremos aqui dos que se expatriam por espirito de aventura, ou para um fim vago e impreciso, tentando procurar uma colocação, declarando-se aptos para qualquer logar. Não.

Para estes, esse paiz não oferece maiores vantagens que qualquer outro, reservando para os que assim procederem dificuldades imensas, muitas vezes invenciveis e sobretudo surpresas desagradaveis.

E' preciso pois que aqueles que procurarem em Angola, se não a fortuna, pelo menos, os meis de existencia, que ao alcançarem aquela colonia saibam exatamente o que vão fazer, tendo as aptidões particulares para um determinado ramo de vida, depois de se terem informado dos recursos precisos para o fim que têem em vista, sendo importante saber-se que não basta desembarcar em qualquer dos portos de Angola para encontrar uma situação lucrativa, porque em qualquer deles, quem não chegar com uma posição assegurada e de antemão escolhida ou sem um apoio ou um fim preciso, ou sem os recursos suficientes, fatalmente se submergirá, porque a vida, sendo presentemente mais facil que na Europa, é todavia bem dura e custosa e em breve se verão os imprevidentes na necessidade de aceitarem qualquer emprego infimo, que melhor encontrariam aqui, ou a mendigarem ao governo da colonia uma passagem de colono no convés de qualquer vapor para regressarem á metropole, desiludidos e doentes.

* * *

Passando a tratar dum modo geral dos recursos da provincia de Angola, tão vastos são eles que nos limitaremos aos provenientes da sua agricultura e industrias correlativas.

Assim, além dos productos tropicaes, trataremos em especial da cultura de cereaes em grande escala e da creação de gado, porque estas interessarão directamente o emigrante nas condições por nós indicadas e porque deverão ser de futuro uma fonte inexgotavel de riqueza, extinguindo duma vez para sempre o nosso deficit de cereaes e trazendo para o nosso Paiz pela exportação do excedente o ouro que tão necessario se torna para adquirir em condições vantajosas o carvão preciso para as nossas industrias metropolitanas, algumas delas rivalisando já com as do estrangeiro.

Não é isto uma utopia, porquanto quem conhecer, como nós conhecemos, todos os recantos desse vasto paiz, que é Angola, poderá como nós, afirmar que todos os emigrantes que sigam para ali nas condições indicados e no proposito firme de se dedicarem de alma e coração á agricultura e não á especulação de terrenos, poderão em breve tempo adquirir fortuna, enriquecendo a colonia e a Mãe-Patria.

Não preconisamos a especulação de terrenos, por ser uma operação perigosa em paizes novos, redundando só em beneficio de meia dusia, e em prejuiso da comunidade.

Assim qualquer dos dois campos de actividade isolados ou em conjunto são fontes inexgotaveis de riquesa, para os que sendo trabalhadores e dispondo de meios de fortuna, queiram tirar da terra o que ela nos dá em tanta abundancia, seja por si isoladamente ou confiando os seus capitaes, a quem saiba trabalhar nesse novo Mundo, empreendendo uma vida nova, lançando as bases dum novo Brazil, mais rico talvez e com melhores condições para a aclimatação e propagação da raça branca com um futuro em extremo prospero e digno da velha Lusitania.

Procuraremos em artigos subsequentes concretisar e desenvolver o que acabamos de expôr, com a autoridade que nos dá o conhecimento directo do paiz e das suas disponibilidades.

Referir-nos-emos principalmente ao sul da Angola, mais proprio para aquele fim e em especial ao districto de Benguela e á sua agricultura, aos seus meios de vida, ás suas necessidades urgente, afim de que num futuro proximo possa assegurar aos seus imigrantes nacionaes ou estrangeiros tudo o que necessitarem para se estabelecerem e finalmente as suas comunicações internas e externas—estradas ordinarias—caminhos de ferro—navegação—tudo em conjunção com o belo porto de Lobito, unico no seu genero, um dos melhores de toda a Costa Ocidental d'Africa pela sua posição unica e pela segurança e benegnidade das suas aguas interiores e do mais exterior.

CORONEL IVO FERREIRA.

O agente Custodio das Dores e a sua atrabiliaria demissão

Incontestavelmente na nossa policia de investigação o agente que mais provas tem dado da sua competencia, da sua argucia e da sua perspicacia é o já célebre policia Custodio das Dores que acaba de pedir a sua demissão, que o actual director sr. Reis Junior aceitou.

Estes os factos. Resta-nos dizer que o agente Custodio das Dores se demitiu exatamente por ser um bom policia, um policia moderno, com altos e relevantes serviços prestados.

Foi o caso que, tendo-se dado ha dias no Coliseu um roubo de brilhantes e estando n'esse momento o Custodio das Dores n'aquela casa de espectaculos, pediram-lhe a sua intervenção, a que o agente imediatamente acedeu, pondo em campo a sua conhecida pericia. Pois este facto, que devia merecer os aplausos dos seus superiores, teve o condão de desagradar ao sr. Murtinheira, que deu garte do agente por se intrometer em assuntos que correm pela area da 1.ª secção, quando o agente Custodio pertence á 4.ª!

Isto que parece uma *blague* foi assim mesmo, por aquele especioso criterio que impõe ao policia a obrigação de pedir ao gatuno que espere um pouco emquanto ele vai ao Governo Civil obter a devida auctorisação para o prender!

Irrisória comprehensão dos deveres da policia, e tristissima recompensa a um dos mais habeis agentes da nossa policia de investigação!

Terá disto acaso conhecimento o sr. ministro do Interior? Cremos bem que não e que logo que o tenha procederá d'uma maneira bem diversa da que procedeu, impensadamente por certo, o sr. director Reis Junior.

A gréve tipografica

Reaparece hoje "A Capital,, e estão prestes a publicar-se todos os demais jornais

Reaparece hoje *A Capital* depois de 37 dias de suspensão por motivo da gréve dos tipografos. *A Epoca* sairá amanhã. A Comissão Executiva da Imprensa conta fazer sair ainda esta semana *A Vanguarda*, *A Situação* e *A Manhã*. E' claro que todos estes jornaes continuam na resolução de não pagar os dias de gréve e de oferecer aos seus antigos tipografos 60 por cento de aumento sobre os salarios estipulados em Agosto de 1919 a titulo de ajuda de vida. A Comissão Executiva da Imprensa tem encontrado nos tipografos do exercito, da Guarda Republicana e da policia, verdadeiras dedicações, sendo notavel a aptidão de alguns deles. A oficina do jornal *A Opinião* é dirigida por um cabo de cavalaria da Guarda Republicana; a do *Popular* por um sargento das oficinas graficas do exercito; a de *A Capital* e a de *A Luta* por dois policias, a do *A Epoca* por um civil, o antigo chefe; a de *A Imprensa*, que muito brevemente deixará de publicar-se, por um civil, chefe da oficina de *A Manhã*. Grande numero dos tipografos mandados apresentar pelo governo está na disposição de se dedicar definitivamente á sua arte, licenciando-se ou pedindo a demissão dos seus actuais lugares. Na oficina da *Capital* estão já aprendendo a compôr á maquina Linotype um civil e um policia. O governo dispõe ainda, sem prejuizo dos seus serviços, de 50 tipografos militares, que receberam ordem de se apresentar.

Concurso literario da Capital

Amanhã a Capital porá os seus leitores a par dos ultimos passos dados sobre o concurso literario, que, dentro de breves dias, será ultimado pela classificação feita pelos respectivos jurys.

POLITICA

A atitude do G. P. P. — Falta de serenidade — O orçamento geral do Estado

Post tot tantosque labores — que é como quem diz depois d'um longo periodo forçado de gréve, reaparece *A Capital*, e justo é que ponhamos o leitor d'esta secção ao corrente do que em politica se tem passado n'este agitado descanso de mês e pico...

Rapidamente, para que o leitor não enfarte.

Como caso de maior pôlpa tivemos, em consequencia do inquerito parlamentar ao extincto ministerio dos abastecimentos, o abandono da Camara pelos deputados do Grupo Popular, atitude que ainda hoje se mantem e se manterá até final resolução do caso.

Quanto ás sessões parlamentares, devemos constatar, com magua, que ellas decorrem, não já com pouca serenidade, mas sobretudo com muita falta de criterio e alguma falta de patriotismo.

Assim, apesar das sessões estarem marcadas para as 14 horas, nunca começam antes das 15,30, e mais, estando-se muitas vezes até ás 16 e ás 17 em questões de *lana caprina*. E já hoje estamos a 17 e ainda se não apresentou á discussão o orçamento geral do Estado, estando alguns dos orçamentos parciaes ainda sem o respectivo parecer das commissões!

Entretanto vão-se fazendo estufas caras nos jardins do Congresso, e como a ordem é rica e já não ha frades, o mesmo Congresso adquiriu agora, por 37 contos, tres automoveis para seu serviço privativo... Mais de doze contos por cada um. Ou os automoveis são luxuosos, ou o preço da comora—foram adquiridos no P. A. M.—é demasiado puxadote.

Resta-nos dizer, n'esta ligeira nota retrospectiva, que os partidos se manteem na divisão já feita e até se vem dia a dia confirmando aquella nota que ha um mez demos de se ir reconstituir o velho organismo evolucionista sob a égide do sr. Mesquita de Carvalho. De facto tudo se prepara para que o velho partido do sr. dr. Antonio José de Almeida retome na vida politica da Republica o seu antigo logar. Parece que, a não sobrevir qualquer complicação, o partido evolucionista se reorganisará e para elle voltarão não só os velhos marechaes como aquella massa republicana que constitue hoje na provincia e em Lisboa a maior força do partido liberal. Ao lado do sr. Mesquita de Carvalho estão, ao que se afirma, alem do sr. Antonio Mantas, o sr. Ribeiro de Carvalho, o sr. Mendes dos Reis, o sr. Carvalho Mourão e outros, poucos devendo ficar no partido liberal que houvessem pertencido ao partido evolucionista. Por outro lado, o partido do sr. Alvaro de Castro vae tomando posições, se bem que entre os parlamentares democraticos se extranhe que o sr. Sá Cardoso continue occupando o seu logar de presidente da Camara para onde foi eleito pelos votos da maioria, e ande ao mesmo tempo fazendo, á sombra d'esse logar, a sua propaganda partidaria.

Bem se sabe que o sr. Sá Cardoso, quando foi reeleito, já não pertencia ao partido democratico, mas o que os seus antigos correligionarios lamentam é que o sr. Sá Cardoso fosse reeleito como independente, e logo 48 horas depois fizesse officialmente a sua nova profissão de fé partidaria.

Affirmam porem os parlamentares reconstituintes que o seu partido ganha raizes, alarga, adquirindo na vida politica da Republica o logar a que lhe dão direito as altas capacidades dos seus dirigentes. Bom é que seja assim para o partido reconstituinte marcar de facto no xadrez da politica o seu valor de tonico da Republica, como em *blague* foi já classificado por um espirituoso deputado da maioria.

Blagues e «sobriquets»

E já, que de *blague* falamos diremos que a que mais successo causou foi a engendrada por esse mesmo deputado com graciosos *sobriquets* nos nomes dos parlamentares que acompanharam o sr. Alvaro de Castro. E porque essa lista tendo graça não offende, que o seu auctor, velho republicano e amigo pessoal de todos elles, incapaz seria d'uma offensa, aqui a trasladamos para que se archive no numero das notas alegres, das poucas que houve, n'este periodo tristonho de gréves e de pão infeccioso. Eil-a:

Lopes Cardoso — Kola Astié.
Acacio Cardoso — Sanagá.
Sá Cardoso—Vinho Nutritivo de Carne.
Alberto Jordão — Somatose.
Camarate Campos —Glycero-phosphato de Cal.
Pereira Bastos—Farinha Nestlé.
Alvaro de Castro — Extracto Heroico.
Antonio da Fonseca —Strichnina.
Mello Barreto — Gottas Beaumé.
Vasco Marques — Pilulas Pink.
Paes Pitta — Histogenol.
Alvaro Pope — Dynamol.
Mariano Presado — Oleo de figado de bacalhau.
Helder Ribeiro — Emulsão de Scot.
Americo Olavo — Energeina.
Carlos Olavo — Aseptoginia.

De todos elles os que mais successo fizeram foram os dos sr. Sá Cardoso e Alvaro de Castro. Como vêem nada mais inofensivo do que esta leve e despretenciosa *blague*... parlamentar.

O incidente jornalistico na Camara dos Deputados

Um outro incidente devemos registar ainda. Foi o occorrido entre a presidencia da Camara e os jornalistas que ali fazem os extractos parlamentares. Deu-se na celebre sessão das declarações do sr. Vaz Guedes sobre deputados attingidos no inquerito ao ministerio dos abastecimentos. Na sala ia uma barafunda enorme. Fumava-se, gritava-se, e até tres parlamentares no calor das discussões haviam posto os chapeus. Foi n'esta altura que o sr. Balthazar Teixeira mandou dizer por um continuo a um dos jornalistas que não fumasse. O nosso collega respondeu que estava fumando porque os senhores deputados o faziam e elle supunha que a sessão estivesse interrompida.

O sr. Balthazar Teixeira queixou-se da resposta ao sr. Sá Cardoso e o sr. Sá Cardoso precipitadamente procedeu, originando um conflito que uma hora depois terminava com honra para ambas as partes. De quem foi a culpa? Do sr. Sá Cardoso? Não. Fazemos-lhes essa justiça. Extremamente delicado, d'uma correcção a que todos nós fazemos justiça, o sr. Sá Cardoso era incapaz de ter para comnosco um gesto de menos cortezia. Não. O culpado foi o sr. Balthazar Teixeira que no seu logar de primeiro secretario se supõe a mandar em meninos com a irritante preocupação d'um professor rabugento e inconveniente. Bom será portanto que o sr. Balthazar Teixeira se compenetre de que os jornalistas já não são ha muito meninos de escola, nem estão em S. Bento em logares de favores...

E nada mais houve digno de nota, n'este aborrecido interregno jornalistico, a não ser os constantes boatos de crise a respeito d'um governo que cada vez se encontra mais forte, com o appoio d'aquelles que, desejando trabalhar, ambicionam o completo restabelecimento da ordem, sem a qual o trabalho fecundo jamais poderá existir.

UM LIVRO SENSACIONAL

"Doida, não!"

Uma descrição da vida dum manicomio

Temos aqui desde hontem sobre a nossa meza de trabalho um livro que está destinado a ter o exito de todas as coisas profundamente desastrosas.

Escreveu-o uma senhora da nossa primeira sociedade e intitula-se: «Doida não!» E' ao mesmo tempo um acto de contricção que a condena e a absolve. E' uma revelação de pormenores sentimentaes.

Mas não será sempre preferivel o silencio nestes casos de coração— pergunta-o muita gente. Não sabemos. Sabemos apenas que o dr. Bernardo Lucas, entregando á publicidade as confidencias do que mais recatado e de mais doloroso houve na vida dessa mulher — não teve outra pretensão que não fôsse redimi-la perante a opinião de uns e enobrecê-la ainda mais perante a opinião de outros. Mas punhamos de parte nomes; deixemos mesmo este caso restricto — e procuremos definir no ponto de vista geral estas equações de sentimento. Uma senhora reconhece depois de casada que nunca amou o marido. (E' lamentavel que o não reconhecesse antes). Detestam-se, tinham fatalmente de fazer a desgraça um do outro. O seu lar tornase, desde a primeira hora, um inferno.

Um dia, trinta anos depois de casados, essa mulher apaixona-se por outro homem: o «chauffeur» do seu automovel, por exemplo. Uma paixão brutal, irresistivel. Fogem. Atravessam de braço dado a sua «hora do diabo». São felizes. Esta fuga para a felicidade foi, como vêem, uma aventura. Mas o que alega essa senhora em favor do seu acto: o amor por um homem e o desprezo por outro — que é seu marido. A paixão não pode excluir por caso algum a responsabilidade dos actos que sugére, embora—concordemos — os atenúe. Depois está fóra de moda aquele velho criterio defendido na literatura dramatica de ha quinze anos e que aconselhava «tout court» toda a mulher casada a abandonar o lar, em nome dos direitos da natureza — quando não encontrasse dentro dele o clarão côr de rosa da felicidade. E' o caso da «Maman Colibri» de Bataille.

Pois bem. Esta senhora comete evidentemente um crime de adulterio. E que faz o marido? Requér o divorcio? Engano. Dá a mulher por doida — com o testemunho de Suas Excelencias, os senhores psiquiatras e com a sanção da lei. Porquê? Devido a razões que todos nós sabemos — o que é sempre doloroso recordar.

O livro desta senhora é interessante. Denota uma lucidez admiravel e um esplendido talento literario. «A Capital», transcrevendo um capitulo desse livro— julga que ele será o maior argumento a favor da sua autora:

Depois dêste exame, nada mais de notavel se passou e nada mais tenho a contar-lhe de importante, mas como desejo que avalie a vida que me fazem ter actualmente, quero dedicar algumas linhas ás minhas pobres companheiras de enfermaria.

Já lhe falei das doentes de terceira, que vejo das janelas do corredor; por isso falo agora das de primeira e segunda classe, que vejo dentro dêle e da janela do meu quarto, que deita sobre a parte da quinta que lhes é destinada.

Como vê, estou entre dois fogos.

A's seis horas da manhã, pouco mais ou menos, a ronda abre as janelas e principia o movimento na enfermaria. As doentes descem ao rez-do-chão e, num velho e estafadissimo piano da casa de recreio, ouve-se — tristissima alvorada! — uma simfonia infernal batida por dedos inconscientes. Todas, ou quasi todas, vão descarregar as suas iras nesse pobre instrumento, que pela sua desafinação bem condiz com a casa onde o puzeram.

Depois começa a algazarra nos jardins, os gritos pelos corredores e, de vez em quando, ouve-se uma voz — sempre a mesma — de alguem que pede que lhe acudam.

Durante o dia, poucas ficam no andar superior; mas descem, se o desejam. Eu é que não. Os jardins são-me proibidos, não se fizeram para os presos.

Levanto-me ás nove e almoço, — chá e pão com manteiga. Sento-me em seguida a trabalhar. A uma hora, nova refeição, se me dão cousa que possa comer-se. Volto ao trabalho até ás quatro horas, em que me interrompo para tomar o chá da tarde. Sento-me a trabalhar de novo. Ás sete horas janto, algumas vezes pão com queijo, algumas outras queijo com pão, porque frequentemente não se pode comer o resto. Dou em seguida um passeio no corredor — não vá deitar-me com o estomago pesado! — e ás dez horas, depois de novo chá, recolho ao leito.

Assim vivo há mêses.

Ao anoitecer, passa a triste procissão das doentes, que recolhem aos seus quartos. A luz mortiça dos gazómetros dá a êste impressionante cortejo um aspecto estranho e inolvidável. Com os cabêlos em desordem, os olhares esgazeados, os fatos em desalinho, vão essas pobres mortas-vivas repousar — as que o podem fazer — dos seus cansaços dêsse dia, para no imediato os recomeçarem.

Tudo, pouco depois, está mais ou menos em socêgo e apenas se ouve, de quando em quando, uma ou outra gargalhada, quaisquer palavras soltas e ais prolongados.

Há noutes calmas, mas outras não deixam conciliar o sôno.

Uma das senhoras doentes, Dona G... tem, entre outras manias, a das cobras e nunca se deita sem desmanchar a cama, batendo-a muito em todos os sentidos, sacudindo a roupa e deitando água á entrada do quarto e no vão da janela, para as cobras não passarem. Anda sempre com um cesto de vêrga na mão e nunca desce de manhã para o recreio sem ir fazer uma cruz nos vidros das janelas do corredor, dizendo quaisquer palavras que ainda não pude perceber. E' já idosa.

Dona A. M., como a sua companheira de quarto, também nunca se deita sem desmanchar a cama e vêr, atrás das portas, se está não sei o quê. Esta senhora que, por mais duma vez, estêve no leito alguns dias, em virtude duma ferida numa perna, era raro descançar a cabeça na almofada, conservando-a quasi sempre erguida, apesar de ter o corpo estendido horisontalmente.

Cansava vê-la assim. Foi nêstes dias que a observei. Imaginava esticar entre os dedos um fio, afastando lentamente as mãos uma da outra. Repetia êste gesto durante horas e, quando o interrompia, era a supôr que fazia com os dêdos umas bolinhas, que punha na palma dumas das mãos mudando-as depois para a da outra e assim sucessivamente. E' idosa, como a anterior senhora e tem já vinte e tantos anos desta casa. É inconsciente.

Uma outra, que me faz imensa pena, é bastante nova. Tem a demência precoce. Uma das suas manias é ferir-se com facas ou tesouras, quando as apanha ao seu alcance.

Esta mesma passa ajoelhada e de mãos postas todo o tempo que a deixam.

Várias vezes tenho conversado com ela. Numa dessas vezes a minha empregada disse-me: — «Esta menina é tão rica!» Ela fitou-me com o seu olhar parado e triste, e respondeu: — «Não há ninguem mais pobre do que eu.»

Como naquêle cérebro, onde se apagou há muito a luz da razão, tinha brilhado naquêle instante um clarão de lucidez!

—«Está muito magrinha, precisa de engordar» — disse-lhe eu.

—«A *vida branca* — foram estas as suas palavras — é que engorda,» respondeu-me ela.

Tinha razão, não ha vida mais negra do que a que se leva aqui.

Nada mais lhe ouvi dizer nunca que tivesse nexo e, entretanto, quasi todos os dias lhe falo. Quando lhe pergunto se jantou bem, responde-me: — «Trinta voltas, quarenta voltas, muito obrigada» ou qualquer cousa nêste género.

Infeliz!

Outra senhora tambem nova, filha dum grande capitalista, tornou-se minha amiga. Visita-me sempre que passa no corredor, quando vai ou vem do recreio, e eu algumas vezes vou estar junto dela uns bocadinhos, não porque a sua conversa me interesse, pois é desconexa e sempre a mesma, mas porque me faz muito dó vê-la tão abandonada.

Como as suas crises são repentinas e temíveis, a não ser o pessoal da casa, todos fogem dela. Já lhe teem vestido o colete de fôrças por várias vezes e já tem agredido uma das empregadas violentamente, desde que aqui estou.

De longe em longe, ouve-se a sua voz num grito prolongado a pedir que acudam.

E' rara a noite em que se não levanta para, com o corpo, dar fortes pancadas na porta do quarto, fazendo tremer janelas e portas e acordar em sobresalto. Dizem que tem visões, por isso se exalta assim.

Quando vou ao seu quarto, nunca entro sem primeiro ela me dizer «Entra, mana, entra» (trata todas por *manas*); se, porém, me diz que não, não insisto, porque seria arriscado.

O seu assunto é sempre o mesmo:

—«Sou muito pequenina, pois tenho vinte e cinco anos, pois não me deixe entrar aquela velha no quarto, pois mandem pedir socorro para minha casa, pois eu tenho casa com risco de vida, pois tenho trinta mil anos, oitenta mil anos, tu és irmã gémea da Palma e não posso comer estas comidas, pois são muito ordinárias, pois há oito anos não cômo quasi nada, pois sou muito pequenina, pois não vale a pena saber falar francês, inglês, alemão, chinês, pois quero lições de canto e de espanhol, pois tenho sofrido horrivelmente muito, pois tu és a primeira mana simpatica que tenho encontrado nesta casa, pois não deixem matar esta mana...»

E segue por aqui fóra sempre no mesmo labirinto de ideias em que o seu espirito se perde.

Tenho tentado fazê-la responder a algumas perguntas e uma delas foi se lhe doía a garganta, porque vi que lhe custava a engulir a saliva.

—«Doe, mana, muito. Queres vêr?»

Como esta senhora não quere tomar medicamentos e tinha realmente a garganta inflamada, mandei pedir á enfermeira rodelas de limão com assucar e, como ela gosta muito de doce, lá as chupou.

Outra vez em que, estando a conversar com ela ou, para melhor dizer, a ouvi-la nas suas queixas incoerentes, percebi que lhe custava a encontrar as palavras, perguntei-lhe se lhe doía a cabeça.

—«Doe, mana, muito, parece que tenho a cabeça cheia de bolor.»

—«Quere que me vá embora?»

—«Não, mana, não. Esta mana só cá esteve hoje um instantinho, pois não quero que matem esta mana, pois deixem-me escapar pára um hotel, pois não posso comer estas comidas ordinarias, pois não quero estar mais na casa deste Conde...» Alude ao Conde de Ferreira.

Uma tarde deu-lhe a crise, estava a jantar, e a empregada que deixára por esquecimento a faca sobre a mesa não sabia, aflita, como tirar-lha, porque ela tinha partido uma cadeira com que a ameaçava. Ofereci-me para tentar obter a faca e fui pedir-lha, entreabrindo a porta do quarto e chamando-a.

—«Agora não entres, mana, que eu posso...» Não lhe deixei acabar a frase e insisti no pedido e a pobre, acedendo ao meu desejo, deu-ma pela nêsga da porta, segurando na lamina da faca para eu, pelo cabo, lhe pegar. Fiquei contentissima.

Outra vez, em que esteve muito exaltada todo o dia, tinham receio de entrar para lhe tirar a louça do jantar (louça de aluminio, que outra não pode ser, porque a parte), mas eu fui falar-lhe á porta e ela disse logo, muito apressadamente:—«Entra, mana, entra» e, rindo-se para mim, continuou:—«Acho graça a esta mana vir intervir. Pois, em indo para casa, hei de lhe mandar um pudim, ou uma pulseira ou uns brincos, pois não me deixem entrar velhas no quarto...»

Pobre senhora!

Há outra que é muito alegre e passa os dias no jardim, arrancando ervas e cantando um trecho da *Marselhêsa* e outra canção sua predilecta. Repentinamente pára de cantar e zanga-se com alguem com quem julga discutir. Fala sem descanço, quando não canta, mas não diz nada acertado. O seu olhar impressiona extraordinariamente.

Outra infeliz passa dias inteiros fixando o olhar no vago, mas sempre no mesmo ponto, e pelo mexer dos labios percebe-se que conversa com alguem que imagina vêr. E nova ainda.

Uma que foi mudada há pouco para o pavilhão das furiosas, por se ter lançado á enfermeira, maltratando-a bastante, não me podia vêr sair da enfermaria (nas ocasiões em que eu lá falar com V...) porque, segundo ela, o direito pertencia-lhe. A enfermeira até me recomendava cuidado, porque ela metia-se sempre comigo, quando eu passava no corredor e eu nas suas mãos possantes seria um mosquito.

Dizia que o «Senhor» lhe fazia revelações a respeito das pessoas da enfermaria; e livrar que o «Senhor» lhe dissesse para fazer mal a alguêm, porque ela obedecia-lhe exaltada!

Ultimamente entrou uma senhora muito nova, de origem brasileira. Não imagina o que ela fazia! Com os seus lindissimos cabêlos soltos, dançava, cantava, assobiava, rebolava-se no chão, dava vivas á Republica, á Patria, ao marido, rasgava os fatos, despia-se, enfurecia-se com o Pai, que julgava ter ao pé, dava conselhos como que brincando com crianças, era quasi incredítável como tinha resistencia para tanto.

Muitos dias andou de colete de fôrças. Por fim, foi mudada para o pavilhão das furiosas.

Quanta piedade me inspirava!

Mas, Doutor, seria interminável esta exposição da maior miséria moral que eu tive a enormissima desgraça de vir apreciar de perto, fazendo-me maldizer quem aqui me encerrou.

Nunca roguei mal a ninguém até á hora da minha entrada nesta casa. Depois dela, já outro tanto não digo.

Porto, Hospital do Conde de Ferreira — Junho-Julho de 1919.

Maria Adelaide Coelho da Cunha

OS SPORTS

Este bi-semanario, que esteve suspenso durante 32 dias, reapareceu no dia 13, composto e impresso nas officinas do *Seculo*.

Cuidado na sua parte literaria, melhorado na parte material, tendo uma larga reportagem tanto de Lisboa como da provincia, em tudo o que interessa a vida sportiva, o bi-semanario «Os Sports» continua mantendo o logar de destaque que conquistou desde os seus primeiros numeros.

O carvão que nos é preciso e o que recebemos no mez passado

Para mantermos os serviços ferroviarios, de tracção electrica e de iluminação, incluindo já os das industrias, precisamos pelo menos de 75.000 toneladas de carvão por mez.

Pois no mez findo apenas recebemos 3.500 toneladas e como os mineiros em Inglaterra trabalham apenas 6 horas por dia, pouco mais produzem do que o necessario para o consumo d'esse paiz, sobejando um pouco que a Inglaterra distribue pela França e pela Italia.

O governo está envidando todos os esforços para que sejamos incluidos no numero dos paizes fornecidos, mas embora o consiga, forçoso é que se restrinja o gasto imoderado do carvão, porque a verdade é esta: precisámos de 75.000 toneladas, apenas recebemos 3.500 no mez passado. E estes numeros falam mais eloquentemente do que nós o poderiamos fazer.

Onde se fala dos novos das Academias dos novos e da Ressurreição da Patria

Realisou-se ante-hontem a sessão inaugural do *Grupo Ressurreição* da Academia de Novos da Lusitania, que se destina a fazer a vida intelectual, abandonar o caminho que trilha, a orientar a mocidade pelas suas proprias forças e dar á arte um impulso novo e rigoroso no sentido de que a sua acção e o seu explendor sejam nacionalisadores — segundo nos comunica um jornal, do extracto do discurso dum dos fundadores do Grupo.

A sessão foi no Nacional, com a assistencia de muitas pessoas de reconhecido valor, muitas senhoras em vistosas toiletes, embaixador do Brazil e falaram tambem, como já os jornaes disseram, os srs. Lopes de Mendonça, Freitas Branco e Lopes Vieira.

Na sumula, trata-se duma ideia mais, uma ideia curiosa e tantas vezes repetida por todas as gerações: fazer ressurgir a patria? Como? Pela acção dos novos.

Longe de nós a ideia de, desde o inicio, sermos o primeiro esbarro, o inevitavel encontrão nas belas iniciativas que florescem vulgarmente na nossa querida terra de sonhadores e mandriões. Mas, esta nova falange de jovens cheios de ardôr, de fé, de apaixonada crença, merece-nos reflexões varias sobre a resurreição, sobre a acção dos proprios novos, sobre a verdadeira influencia desta e outras academias de gente moça e ousada.

Ha 10, ha 20 a 30, talvez ha 100 e duzentos anos, os grupos, as academias, fundaram-se sempre, e sempre para o mesmo fim: regenerar, engrandecer, ressurgir a Patria. São sempre os novos Messias que vão, ou pela voz da verdade inabalavel, ou pelas concepções duma arte nova, fazer parar o movimento descencional da raça.

O nosso bom Portugal está sempre, aos olhos dos seus filhos mais novos, numa fase de absoluta ruina, moral, intelectual e financeira; ha seculos que em todos os campos, nas industrias, nas letras, na politica se grita: «ha tudo a fazer; vamos começar uma era nova». Mas, dentro o *brouhaha* dos novos, o sorriso de descrença dos velhos e a indiferença dos que manejam, brotam sempre os nomes dos que, vistos depois a distancia, aos olhos da posteridade, são grandes, são figuras maximas duma Patria. Por isso é bom dizer e repetir: a Patria não morre, a Patria não está em perigo.

Aqui temos, do inicio d'este seculo, ha 20 anos, uma revista literaria — em geral os *novos* necessitam sempre duma revista onde possam espanejar as suas ideias novas e a sua fé de reconstituição — onde os novos de então se achavam já de arcabouço solido para essa grande e imediata obra de ressurgir a Patria. Ahi vão os nomes; Manuel Laranjeira que queria *a arte nova, a arte fertil, imensa como imensa é a vida,* Mayer Garção *que olhando a situação da arte e da vida portugueza, a via e sentia com indignação e revolta, estarrecendo de espanto pela impunidade dos que permitiam uma tal «degringolade»*; e lançara a ideia: *A crise é moral?*

«Pois bem, relacionemos os caracteres»; eram tambem: João de Barros, João Grave, Nunes Claro, Manuel Cardia, Augusto de Castro e Guedes Teixeira, etc., que foram novos e novos que viam a Patria na dolorosa situação em que já outros a tinham visto e os de hoje a estão vendo. Depois, ressurgir uma Patria, afigura-se-nos, ao nosso espirito incredulo, não ser obra que se realisasse quando se quizesse e mercê da boa vontade de meia duzia de individuos, aliaz, não haveria Patria em falencia ou em crise. Se realmente Portugal atingiu neste momento um nivel de desgraça que assusta os espiritos nacionaes, não será porque na rua de S. Domingos ha num bem mobilado 2.º andar um Grupo chamdo de «ressurgimento nacional» e na R. da Prata «Os Novos Luzitanos», (muito aplaudidos ante-hontem) que a crise se debelará, os genios brotarão, as finanças prosperarão, as artes recomeçarão na curva ascensional... Os grandes apogeus, as grandes depressões dos povos são independentes das vontades associativas e as ideias de ressurreição, de nacionalição, são pequenos atomos de actividade minima e acção despercebida no grande todo, poderoso, imenso e livre.

Os novos... Mas nós temos a maxima fé, e a maxima crença neles. São sempre os novos que... substituirão os velhos, ingenua e risonha verdade dos tempos. Mas os novos pela sua acção propria; depois, a nossa fé é ainda maior do que a dos grupos que se reunem para altos e belos programas de ressurreição: Portugal não morre; neste momento ha de norte a sul um redobramento de actividades; a industria desdobra-se sobre si mesma; o capital entrega-se por completo á agricultura, ás industrias; o comercio vibra a um sôpro desconhecido, duplicando, centuplicando a riqueza nacional; na arte nada temos que contestar; pintores novos, feitos á custa do seu proprio esforço, cujos nomes já se apontam claramente, aprestam-se para suceder aos quatro ou cinco mestres que ahi temos e são mestres em qualquer paiz; no teatro, que boa mão cheia de temperamentos artisticos não tem despontado ultimamente; gente moça, gente nova, frisante de qualidades que vão suceder aos nomes que a geração de hontem julgara serem os ultimos, como já os nossos avós falaram com saudades de outros esquecidos... e nas letras, á sua custa, tambem sem o sopro de nenhuma Academia, não despontam nómes que escritores consagrados dalem fronteiras apontam, v. g., esse Aquilino que Coelho Neto cita com entusiasmo na entrevista para um jornal da manhã de ontem?!...

O paiz não morre, creia-se; não está numa fase de alarmante perplexidade, e a Ressurreição que este punhado de novos vai fazer, será apenas um movimento literario mais uma dessas ideias visionarias, cheias de poesia e amôr patrio que as ilusões e o muito querer ao que é nosso, despertam em todas as gerações... «Caravela singrando com rumo ao sonho» lhes disse Lopes Vieira, bem conhecedor dos novos, das letras e das necessidades do ressurgimento de Portugal.

Trabalhar, trabalhar... deve ser o ideal imediato. Nada de utopias, de fantasias. Produzir, o esforço que faz despontar os nomes, cada um, por si, á porfia do melhor e mais alto; e nesta ansia de se engrandecer cada qual a si proprio vai o engrandecimento da propria Patria.

Academias, Grupos, Associações... dá-nos sempre a impressão de que são constituidos por meia duzia de individuos que, numa destas lindas tardes de Lisboa fatigantes de beleza e luz, sentados á meza dum café, num gesto que abrange a velha Luzitania exclamam com enfase e ardor:

— Ora vamos lá a vêr se salvamos isto...

ARMANDO FERREIRA

Suspeitas de fogo posto

Foi já efectuada uma prisão

Como noticiaram os jornaes, ha dias, n'uma fabrica de cortiça e deposito dazeite, em Cabo Ruivo, declarou-se incendio com extraordinaria violencia, ficando parte da fabrica reduzida a cinzas.

Os bombeiros suspeitaram que o fogo não fôra casual, o que foi comunicado ao director da policia de investigação.

Encarregados os agentes Serra e Fonseca, da 3.ª secção, a cargo do chefe Alfredo Maria, de procederem a investigações, apuraram que as suspeitas dos bombeiros tinham razão, tendo sido já detido um individuo, que recolheu incommunicavel a uma esquadra. Na policia guarda-se o maior sigilo, parecendo que outras prisões se effectuem ainda hoje.

VIDA ARTISTICA

A exposição do Rio de Janeiro

Deve ficar constituido dentro de breves dias o juri que vae apreciar os trabalhos destinados á exposição de arte portuguesa do Rio de Janeiro, a que já fizemos referencia.

No importante certamen vão figurar obras dos mais notaveis artistas portugueses, tendo o seu organisador, sr. João de Figueiredo Ursprung, recebido de todos eles a maior parte dos trabalhos a ela destinados. Aos artistas que ainda não entregaram as suas obras, pede-se para o fazerem o mais brevemente possivel.

ULTIMA HORA

Congresso

A questão dos fosforos—Boatos de crise—Um novo projecto

Na **Camara dos Deputados**, á hora regimental, estão apenas presentes tres deputados, e como hoje estamos em sessão prorogada, ha que esperar que haja numero para se continuar a discussão e se fazer a votação d'aquelas malfadadas moções apresentadas sexta-feira ultima sobre a questão do augmento do preço dos phosphoros.

Entretanto, enquanto se espera, informaremos os leitores que o deputado sr. dr. João Bacelar enviou hoje para a meza um projecto de lei, no qual se estabelece a liberdade condicional para todos os individuos condemnados pela primeira vez na pena de liberdade por tempo superior a um ano, desde que esses condemnados tenham cumprido a terça parte da mesma pena de prisão e se mostrem dignos d'essa regalia por um procedimento de que se possa inferir a sua completa regeneração. E assim, o periodo da duração da liberdade condicional será pelo tempo que falta ao condemnado para cumprir a totalidade da pena, tanto de prisão como do degredo. Se durante esse periodo reincidir ou tiver má conducta, será revogada a libertação concedida, e o condemnado voltará á situação anterior, entrando novamente na prisão d'onde sahiu.

Que este projecto de lei já em discussão na Inglaterra, Alemanha, Suissa, Dinamarca, America do Norte, França, Belgica, Japão, Hespanha e Argentina, constitue uma authentica necessidade juridica, não deve a ninguem restar duvidas tanto mais que a lei de 6 de Julho de 1893 restringiu de tal modo o uso da liberdade condicional que, tendo desde a sea promulgação até ao presente, dado entrada na Cadeia Nacional de Lisboa, 5594 condemnados, só 9 obtiveram essa concessão!

Só ás 15,10 o sr. Sá Cardoso consegue reabrir a sessão.

— Tem a palavara o sr. Brito Camacho...

O sr. Camacho admirou-se. Fixa um pouco a meza, interroga-se e exclama:

— Desisto da palavra.

Novo compasso de espera.

— Tem a palavra o sr. ministro das finanças.

E o sr. major Pina Lopes, com a sua voz de baritono, pausada, um tanto ou quanto monótona, explica á Camara o que ha sobre a questão do augmento dos preços dos phosphoros, e que em resumo é isto: A Companhia precisa de aumentar as suas receitas para beneficiar os seus empregados e para compensar um pouco o excesso das suas despesas actuais. No seu espirito não ha a mais pequena duvida sobre que o caminho traçado era o unico que havia a seguir. Seguiu-o. Nada mais.

Seguiu-se o sr. Ferreira da Rocha, que justificou largamente o seu ataque ao tribunal arbitral e têem ainda a palavra pedida os srs. Lello Portela, na mesma ordem de ideias, e Velhinho Correia em defesa da atitude do ministro. Outros por certo hão-de ainda usar da palavra e a votação far-se-ha tarde se por acaso se fizer.

Pode muito bem ser que não haja numero. Mas se o houver, o governo arrisca-se muito na sessão de hoje a obter um *chéque* parlamentar, visto que quasi toda a Camara, perante a afirmação do sr. Ferreira da Rocha de que a Companhia dos Phosphoros estava dando um dividendo de 12 °/o, se manifestou contraria ao acto da arbitragem e consequentemente ao augmento.

Os boatos de crise ministerial aumentam com o decorrer da discussão, mas podemos garantir que o ataque não visa o governo mas apenas o sr. Pina Lopes, ministro das finanças. Foram chamados de parte a parte os reforços—deputados que estavam de licença, outros que estavam com parte de doença, outros que ha muito já não vinham á Camara—cá vieram hoje.

A votação vae ser renhida e, pelo menos a vida ministerial do sr. ministro das finanças está muito periclitante.

A' hora de fecharmos este extracto continua falando o sr. Ferreira da Rocha.

Hoje não estava marcada sessão no Senado.

Deve ser votada a moção do sr. Antonio Maria da Silva.

Presidente da Republica

Em carruagem-salão atrelada ao comboio das 8,5 seguiu hoje para Alcobaça o sr. Presidente da Republica, que foi acompanhado dos secretarios geral e particular, do sr. Ministro da Agricultura, comissario geral da policia, director da policia de segurança do Estado, chefe do Gabinete e Secretario do sr. Ministro da Agricultura, alferes sr. Pimenta, secretario do sr. Ministro do Interior e representantes da Imprensa, etc. O sr. Presidente da Republica regressa a Lisboa no comboio das 23,15.

POEIRA DA ARCADA

O ensino tipografico

A direcção da Casa Pia vae promover com urgencia a instalação do curso de ensino tipografico, que será tambem ministrado aos surdos-mudos do Instituto Jacob Rodrigues Pereira. O ensino das maquinas linotipo far-se-ha na Imprensa Nacional.

A Killick Nixon vae estabelecer carreiras para a India Portugueza.

PELO TELEGRAFO

MEXICO, 15—Partiu para Wasington uma delegação de revolucionarios, a fim de pedir o reconhecimento do novo governo, sob a presidencia do general Huertas.—*Americana.*

SANTIAGO DO CHILE, 15—Seguirão no transporte «Argamo», no dia 25, para Inglaterra, 1450 oficiaes e marinheiros que vão tripular a esquadrilha de guerra comprada naquele paiz.—*Americana.*

O rei do Circo

A ultima batalha

A surpreendente pelicula em 18 episodios, 36 partes, *o rei do Circo*, notabilisimo trabalho de Eddie Polo, que ha tempos esta parte está fazendo as delicias dos inumeros espectadores do Salão Central, vae em breve ceder o seu logar de honra a outro *film*, egualmente de grande metragem cuja protogonista será desempenhado por Maria Walcamp.

O rei do Circo despede-se em breves dias, tendo-se realisado na *matinée* de hoje a estreia da 16.ª serie, intitulada *A ultima batalha.*

Serão ainda exibidos varias series da colossal fita, assim como fará a sua primeira apresentação a linda fita em 3 partes — *O transeunte.*

E' noite de entusiasmo certo no elegante *Salão Central.*

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Após 37 dias de suspensão, voltamos hoje a occupar o nosso logar. Registamos o facto com satisfação, porquanto temos empregado sempre o melhor do nosso esforço pela propaganda da educação fisica e dos sports. Não temos a quem agradar, assim como não somos d'aqueles que são desagradaveis por prazer; apenas criticamos imparcialmente e sempre com o fim de melhorar, dentro do possivel, as condições em que o sport deve ser praticado e para que elle occupe o logar que lhe compete.

Varias manifestações sportivas, algumas importantes, se deram durante a nossa suspensão, com o que nos congratulamos. Apesar de não as registarmos, por a imprensa já delas se ter occupado, apraz-nos acentuar que o meio sportivo lisboeta tende a desenvolver-se, para o que, e dizemol-o sem a menor sombra de vaidade, temos contribuido com um pouco do nosso trabalho.

A. de Campos Junior

Noticiario

Parece assente que as regatas este anno se realisam com o seguinte programa:

«Lisboa». — 26 e 27 de Junho: «Taça Lisboa», e «Taça 5 de Outubro». (Seniors em Outriggers de 4.).

«Taça Correia da Silva» (Seniors em Outriggers de 8).

«Taça Azambuja» (Juniors em Outriggers de 4).

«Taça Arriaga» (principiantes).

«Figueira da Foz».—12 de Setembro: «Taça Vitória» (Outriggers de 8 e parece que outra taça para Outriggers de 4).

«Porto».—19 de Setembro: (Outriggers de 4 (Seniors) e possivelmente uma corrida de Juniors).

— Fala-se em que no mez de Junho vem para o Colyseu uma troupe de lucta greco-romana.

— O Centro Nacional de Esgrima marcou a data de 5 de Junho para a realisação das provas da semana d'Armas Portugueza.

— O resultado da «poule» de sabre realisada pelo Comité Olympico no dia 2 deste mez no G. C. P. foi o seguinte:

1.ª serie—1.º—Francisco Fernandes
» —2.º—Capitão Sousa Dias
» —3.º—Antonio Montez.

2.ª serie—Capitães Ferreira Babo e Mota, respectivamente.

— Parece certa a realisação de um campeonato militar de foot-ball, na proxima epoca.

—Hontem, no desafio das 1.as categorias realisado em Bemfica, o Sport Lisboa venceu o Sporting por 1 goal a 0.

O Imperio no Porto

Na redacção de «Os Sports» foi recebido o seguinte telegrama:

«Imperio ganhou primeiro desafio com Academico por 2 a 1 e perdeu com Foot-Ball Club do Porto por 4 a 1.»

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3517—10.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 18 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

A PROPOSITO DUM LIVRO

"A BATALHA DO LIZ"

O sr. general Gomes da Costa acaba de publicar o seu depoimento relativo ao desastre que sofreram em 9 d'abril de 1918 as tropas do seu comando, na batalha do Lys. O ilustre militar, a quem alguns quizeram, ao que parece, atribuir uma parte da responsabilidade d'esse desastre, defende-se bem, e mesmo pode dizer-se, sem esforço d'uma tal acusação. Toda a gente sabe a que estado moral e material estava reduzido o corpo expedicionario portuguez no momento em que os alemães contra ele lançaram a sua formidavel ofensiva. O sr. general Gomes da Costa, privado de todos os recursos de defesa, não dispondo de reservas, com os efectivos do seu comando reduzidos e mal enquadrados, não poderia fazer mais. Ele defende-se n'um livro; poderia defender-se, com não menor eloquencia, em meia folha de papel.

Quando exprime a sua «admiração pelo general Norton de Matos, energico ministro que conseguiu organisar e fazer marchar para o teatro da guerra o Corpo de Exercito Portuguez, esforço unico na Historia de Portugal, e que o teria sabido ali manter em situação brilhante até final, se não tem sido afastado do poder pelos aliados que a Alemanha tinha em Portugal», quando assim se exprime com toda a sua insuspeita autoridade e uma clareza que não pode deixar em ninguem a sombra d'uma duvida, o sr. general Gomes da Costa faz o processo dos unicos responsaveis do desastre lamentavel em que liquidou a nossa intervenção.

Mas n'esse livro que, como relatorio militar, é sem duvida perfeito, o seu autor introduziu algumas observações e comentarios que não podemos aceitar sem reservas. Essas observações e esses comentarios revelam-nos (sem que essa revelação nos possa causar grande surpreza) que o sr. Gomes da Costa é muito menos bom historiador que general e que nem sempre o poupam nos seus juizos as sugestões d'essa politica que ele justamente abomina e por cujos triuntos não quereria trocar, e com razão, as suas incontestaveis glorias militares.

Assim, o sr. general Gomes da Costa escreve que «ao ouvir troar o canhão, o velho espirito guerreiro da raça despertou, embora sem o entusiasmo que deriva da consciencia absoluta da justiça d'uma causa, porque para tal era necessario que á nação se tivessem explicado as razões particulares da nossa intervenção». Essas razões, o sr. general reconhece-as. Porém, segundo ele «a nação só via na guerra a rivalidade da Inglaterra e da Alemanha pelo predominio comercial; era uma guerra para colocação de algodões e maquinas, uma guerra de interesse dos caixeiros viajantes». «A guerra não era popular em Portugal», afirma ele ainda n'outra altura do seu trabalho, reconhecendo contudo que, se, após o 9 d'abril, «o governo ordenasse a marcha de reforços para a frente, não encontraria dificuldade alguma em os fazer marchar.»

Evidentemente, pode acusar-se um governo hesitante e heterogeneo—o que em agosto de 1914 estava no poder—, de não ter feito como devia a propaganda da nossa intervenção. Mas o sr. general Gomes da Costa convencerá dificilmente os que, n'essa epoca, assistiram em Lisboa e no Porto ás imponentes manifestações populares em favôr dos aliados, de que os muitos milhares de pessoas que n'elas tomaram parte atribuiam as origens do formidavel conflito a uma rivalidade comercial de fabricantes de maquinas e algodões.

Eu não sei se vale a pena n'este momento discutir a fundo essa questão. Farei notar contudo que, dizendo que a organisação do corpo expedicionario foi dificilima, «principalmente pela má vontade dos oficiaes e praças em intervir n'uma guerra cujas causas ignoravam», o sr. general Gomes da Costa atribue aos oficiaes do nosso exercito uma deficiencia de cultura que na realidade eles não têm. Os que marcharam de boa vontade e se bateram com galhardia (e alguns houve n'essas condições) sabiam bem qual era a causa por que se batiam. E os outros conheciam tambem perfeitamente a causa pela qual se não queriam bater. Essa razão da ignorancia pode o sr. Gomes da Costa invocá-la para alguns pobres soldados analfabetos que vieram das suas aldeias obscuras para arriscar a vida n'um paiz do qual talvez nunca tivessem ouvido falar. Mas para os outros não.

E é precisamente d'esses rusticos ignorantes que o sr. general Gomes da Costa regista no seu livro, em frases comoventes, os mais belos atos de bravura. E' entre esses humildes que ele encontra os «verdadeiros tesouros, que não podemos deixar de estimar e admirar depois de com eles viver na guerra».

Entre muitas coisas justas, o autor da *Batalha de Lys* escreveu no seu livro uma que não o é, dizendo que a guerra foi impopular em Portugal. Impopular, não. Simplesmente ela não foi do agrado de uma parte das chamadas classes superiores, por varios motivos pouco abonatorios das virtudes d'essas classes e que seria ocioso aqui enumerar.

Paris, abril.

Paulo Osorio

POLITICA

A acção do governo apreciada no estrangeiro—Oposição "à outrance"—O sr. Malheiro Reimão—A reorganisação dos evolucionistas

Comecemos por uma rectificação. Chamámos hontem Paes Pitta ao nosso presado amigo e ilustre deputado sr. dr. Pedro Góes Pitta.

A nossa letra e a precipitação com que a *Capital* d'hontem se fez originaram o engano. Mas a rectificação ahi fica e com ela a expressão da nossa muita sympathia para com o sr. dr. Góes Pitta, a quam a *Capital* já por mais d'uma vez se tem justamente referido.

* * *

Conforme previramos, ao fechar as notas do nosso extracto parlamentar, foi votada na sessão de hontem a moção do sr. Antonio Maria da Silva. Nem outra coisa podia ter acontecido visto que qualquer das outras moções eram um voto de desconfiança da Camara ao sr. ministro de finanças cuja aprovação redundaria forçadamente n'uma crise ministerial.

De facto, a campanha, inicialmente, visava o governo; mas a certa altura o sr. Brito Camacho percebeu o tremendo alcance d'uma crise politica n'esta altura e manejou imediatamente as coisas para que o desastre se não desse. E' que uma crise ministerial agora implicava a dissolução do Parlamento, com o que se não perdia grande coisa, mas que podia originar reação por parte d'aqueles que desejam viver dentro das velhas formulas constitucionais. Porque se na verdade o partido reconstituinte tem como ponto de vista maximo das suas aspirações organisadas o poder, o que é facto é que, na presente occasião, esse partido não tinha um pretexto sério para deitar abaixo o governo Antonio Maria Batista, com quem o pais se sente muito bem, já pela obra realisada, já pela fundamentada esperança de que esta se conclua. E como o paiz está farto e refarto da chicana politica, qualquer partido que, pelos moldes antigos, se alça premo nas cadeiras da publica governação, arredando dos seus logares homens que se teem esforçado por tornar util e pratica a sua ação ministerial, arrisca-se a dar um trambulhão de tal modo grave que perigue não só os frajeis alicerces da sua recente organisação, mas até mesmo os solidos sustentaculos do regimen.

Todos os parlamentares regressados agora de Paris são unanimes em constatar a sympatia que cerca lá fóra o actual governo pelo facto de ter mantido a ordem, e todos eles confessam que uma nova crise politica traria para a Republica horas possivelmente bem amargas e que indiscutivelmente lhe fariam desaparecer essa aura de affectuoso carinho que a obra do governo a que preside o sr. coronel Batista lhe trouxe.

Diz-se agora, não sabemos com que fundamento, que a campanha anti-governamental voltará á cena com mais vigor logo que regresse a Portugal o sr. dr. Antonio Granjo que estabelecerá um acordo oposicionista com o sr. dr. Alvaro de Castro, e mais se affirma que os populares assim que retomem os seus logares na Camara voltarão as suas baterias de grosso calibre contra o actual ministerio. Tudo é possivel, principalmente por via d'aquele velho aforismo latino do *quod Deus vult perdere prins dementa*...

* * *

A maioria dos delegados portuguezes á Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio já regressou. O sr. dr. Costa Junior já hontem esteve na Camara e até parece que os ares de Paris o remoçaram, tão prazenteiro hontem se nos apresentou com o seu eterno riso de *enfant-gaté*, mostrando a toda a gente um naco de pão parisiense, typo unico como cá, mas optimamente fabricado e de explendido aspecto.

Dos outros delegados, o sr. Dr. Antonio Granjo ainda ficou em Paris, e o sr. Jayme de Souza foi, á sua custa, dar um passeio ás margens de Tamisa.

Quem não anda mesmo nada contente é o sr. Malheiro Reymão que deixava por força de beber um sorvete no *Café de La Paix* e a quem fizeram a partida de o obrigarem, quando muito, a uma cavaqueira pacata no bufete do Congresso.

* * *

Está sendo muito notada a maneira como andam *fardados* os contínuos do Parlamento. Não se pode dizer que andem um modelo de Petronios, nem mesmo que as respectivas fardas, principalmente no que respeita ás calças, sejam democraticamente toleraveis.

Ha-os até que andam meio fardados meio á paisana, o que se comprehendia no isolamento dos ministerios mas que é imperdoavel no seio da representação nacional.

Um outro facto não menos digno de lastima é o que se dá com o professor de tachygraphia do Congresso que está recebendo mensalmente, pelo seu trabalho, a exorbitante quantia de quatro escudos e dez centavos. Repetimos novamente — quatro escudos e dez centavos! Ora isto no mesmo congresso onde ha *chauffeurs*, e muito bem, a ganharem cento e oitenta escudos mensaes, não faz sentido. Não faz sentido e segundo nos consta vae levar esse professor a pedir a sua demissão de logar em que, com reconhecimento competencia, exerce a sua nobre missão de educador.

* * *

A reorganisação do velho partido evolucionista vae-se fazendo. Lentamente mas vae. Ha simplesmente uma questão e essa diz respeito ao nome do partido que o sr. Mesquita de Carvalho infelizmente escolheu. Ninguem sabe porque ao velho organismo evolucionista se ha-de passar a chamar Partido Republicano Constitucional, quando o antigo nome lhe bastava e é esse o já conhecido e consagrado pela opinião publica. Se o sr. Dr. Mesquita de Carvalho permanecer na sua idéa esse facto vae originar que aquellas forças do antigo partido evolucionista que não trocam a velha designação por novas formulas se afastem; e se tal se der, a vida do novo agrupamento do sr. Mesquita de Carvalho será ainda mais ephemera que a das rosas de Malherbe...

A encefalite letargica

Medidas sanitarias em Hespanha

Uma circular do inspector geral de saude em Hespanha, enviada ás autoridades sanitarias, indica que a encefalite letargica, não constituindo uma epidemia alarmante, tende a difundir-se por diversas provincias hespanholas, mas com caracter benigno e pouca força expansiva.

Não pode contudo garantir-se que a invasão apresente este aspecto moderado, porque, tratando-se de uma doença pouco estudada até agora no que respeita á etiologia, epidemiologia e patologia, seria temerario deduzir da relativa benignidade actual prognosticos que nos permitam tranquilizar ácerca do futuro. Casos isolados de encefalite produziram-se em quarenta provincias de Hespanha, na maioria de dois a seis, nem sempre com diagnostico certo e frequentemente curados.

As medidas postas em execução pela inspecção geral de saude hespanhola teem por fim combater os focos actuaes e limitar a sua difusão por outras zonas.

Desconhecem-se as causas da doença. Ha quem a atribua ás consequencias da sifilis, por causar a paralisia geral progressiva; e que se manifeste nos esgotados pelas preocupações e ambição nos negocios.

As medidas higienicas adoptadas em cada caso limitam-se a tornar obrigatoria a declaração da doença nos sub-delegados de saude; isolar os doentes, permitindo que apenas comuniquem com os enfermeiros que o tratam e estes, nem directa, nem indirectamente, devem estabelecer contacto com os sãos. O isolamento deve manter-se durante a convalescença.

A encefalite letargica é uma doença que se considera de caracter epidemico, embora se desconheça o seu agente. Parece que a bica e as fossas nasais constituem as cavidades que servem de albergue ao germen e por isso se deve proceder á sua desinfecção durante a doença e na convalescença.

A agua oxigenada, o alcool canforado, o perborato, as inalações de iodo com gaiacol e acido timico, as soluções de permaganato, etc., servem para esse efeito.

Todos os utensilios usados pelo enfermo devem ser esterilisados.

Como se sabe, em Portugal tem-se registado alguns casos de encefalite letargica, embora não tenham sido tão frequentes como no paiz visinho.

CONFERENCIAS

Na Escola Naval, realisa depois d'amanhã, pelas 21 horas e meia, o sr. coronel Francisco Afonso Chaves uma conferencia sobre oceanografia.

Ao sr. ministro das finanças

Bastava o caso interessantissimo que se passou com uma filhinha de 6 mezes do ex.mo sr. dr. Manoel Moniz de Evora, que obteve resultados admiraveis com a Farinha Lacto-Bulgara, para que o Governo tratasse de colocar este producto de patente de invenção portuguesa em condições de poder luctar com os extrangeiros.

Em favôr das colonias

Muito se tem repetido que no progresso das colonias está a nossa salvação, mas pouca gente ainda se interessa pelo que se passa no nosso dominio ultramarino, o que parece denotar que aquela frase não tem sido devidamente compreendida. E' realmente uma indiferença muito para lamentar. D'ahi não pode ser acusada «A Capital» que, desde o inicio da sua publicação, tem dedicado aos problemas coloniais as suas mais cuidadas atenções, admitindo nas suas colunas a colaboração de distintos coloniais, entre os quais citaremos o coronel sr. Ivo Ferreira, que ás colonias tem dedicado toda a sua inteligencia, todo o seu esforço toda a sua vida.

Pouco tempo depois da proclamação da Republica abriu «A Capital» um inquerito economico, convidando todos os cidadãos competentes a dizer o que se lhes oferecia de mais interessante sobre tão palpitante problema e, nas respostas que obtivemos, foram versados com muita proficiencia os problemas coloniais.

Pouco depois mandou «A Capital» um seu redactor ás colonias que por duas vezes visitou o arquipelago de Cabo Verde e a ilha de S. Tomé e foi depois a Moçambique, publicando este jornal as interessantes cartas que ele de lá nos enviou.

Outros jornais publicaram depois d'isso sugestivos artigos de colaboradores especialisados n'esses assuntos e ultimamente teve esse movimento em favor das colonias um importante recrudescimento. Lembra-nos, por exemplo, de «O Seculo» ter feito durante alguns mezes, ainda ha pouco tempo, uma campanha em favor das colonias que despertou algumas energias, especialmente no norte do paiz, levando alguns industriais do Porto e de Guimarães a requerer ao governo a concessão de alguns mil hectares de terreno para cultura de algodão, requerimentos que, segundo o louvavel costume das nossas regiões oficiais, jazem esquecidos debaixo da poeira dos gabinetes dos funcionarios.

Na segunda d'aquelas cidades fundou-se tambem, em consequencia da campanha do «Seculo», uma pequena escola colonial elementar que espera baldadamente que o governo olhe para ela e a anime a manter-se, servindo de exemplo a outras cidades.

Está agora publicando o «Diario de Noticias» alguns artigos, incitando todos os cidadãos portuguezes a trabalhar para o progresso das nossas colonias.

Oxalá não arrefeça este movimento em favor do nosso dominio ultramarino, convencendo-nos de que só por ele e para ele vivemos independentes.

Se aquele valioso dominio passar algum dia, por infelicidade nossa que o Destino de nós afaste, para mãos estranhas, n'esse dia podemos considerar-nos perdidos como nação livre e independente.

A gréve tipografica

Sabotage contra a "Imprensa"—Incitamento feito a militares para a pratica de actos identicos

A's 8 horas da manhã de hoje entrou na redação do nosso presado colega «A Manhã», um individuo que, dizendo-se tipografo, nenhum obstaculo encontrou na mulher que estava fazendo a limpeza, unica pessoa que áquela hora se encontrava no edificio.

Uma vez dentro da praça, esse individuo inutilisou uma pagina da «Imprensa» de hoje que, felizmente, já a esse tempo estava á venda, desfez toda a composição retirada que encontrou em cima das mezas, e que devia entrar na «Imprensa» de amanhã, e foi-se a algumas caixas e virou-as no chão, misturando todo o tipo n'elas contido.

Preso por dois «chaufeurs» da «Empreza de Carruagens», esse individuo intimou-os a soltarem-no, declarando que era grevista. Foi enviado para o quartel do Carmo e d'ahi remetido á policia de Segurança do Estado.

O acto de *sabotage* de que foi objecto «A Imprensa» afecta todos os jornaes de Lisboa que aderiram ao movimento de solidariedade contra a gréve tipografica, tanto os que ainda editam aquele jornal colectivo, como os que já reataram a sua publicação.

Protestamos todos contra esse acto que apenas demonstra o desnorteamento que se apoderou das classes tipograficas em presença da serenidade com que as Emprezas Jornalisticas fizeram face á situação dificil que lhe crearam as exigencias destemperadas d'aquelas classes, exigencias que, a principio, eram de 150 a 200 por cento do seu salario.

A essas exigencias, responderam as Emprezas Jornalisticas, desejosas de evitar o conflito, oferecendo 60 por cento dos referidos salarios, o que para elas representava um esforço quasi incomportavel e para os operarios salarios que no minimo atingiriam 5 escudos, nos jornaes compostos de noite, e quasi 4 escudos nos que sáem á tarde.

Apesar de todas as contrariedades provenientes da dificil situação criada pela gréve e agravada por este acto de *sabotage* «A Imprensa» sairá amanhã, e até quinta feira sairão «A Situação», «A Manhã» e «A Vanguarda».

Não representa este acto de *sabotage* um acto individual d'um exaltado. Não. Hontem á noite, n'uma casa de comidas, cinco militares que trabalham nas oficinas de alguns jornaes e que ali estavam jantando, foram cercados por uns poucos de tipografos grevistas que estiveram a incital-os a empastelar o tipo das oficinas em que trabalham.

O individuo que foi á «Manhã» cometer o acto a que nos vimos referindo estava entre os incitadores, segundo confessou.

O tipografo autor da sabotage nas oficinas do jornal «A Manhã», declarou no quartel do Carmo que trabalhava ultimamente no jornal «A Batalha».

LIVROS ✦ FOLHETOS OPUSCULOS ✦ RELATORIOS

Porque a falta de espaço nos não permite dar uma resenha minuciosa das diversas publicações que recebemo durante o periodo da nossa longa suspensão, limitamo-nos a acusar a recepção das seguintes:

A «Liberdade», jornal académico de que é redactor principal o sr. Feliciano Fernandes; «Boletim da Camara Portuguesa» do Rio de Janeiro, correspondente a janeiro findo; «Revista de Turismo», de janeiro e fevereiro; «Revista de Educação Geral e Técnica» sob a proficiente direcção do ilustre professor sr. Pedro José da Cunha; «Boletim das Missões Civilisadoras», do Instituto de Sernache do Bomjardim, director o sr. Abilio Marçal; «Revista do Conservatório Nacional de Música; o nº 48 da esplêndida revista «Atlantida», com magnifica colaboração; «Revista Internacional de Dun». de fevereiro findo; «Boletim da Camara Portuguesa de S. Paulo», de novembro e dezembro; revista «A Aguia», janeiro a junho do corrente ano, com boas ilustrações e escolhida colaboração; o n.º 4 do quinsenário «Automóvel», da casa Vaquinhas & C.a, da Avenida da Liberdade; «Boletim do Banco de Seguros», de março findo; «Boletim dos Hospitais Civis de Lisboa»; a revista forense «Procural», tambem de março findo; «Boletim da Estatistica Demografico-sanitária, de Lisboa, de março e abril de 1919, e do Porto, de outubro e dezembro de 1918; «Imposto de transito nos caminhos de ferro, no ano de 1917-1918», publicação da 1.a repartição da direcção geral da estatistica, do ministerio das finanças; Consumo e Real d'Agua, em Lisboa e Porto no ano de 1917, da mesma repartição; «Os partidos politicos perante a Nação», editado por um grupo de republicanos que combateram em Monsanto.

O CONCURSO LITERARIO DA CAPITAL

A Classificação—Os primeiros premiados

Dentro desta semana far-se-ha o apuramento final dos concorrentes ao concurso de Romances e Peças do Theatro da Capital.

A nossa forçada suspensão inibiu-nos de fazer a convocação para a ultima reunião dos juris do nosso concurso literario.

Depois dum trabalho minucioso e até extenuante—86 peças e 17 romances—os juris, por eliminações sucessivas, teem entre mãos os classificados desse interessante certamen literario que despertou a curiosidade e o gosto entre os novos da nossa terra.

Cumprindo as condições estabelecidas, vão ser atribuidos ás tres primeiras peças os premios de

100$00
80$00
50$00

A *Capital* acha-se prestes a entregar ao nosso movimento teatral e literario do corrente ano, mais algumas obras de valor, e prestes a felicitar-se tambem por ter contribuido, na medida das suas forças para dentro da missão propulsora que lhe compete, salientar tres, quatro, cinco nomes de gente nova, que desta forma terão o campo aberto nas letras e no teatro.

A *Capital*, nomeando juris como os constituidos por

Dr. Julio Dantas
Eduardo Schwalbach
Bento Mantua
Eduardo Brazão
Alvaro Lima (pela «Capital»)

E

Sousa Costa
Aquilino Ribeiro
Mario d'Almeida
José Parreira
Armando Ferreira (pela «Capital»)

deu ao concurso uma elevação e uma respeitabilidade a que correspondeu, realmente, um valor desusado em tais cartamens.

Estamos prestes a ver terminada essa missão, missão que foi dirigida sempre pela mais absoluta fé nos novos e na mais perfeita imparcialidade. Dentro de poucos dias, todos os nossos concorrentes, uns justamente recompensados pelos seus meritos, outros estimulados a produzirem melhor e mais belo, vão descançar destas horas de incerteza e perplexidade que agora os assaltam, e, com a consciencia dum dever cumprido, pela nossa parte, tambem descançaremos das perguntas e inquerições angustiosas sobre o concurso.

Convocação

E' convocado o juri do concurso de peças teatrais a reunir na proxima sexta feira, pelas 17 horas, na redacção da *Capital* para classificação final das peças teatrais entregues para o referido concurso.

Convocação

E' convocado o juri do concurso de romances a reunir na proxima sexta feira, pelas 17 horas, na redacção da «Capital», para classificação final dos originais entregues para o referido concurso.

NÃO HA AZEITE

Não obstante as medidas severas de um decreto...

E' decorrido mais do que um mez depois que «A Capital», de acordo com as outras emprezas jornalisticas de Lisboa, suspendeu a sua publicação. Lembram-se os nossos leitores de que, na altura de suspender, o nosso jornal vinha criticando o decreto publicado para «assegurar o abastecimento de azeite ao publico.»

Tivemos de interromper a exposição que vinhamos fazendo e não pudemos continuar a demonstrar, em artigos que eram a expressão da verdade e que, por isso mesmo, calaram no espirito do publico, que o decreto, longe de assegurar o abastecimento do azeite, vinha aggravar ainda mais a situação, transformando, afinal, um producto genuinamente nacional em um producto raro, precioso, intangivel. Mas não perdeu, evidentemente, o sr. ministro da agricultura nem o seu decreto em que estivessemos calados. A verdade anda sempre á flôr de agua, como se costuma dizer, e mesmo no silencio, mesmo sem a nossa argumentação, o publico viu claramente, na tristeza das romarias do povo que vão sem resultado comprar azeite ás mercearias, que esse artigo está inteiramente fóra do mercado, não obstante as medidas tomadas para o seu abastecimento. Do outro lado, os armazenistas, os grandes negociantes que se preveniram com consideraveis «stocks» continuam a clamar, e com razão, pelo prejuizo de milhares e milhares de contos a que foram arrastados, sem proveito para ninguem ou, antes, com manifesto prejuizo para todos... No espaço de um mez, a publicação de dois decretos sobre o mesmo assumpto em condições bem diversas, offerecendo margem ao encerramento de negocios bem differentes, bem oppostos—é demais!

Pelo ultimo decreto, publicado em Março, ordenava-se que o armazenista vendesse ao retalhista o azeite a 70 centavos o litro para que este o revendesse ao publico por 90 centavos. Pois bem, um mez antes d'este decreto, outro se havia publicado do seguinte teor:

«Sendo indispensavel que por todos os meios possiveis se possa baratear o custo da vida, garantindo-se, em todo o caso, o lucro legitimo, tanto do produtor como do armazenista e retalhista e, nestas circunstancias, beneficiar ao maximo o consumidor;

Atendendo ao disposto na lei n.º 933, de 9 de Fevereiro de 1920, e usando da faculdade de que a mesma lei me confére;

Tendo ouvido o Conselho de Ministros:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Vigorarão desde já e até 20 de Novembro proximo futuro, em Lisboa e Porto, os seguintes preços de azeites:

a) Azeites com menos de um grau de acidez: nos armazens do produtor, 1$10; vendendo o armazenista pôsto em casa do retalhista, 1$30, não podendo o retalhista vender por mais de 1$40.

b) Azeite limpo de um a tres graus de acidez: nos armazens do produtor, $98; pôsto em casa do retalhista, 1$10, não podendo este vender por mais de 1$20;

c) Azeite limpo com mais de 3 até 5 graus: no armazem do produtor, $80; não podendo o armazenista vender por mais de $96, pôsto em casa do retalhista, que, por sua vez, não poderá vender por mais de 1$05.

Art. 2.º Nas restantes localidades do paiz serão fixados os preços dos tipos de azeite constantes do artigo anterior pelos respectivos engenheiros agrónomos delegados da Direcção Geral da Fiscalisação dos Produtos Agricolas, com os administradores do concelho, tendo como base os preços de origem acrescidos das despezas de transporte e mais $05 de lucro, por litro, para o retalhista.

Art. 3.º No praso de dez dias, a contar da publicação deste decreto, deverão todos os proprietarios de azeites, tanto produtores como armazenistas e retalhistas, manifestar na Direcção Geral do Comercio Agricola todas as suas existencias, por intermédio da Administração do concelho, excepto em Lisboa, onde o farão directamente.

§ unico. Dos manifestos de que trata este artigo dará a Direcção Geral do Comercio Agricola imediato conhecimento á Direcção Geral da Fiscalisação dos Produtos Agricolas, para o efeito da competente verificação, classificação e fiscalisação.

Art. 4.º Quando os proprietarios de azeites para venda transaccionem qualquer quantidade deverão dar conhecimento do facto á Direcção Geral da Fiscalisação dos Produtos Agricolas, indicando a quantidade e destino do azeite vendido e a respectiva graduação ácida, a qual será afixada nas vasilhas dos vendedores, assim como os respectivos preços, por litro.

Art. 5.º E' proibida a exportação de azeite e a sua utilisação na industria de saboaria, não sendo mesmo permitida a existencia de azeite nas fabricas de sabão.

Art. 6.º Sempre que se note tendencia para um dificiente abastecimento de azeites, procederá a Direcção Geral da Fiscalisação dos Produtos Agricolas aos varejos julgados necessarios, levantando os respectivos autos.

Art. 7.º O Governo reserva-se o direito de requisitar azeites em quantidade igual ao excedente do consumo particular normal do seu proprietario, bem como o respectivo vasilhame.

§ unico. Sempre que o Governo faça qualquer requisição de azeite, pagá-lo-ha pelos preços constantes do artigo 1.º dêste decreto, conforme a respectiva acidez e a entidade a quem fôr requisitado, passando-se-lhe o competente recibo. E pelo que respeita ao vasilhame, ser-lhe ha devolvido ou pago pela sua valorisação, feita feita no acto da requisição.

Art. 8.º Todos os actos contrarios ao disposto neste decreto serão punidos pela lei n.º 922, de 30 de Dezembro ultimo, na parte aplicavel.

§ unico. Sempre que á infracção não seja aplicavel a lei n.º 922, aplicar-se-ha a correspondente penalidade no decreto n.º 3.523, de 6 de Novembro de 1917.

Art. 9.º Fica revogada a legislação em contrario.

O Presidente do Ministerio e os Ministros de todas as Repartições assim o tenham entendido e façam executar.

Paços do Governo da Republica, 20 de Fevereiro de 1920. — *Antonio José de Almeida — Domingos Leite Pereira — Luis Augusto Pinto de Mesquita Carvalho — Antonio Joaquim Ferreira da Fonseca — Helder Armando dos Santos Ribeiro — Celestino Germano Pais de Almeida — João Carlos de Melo Barreto — Jorge de Vasconcelos Nunes — José Barbosa — João de Deus Ramos — Amilcar da Silva Ramada Curto — Joaquim Antonio de Melo e Castro Ribeiro*

O decreto, que reproduzimos,—revogado um mez depois—esclarece suficientemente a situação dos armazenistas que reclamam com toda a justiça contra o tremendo prejuizo a que os levaram, sem, ao menos, vantagens ou utilidade para o publico. Já o dissemos. Temos pelo sr. ministro da Agricultura a consideração que lhe é devida e estamos certos de que a experiencia das suas medidas para abastecer o mercado de azeite lhe deve a estas horas, indicar que o caminho foi errado, que o seu alvo falhou, procedendo, consequentemente de harmonia com o que a pratica ensina e determina. Entretanto... não abandonaremos o assunto.

Evasões da Penitenciaria

O agente Henrique de Figueiredo foi hoje de manhã, acompanhado de dois guardas, ao Barreiro, afim de reconhecer o homem e a mulher que ali foram presos por suspeitos de serem Antonio Carlos Correia, o «Santa Clara», e a sua amante Maria Augusta. Como se sabe, o «Santa Clara» fugiu ha dias da Penitenciaria, onde estava a cumprir 8 anos, pelo crime de assassinio.

O agente apurou que se não tratava do referido assassino, mas sim de um outro individuo que andava fugido por ter praticado um roubo em Lisboa.

PRESO QUE FOGE

O fiscal do ministerio da agricultura, Alfredo Cardoso Gregorio, aprehendeu hoje de manhã ao fiscal da Companhia Sociedade Industrial, com escritorio na Rua 1.º de Dezembro, 122—2.º, de nome José Rodrigues Teixeira, grande porção de pão que ele andava vendendo ocultamente á razão de 600 reis o kilo. O preso, ao ser conduzido para o Governo Civil, conseguiu fugir.

NOTICIAS DIVERSAS

Foi afiançado em 2.000 escudos Artur Silva, o alfaiate que ha tempos foi preso pelo chefe sr. Eduardo Tavares, por ser acusado de desflorar menores e depois as atirar para a vida facil, obrigando-as a entregar-lhe o dinheiro que auferiam.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Recomeçemos. Os senhores não sabem como o Deus do Teatro protegeu com esta greve as nossas pobres victimas... Sim, porque victimas são sempre considerados aquelles a quem apontamos o mais pequeno erro ou negamos o adjectivo que, mais barato, se encontra em qualquer outra parte.

Mas recomecemos... Um olhar de relance para o que se fez neste interregno? Seja.

No Ginasio o *Segredo* do Bernstein, traduzido por Mario Allen, com protagonistas Amelia Rey Colaço e depois Ilda Stichini. Bom.

No Nacional o D. João Tenorio, de Zorrilha adaptado por Julio Dantas. Muito que dizer... em oportuno tempo, não agora.

Na Trindade, uma calamidade, *Lobos no povoado* de G. Santa Rita, e *S. Ex.ª o Papá* de Roveta traduzido por Lino Ferreira e Mario Duarte. Fraco. Reprise da *Severa* com elementos secundarios para ela.

No Politeama o *Amigo de Peniche* da parceria. Bôa risota, boas situações; nosso, bem nosso; ainda bem.

Na Trindade reapareceu, com uma fraca companhia, Carlos Leal e a revista *Paz Armada*. No *Eden*, uma revista nova *Negocio da China*...

E o que mais havia a tratar, de não menos efeito teatral, os socos de Erico Braga no Critico Teatral do Diario... das Sessões, o conflito com a actriz Rey Colaço, a descoberta da grande artista de declamação Auzenda d'Oliveira, e mais... e mais...

Tudo passou; alguns casos deixaram consequencias. Deles falaremos, e, que por bem dos nossos peccados, nos perdoem de pena de silencio a que nos condenámos, os leitores amigos e admiradores, do que nos confessamos atentos, veneradores e obrigados.

A. F.

Noticiario

Brazil

O 3.º numero do periodico «Theatro» appareceu no dia 28 de Março. Contem 120 paginas e publicará na integra a comedia «Cabotinos», de Oscar Lopes, além de um interessante «lever de rideau», intitulado «Rapido».

A escolhida collaboração é firmada por Paulo Barreto, Dr. Gomes Cardim, Bastos Tigre, Dr. Mario Monteiro, Paulo Lavrador, J. Barreiros, D. Cardoso, Rubem Gil e outros.

Além de algumas illustrações de actualidade, «Theatro» publica dois interessantes contos, paginas humoristicas e abundante noticiario sobre a temporada official, bailados russos e da «season» do proximo inverno.

Proseguem os ensaios da pastoral de Mario Monteiro «Estrella d'Alva», com que estreará, no Recreio, a companhia organizada pelo Sr. Alfredo Abranches.

*** A companhia de operetas Vale Cazilag irá brevemente ao Rio, contratada pelo emprezario Pietro Maresca.

*** A empreza do theatro S. Pedro pôs de novo em scena a opereta de Oduvaldo Viana «Amor de bandido».

*** Intitula-se «Assumpção» a nova peça que o Dr. Goulart de Andrade vai entregar á Companhia Dramatica Nacional.

*** Desligou-se da companhia do São José a actriz Albertina Rodrigues, que passou a fazer parte do elenco da nova companhia do Recreio.

*** Intitula-se «Papagaio louro» — e não «Não se racha lenha» — como foi noticiado a nova revista que está sendo escripta pelos irmãos Quintiliano.

*** O sr. Oduvaldo Vianna está escrevendo, para a companhia Alexandre Azevedo, uma comedia em tres actos, a que deu o titulo de «Terra natal».

O primeiro acto da nova comedia desenrola-se na cozinha de uma velha e atrazada fazenda de Toledo, no interior de S. Paulo.

Oswaldo Navarro, que conhece todo o interior de S. Paulo e Minas, está trabalhando num «croquis» do 1.º acto cujos scenarios serão confiados a Mario Tulio.

*** A companhia Asdrubal Miranda levou á scena, no Colyseu de Campos, a revista «Bancando o trouxa!

*** Contratado para trabalhar em diversas casas de espectaculos, partiu ha dias para S. Paulo o artista excentrico sr. Alfredo Albuquerque.

*** Os irmãos Quintiliano estão escrevendo um «vaudeville», em tres actos, subordinado ao titulo «Alfaiataria da moda», e destinado á companhia Alexandre Azevedo.

Acaba de ser entregue á companhia Alexandre Azevedo, que vai trabalhar no Trianon, a peça intitulada «Flores entre espinhos», da autoria do Dr. Severiano Cavalcanti, o poeta de «Almas simples» e de «Emoções».

No theatro São Pedro fez o Carnaval a peça carnavalesca «O homem as mascaras», de Oduvaldo Vianna, musicada pelo maestro A. Adalberto de Carvalho.

*** Representando a peça «Rosa do adro», estreou-se no Polytheama do Meyer uma companhia dramatica, organisada pelos actores Roberto Guimarães e João Pinho.

No elenco da nova «troupe» figuram os artistas Mendonça Balsemão, Antonio Sampaio, Pereira da Costa, Bernardo Abreu, Alzira Leão, Emilia Pinho, Julieta Pinto e Branca de Lima.

*** No theatro S. José subiu á scena a fantasia «Ai... Jesus», original do ensaiador Pedro Cabral, musica do maestro Domingos Roque.

Fez sucesso a burleta de Eduardo Rocha, com musica de Freire Junior, «O caipira do Tinguá», que subiu á scena no São José o mez passado.

*** 5.ª-feira faz a sua festa artistica com a 2.ª representação do «D. Cezar de Bazan» interpretado por Rafael Marques, o consciencioso actor João Calazans.

*** Nos primeiros dias do mez que vem realisa-se a festa artistica do Luiz Cardoso no S. Luiz. Subirá á scena a opera «Rosas de todo o ano» em primeira representação, musicada por Augusto Machado e uma zarzuela traduzida para portuguez por Acacio de Paiva.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pelo major de infantaria sr. João Henrique de Melo e sua esposa sr.ª D. Beatriz Azinhais de Melo, foram pedidas em casamento para seus filhos, o alferes de lanceiros sr. João Azinhais de Melo e alferes do grupo de baterias a cavalo, sr. Mário Azinhais de Melo, as sr.as D. Maria dos Santos Cordeiro, filha do sr. dr. Antonio dos Santos Cordeiro, já falecido, e da sr.ª D. Maria Guilhermina dos Santos Cordeiro, e D. Beatriz da Silva Risques Pereira, filha do sr. Nuno Risques Pereira e da sr.ª D. Hortence Go[...]va Risques Pereira.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Caixa de Pensões do Arsenal da Marinha

Fechou o ano findo com um fundo permanente de 44.664$62 e um fundo disponivel de 4.888$20.

Albergue das creanças abandonadas

O saldo da gerencia do ano economico de 1918-1919 foi na importancia de 15.107$98.

Caixa Economica Postal

O saldo para 1919-1920 foi na importancia de 10.505$18, sendo o fundo constituido por 449.000$00 em bilhetes do tesouro.

BANCOS E COMPANHIAS

Relatorios recebidos

Da Companhia das Aguas de Lisboa, que teve no ano findo um saldo na importancia de 255.423$48,7; Companhia dos Caminhos de Ferro atravez d'Africa, relativo ao ano economico de 1918-1919; Caixa Economica da Associação de Socorros Mutuos Monte-pio Nacional, que teve de lucros liquidos, em 1919, 40.447$56; Companhia de Adubos Cataliticos, que teve um lucro liqd. de 64.310$30; A Mutualidade Portugueza, lucros liquidos 59.001$84; Companhia Nacional de Ferro, lucros liquidos na importancia de 41.722$28,5.

Salão Central

O rei do Circo

Esta maravilhosa pelicula, já nas suas ultimas exibições, não só tem sido o mais completo sucesso animatografico dos ultimos tempos, como tem levado ao sumptuoso Salão Central a maior das concorrencias.

O episodio estreado «A ultima batalha», pelas suas sucessivas aventuras e actos temerarios, foi mais um triunfo para o grande actor americano Eddie Polo, um protagonista que o nosso publico não deixa de admirar sempre que exibe as suas extraordinarias qualidades de luctador.

No espectaculo desta noite, alem deste famoso episodio, será exibido o belo drama em 3 partes «O transeunte», realisando-se na «matinée» de amanhã, 4.ª-feira, a estreia do ultimo episodio do «Rei do Circo», intitulado «Revelações».

MUSICA E POESIA

Cantares

Devemos á gentileza do compositor Nicolau d'Albuquerque a satisfação de ter podido admirar os seus lindos cantares sobre versos de Antonio Botto. Tanto estes como a musica são uma manifestação da Arte Nacional, mas da boa Arte, da Arte elevada. Nicolau d'Albuquerque é um musico inspirado, possuindo uma alma bem portugueza; Antonio Botto um poeta delicioso, que sente a nostalgia e a saudade como poucos.

A bella edição, que nos foi amavelmente oferecida, apresenta soberbas illustrações do insigne pintor Antonio Carneiro, trabalho delicado e expressivo. Agradecemos, reconhecida, o apreciado brinde, e pena é que o anno passado, antes da nossa partida para o Brazil, não tivessemos podido conseguir tão belas canções, que já admiravamos tanto atravez da magnifica interpretação que lhes sabe imprimir Bertha Rosa Limpo Senna, uma das amadoras que melhor sente e interpreta o sentimento nostalgico das nossas canções.

Maria Judice

Vida Sportiva

Nos centros de sport

Os ex-alunos da Casa Pia trabalham pela formação de um novo centro

Os ex-alunos da Casa Pia de Lisboa estão trabalhando no sentido de organisarem um novo centro de sport, idéa que foi desde logo aceite por todos com grande entusiasmo.

Ao que nos informam, o novo club vae dedicar-se principalmente á pratica do foot-ball, concorrendo aos campeonatos oficiaes em todas as categorias. Tambem organisarão *équipes*, de natação, sports atleticos, etc., a avaliar pelo grande numero de adhesões que teem recebido os iniciadores da idéa.

De todos os nossos clubs, ao que parece, varios elementos vão sahir, ingressando no club que em breve iniciará a sua vida na lucta pela causa sportiva.

Felicitamos os organisadores da iniciativa, que, a nosso vêr, só vem beneficiar e intensificar a marcha do sport.

Todos os esclarecimentos sobre o assumpto podem ter dados na rua Alves Correia, 37, 1.º.

Noticiario

Ao que parece, o Ginasio Club Portuguez vae realisar no mez de Junho um sarau ginastico no Colyseu dos Recreios.

— Estão interessando vivamente o nosso meio sportivo os artigos que o capitão sr. Julio d'Oliveira está publicando em «Os Sports» sobre a ida a Anvers d'uma equipe de cavaleiros.

— E' grande o entusiasmo pelo concurso hipico d'este anno, que se inaugura no dia 29 deste mez, informam-nos de que concorrão a ele cavaleiros hespanhoes e francezes.

Foot-Ball

Desafios homologados pela Associação

Reuniu no dia 13 do corrente a Direcção da Associação, que resolveu diversos assuntos de expediente e homologou os seguintes desafios:

1.ª categoria—Bemfica venceu Vitória por 1-0; Belenenses empataram com Bemfica por 1-1; Belenenses venceu Sporting por 1-0;

2.ª categoria—Portugal venceu Internacional por 4-3; Imperio venceu Vitória por 4-0; Portugal venceu Internacional por 1-0; Bemfica venceu Cheias por 5-0; Bemfica venceu Portugal por 2-0; Bemfica venceu Portugal por 3-1.

3.ª categoria — Sporting venceu União Lisboa por 1-0.

4.ª categoria—Foot-Ball Bemfica venceu Palmense por 3-1; Foot-Ball Bemfica venceu Palmense por 2-1; Palmense empatou com Foot-Ball Bemfica por 1-1; Foot-Ball Bemfica venceu Cheias por 3-1.

O caso da rua Augusta

Da enfermaria de S. João Batista, do Hospital de S. José, saiu hoje com alta João Pereira Junior, de 14 anos, tipografo e residente na travessa do Terreiro do Trigo, 6, 1.º, um dos feridos no dia 12 de abril findo com estilhaços de bomba na rua Augusta.

Quem alvitra? Quem reclama?

A venda de selos e a falta de trocos

Escreve-nos um nosso leitor queixando-se da enorme dificuldade que ha em obter selos e alvitrando que se vendam em todas as tabacarias, como sucede em Madrid.

Tambem quanto á falta de trocos, alvitra o mesmo leitor que se deem nos estabelecimentos, quando não tenham moedas, selos, o que seria util e com isso alguma prejudicava o cliente.

ULTIMA HORA

Congresso

Já agora vamos registando com redobrada paciencia...

A's 14,30, isto é meia hora depois da marcada para a sessão, ha na sala, por junto, uma duzia de deputados.

Lá em cima na meza vae-se fazendo a primeira chamada, e emquanto no seu *fauteuil*, em surdina, o deputado João Camoesas tranteia, uma canção em voga, o deputado Sá Pereira diz-nos magoado e entristecido:

—E' isto! Já não ha maioria na Camara porque os deputados não veem cá. Imagine você o numero d'eles que após a proclamação nunca cá puzeram os pés! Outros veem de visita. Estão dois, tres dias e desaparecem de novo como a dar-nos a impressão de que isto lhe não agrada. Pois se lhe não convem que se vão embora. Outros ainda alegam motivo de doença. Doente estou eu e bem doente, e aqui estou todos os dias á hora regimental. Veja por exemplo o Leonardo Coimbra... Já o cá viu depois que deixou de ser ministro? Nem eu! Ora é por estes e por outras que nós, que temos ainda maioria, a não temos de facto...»

Lá em cima a chamada terminou. São tres horas menos um quarto. Há vinte deputados. Vamos que já não faltam todos. O *quorum* hoje é de 59, o muito possivelmente, lá para as quatro da tarde, o numero já deve sobejar.

A's 15,15, com 36 deputados presentes, o sr. Sá Cardoso põe á discussão a acta.»

O sr. Lelo Portela regista que nela não consta a sua declaração de voto condicional, o que pede se faça na acta de hoje, o que o sr. presidente promete tomar na devida consideração.

E como continue não havendo numero (digam depois que é má vontade nossa!) o sr. Sá Cardoso embora contrariado, manda proceder á já agora indispensavel segunda chamada. Feita esta espera-se. Ainda não ha numero. Mas o sr. Sá Cardoso, fecha os olhos e deixa passar o tempo. Por fim, o sr. Velhinho Correia aparece e vem salvar a presidencia de mais uma funda machadada no publico descrédito do Parlamento. Há o *quorum* preciso. Lê-se o expediente a que ninguem, valha a verdade, liga importancia porque importancia não tem. E' velho habito que podia muito bem desaparecer bastando para isso que só se lêsse á Camara os documentos sobre que a Camara tivesse que pronunciar-se, ficando os outros na mesa á disposição de quem os quizesse consultar. Era mais logico não se roubava tanto tempo aos trabalhos da Camara.

Na ordem do dia se não houver qualquer outro incidente o que não é esperado, deve discutir-se na primeira parte a questão da biblioteca, e na segunda a questão do pão — sobre qual tem ainda a palavra o sr. Costa Junior.

Antes da ordem há muitos oradores inscritos. O sr. Eduardo de Sousa protesta contra a forma como na mesa, se faz a inscrição dos oradores que pedem a palavra. A mesa diz que não tem culpa e o sr. Eduardo de Sousa pede então a palavra para explicações, trata do assunto que desejava tratar—uma questão de subsidio aos sub-delegados de saude do Porto que ainda não foi pago. O sr. ministro das finanças declara que o caso não é com ele mas sim com o sr. ministro do interior por cuja pasta corre o assunto. O sr. Alvaro de Castro envia para a mesa um telegrama em que o sr. Camarate Campos declara que lhe não foi distribuido nenhum orçamento para relatar, pelo que não houve da sua parte recusa alguma.

O sr. Lopes Cardoso pede tambem a palavra para explicações.

O sr. João Camoesas protesta, invocando o regimento. Entre o sr. Sá Cardoso e João Camoezas, trocam-se apartes violentos, a que se associa o sr. Goes Pitta. Estabelece-se a barafunda. Ha protestos. Mais protestos. Muitos protestos, que o sr. Constancio de Carvalho mais vem avolumar com um alvitre com o qual ninguem concorda. E como a bandalheira permanece, o sr. Sá Cardoso diz que assim não póde presidir á sessão.

Com a palavra para explicações falam ainda os srs. Eduardo de Sousa e Abilio Marçal.

Por fim o sr. Sá Cardoso propõe um alvitre sobre a inscripção para se falar antes da ordem do dia. Que a inscripção se vá fazer conforme os srs. deputados forem chegando á Camara.

Ha vozes de apoiado. De varios lados porém grita-se—E' a bicha! E' a bicha!

O sr. Garcia da Costa discute o caso e aprecia a maneira como o presidente da Camara tem presidido ás sessões. E como o alvitre do sr. Sá Cardoso seja aprovado pela Camara, entra-se então definitivamente no antes da ordem. São quatro horas e um quarto. Quer dizer, duas horas completamente perdidas para os trabalhos da Camara!

Apoio ao governo

Os grupos civis de defeza da Republica vão reunir, afim de dar um verdadeiro apoio ao governo do sr. coronel Antonio Maria Baptista, por motivo do que se passou hontem no parlamento, e na ocasião em que os monarchicos se preparam para novo assalto.

"A Batalha,,

Este jornal suspendeu a sua publicação desde sabado ultimo.

Tiros no Bairro Alto

No posto da Misericordia continua em estado gravissimo Luiz d'Oliveira, do Grupo dos 13, que a noite passada foi agredido a tiro na rua da Atalaya pelo barbeiro Avelino dos Santos Ferreira, o qual foi preso pelo ex-agente de policia Custodio das Dôres, que por acaso passava por aquela rua.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quarta-feira, 19, ás 13 horas, no armazem de leilões d'esta casa fiscal, serão vendidos 1:156 fardos de palha painço para escovas e vassouras, parte da carga dos vapores ex-alemães.

Só poderá licitar n'este leilão quem apresente documento comprovativo de ter depositado na tesouraria 200$.

Alfandega de Lisboa, 14 de maio de 1920.

O escrivão Alfredo Marcelino de Almeida.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarrhos gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada, como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Administração do 2.º cemiterio (Ocidental)

AVISO

A administração dêste Cemitério faz constar aos interessados que no prazo de 30 dias a contar da publicação d'este anuncio não havendo reclamações são retirados do jazigo n.º 2354 a pedido das suas proprietarias os seguintes restos mortais do sr. José Rodrigues Corrêa, falecido em 14-Dezembro-1871, chapa 5769, da sr. D. Ursula Inacia de Sousa Macedo Emaúz, falecida 3-Setembro-1878, chapa 6468; da sr. D. Feliciana Gertrudes de Patrocinio Rodrigues, falecida em 12-Dezembro-1889, chapa 13043; da sr. D. Maria José da Costa, falecida em 22-Maio-1890, chapa 13431, da sr. D. Rosa d'Oliveira Gomes, falecida em 9-Maio-1891, chapa 14103; da sr. D. Ana Maria das Dores Calixto, falecida em 3-Agosto-1892, chapa 14910; do sr. Augusto José d'Oliveira, falecido em 7-Setembro-1893, chapa 15606.

Lisboa, 19 de Maio de 1920

O administrador,

Artur Castanheira Freire

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO

3519 — 10.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 19 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

OLHEM PELAS COLONIAS

E' um caso de salvação nacional. Ou nos resolvemos a trabalhar a valer para fazer produzir o nosso extenssissimo dominio ultramarino ou pereceremos vergonhosamente por não sabermos criar elementos de vida, apezar de termos á nossa disposição extensos territorios feracissimos que todos nos invejam, mas que nós não sabemos, ou não queremos utilisar.

E a urgencia de entrar no caminho do trabalho redentor é muito maior do que muita gente julga. As dificuldades que agora nos avassalam, multiplicar-se-hão dentro de muito pouco tempo, tornando as condições de vida temerosas. Depois do proximo mez de julho a vida será de verdadeiros horrores. E, com franqueza, escusavamos bem de sofrer inclemencias, se a tempo tivesse intervindo o bom senso que, com previsão salvadora, tivesse encaminhado os esforços nacionais para o desenvolvimento das colonias.

A nosso vêr, são mesmo uma prova flagrante da lamentavel incompetencia de quem tem tido a seu cargo a direcção dos negocios publicos, estas dificuldades de subsistencias em que nos vimos, debatendo desde a guerra, possuindo um dominio colonial que produziria tudo o que é necessario para nossa alimentação, sem necessidade de recorrer a extranhos.

O nosso futuro está dependente do modo como encararmos o problema colonial.

Se, como nos cumpre por obrigação contraida perante o mundo civilisado, trabalharmos com ardor nas nossas colonias, não só nos tornaremos independentes do estrangeiro pelo que diz respeito á maior parte das nossas necessidades, mas ainda faremos de nós dependentes, relativamente a grande numero de productos, alguns povos estranhos.

Estudar este problema que é no fim de contas o problema da nossa futura grandeza, da nossa prosperidade, é tentar resolvel-o, é por certo muito mais interessante do que tratar das questões de soalheiro que os nossos politicos dão, infelizmente, o logar primacial nas suas preocupações. Só ele se não tem tratado, a razão não pode ser outra senão esta, é que para considerar em todos os seus aspectos é necessario saber e estudar sempre, e cada vez mais, enquanto que para pontificar nas varias filarmonicas politicas que por ahi pululam, basta dar provas de ignorancia.

Mas o remedio é simples.

Aproveitem as competencias e expulsem da politica os ineptos, relegando-os para os oficios d'onde vieram. Purifiquem a atmosfera.

*

Angola, toda a gente o sabe, mas não é demais repetil-o, é uma colónia riquissima, não só de géneros chamados coloniais, mas tambem de productos das regiões temperadas.

Alem disso é riquissima tambem em minérios, especialmente em cobre.

Convenientemente explorada, segundo um plano maduramente concebido, poderia satisfazer todas as nossas necessidades cerealiferas, com saldo importante para exploração. Evidentemente de nada serviria, porém, agricultar o extenso planalto, se não se pudessem dispor dos meios para transportar os produtos até ao litoral e daqui á metrópole. E', portanto, necessário encarar em conjunto os problemas da cultura, da lavra mineira e dos transportes terrestres e marítimos.

Durante a guerra, como houve grande deficiencia de navios, acumularam-se no litoral grandes quantidades de produtos do interior, laboriosamente para ali transportados pelos meios mais primitivos. Muitos desses produtos deterioraram-se. Hoje, porém, já os navios vão e veem, entre a metrópole e Angola, com carga incompleta. Porquê? Porque os transportes terrestres são deficientissimos e os que existem deixam muito a desejar no seu funcionamento.

O caminho de ferro de Ambaca que era uma lástima nas mãos da companhia respectiva, desde que passou ás mãos do govêrno é uma verdadeira miséria. Desgraçados dos colonos cujos interesses estão dependentes daquele mostrengo.

O caminho de ferro de Mossamedes não passa de uma troça. Imagine-se um caminho de ferro com uma bitola de 60 centimetros destinado ao tráfego do planalto da Huila que tem condições para uma abundantissima produção.

O remédio a tão desgraçada situação é de urgência imperiosa.

Basta de dormir.

Nomeie-se quanto antes o alto comissário, pessoa que conheça bem a provincia, e de comprovada competência, para que possa propôr, em breve praso, o que convem fazer. Dirija depois o govêrno um apêlo a todos os portugueses, interessando especialmente as instituições bancárias nacionais, e estamos certos de que será ouvido e de que se reunirão, em boas condições, as dezenas de milhares de contos indispensaveis para principiar. E se assim não suceder... entreguemos então aquilo a quem saiba fazer melhor do que nós.

POLITICA

Uma indispensavel rectificação—O G. P. D. e o seu regulamento—Um negocio urgente encravado pela barafunda parlamentar—O Livro Branco, o sr. ministro dos extrangeiros e a imprensa—O sr. Mesquita de Carvalho chefe de si mesmo

Temos que começar hoje por uma rectificação que seria desnecessaria para as pessoas de bôa fé e que sabem a precipitação com que é feito um jornal da tarde, mas que é indispensavel, primeiro para aqueles que dessa precipitação não teem conhecimento, e depois para aqueles que estão sempre prontos a especular com tudo quanto pode ferir o prestigio da Republica. Hontem no nosso extracto parlamentar dizia-se: *«E como a bandalheira permanece»*. Ora nós tinhamos escrito — *e como a «barulheira» permanece* — o que faz diferença, tão fundamental como o dia da noite. Entendamo-nos. *A Capital*, jornal republicano que á Republica tem dado o a melhor das suas energias não podia de maneira alguma usar para com o Parlamento da Republica uma linguagem que não está nem nos seus moldes nem nos seus principios. O facto mesmo do Parlamento ter ultimamente descido muito, já na sua utilidade politico-republicana, já até na sua linguagem por vezes pouco consentanea com a decencia, não dava á ninguem o direito de usar para com ele palavras que, não primando pela educação, representavam um criminoso desrespeito para com a principal das nossas instituições constitucionais.

E, feita a rectificação, feche-se o parentesis...

* * *

No dia 12 do corrente o Grupo Parlamentar democratico nomeou uma comissão para dar parecer sobre o projecto do regulamento do mesmo grupo, da autoria dos deputados João Camoezas e Nunes Loureiro. Essa comissão deu já o seu parecer, aceitando sem reservas o projecto, introduzindo-lhe apenas ligeiras modificações, mais de detalhe do que de orientação. O projecto, que deve ser aprovado na reunião que o Grupo Parlamentar Democratico hoje realisa, e que está destinado a produzir um largo sucesso na nossa organisação politico-parlamentar, é do theor o seguinte:

Art.º 1.º—Os deputados e senadores do Partido Republicano Português constituem um orgão politico deste partido, denominado «Grupo Parlamentar Democratico», com as atribuições, direitos e deveres definidos neste regulamento.

Art.º 2.º—O «Grupo Parlamentar Democratico», emquanto durar a sessão parlamentar, ordinaria, extraordinaria, ou prorogada, reunirá em sessão ordinaria uma vez por semana e terá as extraordinarias para que fôr legitimamente convocado, mesmo que o Parlamento não esteja funcionando.

§ Unico—A sua primeira reunião será no dia da abertura do Parlamento e nela o «Grupo» elegerá a mesa da sua assembleia e designará o dia, hora e local das suas sessões.

Art.º 3.º—A convocação para reunião extraordinaria é feita pelo Presidente da Mesa, con indicação do objecto da convocação.

Art.º 4.º—A convocação pode ser feita por deliberação do presidente ou a requisição do Directorio, da Junta Parlamentar ou de 10 parlamentares.

§ Unico—Nas sessões ordinarias poderão ser tratados todos os assuntos que interessem á Republica e ao Partido, com referencia especialmente á boa ordem e proficuidade dos trabalhos parlamentares: nas sessões extraordinarias só se pode deliberar sobre o objecto da convocação.

Art.º 5.º—Para que o «Grupo» possa reunir em sessão e deliberar validamente, basta que esteja presente a quarta parte dos seus membros: as resoluções são tomadas pela maioria absoluta dos presentes e obrigam a todos.

Art.º 6.º—A mesa da assembleia é constituida por um presidente, um vice-presidente que será tambem o tesoureiro, e dois secretarios.

Art.º 7.º—A' mesa competem as atribuições que geralmente lhe são proprias e especialmente, pelos seus secretarios, organisar a estatistica dos trabalhos parlamentares do «Grupo», por cada sessão legislativa, devendo mencionar; *a)* Nomes dos ministros filiados no Partido, data da nomeação é da sua exoneração; *b)* Propostas e projectos de lei por eles apresentados, seu objecto e data da apresentação; *c)* Indicações das comissões de que os seus parlamentares façam parte; *d)* Projectos relatados e nomes dos relatores; *e)* Numero de sessões de cada semana; *f)* Sessões a que assistam, numero de faltas e dias de licença; *g)* Propostas e projectos de lei de cada um, que obtiveram aprovação; *h)* Tudo quanto possa interessar á historia do «Grupo».

Art.º 8.º—Na mesmo sessão em que eleger a mesa da sua assembleia, o «Grupo» elegerá uma Junta Parlamentar, composta de seis membros, sendo tres deputados e tres senadores, constituindo cada um destes dois grupos uma secção encarregada de coordenar, orientar e dirigir os trabalhos parlamentares em cada uma das duas camaras e intensificar a acção do «Grupo» nos trabalhos das duas camaras e das suas comissões, unificando-a em reuniões conjunctas, quando necessarias.

Art.º 9.º—Os membros de cada secção podem entre si dividir os trabalhos como melhor entenderem, mas de forma que a nenhum membro é licito emitir opiniões pessoaes quando fale em nome do «Grupo».

Art.º 10.º—A junta tem para com o Directorio o dever de o ouvir em todos os assuntos importantes que interessem o Partido ou a Nação, e para os Congressos ordinarios do Partido o de lhe apresentar um relatorio respeitante á acção parlamentar do «Grupo».

Art.º 11.º—Cumpre a todos os parlamentares do «Grupo» observar e á Junta fazer respeitar a disciplina partidaria, os principios democraticos e o programa do partido.

Art.º 12.º—A nenhum parlamentar é licito ausentar-se sem licença da sua camara nem apresentar o pedido sem aviso previo á Junta Parlamentar.

Art.º 13.º—Cada parlamentar concorrerá para as despesas do «Grupo» com a quota anual de 2$50.

Art.º 14.º—Se no fim de cada sessão legislativa algum saldo houver, este constituirá receita do cofre do Partido, e para tanto será entregue ao tesoureiro do Directorio.

Art.º 15.º—A indicação de nomes de correligionarios para a constituição de ministerios partidarios, para governos em que o Partido deva ter representação, ou para altos cargos da Republica será feita pela Junta Parlamentar sobre deliberação tomada em reunião conjunta da mesa da assembleia, do Directorio e dos presidentes das camaras, que ao partido pertençam.

* * *

Ontem na Camara o sr. deputado João Camoezas pediu a palavra para um negócio urgente. Era nem mais nem menos para que a Camara se manifestasse sobre a visita que um barco de guerra portuguez, que vai aos portos da America, devia fazer ás nossas colonias da California e do Hawai. Pois a Camara, aquela deliciosa Camara que acabara de perder duas horas e um quarto em demoras, em esperas e em incidentes, negou-lhe a urgencia!

Está certo — como dizia o Silva Pinto.

Mas o que não está certo — e daí talvez esteja certissimo — é que essa mesma Camara logo a seguir e a propósito duma votação em que os srs. ministro da instrução e da marinha andaram ás turras, por causa da Biblioteca um, por causa do Alfeite o outro, levasse meia hora a descompôr-se, numa barafunda em que todos protestavam e ninguem se entendia.

Talvez por isso nunca como ontem se avolumaram mais insistentemente os boatos de dissolução parlamentar

* * *

Foi já publicado o Livro Branco e foi já tambem distribuido aos srs. deputados. Publicação oficial, feita por intermédio do ministério dos estrangeiros, parecia lógico que o ministro da referida pasta tivesse tido o cuidado de ter feito chegar até ás redacções dos jornais um exemplar dessa publicação. Era lógico, era sensato, era justo. Pois até agora o ministério dos estrangeiros não se dignou proceder assim, num imperdoavel desconhecimento de que existem em Portugal órgãos da imprensa, alguns até sem cuja propaganda não teria sido possivel fazer-se, como se fez, a intervenção de Portugal na guerra, Mas enfim, o sr. ministro lá sabe as razões porque procede assim, embora em nosso entender proceda muito mal,

* * *

Podemos hoje dar alguns informes seguros e inéditos sobre o novo grupo do sr. Mesquita de Carvalho. O tal titulo de Partido Republicano Constitucional subsiste. E como subsiste o novo grupo passará a ser mais uma patrulha politica sem consistencia, sem finalidade, sem programa e sem adeptos. Qualquer dia o sr. Mesquita de Carvalho, como o outro da canção—«chama ninguem lhe responde—olha e não vê ninguem». E' que, nem o sr. António Mantas que continua mantendo a sua independência politica, nem o sr. Mourão, nem o sr. Ribeiro de Carvalho, nem qualquer outro vulto, quer do velho partido evolucionista, quer do actual partido liberal, aderem ao grupelho do sr. Mesquita de Carvalho que fica, num partido sem gente, — *solus, lotus et unus.*

E assim se perdeu uma ótima ocasião de se organizar um grande partido que equilibrasse a valer as forças políticas da República. E tudo por causa da desmedida ambição do sr. dr. Mesquita de Carvalho que não podendo deixar de ser chefe—se fez chefe de si mesmo!

Tribunal Militar Especial

Proseguiu hoje o julgamento dos reus Manoel Pereira da Silva, Antonio Pereira da Silva, João Candido Casal da Veiga, Manoel Gonçalves Correia, padre João Fernandes Moreno e dr. Francisco Dantas Carneiro, acusados de terem tomado parte, em Moledo do Minho, no movimento monarchico.

Após a leitura dos depoimentos das testemunhas de acusação, leitura que foi interrompida na audiencia de hontem, Depozeram seis testemunhas de defeza, entre as quaes se contava o senador sr. Ramos Pereira, iniciando-se em seguida os debates, após o que foram lidos os quesitos, recolhendo seguidamente o jury para deliberar.

Patente de invenção

A Farinha Lacto-Bulgara Liciliuada é patente de invenção original do Laboratorio Farmacologico de Lisboa e é a que os mais ilustres medicos do paiz dão preferencia para criarem os seus proprios filhos. Depositario exclusivo Raul Vieira R. da Prata 51-3.

O Parlamento despreza os oficiais milicianos

No parlamento está ha muito pendente o projecto que regularisa a situação dos oficiaes milicianos. E não ha meio de o arrancar d'ali, apesar de todos os dias ou quasi todos os dias se discutirem projectos de somenos importancia e se passar muitas e muitas vezes horas esquecidas em discussões de *lana caprina*, algumas das quaes chegam a ser autenticas vergonhas.

O projecto que diz respeito aos oficiaes milicianos, alguns dos quaes derramaram o seu sangue pela Patria, tanto nos campos de batalha, de Africa como da França, elevando bem alto o nome portuguez, tendo outros que, por circunstancias de todos conhecidas, para ali não puderam seguir, prestado relevantes serviços á Republica, esse jaz no olvido, porque o parlamento mostra por ele um soberano desprezo.

Ora esse projecto é da iniciativa do governo. Sabemos bem que o poder executivo se não pode sobrepôr ao legislativo, mas ao governo compete, sem duvida de especie alguma, fazer com que esse projecto seja discutido.

O que é preciso, o que é mesmo indispensavel é que duma vez para sempre os oficiaes milicianos saibam o que teem a esperar e que se acabe com semelhante vergonha, que é o de não querer reconhecer os serviços prestados por quem tão nobremente soube cumprir o seu dever.

Concurso Literario da „Capital"

Convocação

E' convocado o juri do concurso de peças teatrais a reunir na proxima sexta feira, pelas 17 horas, na redacção da *Capital* para classificação final das peças teatrais entregues para o referido concurso.

N. B.—O juri é constituido pelos srs.:

Dr. Julio Dantas
Eduardo Schwalbach
Bento Mantua
Eduardo Brazão
Alvaro Lima (pela «Capital»)

Convocação

E' convocado o juri do concurso de romances a reunir na proxima sexta feira, pelas 17 horas, na redacção da «Capital», para classificação final dos originais entregues para o referido concurso.

N. B.—O juri é constituido pelos srs.:

Sousa Costa
Aquilino Ribeiro
Mario d'Almeida
José Parreira
Armando Ferreira (pela «Capital»)

OS SPORTS

E' posto amanhã á venda

O bi-semanario Os Sports é posto amanhã á venda inserindo uma larga reportagem de todo o paiz, além de artigos technicos dos principaes jornalistas da especialidade.

Lêr amanhã OS SPORTS

A demissão do agente Custodio das Dores

No caso da demissão do agente Custodio das Dores não teve que intervir o chefe Murtinheira.

Na policia não se impede, segundo informações que nos foram prestadas, que um agente de qualquer secção tome conta d'uma ocorrencia. O que esse agente tem, porem, de fazer é comunicar o facto á secção em cuja area se deu essa ocorrencia, a fim de ser seguida pelos respectivos agentes.

Entretanto, insistimos e o publico está a nosso lado, em que se não dispensem os agentes que teem prestado excelentes serviços. E o agente Custodio das Dôres está nesse caso, pelo que se deve fazer uma *démarche* para que volte a ocupar o seu logar. Não haveria n'isso desdouro.

Congresso das juntas geraes de distrito

Este congresso, que se realisará em Lisboa nos dias 30 e 31 do corrente e 1 de junho, sendo a sessão inaugural no salão nobre da Camara Municipal, deve resultar brilhante. Alheiado por completo de fins politicos, o congresso, entre outros, visa principalmente os seguintes pontos:

Entrega das estradas e respectiva administração ás Juntas Geraes, para cumprimento das disposições do Codigo Admistrativo; Acção das Juntas na Instrução Nacional e passagem dos liceus para estas; A função da Assistencia Publica das Juntas e passagem para estas de muitos dos serviços de assistencia; Extinção das Comissões Distritaes de Assistencia, passando as suas atribuições para as Juntas Geraes

O DEBATE

A Camara e os electricos

Segundo dizem os jornais da manhã, a Camara Municipal de Lisboa, no meio de sangrentas invectivas trocadas entre os vereadores, sobresaindo, aliás, distintamente, da enorme confusão que se estabeleceu, votou o aumento das tarifas da viação electrica.

Ter-se-hia assim cometido, se remedio não houvera, como esperamos que haja, a primeira, se bem que a menor, das espoliações que são permitidas pelo monstruoso projecto de contracto que se pretende celebrar entre o municipio da capital, a Companhia Carris de Ferro e a Nova Companhia de Ascensores Mecanicos de Lisboa.

O aumento de percentagens que teria sido autorisado, que teria sido, dizemos, porque o fôra apenas na letra morta da proposta dum vereador, que foi aprovada numa sessão que funcionava ilegalmente para esse efeito, representaria um verdadeiro saque feito á bolsa dos municipes, do qual, é bom acentuar-se, teem vindo a ser defendidos desde ha muito pelas vereações transactas. Pois então, pode lá conceber-se que uma companhia, que desfruta já largos privilegios, sem ao publico dar como contra partida quaisquer compensações dignas de registo, como é a Companhia Carris, dum momento para o outro, sob o pretexto da carestia da vida, passe a vender por seis centavos os bilhetes que vendia a quatro centavos, por oito centavos os de cinco centavos, por dôze centavos os de sete centavos, por catorze centavos os de oito centavos, por quinze centavos os de nove centavos, por desasete centavos os de dozo centavos, por desoito centavos os de trese centavos e por cem escudos as assinaturas que custavam oitenta escudos? Não, não se póde conceber isto, sem que outras coisas mais revoltantes ainda se concebam tambem...

Se se admitisse que esta autorisação pudesse prevalecer, ter-se-hia igualmente de admitir que a Companhia, de mão beijada, atafulharia todos os annos os seus cofres com muitos e muitos milhares de contos, extorquidos á população da capital que tem necessidade de se utilisar dos electricos como unico meio rapido que não cómodo de condução.

Alem disso, o projecto do contracto em questão envolve, como verêmos, sobrepticiamente, diversas e choradas concessões e regalias dadas á Companhia Carris, como são o exercicio da industria de transporte de mercadorias, a colocação nos predios das rosêtas de prender os fios, a circulação de carros fóra dos carris, o alargamento da area de exploração, a mudança do sistema de tracção, os privilegios exclusivos, o assentamento de novas linhas, a irresponsabilidade dos prejuisos que resultem da exploração, a isenção de posturas, a restricção de penalidades, um sem numero, emfim, de franquias que não podem ser consideradas senão como enormes escandalos.

No entretanto, estamos convencidos de que nada de tudo isto, nem mesmo o aumento das tarifas, que é irrito e nulo, como provaremos, saírá da imobilidade dos artigos dactilografados no projecto, porque o povo forçará as estações competentes a opôr-se á continuação deste acto de vergonhoso favoritismo.

C. da C.

Partido Republicano Liberal

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, no Centro Republicano Escolar Dr. Egas Moniz, Rua Voz do Operario, n.º 52, 1.º, uma sessão solene comemorando o 3.º aniversario da fundação deste Centro, seguida duma sessão de propaganda politica, presidida pelo Sr. dr. Egas Moniz, usando da palavra os Srs. drs. Brito Camacho, Fernando Costa, Vasconcelos e Sá, Ferreira de Mira, capitão da fragata Filomeno da Camara e Tomé de Barros Queiroz.

Abrilhanta a festa uma troupe de bandolinistas.

O limite de vencimentos

Como a lei é menospresada por alguns funcionarios

Estatue a lei que funcionario algum do Estado possa receber, mesmo com acumulações, mais de 4.500 escudos por ano.

Pois, na pratica, a lei é perfeitamente letra morta. Os conservadores do registo predial metem no bolso, por ano, dezenas de contos, o mesmo sucedendo com os conservadores do registo civil. Os conservadores dos tribunaes de Lisboa e Porto recebem, tambem por ano, mais do dobro estipulado por lei.

Como se consegue isso? Facilmente. Os que fizeram a lei, interessados na sua aplicação, distinguiram, habilidosamente, entre vencimentos e emolumentos, o que dá o desejado resultado.

Pois se até os conservadores do registo civil, alem de levarem 1$00 pela certidão de obito, exigem uma percentagem sobre o espolio do falecido!

Onde está a disposição da lei que a tal os auctorise?

Por hoje não fazemos comentarios, mas prometemos em breve voltar ao assunto.

A QUESTÃO DO AZEITE

Apesar de tudo não aparece no mercado

E os armazenistas perdem injustamente centenas de contos

Injustamente dizemos nós e é a verdade. Os armazenistas teem a esta hora um prejuiso incalculavel, um prejuiso enormissimo, sem que o publico, o grande publico, tenha com isso lucrado.

E' vêr todos os dias as *bichas* que se formam ás portas das mercearias e dos armazens onde se anuncia que ha azeite para vender. Horas esquecidas ali se acumulam dezenas, centenas de pessoas, á torreira do sol, sem que muitas vezes consigam obter uma pinga do precioso liquido. E o resultado é que aqueles que não podem gastar rios de dinheiro em manteiga e em banha se vêem forçados a muitas vezes não saberem o que hão de comer, porque para a confecção de muitos productos culinarios o azeite é indispensavel.

Isto pelo que diz respeito ao consumidor, que julgou a principio que ia ter com abundencia o tempero necessario, mas que afinal viu iludidas as suas esperanças.

Ha, porém, outro aspecto da questão a encarar, e esse tambem importante sob todos os pontos de vista. Pelo decreto publicado em fevereiro ultimo, decreto que hontem transcrevemos na integra, na alinea *c)* do artigo 1.º fixava-se para o azeite limpo com mais de 3 até 5 graus, o seguinte preço: no armazem do productor, $80, não podendo o armazenista vender por mais de $96, posto em casa do retalhista, que, por sua vez, não poderia vendel-o por mais de 1$05.

Não falaremos já no preço dos azeites com menos de um grau de acidez e nos de um a tres graus, porque esses ficavam para as classes mais abastadas, a quem não faz diferença dar mais uns tostões. Referimo-nos apenas ao destinado ás classes mais pobres, que são as mais numerosas.

Confiados n'esse decreto, os armazenistas, os grandes negociantes preveniram-se com consideraveis *stocks* tanto desses como de outros azeites. Empataram n'isso centenas de contos, contando auferir um lucro legitimo, lucro que o decreto citado lhes garantia, e que era de $20 nos azeites, que tivessem menos de um grau de acidez, de $12 nos de um a tres graus, e de $16 nos de mais de 3 até 5 graus. Note-se que n'esse lucro entravam despesas de transporte, de embalagem e direitos de consumo, o que o reduzia d'um modo consideravel, podendo calcular-se sem erro de exagero, em menos de metade.

Decorre, porém, um mez—note-se bem, apenas um mez!—e sae outro decreto em que se obriga o armazenista a vender o azeite que tenha em seu poder por $70 o litro ao retalhista, para este por seu turno o vender ao publico a $90.

Compreende-se e justifica-se, porventura, semelhante disposição? Como é que se quer obrigar quem comprou o azeite, no armazem do productor, a $80, a vendel-o a $70? E isto sem falarmos das despesas accessorias, que não são tão pequenas como a muitos se afiguram.

O governo intervem para garantir o abastecimento publico? Muito bem. E' uma medida digna de todo o aplauso, de todos os louvores. Mas o que o governo em nosso entender não póde fazer de modo algum é obrigar quem, confiado n'um decreto, empatou o seu capital, a perder centenas de contos, e isso sem utilidade de especie alguma. O assunto é dificil de resolver, alegar-se-ha. D'acordo, mas estude-se a fórma de, sem gravames desnecessarios, se chegar a um acôrdo que, sendo util ao publico, não lese os direitos dos que á sombra d'esse decreto fizeram licitamente o seu negocio.

O sr. ministro da agricultura—dissemol-o hontem e repetimol-o hoje—merece-nos toda a consideração. Estamos plenamente convencidos de que procura acertar e que todos os seus actos são inspirados pelo seu amôr á causa publica. Mas tambem estamos convencidos de que, a esta hora, o que se tem passado, a experiencia—que é a grande mestra da vida—lhe terá demonstrado que a medida que tomou para abastecer o mercado de azeite não deu o desejado resultado e só levantou clamores, tanto da parte do publico, que não sabe onde ir procurar esse producto indispensavel, como da parte d'aqueles que, dum momento a outro, se vêem coagidos a perder muito e muito dinheiro, sem culpa alguma, afinal.

Nem mesmo ao productor a medida agradou, porque não vê o seu producto valorisado, antes ao contrario.

Não fica mal a ninguem reconsiderar, desde que veja que seguiu caminho errado. Por isso, convictos estamos de que o sr. ministro da agricultura, como espirito superior que é, vendo que não tem razão de ser a medida que tomou, se apressará a derrogal-a.

Congresso

Vários assuntos e assuntos vários

Nos Deputados

O sr. Alves dos Santos envia para a mesa, em nome da comissão parlamentar, ao extincto ministério dos abastecimentos, um novo relatório sôbre as incriminações feitas a vários deputados. O sr. Pedro Pitta insta por que se discutam e aprovem as suas propostas sôbre sessões nocturnas, funcionários administrativos e tesoureiros de fazenda.

A Camara aprova as sessões nocturnas e aprova tambem que nessas sessões se discutam as referidas propostas. O sr. Abílio Marçal propõe que as sessões nocturnas sejam tres por semana. Em suspenso. O sr. Costa Junior trata dos empregados dos correios e telégrafos. Tem havido perseguições, transferências, em contrário do que foi prometido pelo govêrno. Isto é grave e é preciso não reacender o fogo. Outro assunto. Géneros alimentícios. Em Vilar Formoso após a tabelagem os géneros desapareceram. Em Almeida o administrador do concelho é o primeiro comerciante da terra e como tal procede. Mais outro assunto. Para que o imposto não recaia sôbre géneros mas sôbre os comerciantes. Mais outro assunto ainda. Praças reformadas da Guarda Fiscal que estão fazendo serviço na Direcção Geral das Alfandegas, cuja exígua gratificação de 40 centavos diários não chega.

Quanto ao pão, o govêrno tem culpa no fornecer farinha imprópria para consumo. E pelo que respeita aos géneros de primeira necessidade só os há no papel. Falta tudo e falta principalmente o azeite.

O sr. ministro da guerra, que é o unico presente promette transmitir aos respectivos colegas o que o sr. Costa Junior reclamou.

E temos pela prôa um outro assunto urgente: casos graves passados na area da 3.ª Divisão do Exercito. Trata-se d'um castigo aplicado a um soldado aquartelado em Santo Thyrso pelo respectivo comandante e dezfeito pelo Comando da Divisão que se interessava pela referida praça. O caso está sendo tratado pelo sr. Malheiro Reymão a que responderá o sr. ministro da guerra. O tenente que castigou a praça foi por sua vez castigado pelo ministerio da guerra com dez dias de prisão disciplinar, caso unico, diz o sr. Malheiro Reymão, na vida do exercito portuguez.

Na ordem do dia tratar-se-ha, na primeira parte, da questão da biblioteca publica, e na segunda da transferencia do Arsenal da Marinha para o Alfeite e da interpelação Costa Junior sobre o pão e as maniganoias da moagem.

No Senado

Sem ordem do dia marcada cada um vae tratando dos assuntos que melhor lhe parece.

Os srs. Travassa Valdes e Alvaro Cabral tratam da questão dos electricos. O primeiro contra o augmento dos preços tarifarios e o segundo a favor. O sr. Jacinto Nunes defende mais uma vez a autonomia das Camaras e o sr. Lima Alves pergunta ao sr. ministro da Agricultura se pensa ou não em resolver a grave crise da falta de professores nas escolas de agricultura do paiz.

Em ambos as casas as sessões continuam.

Poeira da Arcada

O sr. presidente do ministerio, acompanhado pelo chefe do seu gabinete, sr. Braga de Carvalho, foi hoje cumprimentar o sr. almirante Canto e Castro, por ser o dia do seu aniversario natalicio.

Pelo vapor *San Miguel* são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Açores e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral. O vapor parte da muralha de Alcantara, ás 12 horas, e não da de Santos, como de costume.

O governo está tratando do estabelecimento duma carreira regular de navegação para as nossas colonias do Extremo Oriente, ligando-as tambem com as provincias de Angola e Moçambique,

Juntas de freguezia

Do Marquez de Pombal

Na sua ultima reunião diliberou que fôsse lançado na acta voto de louvor ao sr. Miguel Antonio, chefe da 5.ª esquadra pela forma acertada como tem procedido com os seus subordinados no policiamento da area d'esta freguezia, organisando rusgas aos gatunos e desordeiros, e incitando-o a que continue n'essa tarefa

THEATROS

Nota do dia

Realisou-se ante-hontem, com grande festa e luzimento, a recita — a celebre 15 — aos autores da revista em cena no Eden.

Não faltaram as palmas, — ha sempre amigos e fixes — a casa estéve á cunha, continuam mesmo a esgotar-se os bilhetes, as entradas de favor estão suspensas (esta é a novidade d'este verão) e a revista vai de vento em pôpa.

Quem havia de dizer!?

Por poucos jornais que á data da nascença dese *Negocio da... china* existissem todos eles foram unanimes em dizer que Alberto Barbosa era muito bom rapaz, com muita habilidade e Norberto de Arajo jornalista dê valor.

A pobre da peça estava, ao que constou unanimemente, muito bem escrita pelo... mestre Henrique, e pelo Salvador... E mais não disseram os criticos e noticiaristas de teatro.

Pois o sucesso vai mantendo-se e ampliando-se.

Isto quer dizer o que muitas vezes já se tem dito. Em materia de baixo teatro não é preciso nada para que o metal e o papel caiam na bilheteira; cada dia a revista tem menos que vêr, ou antes, que ouvir: nem uma graça, nem um conceito, nem uma *charge*!... o espirito faleceu, as ideias gastaram-se de todo!... Ficam os cenarios, as coristas, as apoteoses, os guarda roupas e os fados, para resistencia dessas desgraçadas e miseraveis sensaborias onde se arrastam artistas, alguns dos quais de merito. E ficam, porque bastam. Com estes frouxos elementos o sucesso é facil. Não escapa nos ultimos tempos uma revista que não chegue ás 100... é escusado dizer que não presta... ao publico sabe-lhe a pouco.

A. F.

Noticiario

Portugal

***E' já ámanhã que é posta á venda o 4.º numero da *Pagina Teatral* d'*Os Sports*, cujos directores são os nossos colegas de redacção Alvaro Lima e Armando Ferreira, e que tem despertado tanto interesse entre todos os que amam a vida teatral.

O numero de ámanhã insere além da cronica humoristica sobre teatros, de Henrique Roldão, artigos sobre o incidente Ruy Colaço, sobre as companhias portuguezas no estrangeiro, além de criticas, sueltos, noticiario, fotografias de Rafael Marques, Palmira Bastos, etc.

Devido á sua grande tiragem, a *Pagina Teatral* torna-se um dos jornais mais uteis a todos que se interessam pela vida teatral, estando destinada dia a dia a uma maior e mais acentuada procura.

***E' de Roberto Bracco a peça em 1 acto *Ele, Ela... e Ele* que sobe á cena na festa artistica do estudioso actor Othelo de Carvalho, que se realisa no dia 27, no Politeama. E' possivel que para o ensaio geral sejam convidados a assistir os criticos e jornalistas dos jornais de Lisboa.

***Amanhã faz a sua anunciada festa artistica o distinto actor do Nacional, João Calazans, com a peça *D. Cezar de Bazan*, em que o festejado tem um esplendido papel, e Rafael Marques desempenha o protagonista.

***Continuam as enchentes no Teatro Salão dos Anjos, onde hoje mais uma vez se representa a revista *Grande Bicha*, em 2 actos e 8 quadros, original de Delino Max e Daniel Moreira, musica dos aplaudidos maestros Manuel Benjamin e Raul Portela.

***Com a interessante peça *Mercado de Donzelas*, que substitue no cartaz para ámanhã o *Amôr de Mascara*, realisa-se no S. Luiz o espectaculo promovido pelo sr. Carlos Vasconcelos Porto, em beneficio do Sanatorio de Tuberculosos, de seu nome. Motivou a substituição de *Amôr de Mascara* a quasi subita doença da apreciada artista Julieta Soares, unico facto a lamentar, visto que qualquer das operetas são bem do agrado do publico.

Salão Central

O rei do Circo

Esta surpreendente pelicula em 18 episodios, 36 partes, que actualmente se exibe no elegante Salão Central, continua atraindo a maior concorrencia de publico, desejoso de admirar o mais querido artista cinematografico da actualidade: *Eddie Polo*.

Hoje, os extraordinarios episodios intitulados *A ultima batalha e Revelações*, com que termina a brilhante pelicula *O rei do Circo*.

PELO TELEGRAFO

O ministro das obras publicas francez mandou para a mesa da camara dos deputados o projecto de lei relativo ao novo regimen dos caminhos de ferro.

O sr. Poincaré demitiu-se de membro da comissão de reparações. Será substituido pelo sr. Louis Dubois.

Supõe-se que os mineiros do Norte o Pas de Calais retomarão ámanhã o trabalho.

O senado belga aprovou a declaração relativa á importação dos vinhos portuguezes.

Em Orense foi proclamado o estado do sitio, por causa dos tumultos ocorridos em consequencia da carestia do pão, tendo ficado feridas algumas pessoas.

No Rio Grande do Sul faleceram o marechal Oliveira Salgado e o general Martins Silva.

Confirma-se a captura do general Carranza, presidente do Mexico.

Em Belgrado constituiu-se um ministerio de concentração nacional.

Foi eleita a assembleia constituinte do Estado livre de Dantsig.

A tropas francezas continuam retirando da região de Mein.

Foi inaugurado o serviço aereo regular entre á Inglaterra e a Holanda.

NOTICIAS DA CAPITAL

O crime do Bairro alto

Pouco depois das 15 horas faleceu no posto da Misericórdia, Luís de Oliveira, que na madrugada de ante-ontem foi agredido a tiro por Avelino dos Santos Ferreira, o qual segue amanhã para o tribunal.

Um menor victima de crime

Na Morgue deu entrada o menor José Antanes Gavado, do casal das Calhandras, Buceias, Loures, dizendo a certidão de obito que se trata de um crimo.

Falsificação de cheque

O empregado do ministerio das finanças sr. Artur Duarte, que foi preso sob a acusação de ter falsificado cheques, depois descontados em nome daquele misnisterio, ao que na policia nos informam, não praticou essa falsificação, mas sim a de recibos no ministerio da instrução, caso a que *A Capital* em tempo se referiu.

Além do preso acima citado ha outro, sobre cujo nome a policia guarda a maior reserva.

Depois de largamente interrogados esta tarde, confessaram o crime.

Desastre no trabalho

Ao hospital de S. José, recolheu Abilio Rodrigues de Campos, estivador, que caiu ao porão do navio inglez *Anadate*, no entreposto de Santos, fracturando a espinha.

Incendio

Hoje de manhã ardeu por completo um barracão de madeira que servia de oficina de carpinteiro, instalado no parque Eduardo VII. O incendio foi causado pelas faulhas duma chaminé.

Pão apreendido

Os agentes da fiscalisação do Ministerio da Agricultura Raul Pinto e Arthur Pereira apreenderam hoje na padaria da rua da Boa Vista 178, 59 quilos de pão em mau estado de cozedura.

Achado de sola e sacarias

O sr. Armando Marques, do Campo Grande, 288, fez entrega á policia de dois fardos de sola e dois saccos com saccaria, no valor de 1.000 escudos, tudo encontrado abandonado na estrada da Portella.

«Motta Caréca»

Nos calabouços do governo civil encontra-se preso Antonio da Silva, o «Motta Caréca», um dos mais terriveis gatunos de arrombamento e que tem um largo cadastro na policia. O agente Antonio Augusto, da 2.ª secção, que foi quem o prendeu hontem na rua dos Canos, apurou hoje que o «Caréca» está pronunciado no 3.º juizo de investigação criminal com a fiança arbitrada em 10:000 escudos, e estando na Cadeia do Limoeiro á espera de julgamento pelo crime que cometeu, deu ha 15 dias parte de doente dando baixa ao hospital de S. José. Dois dias depois de ali se encontrar, preparou as suas coisas e uma noite pôz-se em fuga.

Juntou-se com outros gatunos que vieram ha 3 mezes d'Africa e recomeçou no seu mister de entrar nas casas por meio de arrombamento ou de chave falsa, tendo feito de ha 10 dias para cá uns 14 arrombamentos, sendo o ultimo no domingo, na rua Actor Taborda, 35-1.º.

No governo civil, estiveram hoje varias familias que o reconheceram como sendo o gatuno que esteve momentos antes dos roubos nas escadas onde apareceram arrombadas as portas.

Fernando Augusto Farinha

Faleceu

R. I. P.

A sua desolada familia participa o falecimento d'aquele seu extremozo parente, devendo o seu enterro effectuar-se ámanhã 20 do corrente, sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia Rua Rodrigo da Fonseca n.º 15, para o cemiterio Ocidental ás cinco horas da tarde.

Fernando Augusto Farinha

A Sala d'Armas Carlos Gonçalves, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido consocio Fernando Augusto Farinha cujo funeral se realiza ámanhã 20, ás 5 horas da tarde, da rua Rodrigo da Fonseca n.º 15, 1.º para o cemiterio Ocidental.

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realisado Esc. 24:000:000$00
Fundos de reserva 24:000:000$00

Assembleia Geral Ordinaria

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mêsa da Assemblêa Geral do Banco Nacional Ultramarino é convocada a mesma Assemblêa a reunir-se no edificio do Banco no dia 29 do corrente ás 14 horas para os fins designados no artigo 24 dos estatutos.

Lisboa 18 de Maio de 1920.

O Secretario da Meza da Assembleia Geral

(a) Francisco Mendonca de Sommer.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3519—10.° ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quinta-feira, 20 de Maio de 1920

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Os Altos Comissarios

Ha mais de um ano que por indicação da nossa delegação á Conferencia da Paz se julgou urgente mandar para cada uma das nossas duas grandes colonias africanas um funcionario de elevada categoria com o titulo de Alto Comissario e, desde então, dorme no parlamento, não sabemos se no seio da comissão respectiva, se na mesa da presidencia, á espera não se sabe de quê, para entrar em discussão, a respectiva proposta de lei. Vê-se que o parlamento liga ao assunto em questão minima importancia e assim deve ser, com efeito, visto que se não trata da formação de mais um grupelho politico ou de coisa de identica monta que esses sim, esses são os assuntos que ao parlamento mais grato é discutir, porque para isso não é necessario estudar e basta *parolar* banalidades.

A proposta relativa aos Altos Comissarios não se discutiu ainda, nem, pelo visto, se discutirá tão cedo, mas os nomes das pessoas que hão-de ir desempenhar tão elevadas funções que, por emquanto, existem só no mundo das possibilidades, já estão designados.

Indicam-se, respectivamente para Angola e Moçambique, os srs. general Norton de Matos e dr. Antonio da Fonseca, ex-ministros de Estado.

As funções do Alto Comissario requerem uma especialização cuidada nos assuntos coloniais, em geral, e muito particularmente nas questões relativas á provincia em que têm de exercer-se.

O sr. Norton de Matos passou parte da sua vida nas colonias e exerceu o cargo de governador geral de Angola para onde é agora indicado para as funções de Alto Comissario. Possue, pois, todos os requisitos necessarios para bem as desempenhar, prestando relevantes serviços ao paiz.

O sr. dr. Antonio da Fonseca é um advogado distinto, deputado da nação, foi durante alguns mezes ministro das finanças, mas, que nos conste, nunca poz pés nas colonias, nem a assuntos coloniais tem dedicado a sua inteligente atenção.

E' designado para desempenhar as funções de Alto Comissario numa provincia que vive em circunstancias melindrosissimas, mercê da sua situação geografica e das mal dissimuladas ambições dos visinhos.

Ha ali delicadissimas questões a tratar cujo imperfeito conhecimento póde dar origem a graves consequencias, tornando-se necessaria uma larga experiencia para as conhecer em todos os seus pormenores.

Não devemos esquecer que os nossos visinhos fazem todos os esforços possiveis por nos enredar e levar-nos a sacrificar os seus os interesses da provincia de Moçambique, impondo-se, porisso, a necessidade de mandar para ali, como Alto Comissario, pessoa que tenha larga experiencia dos negocios daquela nossa colonia.

Não é, portanto, o sr. Antonio da Fonseca a cuja inteligencia nenhuma duvida temos em prestar calorosa homenagem, a pessoa a escolher para aquelas funções.

Não ha mesmo muitas pessoas em Portugal que, desde já, possam ir exercê-las, com vantagem para o paiz. A nós só nos lembram de momento duas pessoas, com as condições requeridas, que são os srs. coronel Freire de Andrade e dr. Alvaro de Castro.

Qualquer d'estes dois ilustres colonaes, ou outro que agora não nos lembre, mas que esteja nas mesmas condições dos referidos, tem que fazer ao paiz o sacrificio do seu socego para assumir as pesadas responsabilidades de tão melindroso cargo como ha-de ser esse de Alto Comissario da provincia de Moçambique.

CONFERENCIAS

A convite do conselho nacional das mulheres portuguezas, realisa o sr. dr. João Camoezas depois d'amanhã ás 21 e meia horas, na sala nobre do Ateneu Comercial, para esso fim cedida, uma conferencia sob o tema «A mulher americana».

Foram convidados a assistir, entre outros, os srs. ministros dos Estados Unidos, do Uruguay, presidente da camara dos deputados etc. A entrada é publica.

O «MAJOR EVANGELISTA»

Ordens que se não cumprem

Em tempos, a secretaria da guerra expediu uma circular, determinando que aos recrutas só fosse distribuido fardamento na ultima semana de instrução. O sr. ministro da guerra, ponderando depois os graves prejuizos que d'esse facto advinham para a disciplina, para a instrução e para o brio e prestigio militares, mandou anular essa circular.

Mas, ao que parece, não se cumpriu essa ordem, pois que em artilharia 3, em Santarem, os recrutas incorporados ha oito semanas ainda fazem todo o serviço militar á paisana.

Tal facto é atentatorio de todo o prestigio que deve cercar o exercito. Com efeito, apresentar soldados armados, trajando á paizana de variadas fórmas, uns calçados e outros descalços, não faz sentido, acrescendo ainda que é uma violencia obrigar os recrutas a estragar calçado e fato na instrução.

Porque se não cumpre a ordem do sr. ministro da guerra?

POLITICA

O caso de Santo Tirso—Documentos «em branco»... no «Livro Branco»—Altos Comissarios—Vamos ter novas eleições camararias disputadas «á outrance»

Hontem, na Camara, o deputado sr. Malheiro Raymão insurgiu-se contra o castigo de cinco dias de prisão disciplinar ao tenente de engenharia Miguel Bacelar Duarte, por ter no seu quarto particular do Quartel de Santo Thyrso, recebido, em domingo de Paschoa, a visita paschal.

Secundando as palavras e de protestos do sr. Malheiro Raymão manifestaram-se, além d'outros deputados, os srs. João Bacelar, Massapina e Mesquita de Carvalho. Só o sr. Brito Camacho — este sr. Camacho! — se collocou ao lado do sr. ministro para apoiar o castigo aplicado ao tenente Bacelar.

Ora vamos lá, serenamente, que não vale a pena zangar.

Em domingo de Paschoa realisa-se na villa de Santo Thyrso a visita paschal, mas realisa-se com tal imponencia, tal carinho, que não ha parte alguma de Portugal onde se faça semelhante ceremonia pelo menos com egual affectuosidade e generalidade. Toda a gente toma parte na festa. Não ha amigos, não ha inimigos, abrem-se todas as portas, toda a gente se visita e a maior fraternidade reina esse dia nas margens floridas do Ave encantador. Mas ha mais. Ao lado do padre, n'esta deliciosa festa da visita paschal, n'esse encontram-se alguns autoridades da Republica, e foi, segundo as nossas informações, acompanhado pelo administrador do Concelho e pelo presidente da Camara, ambos velhos republicanos, ambos dedicados republicanos, que a visita se fez ao *quarto particular* do tenente Bacelar Duarte, filhote de Santo Thyrso, e para quem o não receber a visita paschal representava, além d'um acto de pura descortesia, uma offensa ás autoridades republicanas que acompanhavam o padre como a sancionar, e muito bem, com a sua presença, um auto de pura tradição local.

E aqui está o motivo porque o tenente Miguel Bacelar Duarte foi castigado com cinco dias de prisão disciplinar — coisa — que só agradou hontem na Camara ao sr. Brito Camacho. Ao sr. Camacho, vêem bem?!

Temos quasi a certeza de que o sr. Coronel João Aguas ao saber o que se passou em Santo Thyrso, e como se passou, vae mandar trancar immediatamente o tão estupido, disparatado e incongruente castigo do tenente Bacellar...

* * *

O *Livro Branco* sahiu. Com difficuldade, mas sahiu. Parecia que um documento d'esta natureza devia conter todos os documentos. Todos. Pois assim não foi. Ha-os lá truncados. Ha-os como o *memoradum* de dez de outubro só em portuguez, o que se não comprehende, visto que até nós tivemos, deante dos nossos olhos, o original inglês. E não é admissivel que, documentos de tal importancia, se publiquem em traducção! Nunca se procedeu assim, a não ser no nosso *Livro Branco*. Depois é irrisorio que a maioria da documentação que diz respeito ao Ministerio da Guerra tenha desapparecido ou pelo menos lá não figure. E' realmente preciso que uma legião de *majores* Evangelistas tenha transitado por aquelle Ministerio para que tal se podesse ter executado!

Mas o melhor é que já se affirma ter havido um que existe em Paris, editado e prompto, á custa do sr. Dr. Cunha e Costa um outro *Livro Branco* com uma parte dos documentos que não figuram na publicação official! Como se comprehende semelhante desrespeito—delicioso euphemismo! — pelos direitos do Estado a documentos que só ao Estado pertencem? Quem roubou esses documentos?

E' extraordinario e extranho que nós, para termos conhecimento da documentação que devia fazer parte do *Livro Branco*, a tenhamos que a andar a rebuscar nos jornaes desafectos ao regimen, nos inimigos da Republica que a possuem surripiada dos ministerios, em toda a parte enfim, incluindo é claro as paginas desfalcadas da publicação official!

E' extranho, é exquisito, e é immoral...

* * *

Os Altos Comissarios vão dar que falar. Na proxima semana o caso, ao que se afirma, vae ser tratado na camara, e segundo as nossas melhores informações o sr. dr. Alvaro de Castro vae-se atirar ao governo como Santhiago aos Mouros.

Não comprehendemos bem a culpa do governo n'este caso, tanto mais que se o assumpto não foi já resolvido, a culpa temn'a o Parlamento, não o discutindo e votando.

Se bem que o caso dos Altos Comissarios, como o caso dos officiaes milicianos, são assuntos serios demais para serem tratados por este parlamento, que só com pequenas coisas se preocupa.

* * *

Como se sabe, deu-se entre a minoria socialista e a Camara um conflito por causa da questão dos electricos. Ora ao que nos disse hontem um deputado da minoria socialista, todos os vereadores socialistas resolveram abandonar os seus logares, de maneira que a saida da minoria camararia impõe a obrigação de novas eleições que devem realisar-se no praso da lei, e que vão ser disputadas *outrance* pelas forças operarias coligadas —sindicalistas e socialistas—que estão na maior esperança de obterem sobre as forças politicas da Republica uma esmagadora maioria. Como porém o Partido democratico pensa concorrer a estas eleições com uma Camara de *elite*, igual á de 1910, tudo leva a crêr que a esto partido caiba a victoria nas projectadas eleições que a carrapata dos electricos fez desabar sobre a actual vereação.

O concurso para agentes de policia

Foi aberto concurso para agentes de policia, sendo ao que nos consta, elevado o numero de requerimentos; mais de 100, que deram já entrada na policia de investigação.

Está bem, mas ha um pequeno reparo a fazer. Os agentes já nomeados definitivamente e que teem dois anos de serviço, alguns d'eles com merecidos louvores, são obrigados a ir a esse concurso. O facto produziu entre eles grande descontentamento e, ainda ao que nos consta, estão na disposição de não concorrerem, o mesmo é que dizer que deixarão de prestar serviço homens já com conhecimento do *métier* e para quem os criminosos não são desconhecidos, ao passo que entrará gente nova.

Não haverá meio de conciliar as coisas, dispensando de provas os que tenham revelado as qualidades necessarias para o desempenho da sua missão?

Os acontecimentos da rua Augusta

A Festa no Eden-Teatro

Deve revestir excepcional brilhantismo a «matinée» de domingo, no Eden, a favor das vitimes mais necessitadas do atentado da rua Augusta.

A récita assistirão o sr. Presidente da Republica e entidades oficiais, havendo concerto pelas duas bandas, republicana, da armada e da guarda republicana, sób a regencia do maestro Fão, poesias, alusivas á festa, um acto de variedades, indo á scena, tambem, o 1.° acto da revista NEGOCIO da CHINA.

O espectaculo é promovido por uma comissão de sargentos da armada, exercito, guarda republicana, guarda fiscal e grupo de civis, sendo as despezas teatrais pagas pelo gerente da Empreza Teatral Limitada, sr. Luis Galhardo, revertendo a receita bruta a favor dos beneficiados.

Concurso Literario da „Capital"

Convocação

E' convocado o juri do concurso de peças teatrais a reunir ámanhã, sexta feira, pelas 17 horas, na redacção da *Capital* para classificação final das peças teatrais entregues para o referido concurso.

N. B.—O juri é constituido pelos srs.:

Dr. Julio Dantas
Eduardo Schwalbach
Bento Mantua
Eduardo Brazão
Alvaro Lima (pela «Capital»)

Convocação

E' convocado o juri do concurso de romances a reunir ámanhã, sexta feira, pelas 17 horas, na redacção da «Capital», para classificação final dos originais entregues para o referido concurso.

N. B.—O juri é constituido pelos srs.:

Sousa Costa
Aquilino Ribeiro
Mario d'Almeida
José Ferreira
Armando Ferreira (pela «Capital»)

Pobres d' „A Capital"

A quantia de $50, deixada hoje na nossa redacção por um anonimo, foi entregue a Maria Rosalia, de travessa da Bela Vista, 20, rez do chão. Em nome da contemplada, os nossos agradecimentos.

OS SPORTS

Foi posto hoje á venda

O bi-semanario «Os Sports» foi posto hoje á venda inserindo uma larga reportagem de todo o paiz, além de artigos technicos dos principaes jornalistas da especialidade.

ARTE E ARTISTAS

As caricaturas de Jorge Barradas—Aguarelas de João Marques—a 17.ª das Belas Artes

Prorogou—e fez bem—por mais um punhado de dias a sua exposição o caricaturista Jorge Barradas.

Suspensos quando da sua *venissage*, apraz-nos comunicar ainda que a exposição no salão automovel continua aberta e a romagem por deante dos seus cartões ininterrupta. Barradas tem uma tecnica muito original, muito interessante que, só por si, bastaria para o tornar um consagrado em qualquer paiz de grande intensidade e desenvolvimento artistico. O seu traço não define linhas nem contornos, não dá a rigidez angulosa e fria das saliencias bruscas; é um arame fino, contorcido, elegante, que origina as sombras, os efeitos, as expressões as mais comicas, as mais deformadas, e sendo leve se cuaduna magnificamente á *verve* fina e mordaz das legendas que Barradas, espirito ironico da nossa pequena «Toute Lisbonne» coloca sob os seus desenhos.

A exposição teve um exito. Alem dos trabalhos que no *Riso da Vitoria* causticaram os nossos males, uma galeria, repassada do sentimento pôrco das nossas Sevéras—flagrantes de posições classicas—a coleção interessantissima de *Gente de Teatros*, de que se destacam as coristas naquele *couplet*, «gentis, donairosas nós *semos*...» seus trechos movimentados das ruas tortuosas e mal calçadas da nossa Lisboa, estudos, casas, modelos, blagues, alegria e arte incontestavel, novidade e valor.

*

Na Bobone, a 2.ª exposição de quadros do João Marques. São 36 trabalhos do discipulo de Batistini. Alguns destacam-se, principalmente muitos efeitos do mar que tem movimento, espadanar de aguas, luz. Nas paisagens ha sol, ha verdade, recomendando-se pelos efeitos, o 28 Depois das chuvas, 24 Entrada para a herdade, 16 moinho no rio Ul, uns trechos do Tejo e algns trabalhos frios, marelados, com uma impressão de oleografia que, comtudo, são dissipados pelas boas qualidades artisticas que dos outros se depreende.

Lamentavel e pobre é a 17.ª das Belas Artes, a anual... o nosso *Salon*. Não pela quantidade, porque o jury foi duma benevolencia atentatoria da bôa arte e admitiu a torto e a direito, mas pela qualidade e raridade de verdadeiras obras de valia.

Pode dizer-se que, em materia de pintura, o todo é constituido por trabalhos de muitas senhoras e muitos jóvens que expõem fructas, flores, paisagens rudimentares, estudos, o esboços, onde se destaca a meia duzia de obras dos mestres. E são elas as telas de João Vaz, um retrato de Columbano e duas minusculas naturezas, outra de Malhôa, uma ou outra nota de Alves Cardoso, 3 bôas telas de Carlos Reis, saliencia e destaque de João Reis, retratos de Constantino Fernandes, a nota regional costumada de Falcão Trigoso, a tecnica interessante de Emmerico Nunes, umas telas de Velozo Salgado que circundam um grande trabalho sem grande valor expressivo, e retratos, muitos retratos, de senhores e senhoras, por senhores e senhoras que melhor nos inspiram mas que podiam perfeitamente dar logar a outros e a outras. A visita é apressada, como apressada parece ter sido a preparação para a recente exposição. Deve ressentir-se da abundancia de exposições individuaes que nestes ultimos mezes se têm sucedido ininterruptamente.

Na escultura consola-se mais a vista. *Prometheu*, de Francisco Santos, é uma obra vigorosa, com relampejos de inspiração perfeita; dizem que lembra Rodrin—eu só o conheço de fotografia—mas creio que sim. Mesmo que não lembre, é belo e faz pensar.

E ainda, *a vaga* de Vaz Junior, uns marmores de Simões d'Almeida, *Lia*, *Estudo*, *a Abandonada* de Costa Motta... Não se pode dizer que seja muito valor superior ao da pintura. Não deve ser farta a colheita, nem o 6 °/₀ deve render muito.

E passêmos adeante... a 17.ª... mais vale a 40.ª indiviual deste ano...

A. F.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

As tarifas dos electricos

Depois duma conferencia realisada ontem na presidencia do ministerio entre delegados da Camara Municipal e da Companhia Carris, ficou resolvido anular as deliberações que tinham sido tomadas a proposito do aumento de tarifas dos electricos. Foi a melhor solução a que podiam chegar os conferentes. Dada a ilegalidade do funcionamento da sessão em que essa questão foi votada de afogadilho, dando lugar a que se levantassem os maiores reparos por parte da massa popular, não havia outro caminho a seguir, a menos que se não quizesse evitar que se pudesse dizer que se usava de favoritismos para com uma companhia em detrimento dos interesses dos municipes. Os avisos convocatorios da sessão, com efeito, não faziam alusão nenhuma especificada, como deviam, ao assunto que foi submetido, já manhã alta, ao sufragio dos srs. vereadores, irregularidade esta que, segundo nos informaram, se agravou ainda com o facto da discussão ter sido abafada por um requerimento dando a materia discutida com prejuiso de cinco oradores que estavam inscritos para fazer uso da palavra.

Não podia desta sorte executar-se um voto de tão transcendente importancia como aquele de que se trata, por isso que, alem de ser ilegal, podia ser considerado o resultado duma habilidade que não prestigiava nada a edilidade do primeiro municipio do país.

Entendo-se ser preciso modificar o contracto existente entre a Camara Municipal e a Companhia Carris? Está bem. Mas no menos que na discussão e aprovação do respectivo projecto se observem os preceitos legais e se respeitem as opiniões de quem quizer emiti-las sobre um assunto de tamanha magnitude.

C. da C.

CONGRESSO

Nos Deputados

A's quinze horas a unica nota alegre na Camara era o cravo berrante que enfeitava a *botonière* do sr. Jayme Coelho, como que entoando um hymno alegre de triumpho na mazombice colectiva da sala. Trinta deputados apenas! Todos os dias o mesmo. Como se comprehende que seja esta mesma Camara que insiste em que as sessões nocturnas, e que se não dá ao trabalho de comparecer, ás horas regimentaes, nas diurnas?

E assim se vae perdendo tempo n'um inglorio esforço do maximo desprestigio parlamentar!...

A's 15,15 e depois de repetidos protestos dos srs. Ladislau Batalha e Joaquim Brandão e que a presidencia faz ouvidos de mercador, o sr. Brito Camacho, visivelmente incommodado, pede a palavra para invocar o Regimento:

—Invoco o artigo 23. Já estou farto de brincadeiras.

E como o sr. Balthazar Teixeira leve muito tempo a encontrar o artigo 23, n'um acintoso proposito de desrespeito parlamentar, o sr. Camacho elucida:

—Vem na pagina 12.

Então o sr. Carvalho Mourão manda proceder á 2.ª chamada que o sr. Balthazar Teixeira faz o mais devagar que póde. E assim, com o sr. Sá Pereira a responder por si e pelos outros e com todas as paragens que o sr. Teixeira foi fazendo no longo transcurso da chamada, lá se conseguiram 59 deputados que a mesa, certamente por equivoco, transformou em 60.

Tudo expedientes improprios d'um Parlamento da Republica que tivesse na hora grave da Patria as responsabilidades da sua altissima missão.

*

Perto das 16 horas a sessão principia, e principia logo por um incidente entre o sr. Sá Cardoso e o sr. Abilio Marçal por aquelle ter enviado para as commissões as propostas que tratavam das sessões nocturnas. E'n'um dize tu, direi eu, entre os dois, se passa o tempo e nós temos que fechar este extracto sem nada util.

Absolutamente nada! Que tristissima coisa!...

No Senado

Não correram melhores as coisas na segunda casa do Congresso. O sr. coronel Correia Barreto abre a sessão, para a qual não ha ordem do dia marcada nem por marcar. Feita a chamada e lido o expediente, o sr. Correia Barreto abre a inscripção para antes da ordem. Silencio. Insta por essa inscripção. Mais silencio. E então se então uma longa meia hora em que ninguem pede a palavra, limitando-se os senhores senadores a simples trocas em surdina. O sr. Correia Barreto vae perdendo a sua serenidade. E como pergunte novamente se ninguem pede a palavra, então o sr. Travassos Valdez, com um sorriso significativo de quem encontra uma formula para matar, pede a palavra para discutir... o discurso hontem proferido pelo sr. Jacinto Nunes!

E lá continua falando á hora de fecharmos estas notas, quatro da tarde.

Fernando Farinha

O seu falecimento

Após prolongado sofrimento, faleceu, tendo sido hoje sepultado, o sr. Fernando Farinha, um dos nossos esgrimistas mais distintos e que ainda em junho findo demonstrara o seu alto valor nos jogos inter-aliados realisados em Paris, obtendo uma das melhores classificações.

Fernando Farinha, que foi nosso colega e era nosso dedicado amigo assim como de *Os Sports*, regressara ha pouco de Touboux, onde estava estudando.

Em plena mocidade, quando se lhe anteolhava um ridente futuro, a morte implacavel ceifou-o no convivio da familia e dos amigos, que o estremeciam.

O funeral foi muito concorrido, tendo-se n'ele feito representar a redação d'*A Capital* e de *Os Sports*.

A' familia enlutada apresentamos a expressão dos nossos mais sinceros pesames.

A QUESTÃO DO AZEITE

Porque não se ha de derrogar o ultimo decreto?

E dar-se-ia assim satisfação aos clamores que de todos os lados se levantam

Já o dissemos hontem: o ultimo decreto sobre azeites tem demonstrado na pratica que não satisfez de modo algum o fim que o titular da pasta da agricultura teve em vista ao publicá-lo.

Nem o publico, o grande consumidor, lucrou com ele, visto que não tem onde comprar azeite, nem as providencias adoptadas satisfizeram os grandes negociantes, os armazenistas, que se viram ameaçados de perder d'um momento a outro centenas, milhares mesmo de contos, visto que tendo feito grandes *stocks* d'esse produto foram obrigados a vendel-o por preço inferior áquele por que o tinham comprado.

Somos os primeiros a condenar os grandes açambarcadores e entendemos que não póde, nem deve permitir-se que o publico seja lesado para beneficiar os que exploram com as necessidades do povo. Já por mais d'uma vez o temos demonstrado, clamando desassombradamente contra tudo o que se pareça com açambarcamentos ou monopolios.

Mas, por isso mesmo que assim procedemos, neste caso do azeite não podemos ficar silenciosos, porque não ha, nem havia razão para se tomar a medida decretada em março findo. Não se trata dum monopolio, como porventura a alguns se poderá afigurar, desde que não tenham seguido a questão de principio.

Em fevereiro, o governo que então estava no poder, sob a presidencia do sr. dr. Domingos Pereira, publicou um decreto em que se regulava a compra e venda do azeite. Estabelecia-se o preço por que o produtor o devia vender, assim como os de venda do armazenista ao retalhista e d'este ao publico.

Promulgado esse decreto, tornado, portanto, lei do paiz, os negociantes por grosso tratam de fazer as suas provisões, sem lhes passar sequer pela mente que d'ai a um mez — um mez simplesmente — se iam vêr a braços com uma tremenda crise, visto que seriam forçados a perder centenas de contos. Mas foi o que sucedeu. Porque o produto teve uma baixa consideravel, como sucede com os negocios, em que ha altas e baixas?

Não. Se assim fosse, eles não poderiam queixar-se. Era o risco de todo o negocio e quem em negocios se mete está sujeito a taes contingencias.

No caso dos azeites, tal se não dava nem deu, porém. Nunca a ninguem se podia afigurar que uma lei do paiz pudesse ser modificada com um tão pequeno intervalo e que, sem ter em conta interesses legitimos, justamente legitimos, porque á sombra d'essa lei haviam sido creados, se fizesse taboa raza do que um mez antes havia sido estatuido.

Ha vontade de trabalhar, de progredir no nosso paiz, porque, diga-se o que se disser, o emprego de grandes capitaes em qualquer ramo de comercio ou da industria representa sempre um empreendimento de que advem um beneficio. O dinheiro mexe-se, espalha-se, distribue-se e com isso lucram os que o teem, mas egualmente lucram os intermediarios.

Como se ha de porém qualquer arriscar a um emprehendimento que demande largo emprego de capital, se d'aqui em deante tem em prespectiva o poder vêr-se condenado a perdel-o, pois que nem a propria lei deixou de ser instavel?

Tal o caso do azeite. Em fevereiro, um decreto. Em março, porque a situação politica mudou, porque ao ministro da agricultura de então sucedeu outro, o actual, um decreto revoga d'uma penada o que fôra estabelecido, sem contemplações de especie alguma.

Não, não pode ser. O sr. ministro da agricultura, ponderado e criterioso como é, deve ter comprehendido já que a sua medida foi contraproducente, que foi mesmo uma violencia contra quem, á sombra da lei, não teve duvida em empregar centenas, milhares de contos n'um negocio que lhe afigurava licito, visto que a propria lei lhe permitia um licito lucro.

Porque hão de esses homens ser obrigados a vender mais barato o que compraram por um preço superior, fixado por lei?

Por mais razões que se procure invocar, nada ha que justifique a medida tomada. Especulou-se com o preço do azeite, para fazer a alta, para o vender mais caro ao publico? Não. O preço foi o marcado por lei. Portanto, não houve especulação. Como se quer, pois, obrigar a vendel-o por um preço inferior áquele por que foi adquirido?

Porque não ha de o sr. ministro da agricultura derogar o decreto que publicou n'uma hora, que não foi de mais felizes que tem tido? Assim como no questão do leite se tem reconsiderado, assim como se tem reconsiderado na questão das carnes, porque não ha de suceder o mesmo na dos azeites?

O reconsiderar, o emendar um erro, não fica mal a ninguem, nem mesmo a um ministro. Bem ao contrario. Lembre-se o sr. ministro da agricultura de que a sua medida não atingiu só negociantes nacionaes, mas tambem alguns estrangeiros. Que se dirá nos paizes d'esses negociantes quando se souber que em Portugal as leis são instaveis, mudam d'um mez para outro?

Vencimentos de oficiais reformados

Uma numerosa comissão, em que estavam representadas todas as patentes, armas e serviços do exercito e da armada, procurou os parlamentares srs. Galhardo, Mendes dos Reis, Dr. Jacinto Nunes, Travassos Valdes e Viriato da Fonseca, afim de lhes expôr a precária situação em que vivem, havendo oficiais que recebem 40, 50 e 60 escudos, quando os serventes dos ministerios e outros empregados menores auferem muito mais e ainda ultimamente lhe foram concedidos mais 40 escudos mensais a titulo de «Ajuda de custo de vid».

Os senadores e deputados citados mostraram-se admirados de que oficiais cheios de serviços tantos com largos anos de permanencia nas colónias e tendo sempre mantiveram com lustre o nome de Portugal, chegassem a uma situação economica tão precária, e que, na verdade, exige pronto remédio.

A sua boa vontade e influencia, prometeram, seria posta em actividade para que justiça seja feita o mais rapidamente possivel.

A comissão retirou penhorada pela fórma como foi ouvida e esperançada em que alcançará que as suas pensões de reforma sejam postas de acôrdo com as atuais tarifas, aliás decretadas com o justo fim de contrabalançar o enorme custo da vida.

O «Livro Branco»

Recebemos hontem á tarde um exemplar do *Livro Branco*, que como se sabe contem alguns dos documentos que dizem respeito á entrada de Portugal na guerra.

A repressão do jogo

Informa-nos o chefe de policia sr. Xavier que o seu pessoal nunca fez parte da brigada que vigiava as casas de jogo, nada tendo, por isso, com o que os jornaes da manhã relatam com respeito a agentes que se deixam subornar.

O CONCELHO DE LOURES

Um projecto para o seu resurgimento

Em *planchette*, com belas ilustrações, acaba de ser publicado este livro, que interessa fundamente o concelho de Loures.

O projecto foi já aprovado na camara dos deputados e para demonstrar a sua importancia bastava citar algumas das bases do programa de resurgimento. São elas: a resolução do problema hidrografico; o saneamento dos terrenos; a navegação e trafego fluvial; o problema hidraulico, irrigação; aquisição de maquinas agricolas, a instrução e a assistencia publicas; montagem de serviços de utilidade publica; construção de escolas, etc., etc.

A vereação de Loures, animada do desejo de progredir, de conseguir os melhoramentos indispensaveis ao concelho, não pensou em recorrer á capacidade tributaria, como a muitos se poderia afigurar. Pensou—e muito bem—em desenvolver a exploração das riquezas naturaes do concelho, sem sacrificio e fazer integrar a sua municipalidade na posse d'elas, hoje no usofructo exclusivo dos proprietarios.

A iniciativa da vereação de Loures merece os maiores louvores e oxalá que o seu exemplo fosse seguido, porque só conseguiremos assim um bem geral para todo o paiz.

No momento presente, mais que em qualquer outro, a iniciativa das colectividades municipais pódo e deve concorrer para o nosso resurgimento, auxiliando a acção do Estado que não póde chegar para tudo.

Theatros e Cinemas

Colyseu dos Recreios

PURITANOS

Bellini, o grande genio melodico italiano, atinge nos Puritanos, bem como na Norma, um grau de elevação tal que nem os proprios compatriotas conseguiram egualar e ainda menos os alemães, francezes ou russos, que deram mil voltas á fantasia para o imitarem; tentativas gloriosas existem, certamente, em Wagner o imortal genio germanico, mas a raça é a raça e a musica reflete-a sempre; a alma latina, singela, amorosa, fluente de inspiração, quando tem o condão de possuir o estro, o fogo sagrado, domina, subjuga, impõe-se revelando caudaes valiosos de preciosas paginas melodicas pelas quaes, os proprios reis da technica, da polyphonia, os contrapontistas mais famosos, mais ousados, dariam annos de vida por escrevel-as.

Na arte ha coisas que nenhum mestre pode ensinar; infundir alma, fogo, sentimento, inspiração.

Com as melodias derramadas, por Bellini, nas suas duas operas Norma e Puritanos, um genio, como o de Wagner, comporia vinte obras primas. Nós, que conhecemos a fundo Wagner e o adoramos, sabemos reconhecer que este pertence, nas suas sublimes manifestações musicaes, a outra raça bem diversa da latina. O nosso culto abrange as duas escolas sem as confundir.

Já tivemos alguns ocasião de dizer que o tenor Borgioli é dos raros que pode, hoje, afoitar-se a cantar esta Opera. A extensão da sua voz, a facilidade com que ataca as notas sobre agudas, a bela escola de canto, a maviosidade de certas passagens e a energia e vigor imprimidas n'outras, fazem do eximio tenor um interprete ideal dos Puritanos. Logo na aria sa tô cara» a sua arte se impõe e domina o auditorio. No ultimo acto Borgioli é incomparavel pelo mimo e vigor que lhe imprime. Ovações interminaveis coroaram o seu belo trabalho.

Veste Borgioli de modo a apresentar-nos um verdadeiro «Rembrant» tanto a sua figura nos dá a impressão d'um quadro; a sua dicção é do um grande artista e na sua alma vibram todas as gammas do sentimento que arrastam ao enthusiasmo.

A soprano Surinach (Elvira) brilhou, n'esta parte, mais consideravelmente que na Traviata, apezar d'esta apresentar tambem dificuldades scenicas; não são estas comparaveis ás da opera de Verdi que requer vigor dramatico vocal nos tres ultimos actos e grande dominio scenico; a sua voz é ainda debil para sobresahir n'uma sala, como o Colyseu, mas com os annos e estudo aturado de execução conseguirá robustecel-a; possue um timbre delicioso e canta com gosto. Compartilhou largamente dos aplausos com o celebre Borgioli.

A voz do baixo Doneggio agradou-nos em cheio; timbre aveludado, redondo, egual em todos os registos, maleavel e educada n'uma escola perfeita, adapta-se maravilhosamente á musica de Bellini, dando-lhe o relevo e estylo indispensaveis. Grandes aplausos coroaram o seu trabalho.

Discreto o baritono Benvenuto que, n'estas Operas luta com a aspereza dos seus meios vocaes pouco idoneos ás suaves melodias.

Coros como sempre.

A Orchestra cuidada nos minimos detalhes revelando todas as nuances e a grande alma de artista do Gaincomo Armani.

Maria Judice.

Medalhões

João Calazans

Muitas vezes temos dito que esta galeria não é para os *estrelos* e *estrelas*. Os pequenos, os mais modestos desde que pela divina arte de Thalma tenham amôr e dedicação aqui teem a nossa saudação. Calazans é mais do que um pequeno, do que um modesto; E' um estudioso, um trabalhador.

Mas não só por esse aspecto merece a nossa homenagem na data da sua festa artistica. Calazans é, no meio teatral, uma dessas vontades associativas que esbarram contra a indiferença e intriga habitais. Ama e dedica-se pela sua profissão, pela sua classe. E' um trabalhador do dia de hoje, um esforçado que peleja pelo direito de todos os que são seus camaradas de vida e de arte. Louvor, incitamento, estima, deve pois merecer, tambem, por esta outra modalidade do seu caracter e da sua lealdade.

Nota do dia

Realisa-se hoje uma encantadora *matinée* sob todos os pontos de vista simpatica. Festa para crianças, de crianças, de ricos para pobres, ligando so mesmo tempo a ideia da caridade e a ideia da beleza na sua expressão mais interessante — a beleza do sorriso da criança — foi impulsionada por corações bons e levada a efeito com uma filantropia, não despida de ostensionismo que comove de sincera e sublime.

Era para a obra das *Florinhas da Rua*... e representava no palco tantas vezes maculado do nosso teatro Nacional, um original *O principe Encantado*...

Tudo pela melhor e mais louvavel missão da humanidade. Não é porém, só esta, a nota de caridade aliada a espectaculo teatral que presentemente se realisa. duas tres, quatro, não sei bem quantas récitas de caridade veem anunciadas nos jornais, nuns semi-anuncios que se destinam áquelles que concorrem com a sua farta bolsa a tão belos e caros divertimentos. Ha zarzuelas hespanholas por senhores da sociedade, operetas nacionais, descantes e canções, espectaculos completos para os quais se disputa um lugar como qualquer mortal disputa um pouco de manteiga ou azeite, e que apezar de não anunciados, não abertos á onda democratica do publico do *guichet*, rendem sempre uma meia duzia lauta de milhares de escudos...

E' uma nota interessante que outros apreciarão sob varios aspectos, criticando as improvisadas artistas, as vocações, até mesmo a forma elegante e divertida de fazer a caridade; pela nossa parte, qualquer que seja o espectaculo, qualquer que seja a gente que nele entre, registamos e apreciamos estas festas pela parte boa que do si resulta, e por elas tudo mais nos esquece. «On ne fait son bonheur qu'en s'occupant de celui des autres». Dizia B. Saint Pierre.

E, aqui, é o caso. Mesmo que não dêem por isso.

Armando Ferreira.

Portugal

E' no dia 3 de junho que começa a temporada de verão no teatro Politeama, com peça *As cobardias*.

A direcção artistica é do distinto actor Alves da Cunha e do elenco fazem parte a eminente actriz Virginia e a gentilissima actriz Viana da Mota.

Tem agrado muito a revista «Grande Bicha» em scena no teatro Salão dos Anjos, onde todas as noites se repete com grandes enchentes.

Uma prisão arbitraria

Ao que nos informam, os chauffeurs de Lisboa e Porto vão reunir para pedirem que seja posto em liberdade o seu colega Manoel Lopes Cardoso Claro, que ha 16 mezes se encontra preso nas cadeias da Relação do Porto, pelos factos narrados no livro *Doida, não!* ultimamente publicado.

Não se compreende na realidade que, não estando provado um crime, se conserve alguem por tanto tempo privado da liberdade.

Ao sr. ministro da justiça recomendamos o assunto.

Vida Sportiva

Uma nova revista de Educação Fisica

Foi posta á venda o mez passado uma nova revista de Educação Fisica dirigida pelo nosso camarada José Luiz Ribeiro.

A nova revista é a unica no genero em Portugal, com colaboração dos principaes medicos, alem de inserir interessantes cronicos de sport. Impressa em optimo papel, o seu aspecto é esplendido. Ao nosso colega desejamos longa vida.

Concurso hipico internacional

As grandes provas organisadas brilhantemente pela *Sociedade Hipica Portugueza*, começam no dia 29 do corrente, sendo os premios na importancia de 7.000 escudos. Estão já inscriptos concorrentes hespanhóis, bem como numerosos portuguezes, o que é garantia do enthusiasmo que animará o concurso hipico deste anno, que effectivamente reune elementos de extraordinario valor.

Na séde da Sociedade, rua Ivens, estão abertas as assignaturas dos camarotes e tribunas, tendo preferencia os assignantes do anno passado.

Noticiario

No proximo domingo realisa-se no Stand Alvalade, pelas 15 horas nova sessão de tiro ás tijelinhas. No domingo ultimo efectuou-se uma sessão cujo resultado foi o seguinte:

Houve duas poules de tiro aos pombos, sendo a primeira dividida ao quinto pombo entre os srs. Paulo Gomes Neto e João de Gouveia. A segunda poule foi ganha com sete pombos p. lo sr. dr. Alberto Madureira.

Em seguida disputaram-se varias poules de tiro ás tijelinhas (clay birds), sendo a primeira poule ganha pelo sr. Carlos Pinto Basto; a segunda foi ganha pelo sr. dr. Alberto Madureira, que ficou em barrage com o sr. Antonio Oliva, e a terceira foi igualmente ganha pelo sr. Alberto Madureira com um bom doublé «Coup de Roi».

—O jornal «Os Sports» que é hoje entre nós o jornal da especialidade de maior circulação em todo o paiz insere a seguinte colaboração no numero que foi posto ha venda hoje:

Artigo do capitão sr. Julio d'Oliveira sobre o hipismo em Anvers; Resenha do desafio de foot-ball realisado no domingo entre o Sporting e Bemfica; entrevista com o Boxeur Dempsy, noticiario diverso alem de todas as secções habituaes e pagina theatral. Este numero apresenta-se illustrado com fotografias de grande atualidade.

—Sabe-se já que ao Concurso Hipico Internacional d'este ano que se inaugura no dia 29 desto mez concorrem os seguintes cavaleiros hespanhoes: Capitão Jurado, capitão Lopez Y Borbon e tenente de la Brosa.

—Continuam a registar-se grande numero de adhesões para a organisação do novo club de sport composto com elementos da Casa Pia.

—O Campeonato de Foot-Ball de 3.ª categoria desta epocha foi ganho pela União Foot Ball Club.

—No dia 22 disputa-se no G. C. P. o torneio de esgrima de espada da «taça Carlos Grelhas».

Quem alvitra? Quem reclama?

Reformado com menos do que lhe pertence

Veiu queixar-se-nos um guarda da policia civica de que foi reformado com $50, quando ao abrigo do artigo 4.º do decreto 5787 devia receber 1$50.

Reclamou pelas vias competentes, mas não foi atendido, apesar de evocar tambem o artigo 1.º do decreto 6543.

Se, com efeito, os factos assim se passaram, para o caso chamamos a atenção do sr. comissario geral da policia.

Abusos nos serviços de incendios

Queixam-se-nos de que alguns vereadores da Camara Municipal de Lisboa, com menospreso pelos serviços de segurança que estão confiados ao corpo de bombeiros municipais, serviços mantidos á custa dos municipes e das companhias de seguros, que pagam anualmente cêrca de duzentos contos para que essa corporação seja aquilo a que tem direito uma cidade como Lisboa, se servem constantemente dos automoveis e trens dessa corporação para seu serviço particular.

Além de serem poucos esses automoveis e trens, até altas horas da noite estão eles á disposição de quem abusivamente os utilisa como se fossem propriedade sua.

Para quem de direito se apela, porque não só esse facto pode acarretar graves prejuizos, como é ainda um factor de indisciplina.

Poeira da Arcada

Vai ser montado um posto radio-grafico em Timor.

Devem ser brevemente iniciados os trabalhos para construção do prolongamento do caminho de ferro de Benguela.

Foi aberto concurso por 30 dias para a concessão de pensões de estudo no estrangeiro aos professores do magisterio secundorio oficial.

Noticias da Capital

O crime de um louco

Sob a presidencia do Juiz auxiliar de Alfeu da Cruz e peritos drs. Geraldim Brites e Teixeira Marques efectuou-se hoje na Morgue a autópsia judicial do menor de 7 anos José Antunes Gavado, que ontem foi assasinado no Casal das Calhandras Pequenas, próximo de Bucelas, por seu tio Manoel Lopes Baixinho Junior.

Mais um atropelado

Na enfermaria de S. Francisco do hospital do S. José deu entrada Romão Antonio Esteves, de 51 anos, caixeiro e residente na Travessa de Sant'Ana, 28, que na rua Augusta foi atropelado por um automóvel, ficando com a perna esquerda fracturada.

Proezas da gatunagem

Torquato dos Santos, da rua Sousa Martins, 6-1.º, queixou-se na policia do que lhe furtaram roupas no valor de 90 escudos.

—Foi preso José Dias, descarregador, da Travessa do Terreiro de Santa Catarina, 6, loja, que se tornou suspeito ao guarda 679, quando, no cais da gare, conduzia uma saca com enxofre. Interrogado, confessou ter furtado a saca referida de uma pilha de sacas que se encontrava na rampa do gaz.

—Foi hoje enviada ao Tribunal da Boa-Hora Estefania Augusta, da Calçada Castelo Branco Saraiva, 57, que furtou roupas no valor de 57 escudos a Maria Gonçalves, da rua das Flores, 74, 2.º.

O «Cigarradas» em fóco

Foi preso João Almeida, o «Cigarradas», soldado da companhia de Manutenção Militar, por ser desertor e estar implicado num grande roubo feito há tempos no quartel da Cova da Moura. O «Cigarradas» é o o individuo que em janeiro último denunciou á policia os dois bandidos que se preparavam para ir assassinar duas velhas senhoras numa quinta próximo a Santarem, caso que os jornais largamente relataram.

Um gerente "honesto„

Simula ter perdido um cheque de 37 contos

Ontem á tarde apareceu no Banco Nacional Ultramarino um individuo baixo, bem vestido, com um cheque, para pagar ao portador, das firmas A. Cardoso & Companhia e J. A. Melo Bastos, com escritorio na rua dos Bacalhoeiros, 72-1.º de 37 contos, cheque que se destina a uma firma de conservas em Setubal.

Pouco depois de ter sido pago, apareceu no Banco outro individuo a declarar que havia perdido ê̂sse cheque e pedindo que fosse capturado quem ali se apresentasse a descontal-o.

Comunicado o caso á policia, foi êsse individuo preso por suspeito, apurando-se ser o gerente da referida firma de Setubal que, de combinação com o que o recebera, simulou ter perdido o cheque, para dividirem assim o dinheiro por ambos.

A policia continua nas suas investigações e guarda reserva quanto ao gerente.

Manoel Mantero

Missa do 1.º anniversario

Sua familia manda rezar uma missa por sua alma, na sexta-feira, 21 do corrente, pelas 11 horas, na Egreja de S. Sebastião da Pedreira, e desde já agradecem a todas as pessoas que comparecerem a este religioso acto.

Teatro São Luiz

HOJE—Beneficio do Sanatorio Carlos Vasconcelos Porto para Empregados Tuberculosos dos Caminhos de Ferro do Estado —A opereta

Mercado de Donzelas

Protogonista Cremilda de Oliveira

Quarta-feira, 26.—Festa artistica de CREMILDA DE OLIVEIRA—1.ª representação da celebre opereta holandeza «Moinhos que cantam». Bilhetes á venda.

O rei do Circo

Revelações

O 18.º e ultimo episodio da colossal fita *O rei do Circo*, intitulado *Revelações*, alem de lhe dar um final interessante, que o publico recebe com agrado, serve para que Eddie Polo, o seu notavel protogonista, mais uma vez faça realçar as suas famosas qualidades de comediante.

Repete-se no espectaculo desta noite, reservando a empreza para a *matinée* de amanhã, 6.ª feira, a estreia da fita em 4 partes, *Batalha de Ratinhas*, um verdadeiro mimo no genero, passado entre formosas mulheres, com passagens graciosas, duelos, etc.

A proxima novidade do Salão Central será exibida em breves dias: trata-se do grande *film* em 36 partes *A Luva Vermelha*, assombroso trabalho de Maria Walcamp.

Salão Central

HOJE—Soirée, ás 20.30—HOJE

O rei do Circo

A melhor das series da actualidade, com a interpretação dos celebres artistas EDDIE POLLO e MOLLY MALONE.—Exibição das series 16ª 17ª e 18ª (ultima) que teem por titulo: «UM MATCHE DE BOX-A ULTIMA BATALHA-REVELAÇÕES.» —NO PROGRAMA: «O TRANSEUNTE», drama em 3 partes e «O RELOGIO DA VIUVA», comedia em 2 partes.—BREVEMENTE: «A LUVA VERMELHA», em 18 series 36 partes, por MARIA WALCAMP.

Pelo Telegrafo

Na rêde franceza ferro-viaria do Estado apresentaram-se ao serviço mais 800 empregados. Nas minas de Marles e Anzin houve mais descidas.

A Hungria resolveu assinar o tratado de paz, visto que a Romenia, a Iugo-Slavia e a Tcheco-Slovaquia tinham concluido um acordo para procederem contra ela no caso de se recusar assinal-o.

Em San Miguel de Tagliamento, Italia, houve sangrentas desordens, sendo incendiado o edificio da camara municipal.

Em Barcelona, 110 dos presos da cadeia central começaram a gréve da fome.

O sr. Asquith, n'um discurso que proferiu, advogou a revisão do tratado de Versailles.

O exercito polaco resiste a violentos ataques dos bolchevistas entre o Dwina e o Dnieper.

Uma prisão

Carcavelos, 20.—Por ordem do governo foi aqui preso o sr. D. Vasco Belmonte, que vae seguir para Lisboa.

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realisado Esc. 24:000:000$00
Fundos de reserva 24:000:000$00

Assembleia Geral Ordinaria

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mêsa da Assembléa Geral do Banco Nacional Ultramarino é convocada a mesma Assembléa a reunir-se no edificio do Banco no dia 29 do corrente ás 14 horas para os fins designados no artigo 24 dos estatutos.

Lisboa 18 de Maio de 1920.

O Secretario da Meza da Assembleia Geral
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

Latino-Americana
Annuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 26
Telefone:—2163-C.
BREVEMENTE — RUA DO OURO, 81

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3520—10.º ano — Direção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 21 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Peor que em Marrocos

Todos os dias vêm os jornais cheios de queixas de individuos que se encontram presos ha dois, tres, quinze, vinte e mais mezes, uns sem serem interrogados, outros á espera de julgamento e outros, ainda, ignorando o motivo por que se encontram em tão triste situação.

Além d'essas queixas e não se acredita que em tão pouca conta se tenha a liberdade dos cidadãos e que assim se trate como um misero farrapo de papel a Constituição da Republica que expressamente dispõe que ninguem póde estar preso mais de oito dias sem culpa formada.

N'um paiz em que se toleram casos como os referidos, ninguem póde estar seguro de que não irá, d'um para outro momento, bater com os ossos na cadeia, porque, na verdade, sómos forçados a reconhecer que as garantias individuais são um mito e que todos nós estamos á mercê do arbitrio dos individuos que se enfeitam com o nome e as funções de autoridades.

Não nos importa a qualidade dos individuos atingidos por tão inaudita violencia.

Emquanto não forem pronunciados, são para nós cidadãos como quaisquer outros, no goso dos seus direitos civis e politicos.

A justiça para prender a sua função moralisadora precisa de ser expedita e... justa.

Não ha nada que tanto choque a alma do povo e que n'ele exerça influencia mais nociva do que o arbitrio. O povo é como as crianças, simplista nas suas concepções e nos seus raciocinios. E todos os que educam crianças com a consciencia do que fazem estão fartos de saber que qualquer injustiça de que sejam victimas nas mais pequenas coisas da sua vida infantil, lhes vinca o espirito de forma tão desastrosa para a formação do seu caracter que é pouco todo o cuidado que se tenha em evitar que tal facto se dê.

O mesmo sucede com o povo que não é mais que uma criança muito grande. Se perde o respeito á justiça, está moralmente perdido e pretestos de sobra, para isso, lhe dão os casos a que nos referimos e que os jornais todos os dias relatam, apontando essas desgraçadas victimas do arbitrio o unico meio de tentarem fazer-se ouvir.

Muita gente sorrirá ao lêr estas linhas, pensando que não vale a pena pugnar pela liberdade de cidadãos que decerto foram parar ás cadeias por terem cometido proezas varias. Ainda que assim fosse, não nos arrependiamos do que escrevemos, porque n'esse caso o dever da justiça seria julgar esses individuos e absolvel-os ou condenal-os pela forma prescrita na Lei e não mantel-os indefinidamente em regimen correccional sem julgamento, quer dizer, arbitrariamente, contra as expressas disposições da Lei fundamental da nação. Mas não. Os individuos que são useiros e vezeiros no cometimento de proezas de varia especie, como gatunices, facadas, etc., esses, se alguma vez entram nas cadeias, saem de lá tão depressa, que no espirito de toda a gente fica a duvida sobre quem serão as pessoas honestas, se esses individuos que consideram o alheio como coisa sua, se aqueles que contra vontade alimentam tão *ilustres cidadãos*.

E ahi é que está o mal. Estas observações, que até para as pessoas ilustradas são misteriosas e indecifraveis, têm no povo uma enorme influencia desmoralisadora cujas consequencias se representam em todas as manifestações da vida social.

A justiça é o padrão por onde se afere o grau de civilisação d'um povo. Só os serviços que lhe dizem respeito, correm assim á matroca, o que me ha-de pensar de todos os outros?

NO PORTO

Um grande comicio republicano no Teatro Aguia d'Ouro

O Partido Republicano Popular realiza no proximo domingo na capital do norte um grande comicio de propaganda republicana no Teatro Aguia d'Ouro.

Usarão da palavra os brilhantes oradores srs. Julio Martins, Vasco de Vasconcelos, capitão Cunha Leal, drs. Orlando Marçal, Manuel José da Silva, Afonso de Macedo e Carvalho dos Santos.

Tribunal Militar Especial

Respondeu ontem o tenente d'administração militar sr. Manuel dos Reis, que durante o periodo da insurreição monarquica no Norte foi administrador do concelho da Povoa de Varzim.

Era acusado de ter organisado e armado um grupo civil, fazer com que duas bandas de musica que tomavam parte num arraial tocassem o hino monarquico e prender e perseguir republicanos.

Quanto á primeira parte da acusação, alegou ter sido nomeado pela Junta Governativa do Norte, negando o resto. Depuzeram sete testemunhas de acusação e cinco de defeza.

Foi absolvido.

O "MAJOR" EVANGELISTA EM ACÇÃO

O caso de Santo Tirso

O tenente Bacelar injustissimamente castigado, com menospreso de todos os regulamentos militares

Voltamos hoje ao caso de Santo Thyrso.

Ele é tão extraordinario, tão incongruente, tão disparatado, e dá de tal maneira a nota do que vae pelo ministerio da guerra onde pontificam varios *majores* Evangelistas, que é necessario não o largar de mão até que justiça seja feita e o castigo aplicado ao tenente Bacelar seja trancado por quem de direito.

Historiemos.

Na 2.ª Companhia de Sapadores dos Caminhos de Ferro, unidade que pertence á 1.ª Divisão do Exercito e que se encontra destacada em Santo Thyrso, area da 3.ª divisão, foi castigado pelo tenente Miguel Bacelar Duarte um soldado que, tendo pedido transferencia, ao ser-lhe esta notificada, declarou que não tinha dinheiro para a passagem. Era já a segunda vez que esta praça procedia incorrectamente. Dentro dos regulamentos militares, o tenente Bacelar castigou-o com dez dias de detenção. E este castigo era tão justo que o Comandante do Batalhão, tenente coronel Esteves, agravou-o para 15 dias.

N'esta altura o tenente Bacelar desaparecia militarmente. Desde que o Comandante do Batalhão chamava a si a responsabilidades do castigo, o tenente Bacelar nada tinha já com o caso.

E' n'esta altura que entra em scena o sr. general Sousa Rosa. Vem a Lisboa, arranca a uma repartição do ministerio da guerra pela pena de qualquer *major* Evangelista uma nota plantastica pela qual lhe são conferidos poderes para ter competencia disciplinar sobre a Companhia dos Sapadores aquartelada em Santo Thyrso! Isto contra tudo quanto está determinado relativamente ás unidades destacadas nas diversas divisões! E assim, o sr. Thomaz de Sousa Rosa regressa ao Porto, manda syndicar por um major as causas do castigo aplicado ao soldado, muito embora o Comandante do Batalhão seja um tenente coronel!

Depois castiga o tenente Bacelar. E castiga-o como? Da seguinte maneira: «Que seja castigado o tenente Miguel Bacelar Duarte com 10 dias de prisão disciplinar por ter castigado uma praça caprichosamente, sem procurar indagar as causas que tinham levado o soldado a solicitar a transferencia *em que o General Comandante da 3.ª Divisão tinha interferencia directa* trazendo este facto menos prestigio para o mesmo Ex.mo General.»

Sublinhámos as palavras indispensaveis para que o leitor veja bem o que ha de revoltante e de anti-disciplinar em semelhante castigo que só um *major* Evangelista podia conceber e pôr em pratica.

Mas ha mais. Logo a seguir o mesmo tenente é castigado com mais cinco dias de eguel pena por ter recebido a visita paschal *na sua residencia*, dentro do quartel, infringindo assim o que determina a lei da separação da Egreja do Estado».

Como isto é pequenino, e como isto é pouco serio! Não ha nada na Lei da Separação que justifique semelhante vexame aos brios d'um official dos mais dignos e dos mais prestimosos. Nada! Ainda agora mesmo o ilustre presidente do ministerio sr. coronel Baptista, velho e intemerato republicano a quem a Republica encontrou sempre na primeira linha das dedicações e dos sacrificios, acaba de chamar para os trabalhos do seu gabinete um padre condecorado com a Cruz de Guerra.

Mas nós já hontem dissemos o que era a visita paschal em Santo Thyrso. Hoje resta-nos apresentar nomes. Acompanhando o padre, iam mais dois, sendo um delles o padre José da Costa e Sá, velho republicano, ja por duas vezes administrador do concelho em situações democraticas, e o presidente da Camara sr. Virgilio Andrade, uma das mais consideraveis figuras do partido democratico local, e o sr. dr. Roberto de Macedo, igualmente republicano democratico e procurador da Republica em Louzada. Iam enfim todas as graduadas figuras republicanas da terra, e, como o proprio castiga salienta, a visita paschal fez-se na residencia particular do tenente.

São estes os factos. Se ainda ha no Ministerio da Guerra noção de justiça, de pundonor militar, de brio e de disciplina, tranque-se immediatamente os castigos illegaes e injustos castigos a que vimos fazendo referencia.

E agora, oiçam-n'o todos os majores Evangelistas do Ministerio da Guerra!

O tenente coronel Raul Esteves representa dois anos e meio *de front* (1.ª cathegoria) e além de varias condecorações inglesas ostenta a Cruz de Guerra franceza com palmas. E o tenente Miguel Bacelar tem oito louvores por serviços em campanha, medalha de bons serviços em campanha, citação em ordem do dia do exercito francês; citação em ordem do dia do exercito inglez, medalha de philantropia por factos praticados em campanha com risco de vida e dois annos e meio de guerra.

Mas talvez — quem sabe? — Tenha para o sr. Souza Roza e para os indefectiveis *majores* Evangelistas do Ministerio da Guerra o enorme defeito de ser um simples tenente miliciano que á Patria e á Republica deu o melhor da sua energia, da sua intelligencia e do seu patriotismo!

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

A Camara e a Carris

A Camara Municipal deve apreciar com minucia e profundêsa, á clara luz do dia, o projecto de contracto que se pretende substituir aos que sancionou em 10 de abril de 1888, 5 de junho de 1897 e 16 de agosto de 1898. Esta operação colide com interesses que montam a muitos milhares de contos e, como é curial, não se compreende bem que, sendo assim, se aprove ou rejeite a proposta mediante a qual ela seria levada a efeito.

Não temos razões para duvidar da honorabilidade dos srs. vereadores, mas razões temos para asseverar que a resolução deste magno assunto valeu severas recriminações á opinião publica.

De facto, o caso não era para menos. De manhã alta, põe-se uma questão prévia, de encontro a todas as praxes, requere-se a materia por discutida com prejuizo dos oradores inscritos e vota-se o aumento das tarifas dos electricos, sem embargo o protesto de alguns vereadores. Fez-se isto rapidamente, com velocidade do deslizar duma fita cinematografica, emquanto que a Companhia de Santo Amaro ia vendo, gostosamente, os seus roditos anuais aumentados em mais de 3.500 contos, isto é, a bagatela de cerca de 75 por cento da totalidade dos seus lucros globais.

Não, assim não!

Uma questão tão importante como é a sujeita tem que ser largamente debatida, visto que ela implica com grossos interesses, representados não só por aquela elevada cifra, mas também por diversas regalias e concessões cuja tradução em dinheiro deixa a perder de vista aquela verba convidativa.

E' que é preciso ser, do mesmo passo que parecer ser mulher de Cesar.

A' primeira vista parece que ha aqui redundancia, mas vê-se que não ha se se analisar a frase com um bocado de detença.

C. da C.

POLITICA

Um curioso requerimento parlamentar—Grave carrapata em volta da compra de terrenos para o novo Hospital Colonial

O sr. deputado Antonio Mantas enviou hontem para a mesa da camara o seguinte curioso requerimento:

«Requeiro que, pelo ministerio das Colonias me seja facultado exame de todo o processo relativo aos pedidos de concessão de caminhos de ferro de Benguela-a-Velha ao Amboim até á Tuada, e com a maior urgencia, me sejam enviadas copias das propostas ou pedidos feitos ao governo, informações da repartição dos caminhos de ferro do sr. ministerio das Colonias bem como o parecer do conselho colonial.

Em 20-5-920.—O deputado, (a) *A. Mantas*»

Segundo me informam e caso em que o sr. Navarro não fica muito bem colocado. Parece que ha uma duplicidade de criterio em despachos que deviam eguaes e o não foram. Coisas que mais dia menos dia serão deslindadas...

* *

Ao actual Ministro das Colonias, diz-se, foi entregue um relatorio muito curioso sobre a negociata dos terrenos que pertenciam ao sr. Conde da Folgosa, na Junqueira, e que se destinam ao Hospital Colonial. Parece que havia quem se comprometia para com o governo em obter os terrenos por 180 contos com uma percentagem de 1 %. Afinal nomeou-se depois uma commissão que arranjou a compra por 190 contos ficando com 5 % dos terrenos, já pagos pelo Estado, e que parece vão ser revendidos ao mesmo Estado por mais 200 contos que essa mesma commissão receberá!

Tudo isto muito escuro e muito phantastico, não sendo para desprezar que o Ministerio das Colonias dissesse da sua justiça pondo os pontos nos ii como convem em assumptos em que a integridade da Republica pode estar á mercê dos maldizentes.

EXALÇANDO OS MORTOS

"Livro de Ouro da Infantaria"

A comissão tecnica de infantaria, sob a presidencia do coronel sr. Felisberto Alves Pedroso, tendo incluido no seu programa da consagração dos mortos d'essa arma na Grande Guerra em Angola, França e Moçambique, desde 1914 a 1918, a publicação do «*Livro de ouro de infantaria*», acaba de dirigir uma circular a todas as unidades, pedindo lhes indiquem o numero de exemplares que desejem, devendo a comunicação ser feita até 3 de junho.

Diz a circular:

«*O livro de ouro da infantaria*» representa uma comovente homenagem aos 3000 mortos da Infantaria e ás qualidades táticas da nossa arma. Contendo os nomes de todos officiais e praças que doram a sua vida pela Patria, é uma expressão reconhecida do nosso respeito por aqueles que nobilissimamente cumpriram o seu grande dever de soldados e tiveram a honra de cair frente ao inimigo ou em consequencia do esforço com que cooperaram nessa pagina gloriosissima da Republica Portugueza, que foi a nossa intervenção ao lado da Entente, no cumprimento severo de tratados internacionais e na compreensão das consequencias do tremendo conflito que agitou a Humanidade.

«Alem desses Nomes Gloriosos, conterá um capitulo «Comemoração do esforço da Infantaria» com um artigo de abertura do nosso venerando general José Estevam de Moraes Sarmento, ilustre escritor militar e eminente director da «Revista Militar» e colaboração de todos os officiais da arma e officiais generais e do corpo do estado maior, provenientes da arma, que se queiram honrar, prestando o culto da sua admiração e da sua saudosa recordação pelos nossos mortos ou exaltar as qualidades da infantaria, arma que aos combatentes exigiu o maximo de energia moral, o maximo de persistencia e tenacidade nas marchas pelas inospitas regiões das nossas duas grandes Provincias Coloniais, onde sustentámos a guerra, ou nessa vida exaustiva das trincheiras; o maximo de decisão e de fé na Victoria, quando se tornou indispensavel avançar e conquistar á baioneta os trofêus, que nos enobrecem.

«Para este capitulo agradece a C. T. I. os originais, que os nossos camaradas, officiais da infantaria em serviço, lhe enviem até 31 do corrente. Para os nossos camaradas em serviço nas colonias este praso é prorrogavel até 30 de junho. Já a C. T. I. tem recebido impressões vividas dos officiais combatentes da Grande Guerra em Africa e França, recordações das horas imensas das trincheiras com os seus «raids» e bombardeamentos ou das horas incertas das marchas e combates nas regiões africanas e evocações patrioticas, que são a homenagem ao valor do soldado Portuguès prestada por officiais que não pertenceram ás forças expedicionarias».

O crime da rua da Atalaya

Seguiu hoje para o tribunal da Boa Hora o barbeiro Avelino dos Santos Ferreira, que na madrugada de terça feira agrediu a tiros de pistola o Salvador Luiz Martins de Oliveira, que, conforme referimos, faleceu no posto da Misericordia.

Recolheu á cadeia, por o crime não admitir fiança.

Falsificação de recibos

O agente Pereira dos Santos, da 3.ª secção da policia de investigação, concluiu já as suas diligencias sobre a falsificação de recibos de varios empregados do Ministerio da Instrução e em que se acham implicados os funcionarios do Ministerio das finanças srs. Artur Quintão e Francisco Ferreira, os quaes descontaram depois no Banco de Portugal os recibos referidos, motivo porque foram detidos.

Os presos são amanhã remetidos ao tribunal da Boa Hora.

O CONSUL PORTUGUEZ EM SHANGAE

Jorge Rosa d'Almeida

No paquete «Porthos,» saiu de Shangae, em direcção a Lisboa, o consul geral de Portugal n'aquela cidade, sr. José Sousa d'Oliveira, acompanhado de sua esposa e filhos.

A' sua despedida, no caes das alfandegas chinezas, onde estava atracada uma lancha especial, artisticamente decorada, com charanga a bordo, á sua disposição, compareceu grande numero de amigos, vendo-se entre os assistentes muitas senhoras e o comissario dos negocios estrangeiros da Republica Chineza. A banda do Kiangnan Arsenal tocou a «Portuguesa» e varios trechos de musica.

O sr. Rosa d'Oliveira, que é um distinto funcionario e que, desde que assumiu a gerencia do consulado, tem demonstrado um zelo inexcedivel pelos interesses da nossa colonia, volta após a sua licença para Shangae, onde conta grandes simpatias.

Poucos dias antes da sua partida foram-lhe oferecidos um almoço no Carlton Café pelos negociantes portuguezes, um *five o'clock tea* no Club Portuguez pelos socios desse club e um jantar no Palace Hotel pelos voluntarios portuguezes da companhia do «Coronel Mesquita,» alem de outras festas.

São demonstrações da estima que o distinto funcionario soube conquistar e que registamos com prazer.

Partido Republicano Liberal

Sessão de propaganda

Realisa-se depois d'amanhã, pelas 21 horas, no jardim de inverno do jornal «A Lucta», a convite do Centro Escolar Republicano Ribeiro de Carvalho, uma sessão de propaganda politica, na qual farão uso da palavra, alem de outros oradores, os Srs. Drs. Fernandes Costa, Egas Moniz, Alfredo, Machado, Vasconcelos e Sá e Ferreira de Mira, capitão de fragata Filomeno da Camara, Judice Biker, Benjamim Jeronimo e o jornalista Almeida Junior.

Foi convidado a presidir o Sr. dr. Brito Camacho.

Este centro vae brevemente promover um comicio publico onde serão discutidos todos os problemas que se prendem com a nossa questão financeira, economica e social.

O caso da telegrafia sem fios em Carcavellos

Como os jornaes da manhã noticiaram, a policia de segurança do Estado descobriu em Carcavellos um posto de telegrafia sem fios, que estava montado na residencia do sr. D. Vasco da Camara (Belmonte), descoberta devida aos habeis agentes e conhecidos republicanos Santos Tavares, Araujo, Iglezias e João Maria Marques.

Hoje esteve no governo civil um representante da casa Marconi, com peritos, fazendo exame ao aparelho e, segundo declarou esse representante, parece que aquella firma vae proceder contra o sr. D. Vasco Belmonte.

O preso foi restituido esta tarde á liberdade, continuando, porém, as diligencias da policia.

A grève tipografica

Dos jornaes, cujas empresas se solidarisaram por motivo das exigencias do seu pessoal grafico, que não quiz aceitar o aumento de 60 % por elas proposto, estão já sendo publicados, de manhã *A Epoca* e *A Manhã*, e de tarde *A Opinião*, *A Vanguarda*, *O Popular*, *A Lucta* e *A Capital*.

Emquanto *O Debate* não tiver tipografia propria, terá contacto com os seus leitores por intermedio d'*A Capital*.

A comissão conta fazer sahir em breves dias *A Situação*, *O Mundo* e *A Victoria*.

Da *Monarquia* recebemos a seguinte comunicação:

«A empreza deste Jornal recusou, por motivos facilmente comprendidos, aproveitar-se dos serviços dos tipografos militares, que pelo Governo foram oferecidos pelo Governo á Comissão da Imprensa.

Procura reorganisar neste momento o seu quadro tipografico com operarios civis, não escravisados á tirania de um sindicato á que nunca cumpriram deveres nem limites dos seus direitos.

Nestas condições a «Monarquia» conta reaparecer dentro de alguns dias, deixando a partir de amanhã de ter a sua publicação na «Epoca», a cuja direcção se confessa muito grata pela hospitalisação que lhe dispensou nas suas colunas.»

Como se vê, em breves dias estará restabelecida a publicação de todos os jornais da capital.

Os antigos tipografos d'Acapital

Tendo consistido á direcção d'*A Capital* que o seu antigo quadro tipografico, composto pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manoel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal *A Patria*, se lhe fez em breve indagar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães, dig.mo director d'«A Capital»,—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia do *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornaes.

De v., etc.—*Antonio Mantas*.

O antigo pessoal tipografico d'*A Capital*, como se vê por esta carta, já não está, á excepção de um compositor, de facto, em grève.

Está já empregado, com excepção d'um operario. Quanto á reserva feita pela direcção d'*A Patria* sobre a acumulação de lugares, não se compreenderia, efectivamente, que se pretendesse, como parecia ser intenção dos tipografos, fazer em cada 24 horas 16 de trabalho efectivo. De modo que, estando já os tipografos d'*A Capital* empregados noutro jornal, deixou, de facto, de existir grève n'*A Capital*.

POEIRA DA ARCADA

Retirou para a metropole o contra-almirante sr. Pinto Basto, por ter terminado o inquerito ácerca dos prejuizos causados pelos alemães, na provincia de Moçambique, tanto ao Estado como a particulares.

O governo recebeu uma reclamação do Quelimane contra a concessão de terrenos feita á Companhia do Boror.

Pelo vapor «Minho» são amanhã expedidas malas postais para Bissau e Bolama, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

O paquete «Funchal» da Empreza Insulana de Navegação é esperado no Tejo, de regresso dos Açores, no proximo domingo á noite ou na segunda-feira de manhã.

Questões militares

A promoção a capitão sustada ha um ano

A promoção a capitão nas armas de infantaria e cavalaria está paralisada desde maio do ano findo. Porque motivo? Diz-se que devido ao excesso dos quadros creados durante a guerra e durante o armisticio.

Para a redução desses quadros determinou-se que se preenchessem entre cada duas vagas uma.

Havendo, segundo o determinado, vagas, porque se não fazem promoções?

Falta de tempo de permanencia no posto de tenente?

Mas será justo de que dois oficiais, que seguem o mesmo curso, um esteja promovido a capitão e o outro aguarde vinte e oito meses para adquirir o tempo, quando ambos completaram na mesma data os seus cursos e experimentaram as agruras das campanhas recentes?!

Se, dado o armisticio, não fossem feitas mais promoções, todos se conformariam com as condições atribuidas ao facto ás exigencias da guerra.

Porem, após o armisticio, fizeram-se as promoções até onde se quiz, dando assim a entender que se promoveu até onde havia protecção.

Saido um curso das escolas no mesmo dia, parece que as condições exigidas deveriam ser as mesmas para todos, acrescendo a circunstancia de estar promovido mais de metade do curso em qualquer dos citados.

Referimo-nos ao curso saido da Escola de Guerra em 1913.

O curso de artilharia do campanha, tres anos mais moderno, está já promovido a capitão. Chega a ser anti-disciplinar uma tão grande desigualdade. Chamamos pois para o facto, a atenção do sr. Ministro da Guerra.

PELO TELEGRAFO

Diversos e importantes organisações operarias francezas resolveram voltar ao trabalho. Em Marselha terminou a greve maritima.

Em Dublin vae ser aplicada a lei militar aos disturbios. Em Limerick foram mortos um policia e um paisano e feridos dois policias e sete civis.

Ao que corria na Bolsa de Paris, os Estados Unidos estão dispostos a descontar 120.000 milhões de *bons* aliados.

A Argentina proibiu a entrada de navios que levem emigrantes perigosos.

E' candidato á presidencia da Republica do Chile o sr. Manuel Gondra, cujo triunfo parece assegurado.

As colonias Portuguesas

Sr. Manuel Guimarães, director de «A Capital».

Julgando dever merecer um bocado de atenção — depois dos comentarios dirigidos á deleteria politica de *lana-caprina* que é o assunto quotidiano — aquilo que diz respeito ás nossas colonias, resolvo-me, mais uma vez, (agora por mero descargo de consciencia, que já vai fugindo de mim a crença no apostolado da Imprensa...) a pedir, a mais um jornal, o favor de publicar estas lôas que seguem, que não tendo meritos que as recomendem, apenas significam um brado de um colonial que vê ameaçada a integridade do seu torrão natal no que toca á vida moral e existencia material.

Penso eu por mim que sendo V. um portuguez como eu e como eu africano, nascido em Africa, devo, como me sinto, ter uma preocupação constante, sentir, de longe em longe um vago rasto de saudade, uma longinqua magua por aqueles sertões tão cheios de sol... tão insalubres e tão cheios de febre, d'aquelas populações pacificas á mercê de aventureiros e perpetuamente escravisadas — mercê da ignorancia em que são mantidas sistematicamente! Africa — terra de oprobios e oprimidos, contigo a minha terna de filho, a minha dedicação de soldado consciente na grande legião da fé, certo de que os cerebros obscurecidos criminosamente pela besialisação estudada a frio e pelo alcool espalhado ás mãos largas desamarrar-se-hão um dia e a verdade triunfará reivindicando para ti o teu logar!

Nascidos em Africa embos, sr. director, impende-nos o dever de defender a nossa terra—já que o egoismo dos gentes não quer varrer fronteiras nem preconceitos. Filhos do Povo devemos todos olhar para o bem-estar dos povos.

E assim parece, com efeito, ser esse o seu norte e sua guia, pois ao subir as escadarias da sua redação li com orgulho e satisfação o letreiro arrogante, que diz ser o seu jornal «*do povo, pelo povo e para o povo*» beneficio estandarte sob o qual todos os homens se podem agrupar, todas as opressões encontrar defesa.

Por isso não hesitei e aqui estou com o meu pobre caderno de apontamentos ao seu lado para, no que pude e soubér, elucidar sobre a Provincia de Moçambique, a V. e aos seus leitores n'aquilo que souber.

Acho que de desvario politiqueiro—esteril e irritante—já basta; que de bombas assassinas e de aparatosas demonstrações de sandices tem o paiz a sua suficiente dóse para anciar por um interregno de paz, de calma, de um nada de paz e meditação... porque a atmosféra que se respira póde matar aquilo que de mais santo, de mais estimavel deve existir em cada um cidadão de uma nação.

E não aprofundemos este ponto que é triste e escabroso.

Sustento, sustentei e sustentarei: a razão de ser de Portugal está nas colonias. Portugal sem colonias deixaria de existir como nação independente. Não é esta a tribuna onde se devem discutir doutrinas, teses e teorias principios, concordo (porque o leitor moderno não está para massadas e não *grama* argumentações cerradas e aridas de piados...); mas o certo é que, ao mais boçal portuguez metropolitano bastará o enunciado do programa do leilão das Colonias, para correr ao antigo arcabuz, ás pedras da calçada para liquidar, lapidar o filibusteiro que em tal houvesse pensado—Seja isto assim dito em curtas palavras e em breves linhas para não tomar o aspecto de sabbatina, nem ganhar aquele ranço das escrituras antigas.

E' preciso portanto que os olhos d'aqueles que sabem vêr, os ouvidos d'aqueles que sabem ouvir, se voltem e prestem bem o que vai e o que se diz pelas colonias.

De bombas já basta; de pregação de fé republicana que se não traduz em coisa alguma já estamos saturados. Acção, obras: a democracia posta em evidencia, o patriotismo limpo acima dos interesses mesquinhos das seitas e partidos politicos e... *Deus super omnia*, como terminavam os antigos videntes, sempre receiosos de que nas previsões e conselhos algumas palavras escapassem que não fossem do agrado do Senhor...

Este é o bilhete inicial pedindo *cabidela* no seu mui lido periodico. Outros se seguirão se V. tanto permitir e Deus me dêr vida e saúde.

Filho d'Africa, alheio ás politicas, apenas pretendo tratar da nossa terra, apenas tocando nas pessoas que na vida d'Africa e da sua gente tiveram interferencia ou ligação.—De V. etc. *João Albazini* (director do jornal *O Brado Africano* de Lourenço Marques.

O Parlamento despreza os oficiaes milicianos

O projecto que regularisa a situação dos oficiaes milicianos foi dado para ordem da noite na sessão nocturna de 19 de dezembro de 1919.

Desde então, até hoje, tem aparecido no quadro, ora com o numero 1, ora com o numero 7, umas vezes com o numero 3, outras com o numero 5 ou 6, emfim, com diversos numeros, mas quanto a ser discutido... esse vae ficando para as calendas gregas...

Póde haver maior e melhor prova do desprezo que o projecto merece ao Parlamento?

Falta de carne

No matadouro municipal foram hoje abatidas para o consumo da cidade 37 rezes bovinas adultas, 4 adolescentes e 1140 ovinas.

Amanhã deve ser abatido maior numero de rezes, estando a commissão de abastecimentos procurando obviar á falta de carne no mais curto espaço de tempo.

Sanatorio em Cabeço de Montachique

Festas em S. Domingos de Bemfica

Realizam-se nos dias 12 e 13 de junho, vespera e dia de Santo Antonio, festivais no Bairro Grandela, em S. Domingos de Bemfica, revertendo a receita a favor dum Sanatorio—Albergaria, no Cabeço de Montachique, para doentes pobres.

As festas são organisadas pelos empregados dos Armazens Grandela, que caprichosamente apresentarão varios numeros de novidade. Entre eles haverá um «rancho popular» de tricanas e estudantes de Coimbra, desempenhado pelos mesmos empregados e empregadas, que cantarão lindas canções da Beira, fados, etc., acompanhados pelo maestro sr. Manuel Benjamim, pianista sr. Albertina Alvarenga e um grupo de alamados guitarristas.

Alem de certamens, corridas diversas, teatro ao ar livre, tombolas, kermesses e um esmerado serviço de bufete, haverá muitos outros numeros de sensação.

Os bilhetes vão ser postos á venda nos Armazens Grandela.

ULTIMA HORA

CONGRESSO

Em ambas as Camaras: "lana caprina"

Nos Deputados

Talvez porque hontem se deliberou que houvessem sessões, nocturnas a Camara já hoje, como de costume, não teve numero para funcionar antes das quinze horas.

O sr. Ladislau Batalha—Sr. Presidente, convido V. Ex.ª a cumprir a lettra expressa do regimento. A Camara que marcou hontem sessões nocturnas tem que provar que necessita de tempo para os seus trabalhos e não é com falta de numero que essa necessidade se justifica.

O sr. Eduardo de Souza—Registo, sr. Presidente, que a Camara para justificar as sessões nocturnas começa já por não ter numero!

O sr. Sá Cardoso—Teem V. Ex.as razão, vou mandar proceder á segunda chamada.

E esta começa então, feita pelo sr. Balthazar Teixeira, n'aquelles vagares capazes de irritarem um morto e de darem aos vivos um ataque de figado. Os nomes são pronunciados á compasso como quem os está dizendo a cantochão, na fagueira esperança, que sempre se realisa, de que os retardatarios cheguem e o numero se faça.

Mas a chamada acaba e como não haja ainda numero o sr. Sá Cardoso, contra o regimento, n'um abuso que nada justifica e que só é toleravel por uma Camara que não tem a noção das suas responsabilidades, permitte-se a brincadeira de mau gosto de fingir que procede a contagens que já estão feitas, o que provoca da parte do sr. Ladislau Batalha os mais vehementes protestos contra o que se está passando.

Por fim os deputados que faltam entram de afogadilho; e, ainda contra a lettra expressa do regimento, o sr. Sá Cardoso diz que ha numero e a sessão principia. São tres horas e meia.

E para se não perder aprova-se a urgencia para o projecto de lei n.º 272-D. restabelecendo as disposições do decreto de 30 de setembro de 1911 do Governo Provisorio que modificou o plano de uniformes para os oficiaes, guardas-marinhas e aspirantes da armada, na parte respeitante a distintivos de postos e de classes.

O sr. Malheiro Reymão acha que não deve realmente haver confusão entre galões de officiaes combatentes e officiaes não combatentes, mas lastima que a Camara, que tem tanto que que fazer, que tem tantas coisas sérias a tratar, se preocupe do bysantinices de fardas e galões que importancia alguma teem.

Apesar disso ha varios oradores com a palavra pedida e a discussão continua, falando agora o sr. Ferreira da Rocha.

No Senado

Na outra Camara a falta de assumpto continua e como não haja ordem do dia o sr. Sousa Varela descreve as belezas dos campos nesta linda quadra do ano.

O sr. Pereira Gil diz que os estabelecimentos de Caridade estão vivendo em precarias situações, assunto que o sr. Pereira Osorio aproveita para fazer uma larga dissertação sobre assistencia publica.

A palestra continua.

Acções levantadas indevidamente

A policia da 1.ª secção de investigação está procedendo a diligencias para descobrir o paradeiro de 50 acções da Compaphia do Principe, que foram indevidamente levantadas do Banco Colonial Portuguez.

VIDA SPORTIVA

Foot-Ball

No domingo realisa-se definitivamente o ultimo desafio de foot-ball das meias finaes de 1.as categorias.

Encontram-se os teames dos *«Belenenses»* e *«Victoria»*.

Esgrima

Vae realisar-se no proximo domingo, pelas 9 horas, a segunda poule de espada do C. O. portuguez. Ao que nos informam, a concorrencia deve ser grande.

Teatro Apolo

Hoje — Ultima representação da famosa revista

PAM!

antes da ampla remodelação por que vai passar.—Amanhã, sabado — ampliada com a estreia do quadro de palpitante actualidade

O SONHO DO BATISTA

O rei do Circo

Os ultimos episodios da colossal fita *O rei do Circo* tem chamado ao Salão Central uma enorme afluencia de publico, no desejo de assistir ao final da soberba pelicula de aventuras, autentica corôa de gloria do eximio artista americamo Eddie Pollo. A estreia de hontem com a delicada comedia em 4 actos *Batalha de Rainhas* despertou o mais vivo entusiasmo pela sua luxuosa mise-en-scene e gracioso desempenho confiado a interessantes mulheres. Amanhã, domingo, magnifica *matinée*, e 2.ª feira, estreia do grande film em 36 partes, *A luva Vermelha*, do reportorio da celebre Maria Walcamp.

Serviço telegrafico da tarde

A retirada das forças inglezas da costa da Persia, em face do desembarque dos bolchevistas, foi simplesmente uma medida de precaução, que não cria uma nova situação militar.

Em Bejar, Hespanha, prduziram-se tomultos populares. Os amotinados assaltaram estabelecimentos, especialmente padarias e mercearias e mesmo algumas casas particulares, mas sem roubar nada. Foi proclamado o estado de sitio. O ministro do interior, em uma informação da ultima hora, declarou que o movimento operario em toda a Hespanha não é socialista mas um movimento sindicalista com tendencias revolucionarias, seguidos pelos socialistas que querem tomar contacto com as massas operarias.

Documentação notavel

O eminente professor de clinica medica da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Belo de Morães, tem tido ocasião de prescrever com exito o *Iodal*, granulado de Iodo Iodatado. E' depositario exclusivo Raul Vieira, R. da Prata 51 3.º

TEATRO NACIONAL

HOJE—Festa artistica de Erico Braga. — Unica representação da delicada comedia

Marquez de Villemer

Duque d'Aleria: Eduardo Brazão—Protogonista: o festejado — **Mundanismo** — conferencia pelo sr. José Bruges-d'Oliveira

Recita de homenagem a

Palmira Bastos

Segunda feira, 24

A representação da peça em 4 actos

FEDORA

em que toma parte o actor

Eduardo Brazão

Tabela dos marés em Lisboa

Pelo ministerio do comercio e comunicações, divisão hidraulica do Tejo, acaba de ser publicada esta tabela para o ano corrente, com as indicações necessarias a todos os que demandam o nosso porto.

Revista Internacional de Dun

Acabamos de receber o numro correspondente a abril findo. Com numerosas e nitidas gravuras é uma publicação interessante.

EDEN TEATRO

Novas atracções — Todas as noites — A mais gracios e atraente das revistas

Negocio da China

A Bicha do Pirilau — O seguro das criadas—Amor no Prego— O Ganga Novo Rico — Nascimento Fernandes na parodia

D. João Tenorio

Adriana de Nsronha e Henrique de Albuquerque, noutros papeis. — Exito incomparavel

DOMINGO—grandiosa matinée a favor das victimas mais necessitadas do atentado da rua Augusta.—Brilhantissimo espectaculo.—As bandas da Armada e Guarda Republicana tocendo reunidas.—Poesias. Um acto de variedades, e o 1.º acto da revista **Negocio da China.**

Quem alvitra? Quem reclama?

Sargentos que pedem a amnistia

Do forte de Elvas, onde se encontram presos ha longos meses, escrevem-nos alguns sargentos, pedindo-nos que lembremos aos srs. presidente do ministerio e ministro da guerra para serem amnistiados, pois que os delictos que alguns cometeram são de pequena importancia.

Ha, por exemplo, um sargento preso preventivamente ha dois anos, por ter dado uma bofetada num seu camarada, em desagravo duma afronta que recebera.

Dizem-nos ainda os que se nos dirigem que se contam por dezenas e dezenas os que nas prisões dos fortes e casas-matas esperam um julgamento que nunca mais chega.

Quando se pensa em que se fala numa amnistia que abrangerá presos que cometeram delictos bem graves contra a segurança da Republica, justo é que esses homens, que na maior parte teem prestado valiosos serviços e que numa hora de irreflexão prevaricaram, sejam abrangidos por essa amnistia.

NOTICIAS DA CAPITAL

Proezas da gatunagem

Albano Lopes de Almeida, da rua Bartolomeu Gusmão, 3, 2.º, encarregado de uma drogaria na rua Conde de Redondo, 21, pertencente á Companhia Comercial e Industrial Portuguesa, queixou-se de que por meio de arrombamento furtaram dali perfumarias no valor de 250 escudos.

—Foram presos Antonio Fernandes da calçadinha dos Olivaes, que furtou uma carteira com 59 escudos e varios documentos a Henrique Tomaz, da praça da Viscondessa dos Olivaes, 25 e Benjamim Miguel, da rua da Condessa, 49, 1.º, suspeito de ser o autor de um furto importante ultimamente descoberto no Hospital Militar de Campolide.

—Os larapios entraram com chave falsa na alfaeataria de Candido Laurentino da Cunha, na Avenida Almirante Reis, onde furtaram fazendas no valor de 519 escudos.

—A' policia foram apresentadas as seguintes queixas: de Victoria da Conceição Alves, da rua Luciano Cordeiro 14, 5.º acusando a sua vizinha Fernanda de Araujo, da mesma rua 30,2.º de se recusar a entregar lhe roupa no valor de 50 escudos que lhe confiara; d'Augusto Gomes Ferreira da Silva, de rua Particular ao Casalinho de Ajuda, a quem furtaram calçado no valor 48 escudos.

—A um dos calabouços do Governo Civil recolheu José Antonio Lopes, de Lourinhã, que estando como abegão no cocheira de Armando Alvaro Martins no Largo da Ponte Nova, 17, furtou ao patrão uma carroça e um macho, com os competentes arreios.

Pão apreendido

Pelos agentes do Ministerio de Agricultura foram hoje apreendidos 286 quilos de pão numa padaria do Campo de Santana.

Um «negociante» infeliz

João da Costa Reis, morador na rua da Beneficiencia, conseguiu arranjar um *stock* de tabaco nacional. Mas como entendeu que deveria negociar por sua conta, visto que o negocio agora rende, tratou de se desfazer do tabaco que tinha, vendendo-o como estrangeiro, o que lhe renderia um bom par de tostões.

A policia, porem, é que não esteve pelos ajustes e prendeu-o.

Sempre ha gente com muito pouca sorte!

Queda desastrosa

Na enfermaria de Santo Alberto, do hospital de S. José, deu entrada Julio Vieira, de 11 anos, residente em Almada, que na Charneca de Caparica deu uma queda, fracturando a perna direita.

Uma mudança completa

Os gatunos entraram esta tarde, por meio de arrombamento, na residencia de José Pereira Rosa, á Costa do Castelo, e carregando uma carroça levaram tudo quanto ali existia, no valor de 1:000 escudos.

Desastres no trabalho

Na enfermaria de Santo Antonio do mesmo hospital deu entrada Martinho da Costa, de 32 anos, engatador da Companhia dos Caminhos de Ferro, que na estação de Braço de Prata foi colhido por um wagon, ficando ferido na mão esquerda.

Debaixo dos pés se levantam os trabalhos

Maria Inácia, da travessa da Amorosa, pateo do Batata, e Deolinda Micaela, da vila Dias, 83, em Xabregas, quando hoje seguiam junto á linha ferrea de Xabregas, á passagem de um comboio de mercadorias foram atingidas por alguns toros de madeira, que cairam de um vagon. Foram ambas conduzidas ao hospital de S. José, onde receberam os necessarios socorros.

THEATROS

Medalhões

Erico Braga

Dessa meia duzia de rapazes que em pouco tempo veiu voltar do avesso a ideia de que o teatro portuguez agonisava por falta de novos com valor e condições naturais do triunfo, Erico Braga manteve-se no primeiro plano.

E' daqueles que tem lutado, trabalhado, estudado muito, para hoje ainda não ser senão uma esperança — como dirão os mestres — uma esperança que dia a dia se confirma de tornar-se uma das primeiras figuras da scena de amanhã.

Arrimado a bôa árvore, com bons conselhos que sempre deve seguir, as suas qualidades naturais de dicção, figura, inteligência e educação brilharão cada vez mais. Póde dizer-se que venceu já aquele Rubcon aspero que é o agrado, o afecto do público, imprescindível para começar a ser querido...

Ao ouvil-o contar as aventuras duma tournée ao Brazil, em que auspiciosamente a sua carreira artistica se liquifazia sob a pateada dos bons brazileiros, e que simpática e ingenuamente Erico Braga narra sorriudo, vê-se a persistência e a fé dêsse combatente denodado e adivinha-se que a sua forma, o seu progredir ainda não atingiram a perfeição que ele próprio deseja e que nós, ainda mais, desejamos aplaudir.

Tal é o Marquez de Vilemer *da minha geração.*

A. P.

Colyseu dos Recreios

TROVADOR

A famosa «pira», com o tão proclamado *dó de peito*, que não é tal (porque um *dó* agudo só pode ser da cabeça) e raras vezes consegue ser *dó* (pelas transposições a que o submetem), assim como as vicissitudes de Leonora, que de noite persegue e é perseguida pelos dois rivaes enamorados, teem, ainda hoje, o condão de enthusiasmar o bovinho sempre ávido de emoções fortes e que delira ante uma nota sustentada afinadissima, durante um numero X de segundos, revelando assim a resistencia da *ugola*, dum tenor, e dos seus pulmões. Este Trovador pode portanto considerar-se um grande heroe e seguir deliciando os amadores do genero e dos *bis* da «pira».

O tenor Paoli (Manrico), no perfeito dominio da sua voz metalica e maleavel, obteve, n'esta opera, grandioso exito, conseguindo aplausos delirantes na «pira» «madre infelice, corro a salvar-ti», que não salvou, mas sim o espectaculo que até este trecho correra vacilante. A nós agradou-nos muito mais no andante que precede a «pira», de dificil dicção, onde os pobres tenores (que não possuem como Paoli a facilidade de dominar a voz) se veem sériamente comprometidos.

Leonora era a soprano Maria Carena tão aplaudida já na Aida; n'esta Opera tem menos ensejo de evidenciar os seus belos recursos de cantora lirica, no entanto, na aria do 3.º acto, devido a uma cadencia de efeito e á nota pianissima com que a rematou, ouviu uma vibrante e merecida salva de palmas, que para ela se repetiu no final dos actos.

Surprehendeu-nos porém vêr a pobre Leonora de luto antes de tempo, perque?

Talvez algum desgosto de familia que no libreto não figura!

A «zingarella» é sem duvida a parte mais artistica do Trovador, porque identifica um ente que vibra, sofre e delira para conseguir vingar a morte da mãe... A meio-soprano Callau cantou como sempre sem intenções nem Arte, vestindo a pobre «Azucena» com dois panos de meza de pessimo gosto que bem pode juntar áqueles com que se enrolou na 2.ª recita de Aida!

O baritono, indisposto, omitiu a «romanza».

Em compensação a orchestra fez mais uma vez prodigios de equilibrio seguindo com vontade o brio a magica batuta de Armani.

Ayram.

Nota do dia

Que me seja concedido um parenthesis neste apontoado de notas sobre a vida teatral. Hoje á noite, á hora que *A Capital* circular, numa recita de beneficencia anual, que vem de tempos remotos, os alunos do colegio militar representam duas comedias. e uma conferencia de Cristovão Aires (filho) evocará algumas das scenas intimas do colegio militar, dos meninos da Luz, as suas aventuras...

Toda a rapaziada escolar, toda a academia faz as suas festas; recitas, revistas de quintanistas, tourada para um fim de beneficencia e para o fim de expandir o bulicio da gente moça.

O colegio militar tem dado muita gente bôa, no sport, nas letras, nas armas; damaturgos, escritores, poetas, jornalistas, saem de lá e triunfam, triunfam com uma facilidade que talvez resulte da educação. E todos ou quasi todos os antigos colegiaes vão ainda numa saudade achar esses que os substituem nas carteiras do velho casarão amarelo da Luz, «as *ratas*, os matulões»—toda uma fauna!

Hoje lá estarão porque hoje é a recita da filantropica... E se eu me interesso tanto pelo colegio militar, bem o sabeis ó velhos e bons companheiros, é porque tambem fui um mau furriel entre os meninos da Luz.

Armando Ferreira

Noticiario

Para a empreza do futuro inverno no Politeama, de que fazem parte Aurá, Grijo, Adelina, Sacramento e Alves da Cunha, está traduzindo uma peça hespanhola dum dos autores mais queridos em Portugal, o nosso camarada Oldemiro Cezar.

—Foi geral o agrado pela página teatral dos *Sports* que se publicou ontem, e é dirigida pelos nossos colegas de redacção Armando Ferreira e Alvaro Lima.

—Ribeiro Lopes faz a sua festa na próximo quarta-feira com a reaparição da *Alma forte*, onde tem um dificil e bem desempenhado papel.

—A noite de amanhã, no Teatro Salão dos Anjos, é destinada á festa dos autores da revista «Grande Bicha», que tanto sucesso tem despertado entre os frequentadores do bairro.

TEATRO DO GINASIO

HOJE—Festa artistica de Seixas Pereira — Representação unica da peça

O Libertino

Protogonista: Robles Monteiro

Outros tres dos principais papeis por Julieta Simões, Sanwel Diniz e o festejado.

Amanhã

Divorciemo-nos

2.ª feira, 24—Unicas representações, *irrevogaveis* de **A Dama Branca e Leitura e Escrita.**

Teatro São Luiz

A'manhã—A mais alegre das operetas — Uma unica representação de

A Casta Susana

Brilhante creação de

Cremilda de Oliveira

Quarta-feira, 26.—Festa artistica de CREMILDA DE OLIVEIRA—1.ª representação da celebre opereta holandeza «Moinhos que cantam». Bilhetes á venda.

Arte

Exposição Almada Negreiros

Abre amanhã para o publico a exposição de Almada Negreiros, artista moderno de renome, que expondo no salão S. Carlos os seus ultimos trabalhos vem dar uma nota de modenismo á nossa Lisboa artistica.

Na quinta feira 27 realisará pelas 5 horas uma conferencia subordinada ao titulo *invenção do dia claro.*

Exposição Jorge Barradas

Continua até ao dia 27 a exposição de caricatura de Jorge Barradas, no Salão Automovel, edificio da Liga Naval, ao Calhariz.

SALÃO CENTRAL

HOJE—Soirée ás 20,30—HOJE ESTREIA — **Batalha de Rainhas**, soberbo drama em 4 partes—No programa: **O REI DO CIRCO**=A melhor das series da actualidade, com a interpretação dos celebres artistas Eddie Pollo e Moly Malone.—Exibição das series 16.ª, 17.ª e 18.ª (ultima) que tem por titulo: **Um match de box—A ultima batalha—Revelações—O Relogio da Viuva,** film comico em 2 partes.

O dia da Assistencia

Serão vestidas mil creanças e realisar-se-ha uma parada infantil

Passa no dia 25 a data da promulgação da lei da Assistencia Publica em Portugal. Por tal motivo, nas juntas das freguesias de Alcantara, Belem e Ajuda e nos dois balnearios da Provedoria, um na rua do Sol, ao Rato, e outro na rua do Salvador, serão distribuidos mil vestuarios ás crianças pobres dos dois sexos, sendo os vestidos das meninas dadiva gentil das alunas do Liceu Garret e da Escola Primaria Superior Adolfo Coelho, e seus corpos docentes, e por elas confeccionados com muito carinho e dedicação, e por dadivas generosas de grande numero de comerciantes, entre os quaes se destacam os Grandes Armazens do Chiado para os dos rapazes.

Ao meio dia inaugurar-se-ha no Largo do Leão a nova cosinha para o fabrico e distribuição de sopa aos pobres da freguezia de Arroios. A's 16 horas far-se-ha a inauguração solene da Escola Maternal da Ajuda, com a assistencia do sr presidente da Republica, ministerio, elemento oficial e outros convidados, na qual serão agasalhadas 50 creanças internas e outras tantas semi-internas, realisando-se em seguida uma parada e um festival no Largo da Ajuda pelas internadas do Azilo José Estevão e seus internatos infantis, Escola Profissional Internato Infantil dr. Afonso Costa, Semi-Internatos da Provedoria, menores do recolhimento da Rua da Rosa, Escola Araujo e Asilo Maria Pia, etc.

As creanças dos asilos farão varios exercicios de gymnastica sueca, e exibirão canções em canto coral no Largo da Ajuda, sendo-lhes depois servido um lanche sob os pinheiros, a que assistirá o Sr. Presidente da Republica.

No recinto diversas bandas de musica, entre as quaes a dos internados do Asilo Maria Pia, executarão varios trechos de musica.

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realisado Esc. 24:000:000$00

Fundos de reserva 24:000:000$00

Assembleia Geral Ordinaria

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mêsa da Assemblêa Geral do Banco Nacional Ultramarino é convocada a mesma Assemblêa a reunir-se no edificio do Banco no dia 29 do corrente ás 14 horas para os fins designados no artigo 24 dos estatutos.

Lisboa 18 de Maio de 1920.

O Secretario da Meza da Assembleia Geral

(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3521—10.º anno

Direcção e propriedade de Manual Guimarães
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabado, 22 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

OLHEM PELAS COLONIAS

Volta a ventilar-se a questão de dividir Angola em dois governos gerais independentes. Parece até que a divisão é patrocinada por muitos conspicuos coloniais que só vêem as conveniencias de momento e não olham para o futuro, o que é pessima qualidade em quem pretende dirigir povos, na metropole ou nas colonias.

Os colonos do sul de Angola pedem que os livrem da tutela de Loanda, impeditiva, segundo dizem, do progresso de aquelas feracissimas regiões. Faça-se-lhes a vontade, dando satisfação a tão justas aspirações, mas sem prejudicar os interesses gerais da colonia e a obra grandiosa que nos propomos ali realisar. O objectivo da nação portugueza relativamente a Angola é, naturalmente, fundar ali um grande imperio néo-luso, um outro Brazil, que comnosco mantenha depois relações de tão intima amizade, sob os pontos de vista politico e economico, que seja, por assim dizer, uma ampliação grandiosa do nosso pequeno paiz.

Angola tornar se-ha independente dentro de um certo numero de anos, talvez mesmo no decorrer do presente seculo. Não é acontecimento que nos deva assustar, pois que não podemos ter a pretenção de manter, *per omnia secula seculorum*, dependentes do Terreiro do Paço tão vastissimos territorios. Devemos mesmo auxiliar, tanto quanto pudermos, essa emancipação, fazendo progredir a colonia o mais depressa possivel, mas procedendo do modo que entre Angola independente e a sua antiga metropole se estabeleça um regimen de associação de que derive a prestação mutua de preciosos serviços, no campo economico, e a comunhão de aspirações no campo politico internacional.

Podemos e devemos fazer na Africa Ocidental um novo Brazil, mas se a dividirmos em dois governos gerais, ou em mais, como certamente, aberto o precedente, sucederá no futuro, dando assim a cada uma das partes d'aquela nossa colonia independencia completa relativamente ás outras, nós faremos apenas uma obra de limitado alcance no concerto mundial, semelhante á que derivou da colonisação hespanhola na America Central e na do Sul, isto é, produziremos uma série de pequenos Estados, possivelmente rivais, cada um dos quais nada pesará nos destinos do mundo.

A divisão de Angola não nos permitirá, pois, realisar uma obra de colonisação que valha a que levamos a efeito na America e não é, por certo, este resultado, relativamente pouco importante, aquilo que a nação portugueza espera da enormidade dos sacrificios que tem feito e que terá ainda de fazer para levar a fim a sua tarefa civilisadora.

Para dar satisfação ás justas aspirações regionalistas dos angolenses não é necessario ir tão longe, correndo serios riscos d'uma desagregação quasi certa. Bastará dividir a colonia em provincias com largas atribuições, de governo local, mas ligadas por um laço nacional ao governo central, exercido por um alto comissario, cuja séde terá de estabelecer-se no planalto, em ponto bem escolhido junto da linha ferrea de Benguela.

* * *

Moçambique! Precisamos de a defender com ardor e patriotismo. Todos os dias nos chegam aos ouvidos os ecos de ambições mal contidas.

Os polvos estendem com audacia os seus tentaculos sugadores. E' necessario cortar-lh'os implacavelmente.

O «Seculo» de ontem, em artigo assinado pelo sr. Figueiredo Lima, antigo director do jornal «A Provincia» de Lourenço Marques, hoje seu correspondente em Lisboa, e que na provincia de Moçambique residiu 16 anos, refere-se ao celebre despacho que o sr. ministro das colonias lançou n'um processo de concessão a estrangeiros, que nós tambem já apreciámos no jornal «A Imprensa» de 14 do corrente.

Refere-se tambem o sr. Figueiredo Lima a uma concessão que parece ter sido feita ao inglez Kapucko do exclusivo de pesquizas mineiras em todo o territorio de Moçambique, concessão de que nós tambem já falámos na «Imprensa» de 9 de maio, como boato que correra em Lourenço Marques e que ali agitara a opinião portugueza até ao ponto de se realisar um comicio de protesto.

Na verdade, triste é confessal-o, a provincia de Moçambique está a fugir-nos das mãos subrepticiamente. E' preciso pôr cobro a tão lamentavel situação.

Parece que no ministerio das colonias não tem havido, ha muito tempo, o patriotico cuidado de a defender dos assaltos dos grandes vampiros estrangeiros, que ali obteem, mais facilmente que os nacionais, toda a ordem de concessões.

Uma lei que faça depender as concessões de qualquer especie a estrangeiros, na provincia de Moçambique, da aprovação do parlamento da metropole, que não permita conceder ao mesmo individuo estrangeiro mais de 5000 hectares de terreno, assim como conceder a estrangeiros terrenos que confinem com os de outros estrangeiros e que proiba vender ou hipotecar as concessões feitas a nacionais, impõe-se como medida de salvação imediata d'aquela nossa colonia.

E o sr. ministro das colonias precisa de convencer-se de aquele despacho, lançado sobre o processo da concessão d'um caminho de ferro a uma companhia estrangeira e que nós traduzimos na «Imprensa» de 14 deste mez—erros novos não se cometem, mas permite-se que se reproduzam os antigos—não póde manter-se, deve ser anulado e substituido por outro que, em linguagem corrente, se possa traduzir assim: não se cometem erros novos, nem se reproduzem os antigos.

POLITICA

Um incidente entre a Camara dos Deputados e o Senado -- A sua significação real -- Uma pergunta justa e uma resposta que se impõe -- Eleições suplementares: dois candidatos democraticos e um reconstituinte -- A vida desafogada do governo

O caso politico do dia foi o officio enviado pelo Senado á Camara dos Deputados e que veio já publicado nos jornaes da manhã. Nesse officio, desfazendo os eufemismos e traduzindo-os em linguagem correntia, a presidencia do Senado fez sentir á Camara dos Deputados, a sua calaceirice, a sua falta de atenção pelos negocios publicos, o seu desperdicio de tempo em assuntos de «lana caprina».

Tres deputados se insurgiram contra a manifesta incorreção da presidencia do Senado. Os srs. Brito Camacho, Pedro Pitta e Abilio Marçal.

Individualmente teem razão estes tres deputados. Estudiosos trabalhadores e pontuaes, o oficio do Senado magoou-lhes os brios de deligentes representantes da nação. De maneira que, individualmente está bem e está certo. Mas collectivamente, diga-se isto em abono da verdade, nenhuma das Camaras tem razão.

E se bem que o oficio do Senado é justissimo pelo que respeita á Camara dos Deputados, o que é facto é que uma e outra estão como o tacho e a certã:—«tira-te para lá não me enfarrusques».

Ambas as casas parlamentares teem culpas no cartorio, e ambas teem feito os maximos esforços para que seja cada vez maior o desprestigio parlamentar. Escrevemos isto com magoa. Escrevemos isto com aquela dificuldade com que se diz mal d'uma coisa que sendo nossa, só desejavamos louvar e engrandecer. E todos teem grandes culpas nos erros que se veem acumulando, até mesmo o sr. coronel Sá Cardoso muito embora S. Ex.ª suponha que as não tem. E' que presidir a uma camara não é condescender com maus habitos, encolher os hombros a vicios adquiridos, deixando passar carros e carretas sobre o regimento que se fez para ser cumprido e não para ser sofismado. Nenhum de nós nega ao sr. Sá Cardoso as suas altas qualidades de republicano, dos mais firmes, dos mais leais, dos mais sinceros servidores da Republica. Mas o que lhe podemos negar é a sua competencia para presidir ás sessões da camara desde que o sr. coronel Sá Cardoso se esqueça de que para exercer esse cargo é preciso ter aquela indispensavel energia que se impõe, e aquele necessario discernimento que se exige em cargo de tanta monta. Optimo, explendido logar exerceu o seu antecessor sr. dr. Domingos Pereira; e nunca precisou transigir com chamadas fóra da hora regimental, nem com expedientes e delongas improprias d'um Parlamento. Ninguem é obrigado a ser deputado ou senador, e desde que se aceita semelhante *mandatum* não ha o direito de brincar ás sessões, indo para o Parlamento tarde e a más horas e passando ali o tempo em assuntos mais consentaneos com assembleias academicas, do que com os altios e sagrados interesses do Paiz.

Se o Senado não pecasse quasi pelos mesmos defeitos—ainda vae no entanto uma consideravel differença—razão tinha elle para o officio que hoje foi o assumpto obrigado a todas as conversas, visto que ainda não entrou em discussão o orçamento geral do Estado, apesar de ja estarmos em sessão prorogada, nem as propostas de finanças, nem a importantissima proposta sobre a convenção com a Belgica, nem tampouco o projecto de lei sobre milicianos, apesar de dado para ordem do dia da sessão nocturna de 19 de dezembro de 1919!

Ora isto não pode continuar assim. A hora regimental para os trabalhos parlamentares é ás 14 horas. Já é pessimo que até ás 15 os srs. deputados se não lembrem das suas obrigações; mas passa a ser intoleravel que a essa hora e ás vezes meia hora ainda mais tarde se faça uma segunda chamada vagarosa, irritante, propositadamente prolongada com paragens e subterfugios, fazendo ainda por cima, contra a lettra expressa do regimento, a contagem d'aquelles deputados que chegam á Camara já depois de feita a chamada respectiva!

Não. O parlamento fez-se para trabalhar, e o paiz não comprehende que elle se transforme n'uma casa de recreio, n'uma assembleia de cavaco. E dizemos, repetimos pela muita consideração que temos pela mais alta das nossas instituições democratas, que desejamos vêr respeitada e engrandecida para bem da Patria e para prestigio da Republica.

* * *

Um deputado perguntou hontem na Camara se o excesso de trabalho nocturno no Congresso não era extraordinariamente pago aos funcionarios respectivos, como acontecia nos ministerios aos funcionarios obrigados a fazer serões.

Era logica e era justa a pergunta e supomos mesmo que não pode haver duvida na resposta. Se nos outros ministerios se pagem os serões, não ha razão para que o mesmo procedimento não seja seguido no Congresso. Houve porém um deputado que se insurgiu contra semelhante doutrina, um unico, foi o sr. Sá Pereira que é na Camara o porta-voz de todos os extremismos por vezes insensatos, como agora. De duas uma. Ou ha funcionarios a mais, e então façam o serviço por turnos, ou ha os funcionarios precisos, e o trabalho noturno é um excesso que nos outros ministerios se paga e que seria uma injustiça não o fazer ali. Duas medidas não serve, nem é logico. Ou se paga a todos ou se não paga a ninguem, por muito que péze no sr. Sá Pereira ou a quem o sr. Sá Pereira quer ajudar na sua má vontade aos funcionarios do Congresso.

* * *

Para prehenchimento das tres vagas abertas nos circulos de Alcobaça, Santarem e Moçambique, vamos ter mais dois democraticos e um reconstituinte. Os democraticos cuja eleição está garantida são os srs. Gaudencio Pires de Campos, por Alcobaça, e Victor Hugo de Azevedo Coutinho, por Santarem. O reconstituinte e cuja eleição por Moçambique está egualmente garantida é o sr. Dr. Jayme Ribeiro, que se apresentará no entanto ao eleitorado como independente.

E sobre politica e sobre partidos nada mais ha por emquanto digno de nota, se não que muito se enganam os que supõem que o sr. Coronel Baptista já não presidirá ás eleições supplementares.

Nada havia que justificasse agora uma queda total de gabinete, muito embora um ou outro ministro fosse coagido por circunstancias varias a abandonar as respectivas pastas. No entanto, accrescente-se, nem essa probabilidade existe n'este momento no tranquillo xadrez da politica governamental.

Caixa Geral dos Depositos

A ajuda de custo de vida

Nesta estabelecimento do Estado ainda não foi paga a ajuda de custo de vida aos funcionarios contratados, que constituem a maioria do pessoal da Caixa e que teem as mesmas responsabilidades e obrigações dos seus colegas vitalicios, que já receberam.

O decreto 6448 foi ultimamente esclarecido, tornando extensiva aos contratados a ajuda de custo.

Pois nem assim os directores da Caixa fizeram cumprir um decreto que vinha beneficiar os seus empregados.

Em todos os estabelecimentos do estado os directores se esforçam pela melhoria de situação dos empregado; só na Caixa Geral, cuja receita ascende a 2 mil contos anuais, se nega o subsidio que a todos os servidores do Estado foi concedido.

Melhoramentos em Lourenço Marques

Deve ficar concluida no proximo ano a construção do edificio para um grande hotel na praia da Polana, em Lourenço Marques.

O edificio ficará sendo o mais sumptuoso da Africa portugueza. Os encargos da construção ascendem a 123:630 libras, não incluindo mobilario, ascensores, instalações para aquecimento e resfriamento, etc.

A gréve tipografica

Como hontem dissemos, publicam-se já os jornais *A Epoca*, *A Manhã*, *A Opinião*, *A Vanguarda*, *O Popular*, *A Lucta* e *A Capital*.

Tambem já hontem dissemos que o nosso colega *O Debate*, emquanto não tiver typografia propria, terá contacto com os seus leitores por intermedio d'*A Capital*; e hoje podemos acrescentar que o mesmo acontecerá *A Victoria* por intermedio d'*A Manhã*.

Quanto á *Monarquia*, já hontem egualmente inserimos a comunicação que esse nosso colega nos enviou. Como porém o *Diario de Noticias* certamente por lapso transcreveu essa comunicação truncanndo-a, o que pode dar logar a más interpretações, aqui novamente a reproduzimos, para o seu texto integral, chamando a atenção d'aquele nosso colega:

«A empreza deste jornal recusou, por motivos facilmente comprendidos, aproveitar-se dos serviços dos tipografos militares, muito louvavelmente oferecidos pelo Governo á Comissão da Imprensa.

Procura reorganisar neste momento o seu quadro tipografico com operarios civis, *não escravisados á tirania de um sindicato a que nunca conhecem deveres nem limites dos seus direitos*.

Nestas condições a «Monarquia» conta reaparecer dentro de alguns dias, deixando a partir de amanhã de ter a sua acção propria na «Epoca», a cuja direcção se confessa muito grata pela hospitalisação que lhe dispensou nas suas colunas.»

Vae devidamente sublinhada a parte que por lapso o nosso colega «*Diario de Noticias* deixou de publicar.

Como os nossos leitores vêem, em breve todos os jornaes da capital terão devidamente restabelecida a sua publicação

Concurso Literario da "Capital"

O Concurso de peças Teatraes

10 peças apuradas

Reuniu hontem nas salas da redação da *Capital* o jury de peças teatraes apresentadas ao Concurso aberto pelo mesmo jornal, tendo decidido apurar para ultima analise 10 peças sobre que resta incidir uma ultima votação.

Em virtude de D. Julio Dantas, não se achar em Lisbôa, só devendo regressar nos ultimos dias deste mez, foi mais deliberado aguardar a sua chegada para imediatamente, de novo aquelle jury reunir, e decidir quaes as peças que deverão ser aprovadas. Muito embora apenas sobre 3 devam incidir os premios pecuniarios, deliberou o jury escolher 4, visto que, se como é de esperar, as mesmas forem levadas á scena num dos Teatros da capital, numa recita em favor da casa Gil Vicente, e havendo presentemente nos Teatros de Lisboa, 4 companhias de declamação, caber uma a cada um dos respectivos elencos de forma a não ferir susceptibilidades que seriam até certo ponto justificadas.

Resolveu mais o jury, em vista de ter encontrado em alguns dos originaes qualidades demonstrativas de aptidões a incitar e louvar, que apoz o apuramento final e juntamente com os titulos das peças premiadas, dar em separado a publico, e sem ordem de classificação, uma lista das peças que lhe mereceram referencias elogiosas.

Concurso de romances

Reuniu ontem pelas 17 horas o jury que está classificando os originaes entregues ao concurso da *Capital*, eliminando alguns deles e marcando nova reunião para apuramento final na 2.ª feira ás 18 horas.

Uma carta do sr. Ernesto Navarro

Recebemos uma carta do sr. Ernesto Navarro a proposito de um requerimento que o sr. Antonio Mantas enviou á mesa da camara dos deputados, pedindo documentos ácerca da concessão d'um caminho de ferro de Benguela-Velha ao Amboim e que nós ontem publicamos na nossa secção intitulada—Politica—.

O sr. Ernesto Navarro reclama contra o comentario que segue a noticia, derivado apenas de informações prestadas ao redactor encarregado da secção respectiva.

Estamos, porém, convencidos, e comnosco toda a gente sensata e imparcial, de que no decorrer do incidente se provará á saciedade a correcção e honestidade do sr. Ernesto Navarro que, de resto, nunca puzémos em duvida, folgando até em ter ensejo de lhe prestar calorosa homenagem.

Poeira da Arcada

Foi creado o serviço de encomendas postaes nas estações telegrafo-postaes mais importantes da provincia de Moçambique.

Tiros no Bairro Alto

Realisa-se amanhã, ás 15 horas, da Morgue para o cemiterio do Alto de S. João, o funeral de Luiz Martins de Oliveira, ha dias morto a tiro no Bairro Alto, como noticiámos.

O Grupo Carbonario «Os Treze» convida o povo republicano a incorporar-se no funeral, que é a pé.

ESTRANHAS MEDIDAS!

Vadios e gatunos

Terminam os julgamentos sumarios no governo civil

Pela nova lei sobre julgamento de bombistas e seus cumplices, foram abrangidos os vadios e reincidentes, isto é, terminaram os julgamentos sumarios que vinham sendo feitos no governo civil.

Resta vêr o que a pratica dará semelhante tribunal, porque é já de si perigoso confundir inimigos da ordem social, que podem pertencer a todas as classes e a todas as seitas, com outros não menos perigosos inimigos da sociedade, mas esses sem credos politicos nem aspirações de qualquer especie, a não ser a de despojar o alheio.

O facto é que no governo civil imediatamente cessaram os julgamentos, e naturalmente para festejar a publicação da nova lei, foram já hontem postos em liberdade alguns gatunos que ali estavam para responder, entre os quaes o celebre *Nabo Roxo*, um dos mais temiveis em arrombamentos.

O que se vê é que, em materia de policia, parece que o que se trata sempre é de desenvolver o roubo em Lisboa, em vez de o reprimir.

Universidade livre

Continúa ámanhã a série de conferencias públicas que o sr. dr. Carneiro de Moura faz na séde desta Universidade. Tratará dos contratos no direito social, cauções, finanças, penhor e hipoteca. Abordará o problema do casamento e familia nos seus varios aspectos; da anulação do divorcio e separação dos bens; prostituição, direitos e obrigações dos conjuges.

A conferencia é ás 21 horas prefixas.

ASSUNTO MOMENTOSO

Lisboa ameaçada de ficar sem viação electrica

A Companhia pensa em cessar a sua laboração

E o carvão que tem dará apenas para um mez

Nos ultimos dias tem-se agitado extraordinariamente a opinião publica em Lisboa, com a questão do aumento das tarifas dos carros electricos.

Os assinantes convocam reuniões de protesto, a minoria socialista da Camara Municipal declara não votar esse aumento, indo, se necessario fôr, até resignar os seus logares, sucedem-se as conferencias e anunciam-se verdadeiros comicios a fim de interessar o publico que por acaso se mostre indiferente.

Fala-se mesmo já, a tal proposito, em novas eleições camararias, preparando-se, ao que se diz, os socialistas e sindicalistas para travarem rija batalha contra os republicanos a fim de conquistarem o primeiro municipio do paiz, o que, no caso de vencerem, representaria uma verdadeira victoria para eles e um autentico cheque nos republicanos.

Por sua parte, o pessoal dos electricos, das classes operarias a mais mal paga, parece estar na disposição de recorrer á greve, visto a Companhia ter declarado que, mesmo com o aumento que a Camara votára, lhe não podia melhorar os vencimentos.

Por este simples nunciado se vê quanto o caso é complexo e de dificil resolução. Cada um fala ao sabor das suas paixões, não havendo—como em regra geral sucede sempre—razões que o convençam de que, n'uma questão de tal magnitude como é a da viação electrica em Lisboa, se tem de pôr de parte todo o *parti-pris* e se tem de avaliar com serenidade e imparcialmente os motivos, as causas que fizeram com que se chegasse ao estado agudo que ela atingiu.

Vamos vêr se, expondo serenamente o que se tem passado, conseguimos dar uma idéa clara e precisa aos que nos leem do estado em que na hora presente se encontra a questão da viação electrica.

Ha sete mezes—sete mezes nada menos—a Companhia Carris de Ferro pediu á Camara Municipal para serem revistos os seus contratos.

Não podia, devido á carestia do carvão e de todo o material, continuar mantendo os preços das carreiras e via-se forçada a aumental-os. Não o podia, porém, fazer sem a devida autorisação da Camara. Ameaçada de sofrer uma greve da parte do seu numeroso pessoal, greve que sempre afinal se pronunciou, embora fosse rapidamente solucionada, era urgente que a Camara tomasse uma resolução.

Com o sestro, porém, dos nossos homens publicos, desde os mais humildes aos mais elevados, houve discursos, mais discursos, muitos discursos. Passou-se o tempo em discussões bisantinas, esboçaram-se gestos, com o aplauso de uns e a critica de outros, mas quanto a tomar uma resolução, que era urgente, inadiavel mesmo, isso protelava-se indefinidamente.

Parola, muita parola, nada mais. A Camara discutia, mas quando se chegava ao capitulo de se manifestar d'uma modo claro e terminante... continuavam os discursos.

A situação foi se agravando dia a dia. As materias primas encareciam, o carvão subia de preço e não se obtem o que se quer, sendo com grandes dificuldades, enormes dificuldades mesmo que se consegue alcançal-o, o pessoal da Companhia mostra-se impaciente, porque exige melhorias, pois o ordenado lhe não chega, e a Companhia insta com a Camara para que se tome uma solução.

Faz até mais. Chama uma comissão do seu pessoal, patenteia-lhe a sua escrita, demonstra-lhe d'um modo irrefutavel, com numeros, que são sempre o argumento mais convincente, que não poderia aceder ás suas exigencias enquanto lhe não fôsse permitido aumentar os prêços das carreiras.

O pessoal convence-se de que realmente assim é e aguarda, embora sofrendo e continuando a reclamar, mas sabendo já que é da Camara Municipal que depende, agora, a melhoria da sua situação.

Chega-se finalmente ao dia em que, após incidentes varios e uma sessão agitadissima, como os jornaes largamente relataram, se vota o aumento de tarifas, que n'alguns casos é de 60 °/o, n'outros oscila entre 60 e 70 °/o.

E' grande a indignação que a noticia causa. E os que assim se manifestam não se lembram, ou fingem não se lembrar, de que ainda não ha muito as tarifas dos caminhos de ferro sofreram um aumento de 100 °/o sobre o que já anteriormente havia sido concedido; não se lembram, ou fingem não se lembrar de que tudo, absolutamente tudo, tem encarecido, de que o transporte em trem ou em automovel custa hoje rios de dinheiro.

Tudo isso esquece, para só se voltarem as vistas para o aumento agora concedido ás tarifas dos preços dos carros electricos.

E a Camara revogou hontem á noite a sua deliberação, sem se atender á grave situação em que a cidade ficará no caso de que a Companhia Carris de Ferro resolva suspender a sua laboração, como ela afirma estar na intenção de o fazer.

Tanto mais que o carvão que tem apenas lhe dá para um mez, que o credito que em Londres tinha para o comprar e que era de 20.000 libras está exgotado, e que por mez tem um deficit de nada menos de 220 contos.

Por dia, com o pessoal, dispende a Companhia Carris de Ferro seis contos, nada menos, nada mais, e isto com os ordenados que lhe está pagando. A quanto subirá essa despesa desde que se veja obrigada a melhoral-os?

Como este artigo vae já longo, amanhã o diremos. E amanhã continuaremos as considerações que estamos fazendo.

O que desde já podemos, porém, assegurar, é que a direcção da Companhia está na disposição de, caso a situação se não modifique, logo que se lhe acabe o carvão que tem, fechar as portas.

Quer isto dizer que d'aqui a um mez em Lisboa não haverá viação electrica. E' isto o que se pretende e o que o publico, o grande juiz, quer?

N'outro logar publicamos um comunicado da direcção da Companhia que vem coroborar por completo estas ligeiras considerações. Amanhã nos ocuparemos detidamente da situação creada não só á Companhia, como aos municipes.

Por outro lado, tambem inserimos a moção hontem aprovada pela Camara. Assim o publico fica melhor esclarecido.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

O "truc" da Companhia dos Electricos

A direcção da Companhia dos Electricos publicou nos jornais da manhã um comunicado muito curioso sob todos os pontos de vista que se encare.

Não queremos fazer agora uma analise detalhada desse documento:—agora queremos dizer apenas que esse documento atina a ludibriar o publico com numeros duvidosos e propositos vãos.

A Companhia dos Electricos, habilmente, reputa como pequeno, para ocorrer ás dificuldades que a assoberbam, o aumento de tarifas que ha dias lhe fôra consentido fazer, por meio duma deliberação irrita e nula da Camara Municipal.

Porque é que ela lança mão deste *truc*? Não se faz mister ser-se muito perspicaz para lhe descobrir os intuitos. Pareceu-lhe que desta sorte conseguia desviar a atenção do publico da ilegalidade que revestiu o voto que a autorisou a elevar o preço dos bilhetes e atrai-la para a ameaça que formula de que dentro em breve tem que ser permitido um novo aumento de taxas para que os electricos possam continuar a circular.

Isto é tão evidente como dois e dois serem quatro...

Possuimos, com efeito, todos os elementos necessarios para provar que o novo contracto que se quiz estabelecer entre o Municipio e a Carris representa uma monstruosidade vergonhosa que, alem de lesar criminosamente os interesses e as regalias legitimos dos habitantes da capital, colocaria a empresa de Santo Amaro em condições de tripudiar como lhe aprouvesse a coberto de todas as responsabilidades.

A Companhia dos Electrico passaria a poder fazer tudo quanto lhe apetecesse, sem que dos seus actos tivesse que prestar contas a ninguem.

Não vai aqui exagero nenhum, como provaremos tão depressa possamos desalbergar *O Debate* da guarida amiga que nos tem dado *A Capital*.

C. da C.

N. da R.—*O nosso artigo de ontem, sob o titulo «A Camara e a Carris», saiu mutilado num dos seus trechos iniciais. Onde se lê: Esta operação colide com interesses que montam a muitos milhares de contos e, como é curial, não se compreende bem que, sendo assim, se aprove ou regeite a proposta mediante a qual ela seria levada a efeito, deve ler-se: Esta operação colide com interesses que montam a muitos milhares de contos e, como é curial, não se compreende bem que, sendo assim, se aprove ou regeite a proposta mediante a qual ela seria levada a efeito, sem que sobre a mesma proposta tenha incidido uma ampla discussão.*

Jorge Rosa d'Oliveira

A nossa tipografia, de mãos dadas com a revisão, cometeu hontem verdadeiras diabruras. Imagine-se que em vez do nome do distincto consul de Portugal em Shangae, sr. Jorge Rosa d'Oliveira, que escrevemos, com a nossa melhor caligrafia, saiu no titulo Jorge Rosa d'Almeida e n'outro logar se lhe chama José Sousa d'Oliveira.

Ficando assim feita a devida rectificação, aproveitamos o ensejo para saudar o considerado funccionario.

Partido Republicano Liberal

A sessão de propaganda de amanhã

Como hontem noticiámos, realisa-se amanhã, ás 21 horas, no jardim de inverno da *Lucta*, promovida pelo Centro Ribeiro de Carvalho, uma sessão de propaganda politica, na qual usarão da palavra os srs. dr. Fernandes Costa, sobre politica geral; dr. Egas Moniz, educação nacional; Thomé de Barros Queiroz, questões financeiras; dr. Vasconcellos e Sá e capitão de fragata Philomeno da Camara, questões coloniaes; dr. Alfredo Machado e Almeida Junior, instrução em Portugal; Ribeiro de Carvalho e Judice Bicker, questão economica e social, socialismo e sindicalismo; dr. Ferreira de Mira e Benjamim Jeronimo, organisação dos partidos em Portugal.

A' sessão preside o sr. dr. Brito Camacho.

Vida militar

Juramento de bandeiras

Na Escola de aplicação da administração militar, ao Lumiar, realisa-se amanhã, ás 14 horas, a cerimonia da ratificação do juramento de bandeiras, á qual se conta com a assistencia do sr. Presidente do Ministerio, Ministro da Guerra, comandante da Escola Militar, director do Colegio Militar e outros individualidades.

Haverá varios numeros sportivos por oficiaes e praças, figurando entre elles saltos a cavalo por oficiaes, e o quartel será franqueado ao publico.

Ao sr. major Mira Saraiva, que teve a gentileza de vir convidar-nos pessoalmente para essa festa, os nossos agradecimentos.

A fuga do "Motta Caréca"

Desleixo que dá origem a que um gatuno possa exercer livremente a sua «arte»

O gatuno Antonio da Silva, o *Motta Caréca*, estava preso no Limoeiro por se achar pronunciado e ter de responder por diversos roubos por meio de arrombamento.

E' um dos gatunos mais perigosos, pois, quando está em liberdade, raro é o dia em que não pratica uma das suas proezas, tendo um cadastro respeitavel e conhecendo como poucos todos os meandros do governo civil e das cadeias, de que é assiduo frequentador.

Aspirando á liberdade, lembrou-se de dizer que estava doente e como, com efeito, sofre mais ou menos dos pulmões, conseguiu ser removido para o hospital do Rego no dia 10 de abril findo. No dia 16 do mesmo mez, seis dias apenas depois d'ali ter entrado, evadiu-se e, assim que se encontrou na rua, voltou a dar que falar de si, pois que praticou nada menos d'uns quatorze ou quinze arrombamentos, tendo sido novamente preso na segunda-feira passada.

Até aqui, nada ha de censuravel. Um gatuno que está preso trata de recuperar a liberdade e logo que o consegue põe em pratica as suas artes. E' natural, é logico.

O que, porém, não é natural nem logico, o que é digno de reparo é que nem do Limoeiro participassem á policia a remoção do preso para o hospital, nem d'este avisassem tambem a policia de que ele se tinha evadido.

Não se compreende, nem se justifica semelhante procedimento. Foi devido a essa omissão, a esse desleixo, que a gatuno poude a são e salvo praticar tão elevado numero de arrombamentos, cuja responsabilidade moral pertence ao director das cadeias do Limoeiro e ao director do hospital do Rego.

Ensino primario e normal

Reune na proxima segunda feira, pelas 21 horas, a comissão encarregada de regulamentar a legislação de ensino primario e normal na parte em que ainda o não está

Sanidade interna

Segundo o boletim de sanidade interna apresentado ao Conselho Superior de higiene, na semana finda em 15 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difteria, 2 de meningite, 4 de sarampo e 1 de tosse convulsa.

Malas postaes

Pelo vapor holandez *Limburgia* são depois de ámanhã expedidas malas postaes para Las Palmas, Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas desse dia a ultima tiragem da caixa geral.

Novos faroes no Faial

Começaram já a funcionar os novos faroes da Ribeirinha, ilha do Faial e da Areia Larga, ilha do Pico.

O aumento das tarifas dos "Electricos,,

Pedem-nos a publicação do seguinte:

21 de Maio de 1920.—Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa.—*Ex*mo. *Sr.*:—Temos conhecimento do aumento de tarifas votado pela Ex.ma Camara e que vamos pôr imediatamente em vigor.

E', porém, do nosso dever dizer a V. Ex.a que a resolução tomada não resolve as dificuldades que atualmente existem, de modo que seremos levados a uma situação irredutivel em curto periodo, resultante de factos, que, verbalmente e por escrito, temos largamente exposto á consideração da Ex.ma Camara.

Se o custo do carvão passou de 5 para 175 escudos a tonelada, se os salarios quasi quadruplicaram, se tudo aumentou de preço, quem terá que suportar esse encargo no que diz respeito a transportes? Indubitavelmente os passageiros, pois que a Companhia o não pode fazer. E tanto assim foi entendido por toda a parte, que o Governo autorisou o aumento de tarifas nos caminhos de ferro de 200 %, apesar do serviço ali ser menos dispendioso do que na Companhia Carris, não só por ser menor o pessoal, por cada carruagem, como tambem por não ter continuas paragens que aumentam muito o consumo do carvão, por terem os carros de arrancar continuamente. E tambem assim se entendeu em todas as cidades do mundo, onde o preço das passagens em *tramways* vae até oito vezes mais do que aquele que entre nós se paga. Juntamos copia dos mapas que sobre o assunto, em diversas datas enviámos a V. Ex.a (documentos A: «todos os mapas que temos enviado sobre o assunto»).

Estamos hoje queimando, em vista da crescente má qualidade do carvão, 100 a 105 toneladas diarias; alguma lenha começámos tambem ha pouco a empregar. Conclue-se que de um aumento de 10$00 escudos no preço do carvão, resulta para nós um acrescimo de despesa anual de 365:000 escudos. Em Janeiro e Fevereiro ultimos ainda empregavamos carvão adquirido a 70$50. Hoje, o que estamos usando, custou a 155$00, o que representa, só em carvão, de Fevereiro para cá, um aumento anual de despesa em carvão de, proximamente, 3:000 contos e como o já estamos comprando a 175$ e o preço do mercado é de 190$00, com tendencias para aumento, bem é de vêr que breve o aumento anual da despesa em carvão, em relação a Fevereiro último, subirá a perto de 4:000 contos.

Hoje, o custo diario de carvão e lenha consumidos, regula por escudos 15.500$00, aumentando dia a dia, breve sendo de 17.500$00 logo que acabe a parte do nosso *stock* que comprámos a 155$00.

As receitas diarias da Companhia regulam, incluindo os passes, por escudos 15.000$00, o que quer dizer que só o consumo de combustivel gasta a totalidade das receitas diarias, para conseguir as que a Companhia tem de transportar cada dia mais de 250:000 passageiros, em carros que não tem sido possivel renovar e com maquinas a que o periodo da guerra que acabamos de passar não permitiu fazer as reparações e substituições que seriam para desejar. Ninguem poderá negar que tal resultado só se obtem com a boa vontade de todo o pessoal e que dificilmente poderá ser excedido.

Durante muitos anos a Companhia teve sempre grandes *stock* de carvão e materias primas, o que lhe permitia comprar nas ocasiões vantajosas e, assim, ainda durante a guerra poude até auxiliar em momentos dificeis, a propria administração publica. Hoje, porém, devido á falta de dinheiro com que vimos lutando, não podemos seguir o mesmo sistema, de modo que o nosso actual *stock* não nos permitirá trabalhar mais 30 dias. Enviámos em tempos á Ex.ma Camara mapas com o aumento do custo dos materiaes de que juntamos copia (documento B).

As despezas com o nosso pessoal quadruplicaram e são hoje de 2:458 contos, o que não quer dizer que o pessoal não viva com as maiores dificuldades do que antes da guerra, trabalhando todos os dias da semana sem descanço algum, afim de com o duplo pagamento das horas extraordinarias obter um maior salario. A' boa vontade do pessoal em bem servir o publico se deve o não ter sido interrompido já o serviço, pois que os operarios metalurgicos das nossas oficinas, apesar da combinação feita e aprovada entre patrões e operarios na Associação Industrial Portugueza, ainda estão recebendo os salarios antigos e continuam trabalhando para não causar dificuldades á exploração. Enviamos a V. Ex.a um mapa dos salarios do nosso pessoal (documento C).

Actualmente e dado que o preço do carvão e o cambio se não agravem, como tudo leva a crer, pois que a nossa colheita de trigo deve ser inferior á que era antes da guerra e a colheita dos Estados Unidos é fraca, o nosso *deficit* mensal será de 220 contos, proximamente, como se vê no mapa que juntamos (documento D), apesar do aumento por V Ex.as autorisado. E isto sem dar qualquer novo aumento ao pessoal, sem organisar a Caixa de Reformas e sem aumentar o numero de carros, e melhorar os serviços. Poderão os individuos que apenas procuram fazer agitação da cidade, negar a veracidade do que dizemos, mas V. Ex.as conhecem bem a nossa contabilidade, visto que por duas vezes delegados da Camara a examinaram. Demais, sem qualquer especie de exame, basta verificar o carvão que gastamos, que é automaticamente registado pelas maquinas e pesagem na Estação Geradora, e vêr qual é a importancia paga ao pessoal para verificar que só essas verbas excedem em perto de 7 contos as receitas diarias, e dentro em poucos dias, quando começarmos a consumir o carvão comprado a 175 escudos, essa verba subirá ainda.

Sabe bem a Companhia que a população da cidade, já sobrecarregada com o custo da vida, reclama naturalmente contra o novo encargo do aumento de preços dos transportes em carros da Companhia. Mas essas reclamações não resolvem as dificuldades do momento e a questão a considerar e que deve ser discutida, é, a nosso vêr «Deseja a população de Lisboa que continue o serviço dos electricos, pagando a seu custo, ou deseja que ele se suspenda de vez?» Porque é necessario que se acredite que, o que a Companhia actual, com o seu material comprado pelos preços anteriores á guerra, com um pessoal habilitado e adextrado, não pode fazer, nenhuma outra o fará. E, portanto, quando expômos a situação que resultou da guerra á consideração da Ex.ma Camara, como representante da população da cidade, é ela que tem de solucionar este dilema, solução dificil, é certo, mas que a situação impõe.

O exemplo da companhia do Gaz é frisante; apezar de tudo, o preço do gaz subiu quasi quatro vezes o que era antes da guerra e hoje, apezar disso, não temos nenhum e grande parte da cidade está ás escuras e regressou-se á iluminação a petroleo, em grande numero de casas, com o petroleo a 60 centavos ou mais o litro. Se a Ex.ma Camara atender as reclamações de uma minoria da população, poderá conseguir arruinar por completo a Companhia Carris, mas dentro em pouco, ou só terá os transportes doutros tempos, com preços modernos, ou terá de pagar preços bem mais elevados do que aqueles que agora pedimos.

Procurou a Companhia com o melhor desejo de chegar a um acôrdo, substituir os antigos contractos por outro, claro, sem duvidas, em que ficassem bem expressos os deveres de cada um. E fel-o na melhor das intenções e para acabar com continuadas questões que a todos, e especialmente á Companhia, agravam, apesar desta ter mantido durante a guerra os seus serviços, como nenhuma outra e ainda agora estar dando á Ex.ma Camara, mensalmente, quasi oito por cento das suas receitas brutas, ou sejam perto de 30 contos mensaes (30.279$00 em janeiro e 29.472$00 em fevereiro ultimo).

E o mesmo empenho tem ainda. Mas a questão actual é muito mais grave; se a Ex.ma Camara e a população não quizerem fazer á Companhia as mesmas concessões que, bem como o governo teem feito a outras entidades—Companhias, avisinha-se rapidamente o dia em que, contra a sua vontade, ela não poderá manter os serviços, por falta de receitas, e depois, se tal suceder, é que serão apreciados os esforços que a Companhia tem feito, mas será então tarde e sem remedio a não ser sem um aumento de preços bem maiores do que aquelles que agora evitariam o descalabro.

Tudo tem aumentado; os generos indispensaveis á vida tem subido tres, quatro, dez e mais vezes de preço. Como pode admitir-se possivel que não aumente o dos transportes em comum na cidade? Demais o andar de carro, sobretudo para pequenas distancias, não é indispensavel à vida e a ninguem, a não ser aos doentes e invalidos, faz mal andar quatro ou cinco quilometros por dia. Contam-se, entretanto, por milhares as pessoas que diariamente entram nos carros para serem transportadas a alguns centos de metros e se isto se tornou um habito, como o fumar, justo é que quem o adquiriu pague o necessario, tanto mais que actualmente ninguem deixa de fumar, apesar dos preços fabulosos que o tabaco atingiu.

São os principaes reclamantes pessoas que se dizem representar os portadores de passes, e está esta Companhia convencida de que, se não desejasse aumentar os preços dos mesmos passes, parte das reclamações desapareceriam. Mas não o quiz fazer a Companhia, pois, para isso teria de sobrecarregar proporcionalmente aquela parte do publico que não dispõe de dinheiro para comprar passes, e que é a maioria. Se novos encargos são precisos, eles deverão recair, a nosso vêr, sobre quem melhor os pode pagar, isto é, sobre aqueles que dispõem de dinheiro, ou tomam os carros para curtas distancias. E' assim que se procede na grande Republica Norte Americana, onde ninguem pode entrar nos carros, qualquer que seja a distancia, sem pagar, pelo menos duas zonas.

A Companhia tem hoje 111 kilometros de linhas e para verificar quanto são baratos os passes, taes como propuzemos os seus preços, basta comparal-os com os que as Companhias de caminhos de ferro dão para a mesma extensão de linha, para bem resumido numero de comboios. Devemos ainda expôr a V. Ex.a que se diz ou se alega que a Companhia procura levar o seu pessoal para a greve. E' mais um dos boatos tendenciosos que se espalham com fins diversos; bem sabe, porém, a Ex.ma Camara que por duas vezes, com sacrificio e a seu pedido aumentámos 60 e 40 centavos ao pessoal, apesar da critica situação da Companhia, e ainda tambem conhece quantas vezes, com V. Ex.a, procurámos convencer o pessoal a continuar no trabalho e sempre pela nossa parte temos procurado levar o nosso pessoal a manter-se no serviço, porquanto a gréve em todos os casos prejudica a Companhia, pelos estragos no material pela saída do pessoal antigo e habilitado e por mais razões que são obvias.

Terminando, diremos a V. Ex.a que, se a Companhia desejou a modificação dos antigos contratos, foi para acabar com duvidas, incertezas e contínuas dificuldades para todos prejudiciaes.

No novo projecto de contrato nenhuma nova concessão se dava á Companhia qxe nos antigos se não contivesse. Antes novos encargos se lhe impunham e basta comparal-os para o verificar. O que de novo n'ele se contém é o principio de que, se as despesas aumentam ou diminuem, as tarifas aumentam ou diminuem correspondentemente, sendo a decisão entregue á arbitragem; e se tal condição se contivesse nos anteriores contratos, não chegariamos á atual situação, pois que a Companhia poderia ter em tempo melhorado os seus serviços e organisado os seus *stocks*. Mas Mas como expuzemos á Ex.ma Camara, se a questão contratos pode esperar e se podemos continuar os serviços com o que eles dispõem, a questão financeira é que é dominante e impõe uma solução urgentissima. Sendo as despesas superiores ás receitas e exgotado o carvão de que dispômos e que só poderá durar um mez, decerto a Ex.ma Camara concordará comnosco que a situação se tornará desesperada e não se resolverá senão com uma diminuição de despezas que só se poderá fazer reduzindo o serviço ao minimo e tomando para esse fim as medidas indispensaveis.

Terminando, mais uma vez afirmamos a V. Ex.a o nosso desejo de continuar a cooperar com a Ex.ma Camara Municipal, fazendo quanto nos seja possivel para que o serviço continue de maneira a não prejudicar os interesses da cidade. Do modo como o temos feito como até agora, dizem-no os relatorios das duas comissões com quem até agora temos negociado.

Saude e Fraternidade.

Pela Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

Os Directores

(a) *A. Freire de Anrade*

(a) *A. O. Kolkorst*

O sêlo da Assistencia

Uma comissão de proprietarios de hoteis, restaurantes, leitarias e cafés esteve hoje com o sr. presidente do ministerio, a quem foi pedir a sua intervenção no caso do sêlo da Assistencia. Desejam que essa verba seja incluida nas suas contribuições industriaes, dispensando-se assim a fiscalisação nos livros das suas casas.

O sr. Antonio Maria Baptista disse-lhes que apresentassem as suas reclamações por escrito, afim de serem estudadas.

Camara Municipal de Lisboa

Questão dos electricos

Em sessão de hontem foi votada por unanimidade a moção seguinte:

«A Camara Municipal de Lisboa, tem procurado resolver o gravissimo e instante problema da viação electrica, no sentido e de forma a obviar a uma paralisação desses indispensaveis meios de transporte.

Para este fim e com a assistencia, colaboração, ajuda e trabalho da minoria socialista estabeleceu-se um projecto de contrato, que é o ora em discussão, e assentou-se como principio fundamental que não se aumentariam as tarifas sem a indispensavel consequente melhoria e desenvolvimento da industria dos transportes a qual se obteria com a revisão e unificação dos respectivos contractos.

Funcionou a primeira e segunda Comissão com o respectivo representante socialista; essa entidade, na primeira reunião desses mandatarios, assinou, ractificou e colaborou de comum acordo todo o trabalho da maioria republicana; na dos segundos limitou-se, o delegado da minoria fiscalisadora, a assinar com restrições.

Designada, «para discussão do projecto», uma das ultimas sessões, esboçaram-se e acentuaram-se reclamações publicas de alguns municipes, e, mais, a minoria socialista, em contradição com os trabalhos dos seus delegados e representantes, já indicados, apresentou o estudo da questão debaixo dum novo aspecto e ponto de vista: — com — participação na exploração da Carris de Ferro e até mesmo resgate do monopolio.

O pessoal operario da Companhia, exausto de solicitar a atenção da Camara para as suas dificuldades financeiras, fazia conhecer á municipalidade a paralisação dos carros caso a Companhia insistisse em se restringir ao cumprimento dos actuais contratos, reduzindo o numero de veiculos em circulação e dispensando 50 % dos seus artifices e proletarios.

Discutir e votar, pois, um novo contracto debaixo desta coação moral seria iniquidade revoltante tanto mais que um numero de reclamantes, atribuindo-se o de representantes da opinião publica, combatiam o projecto com apostofres veementes.

Perante os dilemas da discussão do contracto ou paralisação dos serviços e o mal menor do aumento tarifario, até que uma nova comissão ouvisse e escutasse os reclamantes e reclamados, a Camara inspirada nos altos interesses da cidade que a elegeu, optou por esta ultima solução conciliatoria no sentido expresso de evitar uma greve prejudicialissima aos municipes.

Porem os protestos redobrarão de intensidade e assim:

Quanto ao aumento de tarifas

a) Os denominados delegados da opinião publica protestam contra esse agravamento porque, dizem e asseguram, que ele é exagerado e menos consentaneo com as necessidades da Carris, da sua industria e dos seus assalariados;

Por outro lado:

b) A Companhia julga inutil, precarie e insignificante, o aumento votado que em nada a beneficia e aos seus operarios.

Assim restava e resta, a Camara Municipal de Lisboa, apurar o resultado dos estudos de sua terceira e nova Comissão delegada.

Desses trabalhos conclue-se a confirmação do exposto.

O projecto de contracto nem sequer foi considerado e discutido.

Não pode, nem deve, a Camara Municipal de Lisboa, substituir-se e antepôr-se ás correntes contrarias ao assunto em causa.

Boas ou más, minusculas ou densas, a Vereação não possue outro amparo, outro estimulo aos seus esforços de querer liquidar uma questão gravissima que, certamente, vai afectar e prejudicar a vida citadina.

A culpa, porém, não é dela que se não tem escusado a agruras, canseiras e exforços, para, nesta contenda, ser imparcial, justa e equitativa.

Assim indicada está a solução desde que um grupo de municipes e de corporações administrativas diz e repete que á Companhia Carris não devem ser dispensados quaisquer amparos, beneficios ou patrocinios e desde que, esta empreza, igualmente, diz e repete, que essas transigencias em nada a favorecem e melhoram.

A questão, na sua fase aguda, está simplificada e a missão de paz, conciliação e interesses e de concordia, esboçada pela Camara Municipal de Lisboa, igualmente está terminada e talvez, nem sequer, foi compreendida.

A reversão ao estado em que se achavam precedentemente as coisas é a unica deliberação que ha a tomar.

O contrario seria a Camara transformar-se numa instituição contenciosa contraria aos seus fins administrativos e de utilidade publica.

Repondo-se no seu lugar, assumindo cada um a responsabilidade dos seus actos, das suas palavras, dos seus incitamentos e dos seus pontos de vista, resta á Camara Municipal de Lisboa considerar-se neutral em tal assunto e deixar ao decorrer do tempo a justificação plena do seu procedimento e das suas honradas intenções, sempre ditadas e inspiradas nos elevados principios de interesse colectivo.

Por todas estas considerações a Camara Municipal de Lisboa resolve:

1.º—Retirar o aumento de tarifas concedido á Carris de Ferro, numa das suas ultimas sessões;

2.º—Retirar da discussão o projecto de contracto com a mesma Empreza;

3.º—Fiscalisar o rigoroso e inteiro cumprimento dos contractos em vigôr e dar ordem ao contencioso para proseguir nas questões judiciaes que se encontrem pendentes nos diferentes tribunaes.

4.º—Dando assim um exemplo de nobilissima tolerancia e de respeito pelas opiniões controvertidas, passar á ordem da noite, dando por liquidado todos os seus esforços e intentos de evitar á cidade um mal maior.

A Camara Municipal elegeu uma nova comissão de viação encarregada de receber o momentoso problema da viação. Essa comissão é constituida pelos vereadores socialistas José Gregorio d'Almeida, Manoel Ryder da Costa e Augusto Cezar dos Santos.

Pelo Telegrafo

Em Madrid receiam-se varias desordens, caso continue a falta de pão. As autoridades adotaram medidas energicas e estão dispostas a proclamar o estado de sitio se a normalidade se não restabelecer. Foram passados mandados de captura contra os dirigentes do movimento grevista. Na região das Asturias é grande a excitação.

A Confederação Geral do Trabalho franceza mandou regressar imediatamente ao trabalho.

Foi arremessada uma bomba contra o deposito de munições nos arredores de Krakoiewith, na Iugo-Slavia, havendo 7 mortos e 62 feridos.

As principaes companhias productoras do cobre fizeram um contracto com o Consorcio Bancario francez para a venda em França de todo o cobre que se consumir em dois anos, entregando 3.000 toneladas mensais.

A assembleia nacional hungara aprovou os orçamentos. Na igreja de Monpsee descobriu-se um roubo de alfaias no valor de um milhão de coroas.

Em Charlestown travou-se uma verdadeira batalha entre a policia e os mineiros, ficando mortos 7 agentes da policia e 2 mineiros e grande numero de feridos. A autoridade administrativa quiz intervir no conflito, mas ficou gravemente ferida.

O «Messagero» dá como provavel o novo governo italiano: Nitti, presidente; Scialoja, negocios estrangeiros; Bonomi, guerra; Sechi, marinha; Schantzer, tesouro; Alessio, fazenda; Fera, justiça; de Nava, obras publicas; Bertini, agricultura; Terro, instrução; Michelis, territorios reconquistados; Ferraris, industria.

A legação do Mexico no Chile confirma que as forças governamentaes foram derrotadas pelos revolucionarios. O presidente Carranza foi aprisionado, mas conseguiu fugir para o interior.

TOURADAS

ALGÉS

A corrida de amanhã principia ás 17,15. São lidados 10 touros e garraios. A cavalo toureiam os amadores José Gomes e João Nunes Pedreira (do Cartaxo) novo em Lisboa; e a pé destemidos amadores. A lide será coadjuvada pelos artistas A. Salgado, E. Cebola e «Punteret», e por alguns praticantes do Campo Pequeno. O cabo dos forcados será o pegador Hernando, de Vale de Figueira. Antonio Preto e a sua troupe apresentam os intermedios comicos «Os gangas toureiros» e «Uma enfermeria diabolica».

Vida Sportiva

Nota do dia

Aproxima-se a grande olympiada de Anvers. Infelizmente ainda é bastante problematica a participação dos portuguezes n'esse grande certamen internacional. Não porque tenha havido falta de vontade do Comité Olympico Portuguez.

A iniciativa do sportsman Prestes Salgueiro foi boa, vingou e alguma coisa se tem feito de util, mas nem todos teem sabido auxilia-la. Tem havido, como de resto se nóta em tudo quanto é productivo, más vontades, quer de Clubs, quer individualmente, talvez pela propaganda descabida de certas pessoas que desejariam chamar a si ou aos seus o «penacho», aquelle «*posso quero e mando*» conhecido já entre nós, mas que até agora resultado algum tem dado.

O Comité tem trabalhado, é facto, e o seu trabalho tem-se feito sentir.

Mas irão os portuguezes a Anvers? No tiro parece que alguma coisa se tem feito, no hipismo tambem ha vontades, na esgrima igualmente se procura o melhor que se pode dar a impressão de que se trabalha e assim nesta situação continuaremos vivendo até chegar o momento da partida, em que todos estão trabalhados, todos teem direito a «*lá ir*», emfim, numa palavra todos ambicionam o «*passeio*» sem que ao menos se lembrem deste malfadado paiz que em todas as camadas e em todas as categorias está indisciplinado e que bem mereciam o nosso esforço e o nosso trabalho para deante do estrangeiro o podermos levantar e enobrecer.

Trabalhando, mas trabalhando sempre com o fim que pretendemos atingir, se pode conseguir alguma coisa, mas, como até agora se tem feito, apenas com *muitas palavras e poucas obras*, nada se consegue e não será com o nosso voto que os sportsmen portuguezes participarão da grande olympiada.

A. de Campos Junior.

Pelos Clubs

Ginasio Club Português

A direcção deste Club resolveu conservar aberta a inscrição para o Campeonato Nacional de Pesos e Alteres, até ao dia 28 do corrente, devendo a reunião dos delegados dos Clubs concorrentes ter logar no dia 29 ás 21 horas.

Assembleia Geral Ordinaria

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mêsa da Assemblêa Geral do Banco Nacional Ultramarino é convocada a mesma Assemblêa a reunir-se no edificio do Banco no dia 29 do corrente ás 14 horas para os fins designados no artigo 24 dos estatutos.

Lisboa 18 de Maio de 1920.

O Secretario da Meza da Assembleia Geral

(a) *Francisco Mendonça de Sommer.*

Festas associativas

Academia Recreio Artistico—Amanhã, ás 21 horas, ha recita com as comedias *O comendador Aleixo* e *Toribio 39 da 8.a* e a opereta *O canto celestial*, seguindo-se baile.

Noticias da Capital

Falsificação de recibos

O agente Pereira do Santos da 3.a secção da policia de investigação concluiu já as suas diligencias sobre a falsificação de documentos no ministerio da Instrução em que estavão implicados Artur Antonio Duarte Quintão, 3.º official da 10.a Repartição de contabilidade publica, e Francisco Ferreira, 2.º official da mesma repartição. A principio suspeitou-se tambem do funcionario Abel Nunes da Silva Cordeiro, 3.º official vendo-se depois que este nenhuma responsabilidade tinha pelo que foi restituido á liberdade. Os outros dois confessaram que de facto haviam falsificado recibos de varios empregados do Ministerio da Agricultura que depois descontaram no Banco de Portugal, falsificando as assinaturas dos chefes das repartições sobre as quaes colocaram os selos brancos. Essas falsificações são respeitantes a honorarios de varios professores, dependentes do ministerio da instrução.

Tambem falsificaram facturas de um falso fornecimento de mobiliario, facturas essas passadas em nome da firma José Antonio Machado & C.a

As burlas são no total de 862$50.

Os presos, que seguiram hoje para o Tribunal da Boa Hora requereram ao ministro respectivo para entrarem com a importancia da burla o que lhes foi negado.

EDITAL

O Dr. Manuel Nunes da Silva, Juiz-Presidente da primeira vara comercial de Lisboa.

Faço saber que no dia 2 do proximo mez de Junho ás 12 horas n'este Tribunal, se ha-de proceder á eleição suplementar de jurados para substituirem os que foram escusados, sendo para a 1.a Vara—1.a pauta 4, para a 2.a pauta 6, e para a 3.a 2, e para a 2.a Vara—1.a pauta 4, 2.a pauta 2, e 3.a pauta 1.

Lisboa e Presidencia da 1.a Vara Comercial 20 de maio de 1920.

O Juiz Presidente

Manuel Nunes da Silva.

O rei do Circo

Revelações, o ultimo episodio desta explendida pelicula, pela forma como finalisa a magnifica serie de aventuras e ainda pelo trabalho do notabilissimo Eddie Polo, constituiu um legitimo sucesso. Está a sahir do ecran, devendo aproveitar, quem ainda não assistiu a tão sensacional espectaculo, ás suas exibições de hoje e amanhã.

Batalha de rainhas, uma joia de alto valor, em que tomam parte lindissimas mulheres, é tambem um dos atractivos do espectaculo desta noite.

Para breve anuncia a empreza a estreia da colossal fita em 18 episodios, 36 partes, *A luva vermelha*, surpreendente trabalho da eximia actriz Maria Walcamp.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3522—10.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 23 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 2 centavos

AMNISTIA

Voiu a publico a noticia de que muitos deputados e senadores vão mandar para a mesa das suas respectivas camaras uma nota convidando o governo a apresentar uma proposta de lei concedendo amnistia aos crimes politicos. Eis-nos no bom caminho. Ao parlamento compete, segundo a constituição, conceder a amnistia, mas os membros do parlamento visados na noticia a que aludimos, não quizeram apresentar, como poderiam fazer, de iniciativa propria, o projecto de lei respectivo, porque entenderam, e muito bem, que, se tinham competencia para o fazer, não possuiam, todavia, os elementos necessarios para avaliar da oportunidade de tão importante acto, elementos de que naturalmente só o governo pode ter conhecimento perfeito. Ao governo, pois, compete corresponder, no mais breve praso de tempo, ás nobres diligencias dos referidos parlamentares ou declarar ás camaras que não julga ainda propicia a ocasião para se exercer a magnanimidade da Republica.

A nosso vêr, a amnistia impõe-se como uma necessidade, não porque nos preocupe a situação dos presos politicos, mas porque julgamos de interesse para o regimen não conservar nas suas prisões criminosos politicos que, sejam quais forem as suas opiniões, despertam sempre no publico correntes de simpatia.

Ha dois mezes aconselhavamos nós e publicação d'uma lei de liberdade condicional para os presos politicos, na intenção de melhor defender os interesses da Republica pela ameaça que impenderia sobre os individuos, assim libertados, de serem de novo presos e obrigados ao cumprimento total da pena, sem dependencia de mais formalidades, se por acaso atentassem de novo contra as instituições.

Ao mesmo tempo que anciavamos pela pacificação da familia portugueza, desejavamos colocar as instituições ao abrigo de novos atentados possivelmente praticados pelos que fossem objecto desse acto de generosidade da Republica.

Pensamos hoje da mesma maneira, mas, se a liberdade condicional para os presos politicos tem inoportunidade juridica, como disse o sr. Presidente da Republica na resposta que deu á grande comissão das forças vivas da nação que ao Paço de Belem foi solicitar de Sua Ex.ª o indulto para os condenados, conceda o parlamento uma amnistia ampla, com excepção apenas dos crimes que de modo algum podem considerar-se politicos, muito embora pretendam assumir esse aspecto, e publique depois uma lei, em virtude da qual a nenhum cidadão possam aproveitar mais que uma vez os beneficios da amnistia por crimes politicos. Seria excelente precaução e uma medida de justa defeza contra novos atentados contra as instituições.

Iremos assim, pois, a bom caminho de uma salutar pacificação da sociedade portugueza, de uma produtiva tranquilidade que bem precisa nos é para nos podermos dedicar com todo o ardor e patriotismo á resolução das nossas dificuldades que são tão grandes que a outros menos corajosos se afigurariam insuperaveis.

O governo e o parlamento cumprirão o seu dever, visto que se encontram animados das melhores intenções, sem ser necessario de novo mobilisarem-se as associações e outras forças politicas e economicas, em favor ou contra a amnistia.

Não sáiam á rua procissões dos que querem a amnistia, para que não venham tambem os que a não querem, azedando-se assim uma questão que deve ser resolvida com todo o sangue frio e apenas de harmonia com os interesses da Republica.

O sr. coronel Baptista, ilustre presidente do ministerio, que tem dado provas da sua indefectivel fé republicana, é garantia sólida de que tão delicada questão será resolvida para bem das instituições republicanas.

Esperemos, pois, serenamente que o governo apresente ao parlamento a proposta de lei concedendo a amnistia aos crimes politicos e de caracter social, com excepção, claro está, daqueles que de modo algum podem ser assim classificados, e que o parlamento se pronuncie sobre a questão.

Diremos, entretanto, que os interesses do paiz e da Republica aconselham a que d'ela se ocupem, desde já, aqules a quem isso compete.

A gréve tipografica

O *Diario de Noticias* publicou hoje na integra a nota oficiosa que, como os outros jornaes, recebera directamente de *A Monarquia*, relativamente á suspensão temporaria deste jornal, que está procedendo á reorganisação do seu quadro tipografico *com operarios civis não escravisados á tirania de um sindicato a que nunca conhecem deveres nem limites dos seus direitos.*

Bem fizemos nós em chamar a atenção do nosso distincto colega para o facto, pois que só por um lapso deixaria de publicar essa nota na integra, dada a sua habitual lealdade.

Cremos que chegou o momento de todos os jornaes de Lisboa se manifestarem contra esses sindicatos *meneurs* de greves, que, sem entenderem nos prejuizos que causam, aproveitam esses movimentos para d'eles colherem vantagens e colocações que talvez d'outro modo nunca conseguissem obter.

Ao sr. ministro das finanças

Para ter a certeza das vantagens incontestaveis do emprego da *Lactobase*, sobre o preparado de fermento lactico estrangeiro, procure saber a opinião de medicos distinctos tais como os srs. drs. Adelino Padesca, José de Padua, Salazar de Souzo, Leite Lago, Azevedo Nunes, Jaime Neves, etc. e verá como se deve proteger as especialidades farmaceuticas nacionais, esmagadas sob o peso do imposto do sêlo

QUESTÕES COLONIAIS

O SUL DA PROVINCIA DE ANGOLA

O que é, o que vale o distrito de Benguela —Saibamos aproveitar as suas riquezas

Prometemos, no nosso primeiro artigo, tratar do Sul de Angola e especialmente do distrito de Benguela, pelo conhecimento que dele temos de ha muito.

Concretisar todavia, num artigo de jornal, todas as possibilidades que essa terra maravilhosa nos poderá proporcionar, não é pratico e seria trabalho de grande folego.

No entanto julgamos, que alguma cousa faremos, dizendo a verdade do que ali se encontra, tendo por fim unico defender os interesses da colonia, praticando assim um bem, porque lê um certo numero de pessôas que ao desconhecem o que muito podem contribuir para despertar governantes e governados do letargo em que jazem ha seculos.

Com desgosto vemos tambem que apesar da obra patriotica que a imprensa vem fazendo na propaganda das colonias, ha uns mezes, o tempo se passe sem que de forma alguma se tente qualquer meio, para valorisar tão ricos quão desejados dominios e que extranhos espreitam avidamente, para no momento oportuno, que não se fará esperar muito, deles se apoderarem, a bem ou a mal.

* * *

O distrito de Benguela está compreendido, aproximadamente, entre os paralelos n.º 20' e 14º 20' lat. S., estendendo-se do Oceano Atlantico ao rio Quanza.

Nele se encontram altitudes que vão até 1.800m e mesmo a 2.200m e onde as temperaturas na epoca chuvosa (estação quente) não passam, em media, de 19º a 23º centigrados á sombra.

Na zona baixa, que é uma faixa relativamente estreita, são possiveis todas as culturas tropicaes, taes como a cana sacarina, a palmeira (Eloeis Ginhensis), o amendoim, o agave sisaliano, o algodão, etc.; e na zona alta, denominada — *o planalto* — sómente as da zona temperada, que são bastante remuneradoras, devido a condições climatericas e geologicas admiraveis.

A colonisação desse planalto, problema que ha bem 30 anos preocupa todos os nossos governantes, sem que se tenha chegado a um resultado pratico, sómente será viavel, no nosso modo de entender e fundamentado nos conhecimentos que temos dessa região, quando resultar do — *capital* — empregado nela.

Esse — *capital* — que tão avaro está ainda, mercê de variadas circunstancias e de muitos erros cometidos e tambem de inumeras peias e alcavalas legislativas, tem e terá sempre retribuição compensadora, mercê das condições ultra-favoraveis que pode e deve encontrar nessa região.

O trigo, o milho, o centeio e a cevada dão-se ali optimamente e remuneram já esplendidamente os pequenos capitaes que nessas culturas se teem empregado.

Ali certamente, uma tentativa de cultura de trigo, em grande escala, empregando tratores modernos de grande potencia, em uma área extensa daria lucros tentadores para quem a empreendesse.

Exemplefiquemos:

1 Hct. de terreno, no planalto de Benguela, produz, termo medio em cada uma das colheitas (2) anuaes — 1,240 quilos de trigo num minimo de 1150 sementes.

Ao preço actual que o trigo tem não seria uma recompensa digna dum trabalho honrado e patriotico?

Além disso haveria para o Estado um beneficio, já pela valorisação dos enormes tratos de terreno, inteiramente desaproveitados, como tambem evitaria a drenagem louca do ouro para o extrangeiro.

Fazendo a policultura — *cereaes — tuberculos e leguminosos*, em conjunção com *a criação de gado e industrias correlativas*, os lucros excederiam muito os desejos dos agricultores, dando como exemplo a *batata da Europa cujo rendimento é por vezes, de 20 Ton. por Hct.*

Não será tudo isto tentador para um emprego imediato de capital?

* * *

Toda essa região é rica emmanencias de agua e a que melhor se presta para qualquer empreendimento de grande alcance, tanto agricola como pecuario, servido por uma linha ferrea, que ajude quem se abalançar a empregar — *capitaes* — em beneficio da terra.

Quantas vezes manifestámos a nossa tristeza, por vermos tanta riqueza perdida, por falta de coragem dos que possuem — *o capital* — em o aplicar á terra, sempre prodiga em o recompensar, quando dela se cuida com afinco e carinho e se lhe dediquem atenções especiaes.

Todavia é preciso que os governos façam mais do que teem feito, porque varias causas teem concorrido para que os — *capitaes* — não afluam como era para desejar; entre elas avulta certamente a falta duma lei de concessões, pratica, sem peias, nem artimanhas para apanhar incautos.

Quanto á mão d'obra indigena já hoje aflue com abundancia relativa, porque lhe fazem justiça e honrados no cumprimento dos contractos.

Note-se que nunca faltaram trabalhadores ao Caminho de Ferro de Benguela, nas açucareiras do Cassequel, de Antonio da Costa, na do Dombe Grande, de Sousa Lára, e na Fasenda Aurora, de Pestana & Santos, porque o regimen usado foi sempre de honradez e justiça para o trabalhador, tendo o pessoal voluntario e o trabalho livre e bem remunerado, acontecendo outro tanto presentemente na grande maioria das propriedades do interior, *onde se seguem os metodos modernos* e por isso a *mão de obra não falta.*

São, apesar de tudo, vantajosas as condições que os *capitalistas* encontrarão no planalto de Benguela, onde a par dum caminho de ferro bom, em toda a acepção da palavra, ha tambem uma rêde de estradas proprias para a viação acelerada e que ultrapassa já 2.500 quilometros, feitos inteiramente pelas administrações civis e sem o concurso das Obras Publicas, desde o momento que queiram aplicar as suas disponibilidades em trabalhos serios e não de especulação.

A criação de gado vacum, lanigero, caprino e suino, encontra tambem farta remuneração desde que se selecionem as especies, importando bons reproductores tanto da Africa do Sul como da Europa ou da America, escolhendo as femeas na região. As industrias correlativas da criação de gado, taes como *congelação da carne — fabrico de queijos* (optimos já), *curtimenta de peles* — far-se-hiam em boas condições, dando bons rendimentos.

* * *

Que risonho futuro não está pois reservado a essa parte da nossa colonia de Angola, quando governantes e governados se compenetrarem do dever, que se lhes impõe, de olharem com olhos de vêr para estas riquesas, perdidas a tantas leguas de distancia e que tão nossas são!

E dizemos tão nossas, porque Angola é hoje tão portuguesa, que homens e dinheiro que dentro dela caiam, venham donde vierem, imediatamente se nacionalisam!

Um apêlo aqui fazemos, pois, *aos homens de dinheiro deste Portugal tão digno de melhor sorte* para que imediatamente valorisem essas terras, tão ricas e com um futuro tão prospero, se delas cuidarem com amor e carinho: aos seus governantes, para que proporcionem tambem, imediatamente, todas as facilidades, não extranhas em terras mais civilisadas, aos que ali forem empregar *o seu capital*, confiantes na sua acção patriotica.

Tudo que não seja isto é uma utopia, um devaneio, um sonho e... sonhando, podemos acordar e encontrar o que nos resta do nosso patrimonio ultramarino nas mãos dos mais competentes, que nos espreitam e a quem não deixamos trabalhar por causa do sistema tão genuinamente portuguez — *do empata — não faz nem deixa fazer!*

Coronel Ivo Ferreira.

Apreensão de assucar

Os guardas n.os 344 e 338 apreenderam á firma Durão & Silva, com mercearia na rua Tomaz Ribeiro, 24 duas sacas com 126 quilos de assucar, que o socio Alfredo Duarte Magalhães havia escondido no 2.º andar do predio em construção na Avenida Luiz Bivar letras A. D., onde depois procedia á sua venda por preço superior á tabela.

Tambem a policia apreendeu 28 quilos de assucar que José Rodrigues Lima, do Largo das Olarias, 19, 1.º direito ali tinha sonegado.

A festa de Joana d'Arc

Celebrou-se hoje com especial solenidade, na egreja de S. Luiz, a festa a Joana d'Arc.

O ministro de França, acompanhado do pessoal da legação e do consulado, assistiu á missa de festa e ao Te-Deum, fazendo-se ouvir côros e solistas. No fim da solenidade, o orgão tocou a *Marselheza*. O nuncio apostolico, Mgr Locatelle, honrou a cerimonia com a sua presença. De tarde foi pronunciado o panegirico de Joana d'Arc.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

A atitude da Camara Municipal e a atitude da Companhia dos Electricos

A Camara Municipal, revogando a deliberação que tomará permitindo a elevação das tarifas dos electricos em cêrca de 75 por cento, donde resultava para a companhia carris um excesso de receita num montante de mais de 3.500 contos procedeu como devia.

Este seu gesto, só de per si, resgata-a, nitidamente, do desmerecimento em que caira na opinião publica. Dignificou-se e sacudiu de cima de si suspeitas sempre faceis de levantar. Outra coisa, de resto, não era de esperar d'uma vereação republicana.

Inspirou-se na alma popular e tranquilisou-a n'uma afirmação de honestidade de processos.

A companhia dos electricos, impelida pela ganancia, sem respeito nenhum pelas comodidades da população da capital, num verdadeiro acto de *chantage*, atira com o seu pessoal para a grêve, convencida de que assim conseguirá mais facilmente extorquir da bolsa depauperada dos municipes os milhares de contos a mais que deseja ganhar anualmente, afim de aumentar o dividendo aos accionistas e as gratificações aos directores.

A atitude da companhia só fez a indignação e a revolta nos espiritos. Ouvem-se por toda a parte invectivas e doestos contra ela.

Mas temos que admitir os factos consumados tal qual se apresentam e remover sem demora os prejuizos que redundam das suas consequencias.

Ha quem queira explorar, sem as exigencias descabidas desta Companhia, a industria da viação electrica? Rescinda-se imediatamente o actual contracto e feche-se um novo contracto em que se salvaguardem melhor os interesses municipais.

Não nos esqueçamos de que se não fôra o monopolio odiento de que gosa a empreza de Santo Amaro podiamos hoje ter outros meios de condução, automnibus, por exemplo, o que tornaria menos sensivel a falta que causa a paralisação dos serviços dos electricos. Não ha? Então vá-se para a municipalisação, criando-se uma organisação desses serviços, tanto quanto possivel acautelada de preceitos prohibitivos da pratica de favoritismos politicos.

C. da C.

Onde estão os fosforos?

Guardam-nos os açambarcadores, á espera do projectado aumento de preço

Não obstante a Companhia dos Fosforos estar em plena laboração, o que é certo é que os fosforos desapareceram do mercado, por completo.

Os jornais da manhã explicam esse desaparecimento, dizendo ser manobra dos grandes depositarios, que estão á espera do anunciado aumento de preço.

Ora um desses depositarios, talvez o maior, é o sr. Marques de Freitas, aquele senhor que, sendo director de varios bancos e de varias companhias e por cima de tudo isso presidente do conselho de administração do *Jornal do Comercio e das Colonias*, rompeu o acordo feito entre as emprezas jornalisticas, que expressamente mandara assinar por um seu delegado.

EMPRESAS JORNALISTICAS

NOTA OFICIOSA

Na proxima terça ou quarta-feira deve sair «A Situação», ficando assim, de todos os jornais de Lisboa por publicar «O Mundo», porque, como já dissemos, «O Debate», emquanto não tiver tipografia propria, comunicará com os seus leitores por intermedio d'«A Capital», «A Victoria» por intermedio d'«A Manhã» e «A Monarquia» resolveu suspender temporariamente, por estar procedendo á remodelação da sua tipografia.

A comissão executivo da imprensa está estudando neste momento a forma de fixar quadros privativos para cada jornal, estabelecendo em alguns desde já o trabalho por empreitada, o que permitirá a publicação de numeros de quatro paginas quando as empresas o entendam conveniente.

Os jornais estão sendo feitos, como se sabe, por tipografos militares, da guarda nacional republicana e da policia e por alguns tipografos civis, que se não associaram ou desistiram do movimento grevista, por haverem reconhecido que a Comissão delegada da Federação do Livro e do Jornal já está empregada na sua maior parte, o mesmo sucedendo com os elementos que mais teem aconselhado a persistencia na greve.

CONTO DO DOMINGO

Futurismo

Durante quatro mezes, ou sejam cento e vinte e dois dias a seis horas por dia, o distinto poeta Fernando Negruras, esperou ser atendido pelo emprezario do Teatro da Natureza.

Ou porque o sr. Aluizio Santos estivesse aborrecido ou por engano, o porteiro da caixa disse-lhe naquela celebre tarde de 24 de Agosto:

—Faz favor de subir. O sr. Santos espera-o.

O Negruras sentiu um baque.

Limpou o monoculo, e com o rolo debaixo do sovaco subiu até ao escritorio do emprezario Santos.

—Senhor. Trago aqui uma carta do meu padrinho Serapião... E' a proposito da minha peça que tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª.

—Perfeitamente—diz o emprezario —mas temos o reportorio completo...

—A minha peça é moderna... eu sou Fernando Negruras, pintor futurista, poeta integralista e auctor dramatico... Feita em moldes novos...

—Perfeitamente, mas...

—Chama-se *O lago dos cisnes vermelhos* e não é tragédia, nem drama nem comedia. Nós os futuristas não nos importamos com essas ninharias. Não sei se V. Ex.ª soube duma peça dum meu colega italiano em que o pano só subia até á altura dos joelhos. Na minha peça o pano sobe todo, mas não ha personagens; o espectador compõe-as na sua mente. São apenas as vozes que sáem dos bastidores...

—Perfeitamente, mas...

—Vou ler um pouco do pequeno prólogo da peça. E' a *sombra do eu* que fala:

«Tarde mósto. Ela talhou-se de rubor e envolveu-se de pranto... Maresia... Espasmos de praiamar nos atavismos do diluvio.»

—Entra pela esquerda alta *a voz do cisne vermelho* que murmura:

—As zôrras, as furnas, as dornas, ó resenha obliqua d'invernia clave. Acre osone de astrakam maltez. A aza da chama que tatua a sensibilidade astrall O' numes, ó Numes!...

—Ah! o Nunes tambem entra..

—Perdão, não é desse que se trata. Eu continuo:

«O' numes! ó numes! teu grilhão tem sotaque afrodisiaco, e o cisne vermelho *sabots* de limão doce!

O Sol é onanista e em calida diluição diafana irisa-se na lasciva do ocidente.

Os halitos felizes gritam: Evohé! Evohé! Evohé!»

Aqui acaba o prologo. Gostaria de ouvir a sua opinião.

—Ah! sim... está bonsito, parece-me. Só ha um contra. A companhia que dirijo, apenas representa peças em portuguez. Se o meu amigo não conhece nenhum, eu arrenjo-lhe um traductor regular. Depois falaremos, sim?

Armando Ferreira.

Consulta, não! Inquérito, sim!

Sobre o caso de Santo Tirso, de que *A Capital* ante-ontem se ocupou largamente, diz hoje o nosso colega «A Manhã» «que o sr. ministro da guerra mandou consultar o Supremo Tribunal Militar, nos termos do codigo de processo criminal militar, aguardando-se essa consulta para completa resolução do assunto».

Não importa para o caso saber se o comandante da 3.ª divisão é ou não um bom republicano. O que importa saber é se ele foi ou não justo. Não importa tambem saber se o oficial castigado é ou não um bom republicano. Sabemos que o é. O que importa saber é que as leis militares foram infringidas, pois que o comandante da 3.ª divisão não tinha competencia para castigar o oficial duma unidade que, embora destacada na area da sua divisão, não estava sujeito á sua autoridade, mas sim á 1.ª, á qual pertencia.

E para conseguir fasel-o, veio de proposito a Lisboa, arrancar ao ministerio da guerra uma autorisação por todos os motivos ilegal.

O sr. ministro da guerra declarou já no parlamento que essa autorisação fôra dada sem dela ter conhecimento. Quem foi então que no ministerio se sobrepoz ao proprio ministro?

Não ha, portanto, motivo para consulta.

A um inquerito é que o sr. ministro da guerra tem de mandar proceder, e sem demora, para saber como é que no seu ministerio se passam, sem seu conhecimento e sem seu consentimento, autorisações absolutamente ilegais e que originam conflitos de jurisdição.

O assunto tem de ser esclarecido devidamente. A um oficial distinto, com uma larga folha de serviços, não se aplicam 15 dias de prisão disciplinar, assim sem mais, nem menos. Os primeiros 10 dias, de mais, foram devidos a esse oficial ter procedido para honra e prestigio do exercito, pois que castigou um soldado e tão justamente que o castigo por ele aplicado foi, não só aprovado, mas ainda ampliado pelo comandante do seu batalhão. Os restantes cinco dias foram dados ao tenente Bacelar por causa da visita pascal. Sobre o que a esse respeito pensamos, já o dissemos, e escusado será repetil-o.

Por tudo isto impõe-se, pois, que o sr. tenente coronel Estevam Aguas mande proceder a um inquerito.

ASSUNTO MOMENTOSO

Lisboa ameaçada de ficar sem viação electrica

A cidade não pode deixar de ter esse meio de transporte

Ponham-se de parte irredutibilidades e chegue-se a um acordo com que todos teem a lucrar

Dissemos hontem que a direcção da Companhia Carris de Ferro, estava na intenção de fechar as suas portas e cessar a laboração. Do comunicado que fez inserir nos jornaes isso mesmo se deprende claramente, embora o não diga com todas as letras.

Para os que desapaixonadamente queiram vêr a questão, temos de confessar que, a não se modificar o actual estado de coisas, será uma solução violenta, sim, mas a unica que á Companhia resta adoptar, pois ninguem está para de bom grado continuar com uma exploração que sabe antecipadamente que lhe dá prejuisos, e não pequenos.

As reclamações do seu pessoal, a serem atendidas, como ele insistentemente pede e exige, trazem para a Companhia um aumento de despeza anual de 1.400 contos, numeros redondos. Onde ha de ir ela buscar os recursos necessarios para fazer face a tal encargo, se não póde aumentar os preços das carreiras?

E o pessoal tem razão em reclamar, porque, repetimos, das classes operarias é ele presentemente o peor pago, o que menos ganha. Quem converse cinco minutos com qualquer empregado da Carris e o ouça a tal respeito ficará sabendo quanta justiça lhe assiste. Mas a Companhia — esta é que a verdade, diga-se o que se disser, invoque-se o que se quizer — não pode fazer milagres e sem receitas não pode custear despezas. Isto é tão intuitivo que dispensa demonstração.

O grande mal, o que concorreu, a nosso vêr, para agravar a questão, foi o n'ela meter-se a politica. E' sestro nosso e não ha que fugir-lhe. Em tudo se mete essa senhora e quantos males d'aí não derivam! As despesas com o pessoal são já hoje de 2.458 contos. Junte-se-lhe o aumento de 1.400 e vêr-se-ha que a Companhia passará a ter de satisfazer por dia nada menos de dez mil e quinhentos e tantos escudos, isto é, mais de quatro mil escudos diarios. Onde ir buscar esse dinheiro? A' custa do capital? Qual será o acionista ou obrigacionista que a tal se sujeite?

Mas, já hontem o dissemos, a celeuma tem sido enorme contra o aumento dos preços das carreiras. Até comicios foram convocados expressamente para protestar contra esse aumento e a Camara Municipal, que auctorisara a elevação de preços, revogou essa resolução e aceita como boas as alegações d'uma parte minima dos seus municipes.

Dizemos minima, porque a verdade é que não vêmos essa apregoada indignação, de que tanto alarde se quer fazer.

O preço do gaz aumentou; o preço da electricidade seguiu-lhe o mesmo exemplo, e não se pode dizer que haja quer uma coisa, quer outra em abundancia. Bem ao contrario.

As tarifas dos caminhos de ferro, tanto do Estado, como os de companhias particulares, sofreram um aumento de 200 0|0, desde o principio da guerra, tendo sido o ultimo auctorisado o de 100 0|0 sobre o já anteriormente concedido, e isso para melhorar as condições de vida do pessoal.

E ninguem se lembrou de promover comicios contra esse aumento, que afectou muito mais, sem comparação possivel muitissimo mais a população da capital, visto que incide directamente sobre o transporte dos generos alimenticios, dos generos indispensaveis á vida. Isto não falando já nas pessoas que, por motivos de familia, de saude, de negocios ou outros urgentes teem de se utilisar do caminho de ferro.

As empresas de navegação aumentaram os fretes. O proprio Estado aumentou as taxas postaes e n'uma percentagem que foi de 60 0|0 a 100 e 200 por cento. Os generos indispensaveis á vida teem subido de preço vertiginosamente, o mesmo se dando com o calçado, com o vestuario, finalmente com tudo.

Só os preços das carreiras dos electricos é, que, no entender dos que clamam, não pódem aumentar. Com franquesa, não percebemos. *O custo do carvão passou de 5 escudos a tonelada a 175, e no mercado é já dificil obtel-o a menos de 190$00 e com tendencia para subir. As receitas diarias da Companhia andam por 15.000 escudos e só em combustivel tem ela de gastar mais do que isso, porque lhe fica por 15.500 escudos.* Como fazer face a semelhante encargo? Onde ir buscar o que falta para satisfazer as restantes despezas, que são enormes?

A Camara desinteressa-se da questão? Porquê? Quer o resgate do monopolio, a municipalisação dos serviços de viação electrica? De todos os males, será talvez esse o maior que esta malfadada questão nos póde trazer. A municipalisação! Nós sabemos e a cidade sabe tambem muito bem o que isso é!

Para exemplo basta citar o que se tem dado com os talhos municipaes, que deviam ser os reguladores do preço de venda e os que podiam e deviam aproveitar ao municipe, mas que teem sido sempre um verdadeiro sorvedouro de dinheiro e que apenas a um limitadissimo, a um exiguo mes numero de habitantes de Lisboa teem aproveitado.

Não nos queremos, porém, afastar do assunto. O problema está posto: a Companhia Carris de Ferro tem carvão, se tanto para um mez, o credito que tinha em Londres para a aquisição de combustivel e que era de libras 20.000 acha-se esgotado, está gastando por dia mais do que o que recebe e não póde continuar a sua laboração se não lhe derem os meios para o poder fazer.

Quer dizer que dentro d'um mez, ou ainda menos, não teremos electricos e a população da cidade vêr-se-ha forçada ou a gastar multissimo mais n'outros meios de transporte, ou a percorrer enormes distancias a pé.

Porque, admitindo mesmo que a Camara Municipal tomasse imediatamente conta do material, onde iria ela — ela que não tem tido força para obrigar a Companhia do Gaz a cumprir os seus contractos, deixando a cidade positivamente ás escuras — onde iria ela buscar o carvão indispensavel para pôr os carros em movimento?

Dir-se-ha que queremos defender á *outrance* a Companhia.

Não, tal não pretendemos. O que desejamos, pelo que instamos mesmo é porque se não levantem irreductibilidades, é porque se chegue a um acordo, o que será facil havendo boa vontade d'um e d'outro lado, finalmente que se consiga um *modus vivendi* com que todos terão a lucrar: a Camara, a Companhia e o publico.

A' hora de fecharmos estas linhas chega-nos a noticia de que o pessoal da Companhia, exgotada a paciencia, se declarou em gréve. Semelhante resolução vem confirmar o que deixamos escrito. Que providencias vae a Camara tomar? Vamos ficar dias e dias sem carros electricos?

Repetimos: ponham-se de parte irreductibilidades e chegue-se a um acordo, que é urgente, que é indispensavel.

PRECOCIDADE NO CRIME

Um garoto de 15 anos falsificador de cheques

Foi hoje preso pelo agente Pereira dos Santos

Domingos da Silva Moreira, empregado no comercio e residente com seus paes na travessa da Oliveira, 19 3.º, esquerdo, é um garoto que está já creando nome na escola do crime.

Ha tempos entrou como empregado para a casa de Giovanni Constanzo, professor do Instituto Superior Technico e residente na rua da Emenda, 30, 3.º, e durante uns 6 mezes que ali se conservou falsificou um cheque na importancia de 400 escudos, que depois conseguiu descontar no Banco Nacional Ultramarino, onde o professor Constanzo tinha deposito. Descoberta a falsificação foi preso, recolhendo por fim á Tutoria, onde permaneceu uns tres mezes, saindo depois em liberdade por o pobre pae ter entrado com o dinheiro. Uma vez solto, sabendo que o sr. Constanzo tinha outro deposito na casa Henry Burnay, da rua dos Fanqueiros, alli se dirigiu no dia 15 do corrente, afim de adquirir um livro de cheques, passando recibo em nome do seu antigo patrão. Uma vez de posse d'esse livro, passou um cheque na importancia de 3.750 escudos, que pretendeu depois descontar, o que não conseguiu por na referida casa bancaria terem desconfiado do portador.

Apresentada queixa na policia, foi encarregado o agente Pereira dos Santos de proceder a averiguações, sendo o Moreira preso hoje de manhã pelas 7 horas, em sua casa e recolhendo a um dos calabouços do Governo Civil. Foram-lhe aprehendidos o livro de cheques que comprára na casa Burnay, grande quantidade de facturas da casa de carimbos de Carlos Neves, da rua Augusta, 177, junto á Casa Africana, e uma pequena caixa de folha com um carimbo de compôr com letras de borracha. Interrogado, confessou o crime, declarando ser sua intenção gastar o dinheiro na pandega em companhia de varios amigos.

Do livro dos cheques fez ele desaparecer os primeiros 10 talões, que teem os n.os 121.001 a 121.010.

O preso vae de novo ser enviado á Tutoria da Infancia

A semana literaria

Caro leitor, ha muito tempo que não tinha o prazer de o vêr; e entretanto os livros amontoaram-se; a produção das livrarias foi imensa. Vamos de fugida, de relance, pôrmo-nos a par da ultima novidade. Alguns livros são tão lidos já hoje que não pertencem, ai não, á semana literaria; ao mez... talvez mais que isso...

Jesus por D. João de Castro *Ed. Renascença Portuguesa—Porto.*

E' uma 2.ª edição que rescende como uma flor que estivesse em plena primavera. Livro velho que não envelheceu tão profunda, tão verdadeira é a sua filosofia, tão cheia de melancolia e ao mesmo tempo de energia que o difere totalmente da poesia dolente, morbida, inexpressiva que vulgarmente surge.

Jesus foi, quando da sua primitiva aparição, saudado por poetas e prosadores como Guerra Junqueiro, Teofilo Braga, Olavo Bilac, Fialho; todos num côro unanime julgaram bela a figura humana do Galileu que o poeta inspirado e arrojado D. João de Castro lhes lançava, assombrando, maravilhando pela concepção pessoal, imprevista, rapida, em golpes de audacia e de valor que ora dava essa embriagante *canção da louca*, ora a fala de Cristo, d'além tumulo, num lirico cheio de expressiva beleza ao coração I u nano.

E é este mesmo autor que, em fecunda prosa nos tem dado novelas pejadas de ideias, de conceitos, alguns com teses discutiveis que vem apaixonar a turba.

Não tem pois razão de ser a suposta ideia de D. João de Castro, em que o confundam com outro autor moderno seu homonimo; as obras falam pelos autores e quem fez *Jesus* e *A deshonra* nunca poderia ter enveredado pela incompreensivel sensibilidade e exquisita e modernista feição do seu colega de nome...

Jesus é ilustrado por Antonio Carneiro, que na sua tecnica tão bem se adapta á fórma dramatica do poema.

A eterna canção por Ribeiro de Carvalho. *Ed. do autor. —Lisboa,*

Um dos personagens mais eminentes da Inglaterra, encontrando um dia o grande Rubens a pintar, durante o periodo de vida do pintor em que este desempenhava uma missão diplomatica em Londres, disse-lhe:

—O embaixador de Sua Magestade catolica, diverte-se a pintar?

—Não. diverto-me ás vezes... a ser embaixador—replicou Rubens.

Ribeiro de Carvalho que todos sabem politico profissional, não se entretem a fazer versos. E' pelo contrario, um poeta, um verdadeiro poeta cheio de lirismo, romantico, trabalhando com mestria o soneto, que, nas horas da vida chã tem por desfastio a politica.

O seu ultimo volume é *Eterna canção*... canção de amor. Sonetos. Não é moderno o livro; publicou-se em 1918. Em 1919 já neste jornal Sousa Costa se referiu a ele; e se, só hoje o recebemos e registamos; não é por culpa nossa.

E tudo que dissessemos, viria tarde. O Poeta é consagrado, alguns dos seus sonetos enfileirados junto dos melhores que se tem escrito ultimamente e o livro... exgotado...

Repisando no passado, por Alfredo Pinto (Sacavem). *Ed. Ferin—Lisboa.*

Parece que são escritos com tinta roxa, a da paixão, a da saudade, estes livros onde o passado pela pena de quem o amou, nos passa pelos olhos em figuras que amaram, viveram, foram ilustres...

Repisando no passado marca-nos levemente, sob uma qualquer facêta da sua personalidade, os perfis de algumas *divas* do hontem; o bafio que essas ressurreições nos podiam trazer não existe, dominado pelo perfume que emanam ainda a tão grande distancia. Sente-se do seculo XVIII essa leviana e formosa Gabriela, a Maria Duplessis que foi e ainda hoje é imortalisada em *Dama das Camelias*; beija-se a mão nivea e sempre bondosa de Jennry Lind; e passam cantoras, senhores e senhoras, epocas inteiras, añedotas musicais, fragmentos de historia, que dulcificam e deixam um saudoso amargo de boca; o mundo afinal foi sempre o mesmo: a beleza das mulheres, as loucuras dos homens; mas uns e outros vistos de longe, subtraidos á sua acção directa, parecem-nos melhores, feitos num puro barro, imaculado dos vicios, das taras, de defeitos morais...

A malta das trincheiras por André Brun. *Ed. Guimarães & C.ª—Lisboa.*

O melhor, o mais sentido, o mais quente, o mais apaixonado livro de André Brun, e um dos melhores da literatura da Guerra. E' um livro escrito mais com o coração do que com o cerebro. E' a guerra, a dôr, é a alma do soldado, do patriota em pequenos fragmentos tristonhos e jocosos. Lembra aquele livro inglez, no mesmo genero...

Mas para quê? Se a critica do livro está feita.

Vai numa boa porção de milhares; não ha soldado que não se comova a lê-lo e patriota de uso interno que não exclame: olha do que eu me livrei!

Albino Forjaz de Sampaio por José Dias Sancho. *Ed. Ventura Abrantes—Lisboa.*

Dizem—eu nunca ouvi—que Rubnistein teve esta felicissima e verdadeirissima frase: «Tem-se a medida exacta do valor dum homem, contando o numero de mediocres que se coligam para o derrubar».

Ora aqui está, como nós, que pelá obra de Forjaz de Sampaio tinhamos uma modesta opinião, estamos dia a dia a modifica-la favoravelmente.

O livro... Mas é uma chantage! Reclame? Outro,..

Assistencia aos feridos da guerra por tuberculose por Ladislau Patricio. *Ed. Progresso—Porto.*

Muito interessante e elucidativo o opusculo que o ex-director do extinto Sanatorio Militar de S. Fiel publicou sobre este importantissimo tema.

E as conclusões, as campanhas, os resultados dos negativistas atestam o valor da obra: teve mil inimigos sob o comando do «manjor Evangelista».

Armando Ferreira

Registo de entradas

«O Conde de Farrobo» por Ed. Noronha. «Trabalhos Manuais e conferencias» Marques Leitão. «Uma viagem á America do Sul» Paulo Freixo. «Cancioneiro da Saudade e da Morte» Nuno Catarino Cardoso. «Evocando» Sousa e Oliveira. «Pó» Francisco Costa. «O atheismo» Le Dantec. «A afronta a Antonio Nobre» Cezar de Frias. «Suprema dôr» Figueiredo Junior. «O navio» Carvalho Brandão e Cezar Ferreira. «A princesa do Boivão» Alberto Pimentel. «Ilusões que passam» Aleixo Ribeiro.

O DECRETO DA RESTRIÇÃO DA LUZ

Autoações— recolher dos carros electricos

Como é sabido, entrou hontem em vigor o novo decreto sobre a restrição de luz, motivo porque a policia não permitiu que depois da meia noite estivessem abertas as leitarias, cervejarias, restaurantes, clubs, etc.

Como transgressores foram autoados: Antonio Alves, com mercearia na rua Garcia, 48, á Cascalheira; Sebastião de Oliveira Letria, tambem com mercearia na rua Arco do Carvalhão, 94; Carlota da Silva, com mercearia na mesma rua, 22 e 24; Leitão & Vaquinhas, proprietarios do restaurante Abadia, da Praça dos Restauradores, 39; Manoel Inacio Souto Passos, proprietario do restaurante Central, da Calçada do Carmo, 19 e 23, e Francisco Ramalho, antigo proprietario do Palais Royal, hoje conhecido pelo restaurante Avenida, da Avenida da Liberdade.

N'este «restaurante» encontravam-se ceando para cima de 600 pessoas, que a policia mandou sair, ordenando depois que a casa fosse fechada.

Os eletricos, conforme referem os jornaes da manhã, recolheram ás 23,30, muito antes de terminarem os espectaculos, o que causou grandes desarranjos e incomodos ao publico.

Quer-nos parecer que houve *trop de Zele* pois que o decreto determina que os carros recolham ás estações respectivas ás 0,30. Certamente se trata de um mal entendido que a policia remediará, para evitar mais justos protestos.

Por ordem do sr. governador civil foram hoje restituidos á liberdade, devendo comparecer amanhã na policia afim de prestarem declarações, o actor Vasco Sant'Ana e seu pai o sr. Henrique Sant'Ana, ensaiador do Eden Teatro, que ontem á noite no Café Central se envolveram em desordem com outras pessoas por causa da policia ter mandado encerrar o referido café.

THEATROS

Noticiario

E' a seguinte a distribuição da peça *Moinhos que cantam*, que sobe á scena na proxima 4.ª feira na festa artistica de Cremilda d'Oliveira:

Lisette—Cremilda d'Oliveira
Nele—Irene Gomes
Petrus—Zulmira Vargas
Kate—Aurora Martins
Bourgmester—Antonio Gomes.
Henry—Salles Ribeiro
Claens—Vasco Sant'Anna
Hanz—João Silva.
Fritz—Mathias Almeida
Kobus—Silva Junior
Ivan Loo—Judith Silva.
Wilhelmine—Olympia Pereira.

Os scenarios são todos novos, de Rogerio Camara e Mergulhão, a enceneação de Augusto Gomes e direcção musical de Assis Pacheco.

Está despertando interesse esta recita por ser a 1.ª opereta holandeza, de costumes holandezes, musica de Van Oost, que se representa em Portugal.

Na peça *Covardias* o actor Samwell Diniz tem um pequeno papel mas que exige um actor de categoria.

A peça continua em ensaios activamente, tomando parte n'ela a grande actriz Virginia e Berta Viana da Mota.

O actor Ribeiro Lopes, alem da *Alma Forte*, leva á scena na 4.ª feira, em sua recita artistica, o episodio dramatico *Amanhã*.

Movimento associativo

S. M. Rodrigues de Freitas—Reune amanhã, ás 21 horas, a assembleia geral para leitura e discussão do relatorio, contas e parecer do conselho fiscal, propostas da direcção e eleição de cargos vagos.

NOTICIAS DA CAPITAL

A cronica do roubo

A requisição do juiz do 2.º juizo de investigação criminal, a policia judiciaria prendeu hoje Antonio da Gloria, trabalhador, morador na rua dos Remedios, 114, 1.º que praticou um furto, estando afiançado no mesmo tribunal em 10.500 escudos. Recolheu a um dos calabouços do Governo Civil.

—Antonio José de Sousa Leonardo, da Estrada de Bemfica, vila Ana, queixou-se de que lhe furtaram uma carteira com varios documentos e a quantia de 200 escudos, quando caiu no largo de Camões e varias pessoas apareceram a socorre-lo.

—Os larapios entraram por meio de arrombamento em casa de Francisco Ferreira, na avenida da Republica, 29, onde furtaram objectos avaliados em 43 escudos.

—A' policia foram entregues as seguintes queixas: de Maria da Piedade, da rua Ferreira do Amaral, 59, rez do chão, aos Olivaes, a quem na praça do Municipio furtaram a carteira com dinheiro, uma pulseira e um anel de ouro e um abono da Companhia Portugueza de Caminhos de Ferro, tudo no valor de 55 escudos; de Ascencion Montejo, da rua da Esperança do Cardal, 42, 3.º, que tendo dado a guardar um anel com 2 brilhantes e dez diamantes a Adela Acevalo, da rua do Arco do Bandeira, 162, 5.º, ali foi depois busca-lo verificando que os brilhantes foram substituidos por outras pedras sem valor, ficando assim burlada em mais de 100 escudos; de Angelo da Silva Coelho, da avenida Presidente Wilson, 134, 4.º, a quem num carro electrico lhe furtaram o relogio e a corrente de ouro no valor de 30 escudos; de Palmira Matos Lousada, da calçada do Galvão, 13, loja, a quem furtaram varios objectos de ouro no valor de 50 escudos.

—Os gatunos entraram por meio de arrombamento em casa de João Carlos de Aguiar, na rua de Arroios, 36, donde furtaram objectos avaliados em 150 escudos.

—Foram presos: Francisco Gabriel da Silva, residente em Queluz, que furtou uma carteira com 27 escudos a Alvaro Antonio, da travessa dos Fieis de Deus, 125, 3.º; Crispim Febril, da travessa de Santo Antonio, á Graça, 4, loja, que furtou objectos no valor de 80 escudos a Eduardo Antonio, da travessa da Rapoza, 26, loja; Ilda do Rosario e José de Lemos, do pateo do Venceslau, 14, que furtaram objectos no valor de 87 escudos a Raul Pinheiro, da rua de Arroios, 16, loja.

—Antonio da Fonseca, residente em Cabeça Gorda, concelho de Beja, apresentou queixa na policia contra um individuo de nome Horacio, da rua de S. Paulo, 152, acusando-o de em outubro do ano passado o ter burlado pelo processo do conto do vigario, extorquindo-lhe a quantia de 300 escudos.

O rei do Circo

Ultimas exibições

Não ha forma de afrouxar a concorrencia ao lindo Salão Central, no desejo de assistir á encantadora pelicula, de que é protagonista o celebre artista americano Eddie Polo.

Amanhã, segunda-feira, na surpreendente matinée que ali se realisa, tem o publico ocasião de assistir aos 6 primeiros episodios, do famoso «film O rei do Circo» que a pedido de muitas pessoas, a empreza faz exibir no seu belo ecran.

Uma boa noticia para os inumeros frequentadores do Salão Central.

MUSICA

A festa do maestro Sarti

E' para o fim do corrente mez que se anuncia a festa annual d'este considerado professor de canto com uma estreia sensacional, «A Lenda de Miana», poema de Bordese, com musica deliciosa do moderno compositor francez H. de Fontenailles.

Protagonista será a sr.ª D.ª Izabel Baraona Vieira, artista-amadora sempre festejada, com a colaboração dos mais distintos discipulos de Sarti. O resto do programa será cheio de atractivos, a cargo das nossas mais aplaudidas amadoras e amadores de canto.

A paralisação dos electricos

O pessoal dos electricos, como os jornaes da manhã noticiaram, resolver declarar-se em grève, a partir das 3 horas. Com efeito, assim sucedeu, apresentando a cidade um aspécto pouco animado, devido á falta d'esse meio de transporte.

O pessoal reuniu em assembléa magna, na séde do Syndicato Metalurgico, á Esperança. A reunião, que continúa á hora do nosso jornal ir para a maquina, tem decorrido na melhor ordem, estando os grevistas na firme disposição de não retomarem o trabalho emquanto as suas reclamações não forem atendidas.

Os trens, automoveis e *side-cars* é que lucraram com isso, porque fizeram bom negocio durante o dia.

PELO TELEGRAFO

A assinatura do tratado de paz com a Hungria foi fixada para o dia 4 de junho, no Grand Trianon, em Versailles.

Telegrama de El Paso diz que o general Herrera violou a hospitalidade que oferecera a Carranza, assassinando-o com a ajuda de alguns soldados.

A Ukrania foi libertada dos bolchevistas pelas tropas polacas, constituindo-se um governo nacional, presidido por Levichi.

Em Hamburgo, quando os operarios grevistas se dirigiam, em manifestação, para a camara municipal, a infantaria, com metralhadoras, embargou-lhes o passo, havendo mortos e feridos.

Em Madrid, os operarios da construção civil declaram amanhã em greve. Em Valencia a greve é geral e em Sevilha tambem se declararam em greve os dockers.

Chegou hontem a Paris o rei da Grecia,

A conferencia financeira internacional deve reunir em Bruxelas no dia 5 de julho.

Tribunal do Comercio de Lisboa

Citação edital

Pela 1.ª Vara Comercial desta comarca e cartorio do escrivão do 3.º oficio, correm editos de trinta dias citando Ana da Cunha Sotto Maior Castelo Branco, que foi residente na Rua da Procissão, 117-1.º andar e actualmente em parte incerta, para dentro do prazo de dez dias contados depois de findo o prazo dos editos e estes a contar da segunda ultima publicação dêste anuncio, pagar no cartorio do escrivão que este subscreve, a quantia de 108$12,5, proveniente de selos e custas contadas nos autos de acção de letra que lhe propoz Crispulo Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, ou nomear bens á penhora, sob pena de findo o decendio se devolver o direito de nomeação ao Ministerio Publico.

Lisboa, 15 de Maio de 1920.

O Escrivão.
Daniel Ferreira de Matos
Verifiquei. O Juiz Presidente,
Nunes da Silva

1.ª Vara Comercial de Lisboa.

Por este Juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias, citando Pierre Pessé, que foi morador na rua Nova do Almada 80, 2.º esquerdo Jules Perrot, morador que foi em Setubal e hoje ausentes em parte sincerta, para comparecerem n'este Tribunal do dia 23 de junho proximo pelas 12 1/2 horas afim de assistirem ao julgamento dos artigos de danificação de falencia contra eles deduzidos pelo Ministerio Publico, sob as penas legaes.

Lisboa, 5 de Maio de 1920

Escrivão do 2.º oficio
Arnaldo Rebelo da Costa Franco e Abreu
Verifiquei: O Juiz Presidente
Nunes da Silva

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realisado Esc. 24:000:000$00
Fundos de reserva 24:000:000$00

Assembleia Geral Ordinaria

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mêsa da Assemblêa Geral do Banco Nacional Ultramarino é convocada a mesma Assemblêa a reunir-se no edificio do Banco no dia 29 do corrente ás 14 horas para os fins designados no artigo 24 dos estatutos.

Lisboa 18 de Maio de 1920.

O Secretario da Meza da Assembleia Geral

(a) *Francisco Mendonça de Sommer.*

3524

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3523—10.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 24 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

OS ELECTRICOS

Ora ahi está. Não quizeram resolver a questão a tempo e horas conforme á razão e á justiça e eis o resultado: o pessoal dos electricos declarou-se ontem em greve e a cidade ficou privada dos meios de condução absolutamente indispensaveis á vida normal dos habitantes.

E agora? Agora teem de resolver e depressa, para não aumentarem os prejuizos materiais que a suspensão dos serviços dos carros electricos origina, e a irritação, o enervamento que naturalmente se vai apossando de todos os lisboetas, para quem o carro electrico se tornou um habito e uma necessidade imprescindivel.

Mais uma vez se evidenciou o velho sestro portuguez de complicar as questões mais simples. Não ha ninguem que se não julgue nos casos de falar de cadeira sobre tudo aquilo de que nada percebe e não falta tambem quem, reunido com mais um ou duas duzias de concidadãos em qualquer quarto andar da Baixa, se arroge o direito de falar em nome de toda a cidade em moções mirabolantes.

Por seu lado, a maioria da Camara Municipal, se havia de concentrar-se no estudo da questão, fazendo surda orelha a palavras loucas, limitando-se n'um exame aritmetico da contenda, pois que é só de aritmetica que se trata, começa a preocupar-se com a atitude da minoria socialista, com as diatribes de meia duzia de energumenos, e, tendo autorisado certos aumentos de tarifas que não eram, todavia, os pedidos pela Companhia, resolve anular aquela autorisação ao mesmo tempo que declara, na quarta conclusão d'uma extensa moção que aprovou por unanimidade, dar um exemplo de nobilissima tolerancia e de respeito pelas opiniões contravertidas, considerando liquidados todos os seus esforços e intentos de evitar á cidade um mal maior, isto é, lavando o caso as suas mãos e deixando correr o marfim! Curiosa atitude, na verdade, que só tem condigno precedente no de celebre governador romano da Judeia, Poncio Pilatos.

* *

A questão devia ter sido estudada com metodo e sem opiniões preconcebidas.

A' Camara Municipal foi pedida pela Companhia autorisação para aumentar as tarifas, fundamentando-se no excessivo preço do carvão e nas reclamações de aumento de salario do seu pessoal que era necessario atender, sob pena de paralisarem os serviços de viação urbana, e alegando serem as suas receitas insuficientissimas para fazer face a estas duas imperiosas eventualidades.

A Camara só tinha um procedimento a seguir que era verificar se eram verdadeiros os fundamentos e a alegação, tarefa que, de resto, nada tinha de dificil.

Qualquer engenheiro está em condições de avaliar a despeza diaria de carvão nos serviços da Carris e qualquer comerciante do genero pode informar sobre o preço actual d'aquele combustivel no mercado.

Com respeito ás reclamações do pessoal tambem não gastaria muito tempo e trabalho para verificar que os seus vencimentos estão longe de atingirem o salario minimo auferido em quaisquer outras profissões manuais, sendo, porisso, aquelas reclamações muito para atender.

Restaria a parte mais delicada, a verificação das receitas da Companhia. E dizemos mais delicada, porque se presta a duvidas e suspeitas sobre a correcção da escrita da Companhia perfilhados por muita gente que está sempre disposta a suspeitar de tudo e de todos, sem mesmo saber porquê. A Camara teria, porém, um meio que se não prestaria a sofismas de qualquer especie, e a que a Companhia decerto acederia, de averiguar a receita diaria dos serviços dos electricos. Esse meio consistiria em mandar, durante alguns dias, funcionarios de confiança para Santo Amaro e para o Arco do Cego, verificar, juntamente com os empregados da Companhia d'isso encarregados, a receita que ali vão deixar todos os condutores quando terminam o seu serviço.

De posse d'esses elementos poderia a Camara por uma conta relativamente simples, não esquecendo, é claro, a receita das assinaturas e a despeza das reparações do material, calcular quanto precisaria mais a Companhia para que as receitas da exploração dos serviços pudessem fazer face aos encargos. D'ahi deduziria os aumentos de tarifas que seria necessario autorisar, e poderia continuar por alguns dias mais a fiscalisação das receitas, afim de verificar se, por ventura, não teriam sido exagerados os aumentos concedidos.

Assim se procederia em qualquer paiz, onde se fale menos e se trabalhe mais.

Evidentemente a Companhia não póde manter os preços actuais. O carvão que antes da guerra custava 5 mil reis a tonelada, custa agora 175 mil reis e brevemente tel-o-hemos a 190 mil reis.

Os preços dos materiais que a Companhia mais consome quintuplicaram de valor e o pessoal reclama agora, e com toda a justiça, aumento de salario, pois que, como acima dizemos, está longe de atingir o minimo do auferido em outras profissões.

O simples enunciado d'estas proposições mete pelos olhos dentro de toda a gente que não esteja desvairada, a necessidade de aumentar os preços dos electricos. E a prova de que esses preços eram até aqui baratissimos relativamente a quaisquer outros serviços, é que muita gente, da mais mal remunerada, que até ha pouco raras vezes se metia n'um electrico, não o dispensava agora nos mais curtos trajectos. Até os indigentes!

Telegrafia sem fios

Descobre-se um outro aparelho que é tambem para estudos, segundo declara o seu possuidor

Relatámos ha dias que a policia de segurança do Estado recebera comunicação do posto de telegrafia sem fios da serra de Monsanto de que haviam mais aparelhos clandestinos a funcionar, os quaes interceptavam os telegramas daquelle posto. Foram nomeados para o descoberto desses aparelhos os habeis agentes d'aquella policia, Santos Tavares, Araujo, Iglezias e José Maria Marques, que depois de varias diligencias descobriram em Carcavellos um d'esses postos, caso que noticiámos.

Os agentes continuaram nas suas diligencias, fizeram varias pesquizas para os lados do Campo de Sant'Ana e subindo ao ultimo andar de um predio que ali anda em obras, com um binoculo conseguiram descobrir uma antêna.

Pelas 14 horas de hoje, esses agentes subiram ao 3.º andar do predio n.º 35 da rua Prior Coutinho, e, declarando a sua identidade, entraram passando uma rigorosa busca, aprehendendo todo o aparelho, antêna e as colunas que seguravam essa antêna, fazendo conduzir tudo para o Governo civil.

Nesse andar reside um individuo de nome Herminio Oliveira d'Almeida, o qual tem um filho menor de 16 anos, Renato Canavarro d'Almeida, que, segundo declarou, é estudante, sendo o aparelho para estudos, rasgando em seguida um pequeno papel, que os agentes imediatamente apanharam e onde se lia «Antêna—Terra».

Pae filho foram intimados a comparecerem no governo civil, afim de prestarem declarações.

A policia de segurança trata de descobrir outros aparelhos que estão funcionando sem conhecimento do governo.

A ganancia desmedida

Alguns ganaciosos que estão vendendo farinhas lacteas estrangeiras por preços exorbitantes, insinuam que a farinha *Lacto Bulgara*—Lecitinada, de invenção portugueza não pode ser superior ás estrangeiras, pelo facto de custar mais barata, sem quererem saber, de que o Laboratorio Farmacologico se limita a ganhar o que é rasoavel e honesto e que a farinha Lacto Bulgara está *sendo usada por quasi todos os medicos do paiz.*

POLITICA

A situação dos partidos—Votações que dizem tudo—O que se prepara nos bastidores da politica... se a peça não falhar

N'esta pôdre calmaria da politica, calmaria apenas na crôsta, sente-se referver nos abysmos, onde se gira a intriga e se acalenta a paixão, como que todo um mar revolto, todo, um mar encapellado. E não virá tarde a maré que o desassocego debaixo attinja a superficie e as ondas alterosas se venham arremessar dencontro aos cachôpos, tentando arrastar na ressaca o que de bom e de mau houver na praia.

Olha lá, leitor amigo, que não fazemos estylo e nem estragamos litteratura barata. Tambem não temos pretensão a madame Bronillard. Vamos pondo apenas as cartas na mesa e mesmo sem a sabida arte d'aquella Virgilia Roca Teixeira, que ali abaixo, na rua Nova do Carmo, vae fazendo prodigios rendosos de chiromancia, vamos tentando lêr na farandola das cartas politicas o futuro não distante das reviravoltas partidarias.

Assim ha que notar nas ultimas sessões parlamentares a hesitação pronunciada das votações. Emquanto a gente do P. R. P. vota de chapa, obedecendo a uma quasi rigorosa disciplina, os outros partidos manifestam-se um pouco *á la diable*, tendo-se visto por exemplo o partido liberal quasi todo de pé e o sr. Brito Camacho, seu chefe, sentado. Nas reconstituintes tambem as votações deixam um pouco a desejar, se bem que, depois do P. R. P. seja este o partido de mais consistencia, em organisação e em disciplina.

D'esta barafunda toda nasceram os ultimos boatos de crise que dia a dia se vão aglomerando, sem a gente ver bem porquê, mas sendo obrigado a constatar que de facto se vae estabelecendo em volta do governo um vacuo muito significativo e, digamo-l'o tambem, muitissimo pouco patriotico.

E tanto assim é que das encapotadas *démarches* que ha dias se veem fazendo entre os *chefes* das minorias para um bloco ministerial, nada resta de pé, felismente, continuando os partidos n'uma anciosa espectativa, na ansia de encontrar um pretexto para o ataque decisivo, e esse pretexto a fugir-lhes continuamente, perante a acção patriotica do governo que pela bocca do seu presidente mantem a mesma linha indefectivel de conducta iniciada no dia da sua pósse: manter a ordem e resolver o problema economico.

Apesar de tudo, porém, e segundo as nossas melhores informações, as minorias da Camara vão iniciar em breves dias uma campanha parlamentar de ataque cerrado ao governo cujos resultados não é facil atingir agora, mas que essas mesmas minorias dão como garantia absoluta para os seus ambiciosos fins—a queda do governo.

E n'esses ataques, engendrados com paciencia, estudados e meditados com afinco, figuram os problemas que n'esta hora de reivindicações mais apaixonam a opinião publica sobre o duplo aspecto politico e social.

A questão dos cambios por um lado, as tabelas do sr. ministro da agricultura por outro, e o orçamento geral do Estado em conjuncto, constituirão as grandes avançadas da opposição, como se fossem gazes asphixiantes, canhões de grôsso calibre e *tancks* esmagadores, arremessados sobre as cadeiras do Governo.

Vez em quando, como fogo de artificio apparecerá um ou outro famoso *very-ligh* que pode muito bem ser a questão dos officiaes milicianos, as tarifas ferro-viarias, ou ainda uma ou outra questão politica-regional adrede preparada para os devidos effeitos de pyrotechnia. E no fim como peça de effeito, como ultimo recurso, a questão da moagem, com muitos numeros, muitos numeros, muitos numeros, e um barulho ensurdecedor de carteiras, e de arrebatadas e inflamados trôpos de oratoria.

E' isto o que se prepara. Os planos são estes. Agora demos tempo ao ensaiar da peça. Que ás vezes estas peças tambem falham... pela indifferença do publico.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

O governo e a grève

O governo deve agir imediatamente para obviar aos inconvenientes que resultem da grève dos electricos.

Se o não fizer, poder-se-ha dizer, muito embora sem razões nenhumas para tal, que a Companhia Carris gosa de proteções inconfessaveis junto dos poderes constituidos a ponto destes, mercê da sua inercia, se associarem desta arte, passivamente, ao revoltante acto de *chantage* cometido por aquela empreza, mandando suspender a circulação dos seus carros, sob o disfarce transparente de uma grève do seu pessoal assalariado. As intenções da companhia carris, que quer arrancar ao municipio tais concessões e privilegios, que alem do passante de 3.500 contos, lhe garantiriam o monopolio mais ignominioso que é dado conceber-se na industria de exploração dos transportes electricos e mecanicos da capital, são manifestas, claras, intuitivas.

Suspendendo os seus serviços, a companhia de Santo Amaro admitindo como possivel a inação do governo perante as suas habilidades repulsivas, julgou que, assim, aborreceria tanto a população lisboeta que esta chegaria ao apuro de preferir que lhe saqueassem as algibeiras a ter que passar sem carros electricos. O governo, porem, que tem dado sobejas provas de zelar cuidadosamente pelos interesse do povo, não pode consentir que esta ignominia venha a consumar-se.

Tem muitos meios para a evitar. O C. E. P. teve ao seu serviço algumas centenas de camions que, segundo nos afirmam, estão na posse do Estado e em bom estado de conservação.

Mande o governo, sem perda de tempo, como em 1917, em iguais condições de perturbação da ordem publica, se fez em França, que esses transportes venham para a rua fazer carreiras, ligando a Baixa com os pontos da cidade que mais sofreram com a paralisação da viação electrica. Dará, desta sorte, um golpe certeiro nos designios vis da Companhia que pretende ganhar a partida por processos verdadeiramente indecorosos, qual o de que lançou mão.

A Camara Municipal, por seu turno, providencie tambem sem delongas no sentido de impedir que os automoveis e os trens de praça, inconscientemente, aproveitando-se da ocasião, estejam a fazer uma exploração simplesmente ladravaz, pedindo pelos alugueres desta especie de vehiculos quantias tão avultadas que como verdadeiros roubos não podem senão ser consideradas.

Depois d'isto discuta-se então a melhor forma de resolver o problema posto pela Companhia dos Electricos á Camara Municipal, que antes o publico ficaria com a impressão de que aquela obrigaria esta, com a coacção da grève, a transigir até ao sacrificio dos mais legitimos interesses dos municipes.

C. da C.

Festas escolares

A tourada dos alunos de medicina

Todos os anos por esta época deliciosa em que rebentam as rosas e os furúnculos, os alunos da Faculdade de Medicina acordam os écos da praça de Algés com uma tourada-pandega, que leva ao popular retiro centenas, milhares de pessôas.

Quando outra coisa não tornasse simpatica esta festa de rapazes, bastaria o facto de ela, com uma revoada de vento e de sol, trazer uma nota higienica e reconfortante a quem durante 5 anos creou marreca e se fez myope, sobre os calhamaços fenomenais de Testut—para que fosse credora da nossa simpatia.

Por muito discutiveis que possam ser os instintos filantropico-cirúrgicos com que os medicos de ámanhã espetaram cuidadosamente as bezerras de Algés, o que não pode oferecer dúvidas é que aqui ha 20 anos, quando os escolares de medicina tinham o peito para dentro e usavam óculos, uma tal festa era impossivel.

Um picador que teve o maximo da sorte na sua «sorte»:—a vaca não deu por êle—(as pernas do cavalo estão um pouco tortas por causa do vento)—Correspondente.

E, em abono da verdade, entre uma massadora revista com piadas aos lentes, critica ás enfermeiras do hospital e a inevitavel balada de despida, com que os alunos das escolas superiores nos mimoseiam frequentemente—e uma «tourada» de estudantes, com charlots, «magas» de mantilha e de rosas, policias, diestros, cavaleiros, tancredos, diões sabios, militares sem graduação e gente do povo...—antes uma pandega alegre, despretenciosa, com camarotes repletos de raparigas, pegas rijas, chocolates e cigarros na arena, quedas aparatosas, burros de cócora, cavalos cegos, o «ó ai ó linda», na orquestra, e uma inteligencia curta de vista...

O Charlot da corrida que teve um excelente par... de colhidas, sendo a segunda e definitiva, ao genero peixe, tangente á areia—(extensão do arrasto—5,m20).

As festas escolares, em Portugal, teem tradições. Desde as revistas de Coimbra, do «auto da Sebenta», ás festas do colegio militar, á feira da Politechnica, aos espectaculos da antiga tuna academica, ao orfeon do Antonio Joyce, a academia deixou sempre brincar uma nota de alegria e de mocidade, que para todos é já uma saudade—nuns que se adivinha, noutro que se sofre.

E, por isso, bemditas as festas de alegria e de mocidade — que não ha mocidade digna sem alegria, nem a nossa alegria, por mais velhas, que seja, deixa de ser moça!

L. R.

Tribunal do C. E. P.

Neste tribunal foram hoje julgados os soldados José do Carmo, do 5.º grupo de companhias de administração militar, acusado do crime de furto e insobordinação militar; Alberto Cardoso, de infanteria 1, e Anibal Soares Jacob, de infanteria 6, ambos acusados do crime de desorção.

O primeiro foi condemnado na pena de 5 mezes de incorporação em deposito disciplinar, pena que ficou reduzida a 27 dias, por ter sofrido 6 mezes de prisão preventiva. Os dois restantes foram anistiados.

Um grito de alarme a favor das Caldas de Monchique

Um contracto que se não cumpre e uma exploração que prejudica uma provincia inteira e inutilisa uma das nossas mais risonhas estancias termais

Volta a debater-se novamente a situação em que se encontram as termas de Monchique. «A Capital» já ha anos tratou do caso largamente, mas pelo visto foi «vox clamantis in deserto», e a situação dessa explendida estação termal em vez de melhorar, peora a tal ponto que, a não lhe acudirem a tempo, perde-se por completo.

Numa representação distribuida agora a todos os parlamentares, a todos os habitantes do Algarve e a toda a gente em evidencia no nosso meio politico, diz-se claramente que o momento chegou de todos se pronunciarem para que essa joia inestimavel de Monchique não continue victima do desleixo, da mercancia e da tirania dum contractor luinoso e insuportavel.

E diz-se mais nessa representação:

«A Junta Geral do distrito por proposta da comissão executiva, em sua sessão de 1 de Janeiro ultimo resolveu apresentar ao Parlamento para que seje rescindido o contracto que entregou ao dr. Bentes Castel-Branco a administração e exploração das Caldas de Monchique por 60 anos! Todo o Algarve sabe fartamente que este contracto representou e representa um dos maiores nepotismos que se tem feito em Portugal; que, só graças a uma protecção antiga e moderna, tem o adjudicatario podido continuar na posse do estabelecimento e terrenos anexos das Caldas de Monchique, usufruindo os lucros daquela exploração, não cumprindo nem uma só clausula do contracto, arruinando o banho e depauperando o valor das suas matas e terrenos, com a maior audacia que só pode conceber-se pela indiferença dos Governos e pela tibieza e dolencia do nosso caracter. Chegou portanto o momento de todos contribuirmos com o nosso esforço para acabar de vez com este escandalo que ofende a nossa dignidade. A Junta pretende que lhe seja entregue a tutela administrativa das Caldas, reduzidas pela administração nefasta e egoista do actual adjudicatario á mais miseravel instancia de Portugal, para a administrar directa ou indirectamente, e poder fazer daquela uberrima região uma estação termal igual ás melhores do paiz».

Nada mais justo, parece-nos, que este grito de alarme e de protesto d'uma provincia inteira em defeza d'uma das mais bellas e mais pitorescas thermas de Portugal que um contracto ruinoso e uma exploração monopolista levaram á miseria de as reduzir a caldas de terceira cathegoria, sem conforto, sem hygiene, sem o minimo requisito da sciencia moderna em materia tramal.

E' que nas condições do Concurso e do Contracto o adjudicante das Aguas de Monchique obrigara-se a construir um estabelecimento hidroterapico com banhos de imersão em tinas de 2 classes, e banhos baratos em piscinas com separação de sexo, e com instalações apropriadas para aplicações da agua sob pressão, sendo o material das banheiras e encanamentos apropriado á natureza das aguas e o estabelecimento higienico e confortavel.

E até hoje, desde junho de 1894, ou de janeiro de 1895, se assim preferirem, nunca se construiu estabelecimento algum, existe apenas de pé o velho pardieiro do antigo banho de Monchique ao qual foi feita uma fachada de ridicula estética, com uma simples entrada de acanhado vestibulo. As tinas são as que o adjudicatario recebeu do Estado. «Instalações para aplicação de agua sob pressão», pode dizer-se que não existem, pois são de tal modo defeituosas que melhor seria não as ter. Alem disso o conforto proporcionado naquele banho ficou na intenção do legislador. Nada ha mais miseravel no paiz, onde como se sabe ha já hoje optimas instalações thermais, aperfeiçoadas e modernas, como as de Entre-os-Rios, as de Vizella, e as optimas instalações das Caldas da Saude, abertas ainda ha dois anos e onde o aquista encontra tudo o que de mais moderno existe em thermas portuguezas.

Havia ainda o adjudicante que construir e mobilar um hospital para 60 camas, constituido por duas enfermarias separadas, para homens e mulheres, com as necessarias dependencias e acessorios.

Ora no hospital só ha o que mandou construir ali o benemerito Bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avelar, e quanto á clausula seguinte de construir e mobilar duas albergarias separadas para que homens e mulheres sejam recolhidos e alimentados por uma pequena diaria, como passoas de poucos meios;—o adjudicatario poderá dizer onde as construiu.

Emfim, e para encurtarmos razões, vê-se que o adjudicatario das Caldas de Monchique não cumpriu nenhuma das clausulas do contracto. Não estabeleceu uma rêde de esgotos por forma a assegurar a salubridade da povoação e a evitar a poluição das aguas da ribeira do Banho. Não arborisou nem continuou a arborisação existente, antes a tem devastado. Nem tem respeitado as clausulas monetarias nem tampouco, embora nas clausulas se dissesse que attendendo a que pelas condições especiaes do estabelecimento de Monchique as obras a empreender só poderão realisar-se por pequenas secções, visto que os novos edificios terão de ser levantados em pontos já ocupados por edificações cuja demolição só poderá ser autorisada quando levantados os outros que os possam substituir, seria concedido ao adjudicatario um praso de 10 anos para a conclusão de todas as obras e melhoramentos a que se tiver obrigado e constantes do seu plano geral, o que é facto é que já decorreram 15 anos dentro do extincto regimen e quasi 10 vão passando no regimen da Republica e ainda o adjudicatario não concluiu nem sequer começou as referidas obras.

Recomeça pois a campanha salutar para restituir ás Caldas de Monchique a sua hegemonia administativa e o logar que por direito lhe pertence no numero das boas coisas portuguezas.

Que quem tem o direito de olhar por aquelas coisas o faça sem strabismos, olhando a direito e de frente e cortando ainda mais de frente e a direito, como convem a uma das mais bellas provincias de Portugal e como é de justiça se faça a essa joia prima do Algarve florido que se chama as termas de Monchique!

O 9 d'Abril

A batalha de La Lys

O que viu e ouviu um combatente—Rememorando...

(Concluido do n.º 3:515 de 9 de abril)

Ainda o projectil não tinha rebentado e já todo o horisonte se incendiava num clarão hediondo de labaredas de sangue.

Nas primeiras linhas não mais ninguem ouviu a propria voz.

Uma explosão unica, continua, um rebentamento permanente, monstruoso, feito de todos os barulhos, de todos os rugidos, de todos os estrondos, desabava como um cataclismo, um tremor de terra, uma tempestade dos elementos enfurecidos, numa frente de vinte quilometros.

Milhares de bocas de fogo de todos os tamanhos e calibres vomitavam metralha numa furia insana de destruição.

O nevoeiro ardia em labaredas lividas de incendio. As tropas nas primeiras linhas, desorientadas, os nervos vibrando, tensas, prestes a estalar, surdas pelo marulhar da tempestade, corriam para os parapeitos, que desabavam sob a força destruidora dos explosivos. Corpos humanos, esquartejados, feitos em pedaços sangrentos eram projetados longe, em todas as direções. Grupos de homens ficavam soterrados nos escombros das trincheiras.

Outros dispersos, desorientados, dominados pelo terror, erravam ao longo das trincheiras, em procura de um abrigo que não encontravam.

Nas primeiras linhas não ficava um palmo de terreno que não fosse revolvido, escavado, disperso em lama e pó. A metralha zumbia no ar, entoando canções funebres de exterminio.

Era como se todas as forças malignas se houvessem agrupado naquele restrito espaço de 20 quilometros e tomadas de raiva louca, quizessem rasgar a superficie do solo, convulsionar a terra, vomitando por todos os rasgões fogo e ferro candente.

As mais palpitantes descrições das maiores batalhas da Historia não conseguiriam dar uma ideia do que era uma batalha na monstruosa guerra que acabou. E, certamente, aqueles dos combatentes que experimentaram os horrores da luta, hão de sorrir quando relerem certas narrativas que outr'ora os fizeram vibrar de emoção e intensidade. Como esses famosos combates estavam longe da infernal grandesa dos combates modernos!

Era o fogo rolante, avançando lentamente como cilindro formidavel, tudo esmagando, triturando tudo no seu peso bruto. Era a catadupa que desabava, engulindo, devorando, submergindo todos os obstaculos. Era emfim a morte, cavalgando milhares de carros metalicos, que avançassem pesadamente por estradas duras e campos empedrados, num nivelamento de destruição.

A batalha, a distancia, era o oceano embravecido, batendo raivoso os penhascos da praia, num marulhar soturno, cavo, subterraneo de abalo cosmico.

* * *

Nas trincheiras os soldados, muitos d'eles feridos, sangrando de mutilações crucis, erravam desvairados, agrupando-se aqui e acolá, n'uma tentativa vã de resistencia.

O inimigo surgindo de todos os lados, menos pela frente, cercava-os e apontando-lhes os lança-chamas, trucidava-os á granada de mão, fusilava-os á metralhadora ou trespassava-os á baioneta

Alguns, loucos de pavor, esfarrapados, as carnes rasgadas na luta, conseguiam salvar-se, alcançando a retaguarda.

A nossa artilharia, uns magros duzentos canhões, era esmagada, abafada, estrangulada pelos mil e oito centos canhões inimigos. Os nossos minguados dezoito mil homens ficavam sufocados sob o peso das oito divisões atacantes, ou fossem mais de cem mil homens.

Algumas tropas, poucos quilometros atraz, permaneciam longas horas inativas, á falta de ordens.

Entretanto, impelidos pela ressaca das trincheiras, restos dispersos vinham remediando o desanimo e a desmoralisação á retaguarda.

A gente das linhas debatendo-se lutando com ferocidade, tinha sido subvertida pelo vendaval.

Dos quarteis generaes, dos brilhantes comandos já nada existia a não ser um ou outro elemento disperso que, aqui ou acolá, procurava dar umas vagas ordens de retirada.

E começa então a via dolorosa, a mais amarga caminhada que pés humanos jámais trilharam.

Enquanto pequenos nucleos dispersos resistiam e morriam e as primeiras tropas inglezas surgiam, esboçando uma resistencia que havia de ser levada de vencida, os restos esfrangalhados das nossas tropas batiam em retirada.

O que esse calvario foi! Que tremendo espectaculo!

Não ha linguagem humana que possa descrever, nem pincel que consiga fixar na téla os aspectos tragicos de um exercito em derrota.

Como ficam palidas todas as descrições, ainda as mais palpitantes, e acanhadas, e ridiculas até os traços de tão espantoso quadro!

Não tendo havido de principio uma cabeça bem solida e um pulso de ferro para conter a onda, mas antes, partindo muitos exemplos do alto, a retirada iniciara-se pelos comandos superiores e por tudo que lhes estava adstrito.

Os quarteis generaes, depositos e parques baticos, bombardeados logo de madrugada, tratam todos de organisar o salvamento. Muito gado, rotas as correntes, dispersa pelo campo e outro é destroçado no momento em que o atrelavam aos carros.

Algumas viaturas que conseguem salvar-se, vão pejadas de todos os apetrechos, os mais heterogeneos.

As estradas ficam juncadas de cadaveres. Troncos humanos esquartejados pelas granadas tombam nas valetas, emquanto no leito das estradas quedam cavalos mortos e viaturas despedaçadas.

Os civis francezes, muitas mulheres, bastantes creanças e velhos juntam-se ás tropas e numa promiscuidade desordenada, num tropel confuso, escoam-se pelas estradas fóra.

Como os meus olhos estão ainda a ver esse quadro desolador!

Os ares estão cheios de gritos, lamentos, rugidas, estrondos, explosões, derrocadas, incendios. Eram projeteis pesados, alguns deles até então desconhecidos pelo seu sibilar estranho, que passavam para a retaguarda, emquanto outros, os mais numerosos iam batendo, triturando, escavando a solo, por assim dizer, palmo a palmo.

Oficiaes inglezes, no cumprimento do mais sôbre-humano dever, com as lagrimas borbulhando, iam liquidando a tiro os moribundos, aqueles cuja salvação era já de todo impossivel.

E aquela multidão lamentosa e triste, como se sobre os hombros arrastasse o mais atroz suplicio, enchia as estradas e os campos numa debandada de feira dispersa em pavor.

Oh! mas não se julgue que era todo o exercito que debandava. Eram restos, frangalhos de gente, semi-loucos muitos, fugidos das trincheiras. Era alguma de vasto impedimento que peja a retaguarda de um exercito em operações, que procurava salvar-se, uma precipitação talvez a que faltára de principio a mão ferrea do dirigente. Eram soldados sem comando e oficiaes sem soldados.

Eram os habitantes de muitas povoações francezas que abandonavam as suas casas, debandando como revoada de passaros dispersos á pedrada.

E acompanhando toda aquela tragedia estupenda, um ou outro episodio picaresco, aqui e acolá cenas burlescas e risonhas...

Mas tambem quantos atos de valentia, mesmo á rectaguarda, louvado Deus...

Das tropas empenhadas directamente na luta, mortos ou prisioneiros, por lá ficou a maior parte.

* * *

9 de abril! Quem ha p'rai que se lembre d'essa data, a não ser aqueles que viveram as horas de tragedia e de dôr dêsse dia!?

Quem ha que volva ao menos um olhar curioso, já não diremos carinhoso, para toda essa multidão que em França, e na Alemanha espiou nobremente tantos erros de cá e de lá!

Quem se lembrou sequer de prestar uma pequena homenagem a esses todos, que, esquecidos no estrangeiro, ainda mais esquecidos continuam na propria terra?!

Como bastantes dêsses esboços de manifestação e de apreço, palavrosa e dolorosamente vazios, que muitas vezes para ai se ouvem, ecôam falsamente nos ouvidos dessa legião de sacrificados!...

E enquanto lhes chamam valentes, heroicos e patriotas, não hesitam em mandar a muitos d'eles estoirar de fome, como cães despresiveis, no momento em que vão engordando prodigamente uma aluvião de inuteis, incompetentes ou perniciosos...

9 de abril! Seriam necessarias muitas paginas para descrever os acontecimentos dêsse dia, mas mais seriam precisas ainda para narrar a ingratidão dos homens, a começar por muitos daqueles mesmos que prepararam a nossa participação na guerra.

Lapas de Gusmão.

POEIRA DA ARCADA

Pelas colonias

O governador geral de Moçambique pediu que não seja provido pelo governo central o logar de fiscal dos serviços de emigração em Ressano Garcia, visto existirem ali funcionarios antigos e competentes para o desempenho do mesmo logar.

— Pelo governador geral de Moçambique foi proposto que Kionga passe a constituir uma circumscrição civil. O sr. ministro das colonias concordou com a proposta.

— Foi proposto para o cargo de conservador do registo predial em S. Tomé o sr. dr. Manuel da Graça do Espirito Santo.

Assuntos de instrução

O sr. ministro da instrução encarregou os srs. dr. Queiroz Veloso, director geral de ensino superior; dr. Carlos Babo, chefe de repartição; Silverio Pereira Junior, segundo oficial, e João Marques de Abreu, terceiro oficial de, no praso de 30 dias, apresentarem as bases para a remodelação do quadro do pessoal do ministerio e bem assim o projecto de regulamento interno.

—Foram creados segundos logares de professores nas escolas masculina e feminina de Sines; um terceiro logar na escola de Sinfães e dois logares na de Manteigas.

Funcionario castigado

Em consequencia do processo disciplinar, foi aplicada a pena de 3 meses de suspensão do vencimentos ao primeiro fiel da dispensa da Provedoria da Assistencia de Lisboa, sr. Pedro Artur da Silva, por ter dado 44 faltas interpoladas no ano de 1915, sem justificação alguma. Justamente com o respectivo despacho, a folha oficial publicará algumas peças do processo.

THEATROS

Nota do dia

Quasi ao mesmo tempo leio num jornal brazileiro e noutro francez os enredos das peças de dois novos que causaram grandes e ruidosos entusiasmos na critica dos respectitos paízes.

Trata-se dos «Fantasmas», 3 actos de Renato Vianna, que já se estreiou com outra peça «Na Voragem», e a «Une faible femme» 3 actos de estreia de Jacques Deval, que fez alguns evocarem Musset ou Donnay de quando da peça «Amants».

O Brazil raramente apresenta no seu teatro motivo para grandes louvores; na França, o teatro de «aprés guerre» assustava os que amaram o grande nivel intelectual artistico e literario do paíz ideal.

A peça os «Fantasmas» é uma possante obra filiada no moderno teatro, um conflito curioso, original que nos não alougamos a descrever, se bem que merecesse apresenta-lo aos nossos noveis escritores; a peça de estreia do autor francez, tambem uma curiosa e bela revelação de exitos vem renascer a esperança, aliaz bem justificada, de que novos nomes, novas inteligencias substituem os nomes cançados gastos ou mortos

Estabelecendo sempre o paralelo com o nosso paiz, queriamos dizer que o nosso teatro espera e ha-de ter ainda os novos nomes de autores que venham resurgir a nossa literatura dramatica. Neste momento Portugal encontra-se com novos na arte de declamar, gente que, disputando entre si os primeiros lugares da scena, se esforça e contribue para voltar a um periodo de brilhantismo digno duma nação inteligente e moral. Faltam os originais, faltam os autores portuguezes... Eles virão, temos a certeza. E haja fé, haja carinho para com os nossos, protejâmos e incensâmos,— embora injustificadamente como a Hespanha, mas num belo exemplo a seguir—tudo quanto seja dos filhos da nossa terra e o teatro portuguez terá dentro em breve voltado a um tempo melhor e mais grandioso.

A. F.

Noticiario

Luiz Cardoso, nosso colega na imprensa e secretario do teatro São Luiz, realisa a sua recita na sexta-feira, 4 de junho, com um sensacional espectaculo de opera, zarzuela e opereta. Será cantada por Alice Pancada e Maria Abranches a peça «Rosas de todo o ano», de Julio Dantas, transformada em opera pelo maestro Augusto Machado e que será dirigida pelo maestro Pedro Blanch com a orquestra Synfonica Portuguesa. Além de um acto de opereta, será representada a celebre zarzuela «Las Bribonas», traduzida por Acacio de Paiva com a musica original hespanhola, sendo a protagonista Cremilda d' Oliveira, a distinta actriz que na proxima quarta feira realisa a sua festa artistica com a opereta holandeza «Moinhos que cantam». a

Leite falsificado

Pão apreendido

Os agentes de fiscalisação da direcção geral dos serviços agricolas srs. Gabriel Rodrigues, José Antonio David e José Rodrigues Lourenço, prenderam Miguel Castanheira Pedrosa com leitaria na rua João Crisostemo, 22 e 24, que andava pelos domicilios vendendo leite falsificado.

Tambem os fiscaes do ministerio da agricultura srs. José Antonio David, João Alves Barbosa e Pompeu Trindade, apreenderam na padaria da rua Pascoal de Melo, 136, 200 quilos de pão mal cozido, o qual, depois de novamente metido no forno, foi então vendido ao publico.

As feiras em Lisboa

Uma representação ao chefe do Estado

Uma comissão delegada da associação de classe dos feirantes de Lisboa, apresentada pelo velho republicano sr. Luiz Almeida, entregou ao sr presidente da Republica n'uma representação os seus bons oficios de forma a que a camara municipal chegue a um acordo com os reclamantes quanto á realisação das populares diversões.

Concordam os feirantes em que a camara exija que as feiras tenham um aspecto artistico mesmo e que se não permitam construções que seja uma vergonha. Mas d'aí, a acabar com élas vae uma grande distancia, tanto mais que eram as classes pobres que não podem ir para fora nos mezes de verão as que frequentavam esse local de diversão.

A representação entregue ao sr. presidente da Republica termina do seguinte modo:

«Vimos, pois, respeitosamente, impetrar a valiosa interceção de Vossa Excelencia a cujos apreciaveis dotes de inteligencia, de ilustração e de caracter folgamos de aproveitar o ensejo de prestar o preito que lhes é devido, em ordem a contribuir para que a Ex.ma Camara Municipal de Lisboa se digne reconsiderar,—como tão proprio é daqueles que, como os actuais dignos vereadores, pretendem acertar, autorisando a realisação, em Santos, (ainda este ano, por motivo de, ainda, não ter sido regulamentado o assunto), nos meses de Agosto, Setembro e Outubro, da popular diversão, chamada Feira,—evitando assim a inutilisação, o empobrecimento extremo, senão a miseria mais cruel, de pessoas que compõem a classe dos feirantes de Lisboa que de tal honrado mistér vivem, e cujo patriotismo, dedicação ao regimen, amor ao trabalho e dignidade, não é licito, a ninguem, de boa fé, pôr em duvida».

VIDA SPORTIVA

Foot-Ball

Os Belenenses vencem o Victoria por 4 goals a 1

Realisou-se ontem no campo de Bemfica o ultimo desafio da meia final do campeonato de 1.as categorias entre os Beleneuses e o Victoria de Setubal.

A victoria coube aos Beleneuses, que ganharam com relativa facilidade por 4 goals contra 1.

E' justo destacar a boa forma em que o club vencedor de ontem se encontra, tanto mais que a maioria dos adeptos de certos clubs tambem de foot-ball contrariaram quanto puderam a sua organisação, talvez por notarem que «os Belenenses» seria *team* capaz de disputar a final do campeonato, apesar de contar apenas alguns meses de existencia.

Na realidade, os «Beleneuses» tem-se sabido impôr, sem ser pela violencia ou tão pouco por favor.

Os «Beleneuses» vão disputar a final do campeonato com o «Sport Lisboa» porque teem lealmente ganho aos «teams» seus adversarios.

A epoca deste ano tem sido talvez das melhores em tudo, devido á boa organisação deste club, que conseguiu um logar de destaque no nosso meio fotobalista.

Concurso hípico internacional

Começam no proximo sabado as grandes provas hípicas, em que tomam parte numerosos cavaleiros portuguezes e os oficiais hespanhois, srs. Capitão Jurado, capitão Lopez y Bourbon e tenente de la Brosa.

O entusiasmo é grande, sendo notavel a assinatura de camarotes e tribunas para os dois dias do concurso, o que pode considerar-se exito superior aos anos anteriores.

No hipodromo trabalha-se todos os dias, tendo ás tardes um aspecto muito animado.

Esgrima

As provas do Comité

E' deveras lastimavel que os nossos esgrimistas—quando não todos, a maioria—não tivessem comparecido á *poule* que hontem se efectuava no salão do G. C. P. organisada pelo Comité Olympico Portuguez.

Aqui só ha um caminho a seguir e esse já s temos indicado: o Comité ou faz uma rigorosa fiscalisação nas salas d'armas, afim de se certificar de quem trabalha e efectua provas mensalmente, ou põe de parte a ideia de mandar uma «equipe» a Anvers.

Julgarão talvez os nossos esgrimistas como certa a sua participação lá fóra,

Enganam-se!

Lá fóra ou vai quem trabalha ou não vai ninguem.

Bem basta o que já se tem passado com anteriores «équipes».

Todos por certo se recordam de aquelas celebres «épuipes» de esgrima que os militares pretendiam organisar quando dos jogos inter-aliados, mas que nós conseguimos fazer modificar, pouco nos importando com as ameaças destes ou daquele.

MUSICA

Concerto no Conservatorio

Realisa-se amanhã, ás 16 horas, no Conservatorio Nacional de Musica, o terceiro concerto de professores, com o seguinte programa:

Quartetto n.º 41, op. 76, Haydn: a) allegro; b) Andante; c) Menuetto; d) Vivace assai; para dois violinos, violeta e violoncello pelos professores Flaviano Rodrigues, Tomaz de Lima, Pavia de Magalhães e João Passos.

Sonata, Lekeu: a) Muito moderato. Vivo e apaixonado; b) Muito lento; c) Muito animado; para piano e violino pelos professores Marcos Garin e Flaviano Rodrigues.

Trio n.º 1, op. 63, Schumann: a) Com energia e paixão; b) Não muito vivo; c) Vagaroso com intimo sentimento; d) Com fogo; para piano, violino e violoncello pelos professores Angelique de Beer, Flaviano Rodrigues e João Passos.

O DECRETO DA RESTRIÇÃO DA LUZ

No café Chave d'Ouro, reuniram esta tarde os proprietarios de cafés e restaurantes, afim de pedirem ao sr. ministro do comercio para que os seus estabelecimentos fechem á uma hora da madrugada, em virtude das declarações feitas a uma comissão pela companhia do Gás e Electricidade de que a referida companhia podia fornecer luz.

Em vista do sr. ministro do comercio não se encontrar em Lisboa, ficou a reunião adiada para amanhã, ás 16 horas.

Menor raptada

No governo civil, apareceu esta tarde o sr. José Ferreira, proprietario do hotel Sobral sito no Poço do Borratem, queixando-se de que a noite passada sua filha menor de 15 anos, Lucinda Ferreira, fôra raptada por um seu empregado de nome João Sengo, levando dinheiro objectos de ouro e roupas.

Tribunal do Comercio de Lisboa

Citação edital

Pela 1.ª Vara Comercial desta comarca e cartorio do escrivão do 3.º oficio, correm editos de trinta dias citando Ana da Cunha Sotto Maior Castelo Branco, que foi residente na Rua da Procissão, 117-1.º andar e actualmente em parte incerta, para dentro do prazo de dez dias contados depois de findo o prazo dos editos e estes a contar da segunda ultima publicação dêste anuncio, pagar no cartorio do escrivão que este subscreve, a quantia de 108$12,5, prveniente de selos e custas contadas nos autos de acção de letra que lhe propoz Crispulo Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, ou nomear bens á penhora, sob pena de findo o decendio se devolver o direino de nomeação ao Ministerio Publico.

Lisboa, 15 de Maio de 1920.
O Escrivão.
Daniel Ferreira de Matos
Verifiquei. O Juiz Presidente,
Nunes da Silva

1.ª Vara Comercial de Lisboa.

Por este Juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias, citando Pierre Pessó, que foi morador na rua Nova do Almada 80, 2.º esquerdo Jules Perrot, morador que foi em Setubal e hoje ausentes em parte sincerta, para comparecerem n'este Tribunal do dia 23 de junho proximo pelas 12 1[1/2] horas afim de assistirem ao julgamento dos artigos de danificação de falencia contra eles deduzidos pelo Ministerio Publico, sob as penas legaes.

Lisboa, 5 de Maio de 1920
Escrivão do 2.º oficio
Arnaldo Rebelo da Costa Franco e Abreu
Verifiquei: O Juiz Presidente
Nunes da Silva

ULTIMA HORA

CONGRESSO

Nos Deputados

D'alguma causa valeu a nossa campanha a favor d'uma perfeita honestidade parlamentar na questão da presença á sessão dos srs. deputados. E dizemos isto com aquele orgulho de quem por muito amar a Republica a quer ver dignificada e honesta. Assim toda a gente supunha que hoje por falta de electricos não houvesse numero na Camara.

A's quinze horas o sr. Ladislau Batalha invoca o § 2.º do artigo 116.º declarando que para prestigio do Parlamento era preferivel não haver sessão a havel-a mercê de sophismas e subserviencias por parte da mesa.

O sr. Sá Cardoso manda proceder á segunda chamada. Esta é feita pelo sr. Sá Pereira, indo o sr. Ladislau Batalha para junto da presidencia assistir ao chamamento dos srs. legisladores. Feita a chamada reconhece-se que falta um deputado, mas n'esta altura chega o sr. Manoel Fragoso, que está já fora do regimento, facto que o sr. Ladislau Batalha saliente, mas logicamente deixa passar em julgado.

Emfim. Ha numero. E ha numero ás 15 horas da tarde mesmo sem electricos o que já ha muito tempo não acontecia e o que folgamos muito em registar. Para alguma coisa serviu a campanha da *Capital*...

O sr. Antonio Francisco Pereira em negocio urgente trata da ameaça da gréve feita pelos medicos das associações para o proximo dia 1 de Junho.

O orador diz que as associações de socorros mutuos não podem pagar mais. O sr. Alberto Cruz, em aparte, diz que os medicos não podem ganhar menos. Estabelece-se dialogo. Ha apartes varias. Um deles — «a missão de medico é um sacerdocio». O sr. Camacho — só isso? Todas as missões representam um sacerdocio proprio. E' um sacerdocio! E' um sacerdocio! grita-se. O sr. Brito Camacho — Isso é socialismo de pé quebrado!

A campainha presidencial agita-se. O orador termina as suas considerações pedindo a atenção do governo para o caso. O sr. Roma Preto responde que o sr. ministro do trabalho a que o caso está afecto já tratou de o resolver entre as pastas litigantes, cujas negociações continuam.

O sr. Pina Lopes apresenta a segunda serie de propostas de finanças já conhecidas pela sua publicação na imprensa.

Entra depois em discussão o prejecto de lei sobre os melhoramentos no concelho de Loures, que sem discussão é aprovado, sendo-lhe dispensada a segunda redação.

E a sessão continua tendo sido distribuido o parecer sobre o orçamento da guerra e as propostas de finanças apresentadas pelo governo e que tratam dos lucros de guerra, da taxa militar, imposto do selo, contribuição de registo, contribuição sumptuaria, imposto de produção, execuções fiscaes e automoveis do Estado.

PELO TELEGRAFO

A imprensa franceza continua a sua campanha em favor do poeta Santos Chocano, condenado á morte em Guatemala, por ter tomado parte na ultima revolução. Tambem os intelectuais de Havana pediram ao presidente de Guatemala o indulto do poeta.

A Liga das Nações, ao que parece, não se ocupará da questão do Pacifico.

A Argentina vae proibir a exportação de trigo.

Passou hontem o aniversario natalicio o presidente da Republica Brasileira, dr. Epitacio Pessoa, que, por tal motivo, foi festejadissimo.

No Rio de Janeiro foi hantem inaugurado solenemente o Liceu Camões, de que é reitor o conselheiro Teixeira Abreu.

Na provincia de Mendoza, Argentina, foi descoberto um *complot* contra os membros do governo. Foram efectuadas numerosas prisões e a policia encontrou em casa de Ruso, dirigente do *complot*, bombas, espingardas e munições.

O governo da Republica Argentina vae decretar que o trabalho nos portos seja considerado como serviço publico oficial, a fim de evitar constantes greves.

Ao correspondente da Agencia Americana em Paris declarou o consul do Mexico que recebera um telegrama oficial anunciando que é absoluto o socego naquele paiz após o triunfo dos revolucionarios, que as propriedades tanto de nacionaes como de estrangeiros serão respeitadas e que o Congresso deve reunir hoje para eleger o novo presidente.

A grève dos electricos

Continua sem solução a grève declarada pelo pessoal dos eletricos, não se tendo dado facto algum anormal. A estação de Santo Amaro está fechada e na séde do Syndicato Metalurgico, á Esperança, o pessoal conserva-se em sessão permanente, com a maior compostura e declarando firmemente que não retomará o trabalho emquanto não forem atendidas as suas reclamações.

Reuniu em sessão particular a comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa, para apreciar o estado da questão dos electricos e as rapidas providencias a tomar para lhe dar fim.

Assistiram aepresentantes da minoria socialista.

Por unanimidade e de acordo com o sr. presidente da camara, resolveu-se convocar para hoje, ás 21 horas, a comissão especial de viação eleita na ultima sessão e composta dos srs. José Gregorio de Almeida, Rider da Costa e Cesar dos Santos, socialistas.

Esta comissão deverá ficar hoje mesmo instalada, iniciando imediatamente os seus trabalhos.

Os automoveis e trens de praça tiveram grande procura, tendo-se organisado já carreiras de automoveis do Rocio para Bemfica e Lumiar. Os «camions» que faziam carreiras do Lumiar para Cabeço de Montachique passam a sair todos os dias do Largo do Jardim do Regedor, pelas 17 horas, excepto aos domingos, que sairão ás 10 e 30 m., sendo tal autorisação concedida pela Camara Municipal, que egualmente permitiu que os mesmos vehiculos conduzam as malas do correio.

O mounmento aos mortos da guerra

Os festejos em Portalegre

PORTALEGRE, 24.—O ministro da guerra teve uma recepção imponente. Prestou-lhe a guarda de honra uma força de infantaria 35, com a respectiva banda.

As bandas dos bombeiros e Euterpe, acompanhadas das colectividades da cidade, de milhares de pessoas, foram á noite, em marcha «aux flambeaux», saudar o ministro e a Republica, falando das janelas do governo civil o presidente da comissão executiva da camara municipal, sr. João de Brito, e o ministro. O sarau no teatro foi brilhantissimo.

Hoje, o sr. tenente coronel Aguas visitou o municipio, proferindo um eloquente discurso, saudando a cidade. Vai realisar-se o lançamento da primeira pedra do monumento aos mortos da guerra, seguindo-se a parada militar e o cortejo, que revestirá a maior imponencia.

A' noite ha banquete oficial e espectaculo de gala.

A pletora de oficiais superiores E a falta de oficiais subalternos

Só tarde nos chegou hoje ás mãos o parecer 422-B da comissão do orçamento, da Camara dos Deputados, que examinou e deu o seu parecer sobre o orçamento do ministerio da guerra.

Deduzidos os oficiais superiores que estão em serviço na Guarda Nacional Republicana, na Guarda Fiscal, nos serviços de saude e nos farmaceuticos, o exercito portuguez tem 838 oficiais superiores, dos quais 23 são generais.

Esse elevado numero é resultado da organisação de 25 de maio de 1911, tendo ainda em vista outras leis promulgadas mais tarde.

Seria interessante conhecer essas leis, que assim deram logar a uma promoção vertiginosa e a esse excesso de oficiaes superiores.

Em compensação, em quasi todos os regimentos e unidades não ha oficiaes subalternos. Ora um paiz que entrou na guerra e que teve grande numero desses oficiaes, que se bateram, não devia sentir tal falta, se tivessem sido convenientemente aproveitados.

E no orçamento ainda figura a verba para a Escola de Guerra, cuja extincão vimos advogando desde 1915.

NOTICIAS DA CAPITAL

A gatunagem em acção

Foram presos José Jesus Duarte, da rua da Mouraria, 38, 3.º, Joaquim Rodrigues Bisarro, da rua do Capelão, 21, 1.º, e José Ferreira, da rua Fé, 49, que furtaram roupas no valor de 85, escudos a Antonio Joaquim Rodrigues, companheiro de casa do primeiro preso.

—A' policia foram apresentadas queixas de: Filomena de Jesus, da rua dos Mastros, 10, 1.º, acusando as suas hospedes Maria Olga e Albertina Salgado, de lhe terem furtado a quantia de 50 escudos; de Joseta Pires, da rua do Recolhimento, 54, 1.º, a quem Ewiges Afonso furtou roupas no valor de 40 escudos; de Sebastião de Almeida, encarregado das obras dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, da rua de S. Mamede, a quem furtaram peças de vestuario no valor de 50 escudos; de José de Sousa Dias, da rua da Penha de França e em cuja residencia os larapios entraram por meio de arrombamento, furtando roupas e outros objectos no valor de 143 escudos; de Manuel Nunes Correia, da rua Gonçalves Crespo, 8, 1.º, acusando João Bernardo, da rua das Barracas, 70, de lhe ter furtado uma mala com roupa e outros objectos no valor de 100 escudos.

—Para o tribunal da Boa-Hora foram enviados Genay René, creado do Palace Hotel, que furtou dois bilhetes de 1.000 francos e a quantia de 140 escudos a Gilbert Frantz, cozinheiro do mesmo hotel; Avelino de Sousa, da rua da Oliveira, ao Carmo, 63, 1.º, que tentou burlar com uma requisição falsa de 4 latas de bolachas, Alexandre Gonçalves, estabelecido na rua das Pretas, 18.

Um D. Juan remetido ao tribunal

Para o tribunal da Boa-Hora foi hoje remetido José Pereira, mais conhecido pelo «Sapateirinho», que na noite de 19 do corrente foi encontrado em casa do seu visinho Fernando Teodoro Mena, na travessa do Babuto, com cuja esposa mantinha relações e que ao ser presentido pelo marido ultrajado tentou agredi-lo chegando a disparar dois tiros contra o guarda da policia, que comparecera a pedido do queixoso.

Especulador preso

Foi preso Bernardino Simões Rosa, da rua de S. Lourenço, 24, que vendeu 30 quilos de assucar por preço superior á tabela.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3525

3524—10.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Terça-feira, 25 de Maio de 1920

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

As instituições militares

A força armada, aquela que legalmente tem a seu cargo a defeza da independencia da Patria querida e representa uma sólida garantia de ordem, mereceu-nos sempre os mais deferentes atenções e o mais profundo respeito.

Depositaria natural de todas as gloriosas tradições de uma historia quasi oito vezes secular, de todos os actos, de todas as audacias, de todos os sacrificios, de todas as heroicidades com que atravez dos seculos se foi cimentando a obra grandiosa de um tão pequeno povo como o portuguez, a força armada de terra e do mar foi sempre para nós uma instituição crédora do nosso amor e da nossa admiração. Por iss a curiosidade jornalistica se conformou sempre de bom grado com a barreira de ordens severas, rigorosamente cumpridas, que no ministerio da guerra se opoz constantemente, já mesmo no tempo da monarquia, ao desempenho da missão de informar o publico que incumbe aos jornalistas.

A imprensa fazia de boa mente o sacrificio da informação relativa aquele ministerio, calculando que os chefes se entregavam a locubrações sobre importantes problemas de organica e logistica que naturalmente deviam conservar-se secretos.

Nomes foram consagrados pelo publico, como bons organisadores, sem bem se saber porquê. Só pelos pesados sacrificios exigidos aos contribuintes se podia aferir da grandeza da obra, levada a efeito para obter da força armada a maxima eficiencia. Custava tanto dinheiro que devia ser por força obra boa. Esse misterio de que muito justamente se cercavam as coisas militares, continuou sob o regimen republicano com o assentimento tacito da imprensa, mas a verdade é que a barreira oposta á curiosidade jornalistica, em vez de ocultar, á olhares indiscretos e perigosos, problemas de organica e logistica, concepções estrategicas, planos de defeza, etc, apenas encobria um sorvedoiro sem fundo, de dinheiro gasto inutilmente, visto que a instituição militar não estava em condições de desempenhar o seu papel, quer considerada sob o ponto de vista material, quer sob o ponto de vista de organisação do pessoal.

A prova é que, quando foi necessario intervir na guerra, verificou-se com surpreza que nada havia com que se pudesse apresentar uma divisão, sequer, organisada segundo as normas modernas.

Marcharam para França duas divisões para o que empregou o ministro da guerra de então, sr. Norton de Matos, esforços sobrehumanos. Pois, apezar da vontade de ferro do ministro citado, as divisões foram para França sem material, sem instrução e sem disciplina.

Do papel desempenhado pelo nosso exercito em França ficou apenas o registo de brilhantes acções individuais que salvaram a honra do convento, restando-nos a consolação da demonstração assim feita de que, se á instituição se tivesse dedicado a atenção devida, aquela fracção do nosso exercito teria desempenhado a sua missão com brilho digno dos feitos dos nossos avós.

Mas ficou tambem a certeza, não havendo para isso consolação possivel, de que os muitos milhares de contos despendidos durante tantos e tantos anos com as instituições militares, foram gastos em pura perda, inutilmente.

* * *

Basta, pois, de longanimidade. Está feita a prova de que as instituições militares são como todas as outras que não marcham bem, não se aperfeiçoam, senão quando sobre elas incide a critica.

E nós encontramo-nos dispostos a exercer sobre as coisas militares o nosso direito de livre critica. Entenda-se, porém, que desejamos exercel-o sem intenção de agravo, oposição ou má vontade ao governo da presidencia do sr. coronel Baptista cujas altas qualidades são para nós motivo de admiração e respeito e garantia segura de que reinará a ordem na sociedade portugueza. Mas, infelizmente, não tem o sr. presidente do ministerio o dom da ubiquidade que nos daria a certeza de que todos os actos governamentais seriam conformes á lei e á mais elementar noção de justiça e bom senso.

Fosse o sr. coronel Baptista o titular da pasta da guerra que não teriamos que nos referir á absurda circular com que o sr. Estevão Aguas pretende colocar alferes do exercito á esquerda de rapazes, futuros cadetes, ainda talvez nos ultimos anos do liceu.

Se durante o periodo da guerra se julgou necessario promover a oficial, sargentos e cadetes, em maior numero do que o normal, esses marcaram o seu logar na escala e não é possivel, porque é absurdo, querer agora dar-lhes uma antiguidade determinada por uma lei que n'aquele periodo se poz de parte por não poder ser respeitada.

O Estado precisa de usar de boa fé em todos os seus actos para com todos os cidadãos, porque a frequencia lastimavel de atentados a situações criadas á sombra de leis promulgadas segundo as normas estabelecidas, tem-no desacreditado no conceito dos cidadãos portuguezes e estrangeiros. Por esta falta de respeito pelos compromissos tomados é que ninguem quer negocios com o Estado a não ser com margem para fortissimos lucros, ninguem confia nas leis e, portanto, ninguem as respeita, porque, na verdade, é vulgar qualquer cidadão vêr sumirem-se, n'um momento, interesses criados á sombra de leis que são revogadas de pé para a mão sem nenhuma especie de atenção pelos prejuizos assim causados.

Quando essas arbitrariedades assentam, porém, arraiaes no ministerio da guerra, além das consequencias gerais acima esboçadas, outras podem vir de muito séria gravidade, pela irritação que naturalmente determinam nas pessoas que assim vêem postergados os seus direitos.

Esta de um alferes vir a ser mais moderno no seu posto do que um rapaz que ainda está na Escola de Guerra, e até possivelmente no liceu, não lembraria a ninguem, nem é facil de conceber por que raciocinios chegou o sr. Estevão Aguas a produzir a absurda circular. Uma vez promovido a qualquer posto, o oficial marcou ahi a sua altura e ninguem póde fazel-o recuar na escala a não ser por sentença dos tribunaes militares ou consulta homologada do Supremo Tribunal Administrativo. A facilidade com que no ministerio da guerra se alteram leis com uma simples circular do ministro faz calafrios na espinha de quem tenha uma sombra que seja, de educação juridica.

Não temos remedio senão chamar para o caso a atenção do sr. coronel Batista, ilustre presidente do ministerio, já que o sr. Estevão Aguas não expulsa das repartições da guerra a figura do major Evangelista.

E nós cá ficamos atentos ao que se passa n'esse ministerio. Escusam de nos vir dizer que a discussão dos casos do exercito póde prejudicar o prestigio de que essa instituição carece. O que empana o brilho e o prestigio do exercito é a pratica de actos em condições de merecerem da imprensa acerba critica que, por nossa parte, só com muito pesar fazemos, porque desejavamos que em todas as pastas se correspondesse com factos á missão de saneamento e ordem que se impôs o sr. coronel Baptista.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

A nossa atitude e a gréve dos electricos

Para que, em volta da nossa atitude contra a Companhia Carris, se não forjem e explorem equivocos adequados a fins preconcebidos, acentuamos, bem expressamente, que nunca aqui escrevemos uma palavra só sequer pela qual se pudesse concluir que combatêmos a alta das tarifas dos electricos sem condições de nenhuma especie.

Quem pretender insinuar isso falta redondamente á verdade. Admitimos sempre a elevação dos preços dos bilhetes dos electricos, desde que se possa justificar, insofismavelmente, por meio de algarismos fidedignos, que a Companhia tem, de facto, necessidade de aumentar as suas receitas para se salvar da insolvencia. Esta é que, de resto, a boa doutrina, unica que podemos defender dentro dos nossos elevados processos jornalisticos.

Entre este nosso criterio e o criterio defendido pelos abencerragens da Companhia medeia um abismo insondavel. Nós queremos, numa palavra, que se defendam os interesses do publico sem pôr em jogo os lidimos interesses da Companhia, e eles querem, tambem numa palavra, que se defendam os interesses da Companhia sem se ligar importancia a que sejam postos em jogo os lidimos interesses do publico. Estamos, como se vê do trocadilho, em antitese pârfeita. O povo, que coloca, invariavelmente um grande espirito de justiça na formulação das suas sentenças em casos desta natureza, decerto, não hesitará um instante em se pronunciar por nós contra eles. E que assim é, basta atender ao facto de se terem efectuado diferentes reuniões de classe, todas elas de protestos contra os aumentos de tarifas pedidos pela Companhia, sem quaisquer bases de prova que os justifiquem.

Estamos, convencidos, profundamente convencidos de que prestamos um relevante serviço á Camara e aos municipes, atacando como atacamos sem *parti-pris* de qualquer natureza, movidos no ataque apenas pelo amor dos bons principios republicanos, a primeira resolução da edilidade da capital, permitindo de olhos fechados a elevação dos preços dos bilhetes dos carros electricos, do mesmo passo que aplaudimos a sua segunda deliberação, anulando o voto que dera, em acatamento das manifestações adversas que a proposito dele se produziram por parte da opinião publica.

Posto isto, diremos, sem receio de ser der desmentidos, como amanhã começaremos a provar, que o novo projecto de contracto entre a Camara Municipal e a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, a ser aprovado tal qual se encontra concebido, representaria um acto do mais repugnante favoritismo. Estabelece concessões inteiramente novas, amplia extraordinariamente antigas concessões, preceitua isenções de moral verdadeiramente descabelada, em suma, consigna uma série tal de poucas vergonhas que, a serem sancionadas pelos poderes competentes, volveriam a cidade na mais abjecta sujeição á insaciedade exploradora do sindicato de Santo Amaro, dando-lhe capacidade mais do que bastante para tripudiar, impunemente, como aprouvesse á sua rial gana...

A Avariolina nos Hospitais

O ilustre assistente livre das doenças sifiliticas no hospital de Santa Marta, sr. dr. Magalhães Menezes, tem verificado como os comprimidos de *Avariolina* são superiores a qualquer outra preparação mercurial usada por via gastrica. E' seu depositario exclusivo Raul Vieira Lim.da R. da Prata, 51-3.°

QUESTÕES COLONIAIS

O trigo da região do Bié alimentaria todo o Portugal

Mas o projecto que permitirá a continuação d'um novo troço do caminho de ferro de Benguela dorme no Parlamento!

A campanha em pró das colonias segue o seu curso. Trilha um caminho brilhante porque já se não limita a indicar processos vagos de trabalho, nem tambem a fantasiar cousas mirabolantes, olhando para o nosso passado. Entrou-se, dum modo completo, no campo pratico, começando-se a falar claro e alto, dizendo-se assim todas as verdades, ainda as mais duras de ouvir, porque só desta forma se poderá fazer acordar este Paiz da letargia em que se encontra, despertando-se-lhe assim as energias adormecidas e fazendo-se-lhe ver claramente e sem rebuço que, se não acudir a tempo ás suas colonias do ultramar, elas ir-se-hão para mãos de outros, que melhor as saibam ou possam valorisar.

O que se tem dito e escrito, nestes ultimos tempos, sobre colonias, é inteiramente verdadeiro, infelizmente. Todos o sabem, e melhor talvez os extranhos, mas ninguem quere ouvir essas verdades, temendo nós que se continue neste marasmo que equivale a não ter credito nem consideração.

E... o credito e a consideração pertencem aos fortes!

* * *

Tendo nós tratado dos meios de vida do distrito de Benguela, dum modo geral e compativel com o espaço que nos é concedido neste jornal, procuraremos seguir a norma que indicámos, passando a estudar as suas necessidades mais urgentes.

São tantas e de natureza tão diversa que dificil é concretisa-las num espaço tão pequeno.

No entanto vamos procurar dar uma ideia sucinta, tão aproximada quanto possivel, começando pelos seus meios de comunicação.

Na provincia de Angola, é ao distrito de Benguela que cabe a primasia na construção de estradas ordinarias, sendo hoje talvez o unico districto que, bem se pode dizer, possue uma verdadeira rêde para viação acelerada e cujo confronto com as da metropole deixaria estas numa tristissima situação.

Contudo essa rêde é ainda bem pequena, em relação á extensão do paiz e para as necessidades da sua agricultura e do seu comercio. E preciso é, antes de tudo, dizer bem alto que o que está feito se deve á administração civil. Todas essas estradas, bem lançadas e com uma largura minima de seis metros, teem as suas curvas apropriadas ás grandes velocidades, boas valetas, pontes de madeira ou de cimento armado, e com encontros de alvenaria, e cada uma delas possue para a sua conservação, de 20 em 20 quilometros, cantoneiros bem alojados, com pessoal suficiente para os ajudar.

Todas essas estradas foram estadadas pelos administradores das circunscrições civis, construidas por empreiteiros e pagas pelo «fundo de viação» a cargo dos mesmos administradores, não tendo havido a minima interferencia tecnica ou administrativa da parte das Obras Publicas da Provincia, conseguindo-se por este modo ligar quasi todas as circunscrições entre si e ainda com os distritos limitrofes.

Desta maneira, logo que esteja concluida a rede de estradas do distrito, deverá haver duas principais de penetração, ligando a cidade de Benguela com a fronteira, passando uma ao norte da linha ferrea pela «Catumbela-Bocoio-Balombo-Luimbale-Bailundo-Belmonte-Rio Quanza» a ligar com o «distrito do Maxico» e directamente a «Catanga-Congo Belga», e outra pelo sul, passando pelo «Uche, na estrada do Dombe Grande-«Quilengues-Caconda-Cubango» ao «Cuito-Canarval» em direção ao «Cuando» e á «Rhodesia do Noroeste».

As sédes de circunscrição deverão ser os centros donde irradiam estradas, tendo cada uma a sua rêde privativa, fazendo-se a ligação com os distritos do norte pelo «Bailundo-Bimbe» ao «Libolo» e com os do sul por «Caconda-Quilengues», ao «Lubango» no distrito da Huila.

Ha nessas estradas verdadeiras maravilhas, não só de construção como tambem sob o ponto de vista do turismo, salientando-se a de Caconda á Ganda, cujo panorama é deveras soberbo, no alto da Chicuma, excedendo tudo quanto se possa imaginar, pois vem passar sobre a serra da Ganda nas maiores altitudes, que chegam por vezes a atingir 2.200m.

Muito e muito se tem trabalhado; muito e muito se tem feito, ignorado todavia dos que nunca ali foram e principalmente das esferas oficiais metropolitanas.

Mas muito mais se tem que fazer, e por isso é uma necessidade urgente completar essa rêde de estradas, que conta já alguns milhares de quilometros e cujo dispendio tem sido no entanto ridiculo, em comparação com o que se tem desbaratado inutilmente na nossa provincia de Angola.

* * *

O distrito de Benguela deve o seu estado actual de civilisação e o seu desenvolvimento material, incontestavelmente, á sua linha ferrea que, rasgando todo aquele interior, veiu patentear todas as imensas riquezas que a Natureza tão prodigamente lhe distribuiu.

Comtudo, essa via ferrea, que é a espinha dorsal do importante distrito de Benguela e que absolutamente nada deve—nem nada custa ao Estado—tem sido contrariada na sua obra civilisadora pela acção dos governos, que em tudo e por tudo lhe levantam as maiores dificuldades.

Lembramo-nos, tão bem como se fosse hoje, duma conversa que ha 8 anos tivemos com o dr. Teixeira de Sousa, no parque do Vidago Palace Hotel, a proposito do caminho de ferro de Benguela e em que ele, envaidecido, e com razão, nos contou a historia dessa concessão, que tanto brado levantou na imprensa e no Parlamento, ha bons 20 anos. Disse-nos todas as suas descrenças dessa ocasião, bem como a satisfação que mais tarde tivera ao verificar que Robert Williams era um homem serio e empreendedor.

Essa via ferrea, que tantas facilidades tem prestado ao comercio e á agricultura de Benguela e que bem os tem servido e no qual estão empregados actualmente capitaes portuguezes que ascendem já a L. 1.500.000 e que por isso se pode bem chamar-se «nosso», atravessa actualmente uma das maiores crises economicas da sua historia.

Tendo os estudos concluidos até á fronteira — 700 quilometros — e as terraplanagens até Belmonte (Bié)—107 quilometros—e onde poderá chegar em 3 mezes, do terminus (Chinguar—K. 520), não pode continuar essa construção, porque não tem meios pecuniarios para adquirir o material fixo e circulante, cujo preço, com o agio da libra subindo vertiginosamente, dia a dia, se torna cada vez maior.

A guerra mundial paralisou-lhe os trabalhos de construção em 1914 e daí até hoje nada mais pôde fazer do que conservar «sant bien que mal» o material existente, que em 5 1/2 anos teve uma usura excessiva.

A lei de 23 de junho que concedia ao C. F. B. autorisação para emitir um novo emprestimo destinado á construção do troço—«Chingar-Belmonte»—foi revogado pelo Dec. n.° 4628 de 20 de junho de 1918.

Dada a inconstancia dos ministros das colonias (media em 10 anos — 3 mezes cada), até hoje ainda não foi possivel fazer discutir no Parlamento o projecto que ali existe desde julho de 1919, com o n.° 32, e no qual o governo, no seu art. 20.°, reserva a opção nas concessões das obrigações.

Tendo o parecer favoravel da Comissão das Colonias, porque não entrara em discussão?

E' preciso que se diga toda a verdade ao paiz e assim a continuação do troço—«Chinguar (k.520) a Belmonte (k.627)—107 quilometros—, depende tão sómente da aprovação da lei que revogar o decreto n.°4628.

E, por isso, o deficit de cereaes em Portugal, não poderá ser saldado—pois o existente em trigo em toda a rica região do Biè, servida por esse troço, seria de sobra para alimentar toda a população de Portugal!!

Porque se espera pois?

Estamos comendo um pão horroroso e caro; pagamo-lo em belo ouro, que tão caro nos sae, e temos trigo no Biè, tão bom ou melhor da que o da Argentina e que faz um pão delicioso!

Decididamente, não queremos ter juizo!

E' preciso que a vida da nossa Patria se transforme, fazendo com que os homens que nos governam mudem de processos.

Preferindo-se os caminhos obliquos aos directos, em materia de governo, os abusos aumentarão certamente.

A politica do «wait and see» é perigosa em materia colonial e os seus resultados são sempre funestos, hajá vista o exemplo vivido dos nossos visinhos.

Não queiramos pois seguir-lhes as pesadas.

Como será preciso a todo a transe fazer de Portugal um «Maior Portugal» só os processos radicaes pódem dar resultado quanto ás colonias. Doutra maneira, não!

Coronel Ivo Ferreira.

POLITICA

Os partidos e as propostas de finanças — Duvidas e reparos—Uma estreia infeliz e uma biague graciosa

Ha quem afirme nos meios parlamentares que a segunda serie das propostas de finanças, hontem como dissemos apresentadas ao Parlamento, serão o pomo da discordia entre os varios partidos representados na camara. Tentámos averiguar se de facto assim era e com todos os lados da camara falámos. Opiniões, palavras, «filosofias», mas lá o nomesinho para as publicas responsabilidades nem por um decreto.

Enfim deixamos os nomes e registemos opiniões:

Um democratico.—Quer o parlamento queira quer não, as propostas do sr. ministro das finanças terão que ser aprovadas. E não só estas mas outras mais que a seu tempo virão como o requere a salvação do Paiz.

Portugal durante a guerra não se preocupou com receitas a arrecadar. Gastou e gastou por vezes como um nababo. Ha que olhar agora pelos cofres publicos e ir buscar aonde o ha o dinheiro que é indispensavel á vida do Estado.

—Julga então aprovaveis as propostas Pina Lopes?

—Nãs só as julgo aprovaveis. Reputo-as indispensaveis. Elas são na verdade «urgentes e inadiaveis, de cuja aprovação depende a salvação do paiz.»

Um liberal disse tambem da sua justiça:

—Sim. As medidas do sr. Pina Lopes, podem ser urgentes e inadiaveis. Umas por serem extemporaneas; outras por não terem pés nem cabeça.

D'aquilo tudo, fazendo obra nova, emendando e refundindo, fazendo-lhes a operação que se costuma fazer ás arvores demasiado ramalhudas, pode ficar obra capaz e proveitosa. Capaz e aceitavel para todos. Proveitosa e util para o Estado.»

Um reconstituinte opinou:

—Ha em tudo aquilo um periodo que é inaceitavel. E' aquele em que o ministro á laia de profeta Jeremias lança aos quatro ventos a sua lamentação de desgraça;—«não lhe cabendo culpas no dia tremendo da liquidação de responsabilidades que infelizmente se aproxima.»

Isto que não é licito dizer alto, muito menos o é escrevel-o em estilo de ameaça e de coacção. Não. As propostas hão-de ser estudadas e discutidas, aprovadas aquelas que o devam ser e regeitadas as que reputarmos não são inexequiveis como prejudiciaes á vida propria do Estado que tem que defender-se, mas tem principalmente que cuidar de si, não vá es'ratelar-se no tojo dos exageros reprovaveis».

Um independente:

—Só isto: Você diz-me se todas podem viver em casa de pensão? Você diz-me se uma creada é um objecto de luxo? Você diz-me se aqueles que durante a guerra encheram os cofres e após a guerra se retiraram dos negocios teem menos direito a pagar uma taxa de guerra do que os que continuaram os seus negocios após o armisticio?

Você diz-me....

—Perdão! Perdão! Eu não digo nada. Eu quero é saber para o dizer aos leitores d'«A Capital».

—Não. aquilo não está certo. Ha que fazer obra nova. O Estado precisa. Ha que ir buscar o dinheiro aonde ele estiver. Mas com metodo. Mas com ordem Mas com inteligencia».

Nada! Nada! Nada!

Nada mais. Não conseguimos a opinião dum camarada socialista. Ficará para amanhã.

* * *

Algum tempo uma estreia parlamentar era qualquer coisa como um acontecimento. Avaliava-se por ali o que daria no futuro o representante da Nação que abrira brecha na oratoria de S. Bento. Agora as estreias ou são irritantes ou infelizes a tal ponto que passa por sobre elas uma nuvem de indiferença e não ha meio de se descortinar um nome para alem da mediocridade dum numero.

E' mais um. Foi o que aconteceu ao deputado reconstituinte que ha dias se estreiou com a ordem alfabetica na inscrição dos oradores para antes da ordem. Foi de facto infeliz o sr. Constancio de Carvalho. Paciencia. E tudo isto porque as questões pequeninas deram agora em preocupar os espiritos parlamentares a ponto de lhes oferecerem a visão dos grandes problemas. Mas não foi inutil para a *piada* nacional a estreia do sr. Constancio.

Como quer que a ordem alfabetica provocasse reparos e o sr. Viriato da Fonseca protestasse que assim jamais lhe chegaria a palavra, logo um colega lembrou:

—Ora essa! Homem é mudar de Consoante. Chame-se *Biriato*...

E nada mais por hoje.

Propaganda dissolvente

Carlos dos Santos, servente de pedroiro, da rua da Atalaya, 87, 2.°, foi preso sob a accusação de andar fazendo propaganda bolchevista e promovendo a venda do semanario «A Communa».

Assucar sonegado

Foi preso Antonio Verissimo da Costa, com mercearia na rua da Victoria, 63, que alli tinha sonegados 30 quilos de assucar.

A Conferencia Parlamentar Internacional de Comercio

A sua proxima reunião será em Lisboa em 1921
A delegação portugueza recebeu as maiores provas de simpatia e de distinção

O sr. Mello Barreto proferiu hoje no Senado um brilhante discurso, expondo qual foi a acção da comissão inter-parlamentar de comercio, constituida por senadores e deputados, na Conferencia ultimamente realisada em Paris.

Como se sabe, na comissão inter-parlamentar tomaram parte, pelo senado, os srs. Melo Barreto, Herculano Galhardo, Ernesto Navarro, Celestino de Almeida e Augusto de Vasconcelos.

Depois de descrever minuciosamente os trabalhos da Conferencia sobre o que se devia fazer para obviar á crise cambial, que se faz sentir em todos os paizes, o sr. Melo Barreto continuou:

Na discussão relativa á carestia da vida, acompanhada por parte da delegação portugueza, pelos ilustres parlamentares a que se referiu interveiu muito distintamente, o sr. Senador Ernesto Navarro, acentuando que a falta de transportes resultante das multiplas consequencias da guerra e, sobretudo do aumento de trafego, exigido por um consumo maior, entrava e paralisa a produção,—o que constitue uma das mais importantes causas da vida cara,—e propondo uma emenda no sentido de que os acordos internacionaes a negociar incidissem, tambem, sobre os meios de facilitar os transportes, quér privativos de cada Estado quér internacionaes. A emenda do antigo ministro do comercio foi defendida com muito brilho pelo seu autor e tomada na devida consideração.

A Conferencia tendo aprovados os «considerandos» da proposta do srs. Adolfo Landry, actual ministro da marinha, adoptou a seguinte resolução:

«A Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio:

Confia em que cada nação aliada empregará os esforços necessarios para remediar as causas locaes que determinaram e manteem a crise da carestia da vida.

Emite o voto de que se estabeleçam acordos internacionaes para melhorar os cambios e proporcionar um concurso financeiro tão largo quanto possivel aos paizes que a guerra mais duramente prejudicou.

Emite o voto de que, «em todos os paizes se reduza a circulação fiduciaria anormal» o mais possivel, afim de caminharmos para o «restabelecimento da moeda sã».

O Sr. Deputado Antonio Granjo representou a delegação portugueza na comissão em que foram discutidos os meios de desenvolver as relações comerciaes entre o Ocidente e o Oriente balkanico. A «resolução» aprovada foi a seguinte:

«A Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio, desejosa de aproveitar circunstancias favoraveis para o desenvolvimento das relações economicas entre os paizes da Europa Oriental e os outros paizes aliados, recomenda ás nações interessadas que, pelos meios mais adequados para atingir esse fim, estudem em comum e auxiliem tudo o que é susceptivel de crear e manter uma nova corrente de negocio;— e emite o voto de que, para esse efeito, seja constituida uma comissão, pelo seu Conselho Geral, com o concurso dos governos interessados».

O sr. deputado Jaymo de Sousa teve a seu cargo o acompanhar as téses relativas ás clausulas da chamada «exoneração» ou irresponsabilidade em materia de fretes maritimos e á unificação dos preceitos relativos á determinação do «franc lord», problema de caracter tecnico, dos mais importantes da navegação mercante. O ilustre parlamentar apresentou sobre a primeira valiosas observações com respeito á necessidade de se fixar a formula definitiva do «conhecimento», devendo as clausulas de exoneração desse «connaissement-type» ser determinadas por um «comité» internacional, aprovadas e adoptadas por cada paiz e inscritas nas respectivas legislações reguladoras da materia. O assunto foi tratado, com a maior proficiencia pelo nosso representante.

A Conferencia pronunciou-se pela necessidade de se entregar o estudo d'estas duas questões a «comités» internacionaes tecnicos.

«O sr. senador Augusto de Vasconcelos e o sr. deputado Ferreira Diniz representaram a Delegação na apreciação da admissão dos neutros e das colonias autonomas britanicas nos trabalhos da Conferencia, tendo o segundo destes parlamentares desempenhado, alem disso, com muita distinção, as funções de secretario da Delegação.

Fazendo este registo da colaboração dos delegados portuguezes nos trabalhos da Conferencia, cumpre, gostosamente, o dever de acentuar que todos eles efectivaram essa colaboração com a inteligencia, o zelo e patriotismo que havia a esperar dos seus merecimentos e dos seus serviços.

Prestada esta homenagem, de absoluta justiça, resta-lhe dizer que todos os Presidentes das Delegações proferiram discursos oficiais distribuidos pelos quatro dias dos trabalhos. Como presidente da Delegação Portugueza coube-lhe a honra de usar da palavra, em nome da Conferencia na quarta-feira 5. A omissão do nome de Portugal no discurso anterior ao seu proferido pelo presidente da Delegação grega, o sr. Michalacopulo, ministro do Estado, membro do gabinete hellenico, sobre tema da vitória do espirito democratico no mundo, impoz-lhe o dever de falar, tambem, em nome do seu paiz, expondo a acção nobilissima e desinteressada de Portugal na grande guerra, em que sacrificamos mais de oitenta milhões de libras esterlinas, isto é, dois biliões de francos ao par, sem falar em mais de duzentos e quarenta milhões de libras esterlinas ou seis biliões de francos de prejuizos economicos, o que corresponde a quasi metade da fortuna publica portugueza—o que largamente se documentará nas nossas contas de reparações—e os que vertemos o sangue dos nossos soldados, os descendentes daqueles a que se referia Carlos VIII de França, quando viu formar-se a coligação das nações contra ele, exclamando: «Que póde isso importar-me... se tenho a meu lado os portuguezes!...»

Teve a impressão de que as suas palavras calaram profundamente no espirito dos membros da Conferencia, que as ouviram com a mais profunda atenção, interrompendo-as, por vezes, com aplausos a que, no final o honraram, assim como a todos os seus colegas, com as suas felicitações.

Dada a circunstancia de ter sido negociada durante a sua gerencia de ministro dos negocios estrangeiros a convenção internacional de navegação aerea de 13 de outubro de 1919, cuja elaboração acompanhou com o maior interesse, concordaram os delegados portuguezes, na reunião preparatoria realisada em Paris, no Hotel Magestic, em que ele orador, se ocupasse, especialmente, da tése relativa aos transportes aereos e suas relações com o comercio internacional. Dessa missão se desempenhou, tendo colaborado nos trabalhos da respectiva comissão presidida pelo sr. Patek, ministro dos negocios estrangeiros da Polonia, á qual apresentou uma rectificação ao parecer em discussão, que o respectivo relator, o sr. Kenneth Murchiso, membro da Camara dos Comuns, aceitou e que por ele foi exposto á assembleia plenaria do dia seguinte. Essa rectificação dizia respeito ao facto de se depreender da leitura do relatorio que as potencias aliadas e associadas não tinham, ainda, adotado uma convenção relativa aos transportes aereos. Ora a verdade é que os governos aliados, entre os quais o de Portugal, redigiram e assinaram uma convenção precisando a maneira como se propõem defender os interesses dos seus respectivos estados em tudo o que diz respeito á navegação aerea, tendo, especialmente, em vista que a aviação comercial na paz deve estar á altura do que foi a aviação de guerra. A *conclusão* ficou redigida no sentido de se recomendar aos governos aliados o estabelecimento imediato de comunicações aereas internacionais regulares.

No seu relatorio desenvolverá este tema: os progressos da industria heroica da aviação, que tem para nós especial interesse, pela importancia que devem assumir os serviços aeronauticos nas colonias, sobretudo Angola e Moçambique.

Por ultimo, deve referir que, tendo assistido, com o seu ilustre colega, o sr. senador Herculano Galhardo, antigo ministro das finanças e do comercio, á sessão do Conselho Geral em que se tratou da escolha do paiz, para a Conferencia de 1921, ali propoz que ela se realisasse em Lisboa.

O sr. Vanek, presidente da delegação da Tcheco-Slovaquia, propoz que a proxima Conferencia reunisse não em Lisboa, mas em Praga, sendo apoiado pelo representante de Inglaterra que defendeu a conveniencia de se estabelecer, sem demora, um contacto intimo com as nacionalidades reconstituidas da Europa Central. Insistiu na sua proposta sem prejuizo da simpatia que a todos os aliados deve merecer a Tcheco-Slovaquia,—e tem a satisfação de comunicar ao Senado que ela foi aprovada, por unanimidade, o que quer dizer que acabaram por lhe dar o seu voto aqueles mesmos que contra ela, a principio, se tinham manifestado. E' pois, em Lisboa, que reunirão em 1921, os representantes de todos os parlamentos aliados e neutros e ainda os das colonias britanicas autonomas, facto sem precedentes para o prestigio externo da Republica. Este acontecimento, est

conquista, — porque o foi, incontestavelmente, — representa, para nós uma distinção excepcional, mas impõe-nos grandes responsabilidades, de toda a ordem. Está certo, porém, de que a essa distinção e a essas responsabilidades saberão corresponder o parlamento, o governo, e os organismos economicos, isto é, as agremiações comerciais e industriais e agricolas de todo o paiz, numa acção de conjunto,—honrando a iniciativa dos homens que acabam de regressar de Paris com a consciencia de terem cumprido o seu dever, como representantes de Portugal na sexta Conferencia Parlamentar Internacional de Comercio.

Concurso Literario da "Capital"

Concurso de Romances

Reuniu hontem, pelas 18 horas, nas salas da redação da *Capital*, o jury de romances entregues para o concurso, tendo enviado o seu parecer por escrito o sr. Aquilino Ribeiro e notificando a impossibilidade de comparecer por falta de meios de transporte o sr. José Parreira. Por este motivo e depois de se verificarem as eliminações feitas pelos membros presentes, resolveu-se convocar uma ultima reunião afim de se fazer a classificação dos ultimos originaes sobre que recaem as opiniões da maioria dos membros do jury.

A *Capital* e o *jury* esperam dentro de curtos dias dar o resultado definitivo do concurso, garantindo que a demora havida até hoje tem sido pelas necessidades duma seria e cuidada investigação dos originaes apresentados, em numero de 16, alguns constituindo volumes de grande numero de paginas, centenas de linguados escritos á maquina. Dessa árdua taréfa, que, facilmente se compreende, demanda tempo, acha-se quasi concluida a selecção pois as duvidas restam só sobre 4 originaes.

O jury recebeu e tomou conhecimento da seguinte carta cuja doutrina, em identicos pedidos, já tem sido exposta ao jury, por vezes:

Ex.mo Sr. — Sentida a acção altruistica da *Capital*, abrindo para os novos um concurso literario, cujo lado mais simpatico e querido é o do auxilio directo sobre os mesmos—no meu justificado interesse pelas cousas d'arte da minha terra, escrevo esta carta, para que peço perdão, no intento bom de sugerir ao espirito de V. Ex.ª, tão ocupado certamente, a ideia de se fazer no certamen dos romances, o que o juri das peças teatrais deligentemente resolveu para os seus autores: dar em lista os trabalhos que, sendo bons, tivessem direito a referencias elogiosas.

Como trabalho mais complexo e revelador, alvitrava que na lista dos romances, mais diminuta decerto, eles não se limitassem a aparecer só nos seus titulos e nomes, mas tendo, a apreciá-los, duas, três palavras de atilada justiça.

Ao esforço maior que o romance representa, acho, com efeito, que um auxilio assim mais atencioso lhe deve corresponder—além de que o romance, como expressão de arte legislante e fecunda, bem melhor do que a mim, cabe a V. Ex.ª e ao Excelentissimo juri a que dignamente pertence,—entende-lo.

Depois do premio pecuniario, existirem êsses premios de consolação, inerentes, como V. Ex.ª avalia, a todos os concursos, acho, permita-me V. Ex.ª, justo, animador e ainda mais auxiliante emfim.

Deixo o alvitre com a repetição das minhas desculpas, e com a mais elevada consideração me subscrevendo.

Um leitor assiduo.

O jury resolveu de acordo com a doutrina exposta e semelhantemente, ao jury de peças de Teatro, dar uma lista das obras que merecem referencia elogiosas, com quaesquer documentações ou anotações que os membros do jury pessoalmente lhe queiram fazer.

A nova e ultima reunião ficou marcada para o dia 31 pelas 18 horas.

Oficiais em comissão em França

Um caso sobre que tem de se providenciar

Quando se formou o C. E. P., além d'outras importancias que foram adeantadus pelos inglezes para diversos serviços, foi emprestada para pagamentos de subvenções a oficiais e praças a importancia de 54 milhões de francos. Quando retirou a maior parte das forças que estavam na linha, combatendo, havia ainda oito milhões de francos.

Parece que esse dinheiro devia vir para o paiz e ser entregue aos inglezes, para assim a nossa divida não ser tão grande.

Mas nas regiões oficiais não se pensou desse modo e em França continuam, a titulo de se pagar indemnisações, identificar mortos, etc., oficiais em comissão, recebendo por mez 5.000 francos, ou sejam 2 libras em ouro por dia. E dos 8 milhões de francos hoje só ha 5 milhões.

Não citaremos nomes, embora o pudessemos fazer. Apenas nos limitamos a chamar a atenção do parlamento para o facto, que reputamos grave.

BOAS NOVAS

Do bordo do vapôr "Sines"

Comunicação da Havas:

Uma mensagem expedida de bordo do vapor portuguez *Sines* diz que os oficiais do mesmo vapor seguem bem e saudam suas familias. Essa mensagem é assinada pelo capitão Azevedo.

POEIRA DA ARCADA

Conselho de ministros

O conselho de ministros reune esta noite na secretaria do interior.

Conferencias

Conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio os srs. comandante geral da guarda republicana, chefe do estado maior da mesma guarda e outras autoridades.

O sêlo da Assistencia

A comissão de proprietarios de hoteis e restaurantes voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro das finanças e director geral das contribuições e impostos ácerca da questão do sêlo da Assistencia, que continúa sem solução.

Regresso de ministros

Regressaram hoje a Lisboa os srs. ministros da guerra, comercio e agricultura.

Tribunal Militar Especial

Respondeu hoje o ex-capitão do exercito, sr. José Esquivel, com a cruz de guerra, acusado de organisar um movimento sidonista, de preparar reuniões, aliciar militares, etc.

Foi defendido pelo sr. dr. José Gomes Mota. Na contestação, alega-se que o reu é republicano e amigo do tenente sr. Teofilo Duarte, ao lado de quem se colocou para defender o sr. presidente da Republica, quando ha tempo se falou n'um golpe d'Estado.

Ao ser interrogado pelo juiz auditor, o reu absteve-se de responder, declinando a sua defeza no seu advogado.

Em seguida inquiriram-se as testemunhas de acusação, José Maria Marques, agente da Policia de Segurança do Estado e o sargento Pinto Bravo, da Guarda Republica, tendo faltado quatro.

Depoz em seguida o sr. major João Tamagnini Barbosa, testemunha de defeza, sendo dispensadas as restantes.

O sr. Esquivel, que tem a cruz de guerra, pelos serviços prestados em Africa, foi absolvido.

—Correm editos de 30 dias afim de se apresentarem no Tribunal Militar Especial, findos os quaes serão julgados á revelia, os seguintes acusados:

Henrique da Conceição Baptista da Silva, alferes de cavalaria 9, Francisco Pereira Sousa de Sequeira, alferes do mesmo regimento e o 2.º sargento de infanteria 24, José Maria Valente da Fonseca.

—Depois d'amanhã respondem os civis, Duarte Augusto Borges Fajardo e Adriano de Sousa Novaes.

—Afim de substituir o juiz auditor sr. dr. Clemente Gomes, ha dias nomeado inspector da Policia Administrativa, foi nomeado para aquele logar o sr. dr. Miguel Homem d'Azevedo Queiroz Sampaio e Melo, juiz em Moncorvo, que se apresentou e assistiu já á audiencia de hoje.

Automoveis e side-cars

Penalidades conta a excessiva velocidade e o excessivo preço de aluguer

A *Capital* por varias vezes tem chamado a atenção de quem de direito para a excessiva velocidade com que os automoveis e side-cars transitam pelas ruas da capital e para a forma como os *chauffeurs*, principalmente os dos carros do Estado, procedem, julgando-se em pais conquistado. Os desastres, muitos d'eles graves, succedem-se sem que até agora fossem tomadas providencias para impedir a continuação de taes abusos.

O novo director da policia administrativa, sr. dr. Clemente Gomes, em face de tão constantes reclamações, resolveu elaborar um novo regulamento que vae ser presente á sanção do chefe do districto.

Por esse regulamento impõem-se penalidades rigorosas aos *chauffeurs* que transgridam não só as posturas da Camara como as policiaes, indo a penalidade até ao ponto de ser aprendido o automovel cujo *chauffeur* reincida no cometimento de faltas. Os *chauffeurs* militares que ultimamente mais se teem distinguido nas transgressões são tambem atingidos por essas penalidades.

Ainda no regulamento em questão se restabelece a tabela de preços dos autos e side-cars de aluguel que, como é sabido, de há uns tempos a esta parte abusam do publico exigindo preços fabolosos pelos transportes dos passageiros.

THEATROS

Medalhões

Cremilda d'Oliveira

Cremilda d'Oliveira é das nossas artistas de opereta uma das que mais agrada ao paladar dificil e exquisito do publico. Reune qualidades de amplo agrado: alegria, vivacidade, garotice, boa voz, timbrada e vibrante; vestindo bem, sabendo bem os papeis, sendo uma boa camarada, com folego para ser o prato de resistencia d'uma companhia durante mezes e mezes... é Cremilda d'Oliveira uma das primeiras figuras do nosso teatro cantado.

As suas qualidades caem em bom campo porque frutificam em palmas e louros. São esses que amanhã—na sua festa artistica—colherá fartos e quentes.

Para mais, com uma primeira representação... honra subida que a empreza lhe concede, nem um canto fica para nós lhe podermos tambem tributar as nossas saudações. Por isso aqui ficam.

Noticiario

E' o seguinte o programa da festa de Luiz Cardoso, que se realiza a 4 de Junho no S. «Luiz.»

Pela 1.ª e unica vez o episodio lyrico de Julio Dantas, musica do maestro Augusto Machado «Rosas de Todo o Anno» pelas actrizes-cantoras Alice Pancado e Maria Abranches e côro. Direcção musical do maestro Pedro Blanch sendo a orchestra consideravelmente augmentada e composta de notaveis professores da Orchestra Symfonica Portugueza. Pela 1.ª e unica vez a engraçada zarzuela em 1 acto com 5 quadros, de A. Viergol, musica hespanhola do maestro R. Calleja «Las Bribonas» traduzida por Acacio de Paiva, com o titulo «As Galderias» protagonista Cremilda de Oliveira; no ultimo quadro, canções e baile hespanhoes por bailarinas hespanholas, canções brazileiras, e varios numeros por artistas d'este e d'outros theatros, direcção musical de maestro Assis Pacheco; um notavel acto de opereta do repertorio protagonista Cremilda d'Oliveira, direcção musical do maestro Cruz Braz. Os bilhetes estão desde já a venda, sendo contudo grande o numero de pedidos já feitos.

—Realisa-se depois d'amanhã no «Politeama», a festa artistica do distinto actor Othello de Carvalho, com a representação das peças de Roberto Bracco *Ele... Ela...* e *Ele...* e de Molière *O medico á força*.

Noite de enchente, visto que Othello de Carvalho gosa, justamente, de inumeras simpatias.

Colyseu dos Recreios

«Manon»

O infatigavel e fecundo Massenet é, sem discussão, dos compositores contemporaneos o mais genuinamente francez; a sua escola não se confunde com ouras, não se nota n'ele, (como em tantos da sua epocha) o desejo, a preocupação de imitar, de seguir os passos d'este ou d'aquele genio.

Massenet reflete o temperamento francez entregando-se a este de corpo e alma, dando á sua musica sinceridade, leveza, estilo, côr; ora elegante e frivola, ora coquette, languida, sentimental, lasciiva e voluptuosa segundo a situação que define; sempre bem adquada e empolgante fazendo-nos extremecer de comoção.

Pena é, que entre nós que tanto se aprecia Massenet, as emprezas não passem da *Manon*, *Werther* e raramente «Thais», quando este tem tanta e tantas operas de seguro exito, como o «Re di Lahore» que ha muito se não canta em Lisboa.

A espectativa era enorme; os sucessos, n'este theatro, do eximio tenor Borgioli constituiam garantia para um novo triunfo; havia a recordação, ainda recente, de Schipa que em tres temporadas electrizara o publico do Colisen, na «Manon».

Não temos, por costume confrontar; a longa pratica ensinou nos a apreciar, separadamente, cada artista pelas qualidades que revela; se um obtem um efeito numa frase, numa determinada nota ou trecho, não quer dizer que n'outros nos agrade menos sempre que revele qualidades primordiaes, que canto com fina arte e escola.

Borgioli, ganhou hontem entre nós, uma grande e gloriosa batalha cantando o Des Grieux; no famosos sonho do segundo acto revelou uma tal arte, um estudo tão miticuloso, uma escola tão pura e elevada, obtendo efeitos tão belos ora apianando as notas com perfeito conhecimento tecnico que só um ouvido extremamente educado pode e sabe apreciar, ora atacando as suaves e logo crescendo o som até ao fortissimo que o publico enthusiasmado, vencido, electrizado rompeu n'uma calorosa e imponente manifestação que o obrigou a repetir a linda aria.

Igualmente na romanza de S. Sulpizio, Borgioli se eleva a consideravel altura, dando vigor, alma e relevo a este trecho bem diverso do sonho. Em todo o resto da Opera o joven tenor Borgioli, sempre elegante e correcto, não descuidou nenhum detalhe.

A Ross Aguilar, Manon, surpreendeu-nos agradavelmente pela forma como desempenhou o dificil tipo da protagonista; deliciosamente ingenua no 1.º acto, imprimiu a toda a sua parte, bric, demonstrando assim que em pouco tempo ocupará um logar na arte lirica, sempre que estude e aproveite a linda voz com que Deus a dotou e que lhe permite saltar do Rigoletto á Manon, dos «pichétatts» ás notas robustas e quentes desta partitura sem esforço, tendo notas centrais redondas dum timbre puro e delicioso. Guiada pela mão segura e luminosa do maestro Armani, a Ross subio, elevava-se, crescendo de valor e compartilhando com o celebre Borgioli as ovações da noite.

Vestiu com esmero e bom gosto obtendo aplausos na aria, «addio ó nostro piceol desco».

O baritono Baracchi soube imprimir ao primo da Manon brio e verne, dando á personagem toda a linha do soldado francez despreocupado e alegre.

O baixo Donaggio, prestando ao pai de Des Grienel a sua bela voz, mostrou que não ha partes pequenas.

Todos os finais dos actos a assistencia aplaudiu com calor reclamando a presença do bravo e inteligente Armani, alma e vida do espectaculo, ao qual soube, como poucos, imprimir toda a potencia dramatica, arrendilhando todos os acompanhamentos maviosos que mesmo «sotto-voce» têm semrre a espressão adequada, o calor que requerem. Num teatro menos rumoroso, o preludio do 4.º acto teria obtido uma ovação; assim só conseguiram saborear o fino minuete aqueles que ocupavam as primeiras filas.

Um bravo entusiastico ao Cav. Giacomo Armani.

Maria Judice.

38 ho[illegible] de descanço após 48 de trabalho!

Uma comissão da União Operaria dos Panificadores, acompanhada do sr. Francisco Gonçalves de Mendonça, esteve hoje no Governo Civil a participar ao chefe do districto que o descanço semanal para os manipuladores de pão começa no proximo domingo ás 16 horas e termina na terça feira ás 6

O atentado da rua Augusta

Pede-nos a comissão promotora do festival no Eden Teatro a favor dos feridos mais necessitados para tornarmos publico o seu alto reconhecimento pela deferencia e brilhantismo como decorreu o concerto dirigido pelo maestro sr. Fão regendo as bandas da Guarda Nacional Republicana e Marinha.

A mesma comissão vae proceder á cobrança dos respectivos bilhetes, afim de ultimar os seus trabalhos para fazer a distribuição pelos feridos e, ultimados estes, agradecer a todas as entidades que gentilmente colaboraram n'esta simpatica festa.

O rei do Circo

A sua despedida

Esta noite é a ultima em que pode ser admirado o colossal *film* que tão extraordinario entusiasmo tem causado, chamando ao Salão Central a mais numerosa seleta concorrencia. Serão exibidos os 9 ultimos episodios da formosa pelicula em que o seu protagonista, o célebre artista americano Eddie Polo, faz verdadeiros prodigios de força e agilidade.

Amanhã, quarta feira, realizar-se-ha a estreia doutra fita de aventuras de não menos sucesso, intitulada *A luva Vermelha*, cujo principal papel é desempenhado por Maria Walcamp, a formosa e insigne actriz das *Garras de Leão*, que o nosso publico tanto admira pela sua coragem e temeridade.

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

A final do campeonato em 1.as categorias

Vai disputar-se no proximo domingo, no campo de Palhavã, o primeiro desafio da final do campeonato de 1.es categorias entre os Belenenses e e Sport Lisboa.

O desafio é ás 16,30 horas, arbitrado pelo sr. Jorge Vieira.

O CRIME DE HOJE

O feitor da quinta do Duque de Palmela no Lumiar é morto a tiro

Um crime de morte se deu hoje, pelas 11 horas e meia, na quinta do sr. Duque de Palmella no Lumiar, propriedade que se ergue no Largo de S. João Baptista junto á egreja. A' frente fica situado o palacio, vendo-se a meio da quinta uma bella vivenda rodeada de jardim com grandes lagos, viveiros estufas, etc. A propriedade é murada para o Paço do Lumiar; confinando os muros com umas terras pertencentes ao mesmo titular e que estão arrendadas a um individuo conhecido pelo Ceboleira. O sr. Duque de Palmella tinha ali como feitor João Possidonio Baptista, individuo dos seus 64 anos, casado e com filhos, que residia n'uma pequena vivenda construida na mesma quinta.

João Possidonio, que no sitio era muito estimado pelo seu bello caracter, foi hoje morto com dois tiros, estando o crime á hora a que escrevemos revestido ainda de um certo mysterio. A' hora acima referida, dois guardas da proxima esquadra ouvindo as detonações, seguiram acompanhados do cabo 240 para a propriedade, indo encontrar estendido junto da estufa central o feitor Possidonio que poucos signaes dava de vida, sahindo-lhe o sangue aos borbotões de dois grandes ferimentos que apresentava um na cabeça e outro do lado esquerdo do peito. Feito o alarme, appareceram muito afflictos a esposa do ferido e dois trabalhadores, que procederam á remoção do ferido para um automovel em que foi conduzido para o hospital de S. José. O infeliz falleceu no caminho, pelo que o medico de serviço ao banco apenas poude verificar o obito, sendo o cadaver removido para a morgue.

Entretanto a policia da esquadra do Lumiar, auxiliada por inumeros trabalhadores empregados na quinta, passava uma busca a toda a propriedade indo por fim alli encontrar um individuo que não faz parte do pessoal da casa e que imediatamente foi preso por suspeito, verificando-se depois na esquadra que se tratava de José de Souza, mais conhecido pelo *José do Alho*, proprietario de uma pequena taberna na rua do Alqueidrão, 3. O preso negou que tivesse sido o autor do crime, não lhe tendo sido encontrada qualquer arma, que naturalmente fez desapparecer, havendo a registar o facto de não ser tambem possuidor de qualquer cartão ou licença especial para poder entrar na quinta e ter sido visto por dois trabalhadores saltar os muros da propriedade. Tudo faz prevêr que o *José do Alho*, que no sitio tem má fama, tivesse intenção de praticar qualquer furto e que fosse presentido pelo feitor, que lhe teria exprobado o procedimento, dando-se então a scena sangrenta que se seguiu.

Para o local seguiu o agente Marques, da 1.ª secção da policia de investigação que á hora em que escrevemos está interrogando o preso procedendo a varias diligencias.

ULTIMA HORA

CONGRESSO

Nos Deputados

A interpelação Dias da Silva sobre bairros sociaes

Afirma-se que deverá hoje ser levantada na Camara a questão da amnistia. E com este boato, cuja veracidade na sua realisação não obtivemos ainda, veem chegando os primeiros parlamentares, soando e tressuando, invectivando as greves e os grevistas e lastimando as suas largas caminhadas até S. Bento. Hora regimental. Ha dois deputados na sala, o sr. Ladislau Batalha e o sr. Plinio Silva. Chega depois o sr. Joaquim Brandão. Mais outro, outro ainda... Enfim, ás 14, 40 ha 30, o numero preciso para se ler a acta, trabalho que o sr. Costa Junior se encarrega com uma louvavel pericia, a que põe uma nota berrante, na sua *botonière* socialista a larga roseta rubra d'um lindo cravo burguês.

Na sala, para passar tempo, os srs. deputados discutem não sei que extraordinario parecer a um projecto de lei que gira de mão em mão n'uma girandola de gargalhadas. Espera-se. A lapela florida do sr. Jaime Coelho, em *pendant* com a do *leader* socialista, ostenta um lindissimo cravo esmaecido, palido cêra como um rosto macerado de Julieta. Ainda não ha numero. O sr. Ladislau Batalha.

—São tres horas, sr. presidente.

O sr. Sá Cardoso:

—Vai proceder-se á segunda chamada.

E a segunda chamada principia vagarosamente. Como quer, porém, que o sr. Ladislau Batalha vá até lá cima fiscalisar o que se passa, o sr Sá Pereira protesta. O sr. Ladislau Batalha retirou-se, mas a chamada começa então a fazer-se como deve ser feita, sem vagares nem paragens.

Ha numero. Continuamos a folgar com a campanha d'*A Capital*. Estão na sala, mesmo sem electrico, 63 deputados.

Lido o expediente, o sr. Alberto Cruz trata do caminho de ferro de Penafiel á Lixa protestando em nome dos habitantes das regiões beneficiadas por essa linha contra o pretendido levantamento de *rails* que a Companhia tenta realisar depois de vendido o seu material. O sr. ministro do trabalho promette transmittir estas considerações ao seu collega do comercio. Aproveitando o uso da palavra, o sr. Bartholomeu Severino pede á mesa que consulte a Camara sobre se antes da ordem e sem prejuizo desta pode ser marcada a interpelação do sr. Dias da Silva sobre bairros sociaes. Aprovados.

O sr. Evaristo de Carvalho pede documentos pelo ministerio das colonias e o sr. Camarate Campos explica a sua atitude na comissão de orçamento. Aprova-se depois que seja amanhã discutida a proposta de lei relativa aos lucros de guerra. E a sessão continua...

Na ordem do dia — biblioteca.

No Senado

Mutilados da guerra — Altos comissarios

No senado o sr. Melo Barreto fez um largo discurso sobre a conferencia inter-parlamentar do comercio a que noutro lugar nos referimos. Na ordem do dia ha dois assuntos um d'eles importantissimo—é a proposta de lei 271 que trata dos altos comissarios. O outro confere aos mutilados de guerra a preferencia para empreges publicos.

PELO TELEGRAFO

O marechal Pétain anda actualmente em tournée pelo Reno. Primeiro dirigiu-se a Coblentz, onde foi recebido pelo sr. Tirard, alto comissario da Republica Franceza, e as tropas americanas e as tropas francesas, de guarnição, prestaram-lhe as honras devidas. O alto comissario da Republica deu em seguida uma grande recepção em honra do marechal, na qual tomaram parte os altos comissarios aliados, os generais comandantes em chefe dos exercitos aliados e os numerosos oficiais generais das tropas de ocupação.

Um telegrama de Roma diz que foi publicado o decreto nomeando os sub secretarios de Estado, conservando o conde de Sforza a pasta dos negocios estrangeiros.

Um telegrama de Bloenfontein diz que está gravemente doente o general Dewet.

Realisou-se hontem em Basiléa a assemblea geral da associação internacional das sociedades da paz, que reunia pela primeira vez desde a declaração da guerra. Estavam presentes 70 representantes de sociedades da paz de diferentes paizes. No primeiro plano da ordem do dia figurava o problema da organisação das relações entre os estudos que tomaram parte na guerra e os que permaneceram neutros. A assembléa nomeou comissões para a Sociedade das nações, para as questões financeiras e economicas e para o estudo de uma revisão do tratado de paz.

O sr. Azevedo, presidente do Senado brasileiro, ofereceu um almoço em honra do dr. João de Barros, o qual tambem assistiu a uma sessão da Academia de Letras, em que proferio um brilhando discurso.

Malas postaes

Pelo vapor «Aguila» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da Caixa Geral.

NOTICIAS DA CAPITAL

Roubo no valor de 2.000 esc.

Os gatunos entraram por meio de arrombamento na «garage» de D. Maria Isabel Trigoso, da Calçada das Lages, 3, donde levaram roupas, varios objectos e outros artigos proprios para automoveis no valor aproximado de 2.000 escudos.

Antonio Luiz Ribeiro Júnior

FALLECEU

Benjamim Rego & Ribeiro, Limitada cumprem o dever de participar a todos os seus colegas e amigos o falecimento do seu querido socio e amigo Antonio Luiz Ribeiro Junior, cujo funeral se realisa no dia 26 do corrente, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia na rua do Barão 6 3.º andar para o cemitério Oriental.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3525—10.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 26 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Rosa, 71

Preço, 2 centavos

Em cada cem oficiais do exercito 27 são oficiais superiores

Temos presente o parecer sobre o orçamento do ministerio da guerra da respectiva comissão da camara dos deputados no qual se faz implicitamente a confissão preciosa de que na administração dos serviços do exercito reina o caos.

Diz a comissão n'esse parecer que não pode fazer um trabalho completo por falta de elementos, pois que nem ha orçamentos dos anos anteriores devidamente organisados, nem a administração militar está em condições de fornecer elementos de controle, em consequencia da desorganisação dos seus serviços por motivo da guerra, tendo estes chegado a tão lastimavel estado que dificilmente poderão ser postos em ordem. Isto diz o parecer.

Entretanto consolem-se todos os portuguezes, porque esses serviços do exercito custam-lhes apenas a bagatela de 38 mil contos, numeros redondos, afóra as guardas republicana e fiscal.

E, tornando ao parecer, ficamos sabendo a grata novidade de que ha no exercito 1342 oficiais a mais dos quadros que juntos aos sargentos, cabos e equiparados, tambem em excesso do numero legal, dão uma despeza annual á roda de 3 mil contos, calculada por baixo.

Assim, em vez de 114 coroneis, temos a felicidade de contar 192 oficiais d'esta graduação, quer dizer, 68,4 por cento a mais do quadro. Para 180 tenentes coroneis do quadro contam-se na realidade 279, o que indica haver excesso n'uma percentagem de 55. O quadro dos majores é de 252, existindo realmente 395, ou seja 56,7 por cento a mais. Os capitães deveriam ser 826 e são na verdade 1123, ou mais 35,9 por cento. O numero dos subalternos não deveria ir alem de 1412 e excede esta cifra em 721, isto é, 51 por cento a mais do quadro.

Divide-se o exercito em oito divisões e tem 23 generais, ou seja, quasi 3 generais por divisão, o que poderá levar a supôr que ha intenção de fazer comandar cada uma d'aquelas unidades por um directorio. Os oficiais superiores são em numero de 866, os capitães 1123 e os subalternos 2133, d'onde se conclue uma percentagem de 40,6 de oficiais superiores relativamente aos subalternos, proporção que, assim considerada em conjunto, é já muito elevada, mas que considerada por armas avulta muito mais em algumas delas.

E senão veja-se:

Na arma de engenharia ha 57 oficiais superiores para 91 subalternos, ou seja, uma percentagem de 62,6. Na artilharia a pé existem 64 oficiais superiores para 82 subalternos, quer dizer, 78 por cento de oficiais de superior graduação. Na artilharia de campanha essa percentagem é de 40. Na cavalaria os oficiais superiores são 81 e os subalternos 168, o que dá daqueles uma percentagem de 48,2.

Abundam, como se vê, os oficiais superiormente graduados. Mas um outro ponto de vista curioso desta modelar administração, é a verificação de que em alguns postos são em maior numero os oficiais supranumerarios que os do quadro. Na engenharia, por exemplo, ha 9 coroneis do quadro e 11 supranumerarios. Na artilharia a pé, a 7 coroneis do quadro correspondem 15 supranumerarios e a 7 tenentes coroneis do quadro 18 supranumerarios. Na artilharia de campanha para 12 coroneis e 14 tenentes coroneis do quadro, existem 24 coroneis e 17 tenentes coroneis supranumerarios. Na infantaria ha 310 alferes do quadro e 420 supranumerarios, na administração militar 4 alferes do quadro e 11 supranumerarios, no secretariado militar 4 majores do quadro e 8 supranumerarios e no quadro auxiliar dos serviços de artilharia 4 tenentes do quadro e 19 supranumerarios.

Em tudo o que deixamos dito não são considerados os quadros dos medicos, veterinarios e farmaceuticos, dado que o parecer a eles se não refere na tabela que acompanha o relatorio. Apenas neste dia que aqueles quadros devem ser revistos pelo sr. ministro da guerra, aconselhando este a acabar com o sistema especial de promoção de que gosam estes quadros e que, segundo o parecer, não é justo nem admissivel.

A estranha anomalia do excesso dos oficiais supranumerarios sobre os dos quadros provém, em grande parte, especialmente para os postos superiores, dos mil e um expedientes de promoção de que se servem muitos oficiais que o acaso guinda a situações de preponderancia.

E a consequencia natural da possibilidade de ascenderem á gerencia da pasta da guerra oficiais de graduação relativamente baixa.

Pirataria estilo seculo XX

No Mar Negro, uma quadrilha de bandidos assalta os passageiros d'um paquete, no alto mar

Ao paquete *Souirah* sucedeu uma singularissima aventura. Passageiros e tripulantes foram roubados em pleno mar por uma quadrilha de bandidos armados.

O paquete entrou ha 4 dias em Marselha e o seu comandante Mattei contou assim o sucedido:

Parti de Batum a 6 de maio, ás 19 horas, com destino a Trebisonda, por calmaria. A's 21 horas e 15 minutos estava na ponte de comando, quando ouvi o imediato que estava de serviço, gritar: Comandante, acuda! Precipitei-me em seu auxilio, mas fui assaltado por quatro individuos, passageiros de bordo, que, de revolver em punho, me obrigaram a parar.

N'este momento, uns vinte individuos, passageiros tambem, de revolver na mão, correram para o compartimento da T. S. F., para as escadas, para as saídas do tombadilho e para toda as escotilhas. Soaram varios tiros no compartimento da T. S. F. atirados para as vidraças da camara e para as lampadas electricas. O telegrafista foi reduzido á impossibilidade de pedir socorro.

Com todo o vagar, foram todos os passageiros despojados, sob a ameaça de revolver, de todo o seu dinheiro, das suas joias e de quasi todos os volumes que iam nos camarotes.

Os camarotes dos oficiais foram remexidos e roubados. Alguns tiros, atirados ao acaso, de quando em quando, mantinham toda a gente em respeito.

Eu e os meus dois oficiais ficámos isolados do resto do navio, rodeados por seis homens com os revolveres para nós apontados.

Sob esta ameaça, fui obrigado a comandar a manobra, dirigindo o navio para um ponto que me foi designado, entre Khopa e Arkava, aproximando-me o mais possivel de terra.

Chegado ali pela 1 hora da manhã, os bandidos ordenaram-me que mandasse arriar duas embarcações para os conduzir a terra. Foram preparados dois escaleres tripulados por homens da equipagem e comandados pelo imediato e pelo piloto. Neles embarcaram os bandidos regressando as 2 horas e 45 minutos.

Antes, porém, de chegar áquele porto fiz a chamada dos passageiros e verifiquei que não responderam á chamada 21 passageiros de 4.ª classe que em Batum tinham embarcado para Trebisonda.

Foram esses os autores do atentado. As armas foram certamente embarcadas dentro de alguns volumes de bagagem».

Termina aqui a narrativa do capitão do paquete.

O caso foi deveras estranho.

Não se sabe o que mais se deve admirar, se a audacia dos bandidos, se a passividade com que se deixaram roubar os passageiros e os tripulantes!

O "MAJOR" EVANGELISTA EM ACÇÃO

O caso de Santo Tirso

O tenente Bacelar foi injusta e arbitrariamente castigado pelo sr. general comandante da 3.ª divisão militar

Segundo nos informa o sr. Manoel da Encarnação Peres, de Santo Tirso, foram d'aquela vila enviados ao sr. ministro da guerra e ao sr. Brito Camacho telegramas sobre o caso do tenente Bacelar, o primeiro assinado pelo centro democratico Afonso Costa que ninguem em Santo Tirso sabe onde tem a séde e o outro por um individuo que ha pouco foi contemplado com uma cadeira na escola primaria superior d'aquela risonha vila.

Nada nos importam, esses telegramas. O que nos interessa, o que para nós a tudo sobreleva, pelo respeito que professamos pelas instituições militares, é que não pode nem deve passar sem um correctivo de qualquer natureza a funda enxadada dada na disciplina por quem mais obrigação tinha de por ela zelar.

Um soldado pede transferencia de divisão declarando que a desejava á sua custa. O seu requerimento foi deferido e, quando lhe é participado esse deferimento, declara não ter dinheiro para a passagem. Era a segunda vez que praticava tal acto, tendo sido da primeira vez advertido. O tenente aplicou-lhe 10 dias de detenção. Participado o caso ao comandante do batalhão, este agrava o castigo para 15 dias de detenção.

Que ha que dizer ao procedimento do tenente, sr. *major Evangelista?*

Só isto: que foi tão correcto que mereceu a aprovação do tenente coronel do batalhão.

Não o entendeu assim o sr. general comandante da 3.ª divisão militar que, informado do caso não se sabe por quem, resolveu castigar o tenente. E porque não resolveu castigar o tenente coronel que tinha agravado o castigo? Não se sabe, mistério.

Não tinha, porém, o sr. general comandante da 3.ª divisão militar competencia para castigar o sr. Brcelar.

Veio então a Lisboa e sacou a qualquer *major Evangelista* uma ordem, nota, autorisação ou qualquer outra coisa que o investiu n'essa competencia. E então o sr. Souza Rosa largou o dardo contra o tenente, em desforço do soldado. A disciplina!...

E que dardo! Ouçam: «Que seja castigado o tenente Miguel Bacelar Duarte com 10 dias de prisão disciplinar por ter castigado uma praça capciosamente, sem procurar indagar as causas que tinham levado o soldado a solicitar a transferencia em que o general comandante da 3.ª divisão tinha interferencia directa, *trazendo este facto menos prestigio para o mesmo Ex.mo general.*»

Lêram e pasmaram, não é verdade? Quem havia de dizer que o prestigio d'um general estava ali acantonado no pedido de transferencia d'um soldado d'uma para outra companhia do mesmo batalhão?

E nós a imaginarmos que o prestigio d'um general só nas suas altas qualidades militares poderia encontrar-se!

E a nova teoria de querer obrigar os oficiais a indagar das causas que levam os soldados a solicitar a sua transferencia d'uma para outra unidade?

Os termos em que está redigido aquele castigo são atentatorios da disciplina e até ofensivos para o tenente. Que quererá o sr. general dizer com aquele adverbio *capciosamente?*

O sr. tenente Bacelar foi injusta e arbitrariamente castigado pelo sr. general comandante da 3.ª divisão militar. Injustamente, porque, sendo o motivo do seu castigo o facto de ter castigado um soldado, prova-se que o seu castigo foi tão correcto o seu procedimento que o comandante não hesitou em não só aprovar, mas até em agravar o castigo do soldado. Arbitrariamente, porque, ao tempo em que se deu o facto, não tinha o sr. general comandante da 3.ª divisão militar competencia disciplinar para castigar o tenente. A sua vinda a Lisboa de proposito para arrancar ao ministerio da guerra essa competencia, só prova que o sr. comandante da 3.ª divisão, tinha muito particular empenho em castigar o tenente Bacelar.

Porquê?

E' o que se torna necessario averiguar.

Lendo e Comentando

Como se póde enriquecer... De jornalista a milionario!

Aqui ha tempos o jornalista hespanhol André Revez publicava um curioso artigo que mais parece uma *blague* ou uma *historia da carochinha*, do que um facto verifico.

Mas, como o mundo entrou, aqui ha uns anos, no dominio das coisas mais enigmaticas e paradoxais, é possivel que a historia seja verdadeira, e nós tenhamos no jornalismo um colega que é hoje possante como um Vauderbilt.

Quem não conhece, nestes tempos de profissões improvisadas, de fortunas instantaneas, de reviravoltas de mágica, um caso que lembre ou se assemelhe ao que André Revez vai contar?

Mas...

Mas vamos á propria narrativa do districto jornalista hespanhol:

«Sempre que tenho um lapiz na mão, penso, com inveja, num colega e companheiro meu de Viena, que se fez milionario com esta mercadoria...

Porque, é preciso confessar, desde a Revolução francesa e as guerras napoleonicas, não houve uma época tão favoravel para a gente enriquecer como a atual. E os nossos netos nunca compreenderão como é que não herdaram de nós uns tantos milhões.

Na verdade, não teria sido necessario mais do que prever os resultados economicos da guerra, calcular de antemão a baixa da moeda dos paises beligerantes, saber quais os artigos que iam escassear, para... etc., etc.

Mas, voltando á historia do nosso afortunado colega, direi que ele foi mobilisado no principio da guerra, que durante ela alcançou o posto de tenente e que, após a derrota, teve baixa do exercito.

Sucedeu, pois, que nos fins de 1918 apenas tinha o bastante para não morrer de fome. E, comtudo, hoje vive no Hotel Bristol, tem um rico automovel á porta, e sua esposa, e leva uma vida de verdadeiro principe.

A fantastica historia do jornalista em questão é bastante simples. Um dia teve que ir ao edificio em que em Viena se encontra instalada a Missão militar italiana para informar-se de um assunto militar que lhe interessava. Ao ver que não existia nenhum lapis nos escritorios da Missão, ficou muito surpreendido com o estranho caso e indagou de quais as razões dêle. Responderam-lhe que na Italia faltava quasi completamente aquele artigo.

O esperto jornalista foi imediatamente entender-se com um usurario capitalista, que lhe emprestou meio milhão de corôas ao juro de 300 %. Com esse dinheiro visitou todas as papelaria de Viena, arredores e proximidades, e comprou uns 250.000 lapis.

Logo em seguida pediu e obteve um passaporte para Italia, transportou á sua mercadoria para aquele país e ali vendeu cada lapis ao preço de uma lira.

De soma adquirida deduziu umas 50.000 liras que gastou en viagens, hoteis, direitos de alfandega, etc., tendo-lhe ficado, portanto, 200.000 liras. Ora, como a lira valia 15 corôas austriacas, em Viena deram-lhe, por aquele dinheiro italiano, três milhões de corôas.

E' certo que teve de entregar ao usurario 600.000 corôas... Mas, mesmo assim, o lucro de 2.400.000 corôas dava-lhe bem para viver uns seis ou sete anos, embora sofrendo a terrivel carestia da capital austriaca. Porém o jornalista, (ou antes, o antigo jornalista, visto não ser provavel que, sendo milionario, volte a ocupar-se nesta profissão), mostrou-se, neste momento, absolutamente insaciavel... Comprou um milhão de cigarros, pagando-os a corôa cada um e... esperou. Como em Viena não se pode comprar tabaco senão o que ali entra de contrabando, e como a falta de um milhão de cigarros se notou imediatamente no mercado, no fim de poucos meses o seu preço subiu a duas corôas.

E, no principio deste ano, o nosso ex-colega possuia mais de três milhões de corôas!!

Ora além dos lapis e dos cigarros, ha igualmente um grande numero de mercadorias que escassearam totalmente num ou noutro paiz; e como o meu antigo companheiro não é nada tolo, estou certo de que terá podido fazer excelentes negocios na Europa Central, aumentando, consideravelmente, os seus milhões!»

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

O famoso contracto dos electricos

Vamos hoje principiar a desfiar, como prometemos, o rosario infindo de imoralidades de que é feito o projecto de contracto que estava para ser celebrado entre a Camara Municipal, a companhia Carris de Ferro e a nova Companhia de Ascensores Mecanicos Lisboa, de harmonia com o parecer que sobre ele foi dado pela comissão de viação do municipio da capital. Transcrevemos, uma por uma, as clausulas do citado documento, que envolvem as concessões mais escandalosas, quer explicita quer implicitamente.

Em face disto, ninguem de boa fé poderá dizer que a nossa campanha contra as manigancias do sindicato de Santo Amaro visa a fazer qualquer outra coisa que não seja o completo esclarecimento desta questão, afim de que o povo, devidamente identificado, possa opôr-se á pratica de monstruosa negociata que se quiz encontrar sem respeito nenhum pelas suas alforrias civicas.

E excertaremos e comentaremos de vagar, que isto não vae a matar, já tão pouco queremos abusar da albergagem amistosa que nos oferece *A Capital*.

O artigo 1.º do projecto do contracto é assim redigido:

E' mantido o prazo de 99 anos, contados desde 9 de fevereiro de 1888, para a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, no exercicio da sua industria de transporte de passageiros e condução de mercadorias, conservar e explorar, como concessão de utilidade publica, o que fica sendo para todos os efeitos legais, as linhas ferreas que actualmente lhe pertencem e as que de futuro estabelecer nas ruas e demais logares publicos em que, de harmonia com as estipulações do presente contracto, lhe é permitido fazê-lo.

O paragrafo segundo é concebido do seguinte modo:

A Companhia poderá combinar a sua exploração ferro-viaria com a de veiculos que circulem fóra dos carris.

A conjugação da doutrina deste paragrafo com a daquele artigo mostra, claramente, que a Companhia poderia explorar o transporte colectivo de passageiros, bem como a condução de mercadorias em veiculos que circulassem nos carris ou fóra deles, mesmo nas ruas onde não tivesse ainda assentes os *rails* dos seus carros, ficando até com faculdade para explorar carros de tracção mecanica ou animal em concorrencia vantajosa com as empresas particulares. Que é assim basta atender-se a que a Companhia, isenta como ficaria por disposições subsequentes, a que a seu tempo nos referiremos, do pagamento de impostos camararios, de licenças e do qualquer posturas facilmente bateria as empresas de automoveis, carruagens e carroças de aluguer

Alem disso, pelo artigo 1.º reconhecia-se á Companhia, para todos os efeitos da lei, a concessão da sua exploração como se fosse de utilidade publica, o que, não contando muitas outras regalias, lhe garantiria, por exemplo, a colocação nas paredes dos predios de rosetas para prender os fios em substituição dos postes que se levantam nas ruas.

Seriam, como se vê, duas tão valiosas concessões para a Companhia como prejudiciais para os proprietarios de predios, automoveis, trens e carroças.

C. da C.

A Camara Municipal e os impostos

Uma exigencia que chega a ser uma violencia

Paga *A Capital*, como aliaz todos os jornaes pagam, a sua contribuição industrial. E a camara municipal obriga-a ainda a pagar a denominada licença de porta aberta, que, por signal, já foi aumentada tres vezes depois da guerra.

Mas ha mais e melhor. A oficina onde está a maquina de impressão, que é na rua da Bica de Duarte Belo, nada pagava. A camara municipal lembrou-se de a tributar e para cumulo exige agora o pagamento não só do corrente ano, mas ainda do ano passado.

Porque, ao menos, não fez o devido aviso em tempo competente? Contra a exigencia que nos é feita lavramos o nosso veemente protesto. Que culpa temos nós de que os serviços municipaes andem á matroca e como é que se entende que uma determinação qualquer tenha efeito retro-activo?

E' uma exigencia que chega a ser uma violencia e contra a qual, repetimos, lavramos o nosso protesto.

Caixa Economica Portugueza

O movimento de depositos da Caixa Economica Portugueza durante os mêses de janeiro a março do corrente ano foi na sua totalidade de 111.606.261$47, sendo 58.295,922$81 de entradas e 53.310.438$66 de saidas, do que resulta um saldo positivo de 4.985.384$15 que, adicionado ao saldo existente em 31 de dezembro de 1919, perfaz a importancia de 95.050.355$70.

Foram efectuados durante o referido periodo, de janeiro a março, 6890 novos depositos e o numero de entradas e saidas foi respectivamente de 54.414 e 64.846.

O Radical

Recebemos o agradecemos a visita d'este nosso colega da tarde, de que é director o sr. Augusto Marques.

Declara-se independente. Ao nosso colega, desejamos longa e prospera vida.

Concurso Literario da "Capital"

O Concurso de peças theatraes

Dia a dia, se manifesta o interesse pelo resultado final do concurso das peças de theatro, cujo juri deve reunir nos primeiros dias da proxima semana, para apurar definitivamente quaes as que deverão ser premiadas.

Ainda sobre o concurso, recebemos a carta que abaixo vae transcrita e cujo alvitre será sujeito á apreciação do juri, na sua proxima reunião.

Exm.º Sr.—Li ha dias no seu interessante jornal que os Exm.os Membros do Jury de peças theatraes tinham resolvido classificar 4 peças. Ora os premios são três, se bem me recordo.

Aqui vae um alvitre, na terra dos alvitres: Parece-me interessante que as peças, que forem julgadas imparcialmente pelo Exm.os Membros do Jury, e sejam também pela assistencia, quando representadas se soubesse os nomes dos autores anunciados ao publico depois de terminada a representação da peça.

Junto 30$00 para o 4.º premio, caso a minha ideia seja perfilhada pelos Exm.os Membros do Jury. Caso contrario, peço a V. o obsequio, que muito agradeço, de entregar a importancia á casa Gil Vicente. De V. At.º Obg.º—*Pam*

OS SPORTS

LER AMANHÃ

este bi-semanario

SECÇÕES DE: Foot-ball, tennis, esgrima, hipismo, automobilismo, aviação, remo, etc.

O SENSACIONAL FOLHETIM

Vinte anos de lucta

por PAULO PONS

Pagina teatral ás quintas feiras

Secção taurina aos domingos

O tratamento da sifilis pela Avariolina

O ilustre medico de Leiria, o Exm.º Sr. Dr. Plinio Ventura felicitou o Laboratorio Farmacologico de J. I. Fernandes & C.ª pelo exito que a *Avariolina* lhe tem proporcionado na sua clinica, no tratamento da sifilis.

POLITICA

As propostas de finanças—Nuvens no horisonte—Uma opinião autorisada—As sessões nocturnas—O que pensa o sr. dr. Pedro Pitta

E o deputado amigo, sentando-se junto da nossa cadeira falou assim:

—«Lá vi a piada á falta de coragem de responsabilisar com o nosso nome as nossas opiniões... Ora deixe-me dizer-lhe, meu amigo, que isso é bom para os que desejam ser ministros, para aqueles que antes de olharem para o bem da Republica, olham bem de frente para o balofo prestigio do nomesinho e da adjectivação correspondente. Ora isso para mim não serve. Nem quero ser ministro nem aspiro tampouco ao adjectivo amigo das gazetas. Se mo quer portanto ouvir assim, oiça. Se não, não temos nada feito.

—Bom, seja. Que temos hoje de novo?

—Hoje? Vamos ter uma sessão de surpresas e talvez de barafunda.

—Mau! Você faz-me um favor, não alarme. Cite factos, e guarde para logo as palavras parlamentares do estilo.

—Seja. Como sabe nós votámos para hoje a discussão urgente da proposta ministerial sobre lucros de guerra. Essa proposta é a guarda avançada do governo que vem, como na guerra de trincheiras, palpar terreno, ver em que disposições se encontram as forças inimigas, averiguar enfim de que lado sopra o vento da oposição a ver se a aero-nave governamental pode afoitar-se a outras ascenções maiores. Não pode. Todos nós estamos de acordo em que o Estado precisa de dinheiro, e que é necessario ir buscal-o onde o houver. Mas onde houver dinheiro que se possa ir buscar. Assente bem nisto: dinheiro que se possa ir buscar,—não vá o governo pensar que tudo o dinheiro é dele, dando-se depois o caso estupendo do governo estar cheio de papelorio—moeda e o paiz a arrebentar com fome, sem industria, sem comercio e sem agricultura.

«Ora a proposta sobre lucros de guerra, tal como saiu das mãos do sr. ministro das finanças, é não só inexequivel como disparatada. Aquilo é um exagero inaceitavel, o não havia parlamento algum do mundo que o votasse, sob pena de lançar o paiz num cahos e numa ruina ainda maiores do que os que se pretendem salvar.

«Veja você aquele artigo 4.º —«Ficam sugeitos ás disposições do art.º 2.º e como tal em regimen de participação com o Estado, nos termos do art.º 6.º, todos os lucros realisados desde 1 de julho de 1914 e ainda a distribuir a partir da data da publicação desta lei.» Mas não é só este. O artigo 8.º, o 12.º, o 2.º, e artigo 13.º—Eu sei lá! E' quasi todo ele! Bem vê. Caimos num exagero ridiculo. Eu bem sei que tudo aquilo foi feito nas melhores intenções de servir o Estado e defender a Republica. Mas não pode ser, só se ela for executada. Não podemos tirar a quem não tem. E se nós o votarmos, a lei não será cumprida. Mas o que certamente sucede é que, vindo estes projectos se conformem com uma reforma completa da lei, tão completa que pouco dela nada restará por fim; nesse caso o proposta baixará hoje mesmo á comissão de finanças para estudar, emendar refundir, ou então o ministro faz questão da sua proposta e a Camara só tem um caminho a seguir: regeita-la *in limine* sem se importar saber se o governo cai ou fica.

—Mais nada?

—Acha pouco?!

—Eu acho sempre pouco. Mas afinal o que se supõe que aconteça?

—Sei lá! Na vida politica portugueza ha sempre um misterio que toda a gente conhece, menos nós... Em todo o caso, se eu gostasse de ser ministro não gostaria de estar agora no governo...»

E esfregando as mãos, n'aquele gesto de quem espera grandes coisas, o nosso amigo deputado lá se foi a ocupar o seu logar para a chamada.

* * *

Afirma-se que vamos ter sessões nocturnas mesmo sem electricos, substituindo-se estes por automoveis do P. A. M. para a condução dos parlamentares. Não nos parece viavel o expediente, e vamos dizer porquê. Primeiro porque terminando a sessão diurna ás 19 horas, não ha tempo, até ás 21 para ir pôr e trazer todos os deputados que moram nos bairros excentricos da cidade. Segundo porque nem só os senhores deputados precisam jantar. Supomos que é necessidade que atinge igualmente todo o pessoal do Congresso que mora em Seca e Meca e Olivais de Sacavem, uns na Graça, outros no Campo Pequeno, outros em Almirantes Reis e em Belem, no Rato e no Bom Sucesso. Funcionarios que á uma hora da tarde já estão em S. Bento e a quem não é possivel exigir quatorze horas seguidas de trabalho... sem a jantarinho da praxe.

Pensou nisto o sr. coronel Sá Cardoso? Talvez não pensasse, tão atarefado ainda nos altos problemas da politica reconstituinte.

* *

Passava ha pouco por nós o sr. dr. Pedro Pita.

—Pode dar-me a sua opinião sobre a proposta do sr. ministro das finanças?

—Não, sr. Mas olhe que a opinião que o sr. dava hontem na boca d'um reconstituinte até parecia minha.

—Muito obrigado. Já não preciso mais.

Eram horas de começar a sessão de hoje que os menos optimistas dão como bastante enevoada e possivelmente muito agitada. Reservamos portanto esta secção e passemos para o Congresso.

Tentativas de assassinio e de suicidio

No banco do hospital de S. José recebeu curativo Margarida Garção, de 21 anos, residente na travessa do Olival, a Santos, n.º 2, 2.º, que na sua residencia foi agredida com duas facadas pelo seu namorado Henrique Crispim de Oliveira, empregado do comercio, o qual em seguida tentou suicidar-se, golpeando o pescoço, pelo que tambem foi tratado no mesmo banco.

Depois de pensado, recolheu sob prisão á esquadra da Pampulha.

O CRIME DO LUMIAR

O "José do Alho„ preso hontem por suspeita, confessa ser o auctor do assassinio

Referimo-nos hontem ao crime praticado na quinta do sr. Duque de Palmela, no Lumiar e de que foi victima o feitor João Baptista Possidonio. Conforme dissemos, as suspeitas recaiam sobre o antigo trabalhador da propriedade José de Souza, mais conhecido pelo «José do Alho», que na proxima rua do Alqueidão possue uma pequena taberna.

O «José do Alho», interrogado varias vezes pelo agente Marques e seu auxiliar o guarda 1:400, negou sempre, o que ainda fez hoje de manhã, quando interrogado no governo civil. Foram ouvidas tambem as testemunhas que o viram saltar o muro da propriedade, findo o que o «Alho» recolheu incomunicavel á esquadra do Bairro Alto. Durante o caminho o guarda 1,400, que acompanhava o preso, teve tais coisas lhe disse que ele ao dar entrada no calabouço da referida esquadra, acabou por confessar ter sido de facto o auctor do crime, motivo porque, momentos depois, voltou para o governo civil afim de narrar como os factos se haviam passado.

Uma vez em frente do agente Marques, declarou ter ido hontem de manhã á quinta do Lumiar, no intuito de pedir umas plantas ao feitor João Possidonio, o qual respondeu não o poder atender pois que apenas lhe podia dar umas couves. Em resposta, o «José do Alho» obtemperou que ou lhe havia de dar as plantas de que pedia ou que então não queria mais nenhumas, recaindo depois a conversa sobre uns trabalhadores que foram por conta do «José do Alho» n'uma propriedade que ele traz de renda ao Duque de Palmela foram por emprestimo trabalhar para a quinta do referido titular, com a condição de mais tarde voltarem a fazer uns enxertos numas plantações nas terras arrendadas pelo «José do Alho». Segundo este declara, os trabalhadores referidos não mais voltaram porém, por determinação de Possidonio, motivo porque entre os dois homens hontem se travou discussão sobre o caso, replicando o Possidonio que não tinha que dar-lhe satisfações dos seus actos. Foi então—diz o José do Alho—que perdendo a cabeça alvejou o feitor com dois tiros de pistola, fugindo depois para a entrada e tendo o cuidado de fazer desaparecer a arma. As declarações do criminoso, feitas com o maior cinismo, foram reduzidas a auto, recolhendo depois o assassino a um dos calabouços.

O «José do Alho» é um typo boçal, magro, de estatura regular, de grande cabeleira e farto bigode á chineza. Deve ser amanhã remetido ao tribunal da Boa Hora.

Grandes desfalques

O das obras publicas e o dos bairros sociais

A policia continua hoje nas suas investigações sobre os escandalos praticados nas obras publicas.

O individuo que ontem foi preso, e que possue certa fortuna, adquirida da ha tres anos para cá, é apontador Alfredo Gil, o qual foi hoje novamente interrogado pelos agentes Hermano da Fonseca e Serra, da investigação. O preso tem ultimamente comprado varios predios na Outra Banda, um dos quais em Almada, e não explica donde lhe vêo o dinheiro.

Ao que consta, tem havido combinações de preços com os fornecedores de varios materiais, tais como madeiras, tintas, ferragens e outros, para declararem nas facturas um preço e os artigos serem comprados por outros.

Sobre o desfalque nos bairros sociais, teem sido ouvidas diversas pessoas perante as comissões que estão instaladas no ministerio do Trabalho e administrações dos bairros. Ao que consta, o desfalque é superior a 400 contos.

Por informações particulares sabemos que um dos funcionarios da camara de Almada tambem está comprometido num destes casos.

VIDA SPORTIVA

Os «Belenenses» luctaram mas venceram... — O que nos disse um entusiasta do novo club

O leitor não estranha por certo as referencias que temos feito—aliás justas—ao team do foot-ball *Os Belenenses* porque fômos nós quem, quando da sua organisação, auxiliám o quanto pudemos a ideia, unicamen t por vermos na sua constituição um futuro mais prospero para o foot-ball. Assim aconteceu. A entrada dos «Belenenses» no campeonato veiu animar extraordinariamente a época, podendo mesmo dizer-se que as receitas dos desafios teem sido superiores a epocas anteriores.

Hontem um dos principais elementos do novo club, rapaz cheio de vida e já com um passado bom em prol do sport, disse-nos:

Chegámos onde queriamos. Lutámos, trabalhámos, mas vencemos...
—Como assim?

Quer dizer: lutámos pela corrente que varias pessoas prepararam contra a nossa organisação. Trabalhámos e apresentámos o nosso team sempre com lealdade e chegámos finalmente á final do campeonato.

—E agora?

—Agora, meu caro, o Bemfica está fortissimo. A sua linha está magnifica em combinação, mas nós se não ganharmos é porque não podemos. Vontade não nos falta.

Nautica

Uma festa na Cruz-Quebrada

Promovida pela secção de socorros a naufragos dos Bombeiros Voluntarios do Dáfundo, realisa-se no mez de junho, na praia da Cruz Quebrada, uma festa nautica, que constará de corridas de vela, remo, natação e exercicios de socorros a naufragos.

Será tambem disputado o campeonato militar de natação, reservado a praças do exercito e da armada.

Pesos e alteres

O campeonato do G. C. P.

A direcção do Ginasio Club conserva aberta a inscripção para o Campeonato Nacional de pesos e alteres, até sexta feira, devendo efectuar-se a reunião dos delegados dos clubs concorrentes no dia 29, ás 21 horas, na séde do club organisador.

Hipismo

O concurso internacional

Chegam na sexta feira a Lisboa os oficiais hespanhois, capitães Jurado, Lopez y Bourbon e tenente de la Brossa, que veem tomar parte no grande Concurso Hipico Internacional, que tem o seu inicio no dia 29 do corrente.

A assinatura de camarotes e tribunas tem tido uma excepcional concorrencia, tudo fazendo prever que o aspecto mundano das grandes provas será brilhantissimo.

A assinatura fecha amanhã, devendo ser retirados hoje e amanhã os bilhetes marcados. A inscrição de concorrentes para o primeiro dia, sabado fecha tambem amanhã.

A importancia total dos premios é de 7.000 escudos.

Foot-ball

Taça de 2.as categorias

O primeiro desafio para a taça de honra de segundas categorias e que foi disputado no domingo no Campo Grande entre o Sport Lisboa e Bemfica e o Portugal Foot-ball Club, terminou com a vitoria do Portugal por 3 goals a 1.

Noticiario

Tem afluido á séde do novo club, composto por elementos da Casa Pia de Lisboa, grande numero de inscrições.

—O primeiro desafio de foot-ball da final do Campeonato realisa-se no proximo domingo em Palhavã pelas 16,30 horas. O segundo desafio (se houver electricos) será jogado no campo do Sporting.

—Está despertando grande interesse no meio sportivo o sensacional folhetim que «Os Sports» está publicando sobre a vida do celebre lutador Paulo Pons que já esteve entre nós.

Ir buscar lã...

Na residencia de José Maria da Silva, na rua da Condessa, 9, apareceu hoje de manhã Albino Vinhas, da rua de S. Paulo 29, 50, acompanhado de dois individuos, os quais se intitulavam fiscaes do Ministerio da Agricultura e que intimaram o dono da casa a entregar-lhes 40 quilos de assucar, para serem aprehendidos. O José Maria da Silva, pediu aos taes fiscaes os seus cartões de identidade, que eles não mostraram, pondo se em fuga. Apenas foi preso o Albino Vinha, o qual declarou tratar-se de facto de falsos agentes, que apenas tinham em mira furtar o assucar.

THEATROS

Medalhões

Ribeiro Lopes

Ribeiro Lopes que hoje faz a sua festa artistica no Politeama, vae ver encher-se-lhe a casa de amigos e admiradores. Amigos pelo trato, pelas qualidades de raro quilate que a educação e a simpatia originam em quem as possue no elevado grau que cabe a Ribeiro Lopes. Admiradores pelas faculdades de arte moderna, progredindo em cada papel que interpreta, encarnando-se, estudando, caracterisando-se—coisa rara hoje em dia—e amando a sua arte como um fiel discipulo de Talma.

O seu recente papel na «alma forte» —um destes arrevesados papeis onde tudo é dificil—prova exhuberantemente a sua dedicação e o seu valôr. Foi por isso bem aplaudido.. e quem não o aplaudiu. está muito a tempo do logo o ir aplaudir, porque merece.

Noticiario

Conforme noticiamos realisa-se amanhã a festa artistica do jovem ator Otelo de Carvalho, um dos nossos

laureados do conservatorio e que tem grangeado grandes aplausos na vida do palco. As suas qualidades mais uma vez vão ser postas á prova no desempenho da extraordinaria peça de R. Bracco Ele, ela e... ele», que sobe á scena por sua festa artistica. Completa este belo espectaculo o «Medico á força» em que Otelo de Carvalho tem tambem um optimo papel.

Pelas belas qualidades do festeja do é de esperar uma noite cheia de brilhantismo e entusiasmo, restando poucos bilhetes já á venda.

O actor Samwuel Diniz entra na peça «Dominós côr de rosa,» que sobe á scena no Ginasio na sexta-feira 28 para nos primeiros dias do proximo mez ser substituido visto, que vai estrear-se no Politeama com as «Covardias.» E digam que não há bôa dicção teatral!

—Recebemos os cumprimentos do notavel artista sr. Giorgio Nicolesco, que trabalha no Coliseu dos Recreios. Agradecemos a sua tal gentileza.

—No S. Luiz realisa-se no proximo domingo uma sessão de homenagem ao empresario sr. Luiz Galhardo. Os bilhetes devem desde já ser requisitados na bilheteira d'aquele teatro.

Na sensacional recita de Luiz Cardoso, secretario do Theatro São Luiz, que se realisa no dia 4 de junho, reaparece o maestro Pedro Blanch com a Orchestra Synfonica Portugueza. E' o maestro Pedro Blanch quem dirige a linda peça de Julio Dantas «Rosas de todo o anno», transformada em opera pelo maestro Augusto Machado e que será desempenhada pelas distintas actrizes cantoras Alice Panoada e Maria Abranches e côro. Representa-se tambem pela unica vez, e dirigida pelo maestro Assis Pacheco, a engraçada zarzuela em 1 acto com 5 quadros «Las Bribonas», com a musica original hespanhola sendo a protogonista a gentil Cremilda de Oliveira e os restantes papeis pelos principaes artistas da Companhia. No ultimo quadro da zarzuela haverá canções e bailados por bailarinas hespanholas, canções brazileiras e outros numeros por artistas d'este e d'outros theatros. Ha ainda um notavel acto de opereta em que é protogonista Cremilda de Oliveira.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO

A corrida do domingo é dedicada ao emprezario sr José Segurado, e organisada pelo cavaleiro amador sr. D. Alexandre de Mascarenhas. São lidados touros do sr. Joaquim Menudes Nuncio, sendo os lidadores os seguintes:

Cavaleiros—amadores srs. D. Alexandre de Mascarenhas e João Branco Nuncio; bandarilheiros, amadores srs. D. Carlos Mascarenhas, João de Azevedo Coutinho, Francisco de Oliveira, D. Pedro de Bragança (Lafões), João Malhoa da Costa e Artur Alves Ribeiro; os profissionais Luciano, Custodio, J. Costa e Rodrigo Largo e os praticentes A. Marques e Rodrigues Raposo; forcados, um grupo composto por «cabos» de diversos grupos.

LIVROS - FOLHETOS OPUSCULOS - RELATORIOS

O problema da instrucção e educação nacional. — Foi publicada em folheto a conferencia de propaganda do Partido Republicano Liberal, realisada em fevereiro findo pelo sr. dr. Alfredo Machado. O auctor encarou o problema muito bem e diz quaes os meios a adoptar para se alcançar do nivel educativo de que depende directamente o resurgimento nacional.

Elogio historico de Francisco Antonio da Veiga Beirão. — Em separata, publicou a Academia das Sciencias de Lisboa o elogio do falecido e distincto jurisconsulto feito pelo sr. visconde de Carnaxide em sessão solemne de 20 de dezembro findo.

Procural. — Sahiu o numero 8 do 7.° volume d'esta revista forense mensal, de que é director o sr. M. d'Agro Ferreira.

Reunião politica

Como no extracto do Congresso dizemos, reuniu hoje o governo, n'uma das salas da camara dos deputados, com os *leaders* dos diversos partidos, para se trocarem impressões sobre a proposta dos lucros da guerra e a da projectada anistia aos presos politicos. No caso desta ultima não ser presente ao parlamento, seguirão esses presos brevemente para a Africa.

PELO TELEGRAFO

O governo inglez está em negociações com os chefes dos sin feiners irlandezes afim de chegar a um acordo concedendo á Irlanda o regimen de autonomia para o Ulster e o livre cambio irlandez.

Os ferro-viarios francezes vão retomar o trabalho.

Em Madrid deram-se hontem á tarde ainda alguns incidentes, mas sem gravidade. A distribuição do pão aumenta. Em Barcelona terminou a grève geral.

Como os jornaes já noticiaram, o sr. Deschanel, presidente da Republica Franceza, caiu do comboio á linha. As ultimas informações a tal respeito dizem:

«Pouco depois do sr. Deschanel chegar ao palacio da presidencia da Republica, reuniu a junta medica, que assinou o seguinte boletim:—Nenhuma lesão. Estado o mais satisfatorio possivel.—O sr. Millerand recebeu esta noite os jornalistas e referiu-lhes o que sucedêu ao sr. Deschanel, dizendo que o sr. Deschanel conversou no combio com o sr. Steg, ministro do interior e com as outros pessoas da sua comitiva, despedindo-se de elas ás 10 horas da noite para ir deitar-se. Dormiu um pouco, mas ás 11,15 acordou por causa do excessivo calor que fazia no salão e levantou-se para abrir a janela e arejar o compartimento, mas a janela resistiu nos seus esforços e então o sr. Deschanel agarrou-a com as duas mãos e auxiliado com o peso do corpo fez novo esforço, desta vez maior. A janela abriu-se-lhe repentinamente que o sr. Deschanel, perdendo o equilibrio, caiu á linha. A via, porém, estava naquele sitio coberta de herva espessa que amorteceu o choque, apesar do comboio ir com uma marcha de 50 quilometros.

Em Valencia, na praça da Virgem, um grupo de individuos fez fogo sobre a guarda, disparando 5 tiros e ficando morto um agente. No café Suissa rebentou uma bomba com grande estrondo, ficando 11 pessoas em estado gravissimo e sendo consideraveis os prejuizos materiaes causados.

O rei Afonso XIII mandou um ajudante seu á legação do Mexico apresentar pezames pela morte do general Carranza.

Segundo informa o *Vorwaest*, prepara-se na Alemanha um novo golpe de Estado.

Na Irlanda continuam os disturbios, incendiando os sinn-feiners tribunaes e postos de policia.

O general Huerta foi eleito presidente da republica do Mexico. De Vera Cruz dizem que o cadaver do general Carranza foi autopsiado, sendo encontradas duas feridas no balas, uma no peito, outra no ventre, sendo opinião dos medicos que ele não foi assassinado. A confirmar isto, ha uma informação do general Bancro, que diz que, tendo sido Carranza atacado no seu acampamento por um grupo de 80 homens, para o prender, o que, vendo-se perdido, se suicidou.

Nos meios oficiais desmente-se que o Vaticano tenha pedido para entrar na Liga das Nações.

A missão socialista italiana parte sabado para Moscou.

ULTIMA HORA

CONGRESSO

Nos Deputados

Reconhece-se que desapareceu, «por equivoco», o projecto sobre milicianos, da tabela que regula os trabalhos da Camara

A chamada já hoje foi feita pelo sr. Balthazar Teixeira, que regressou do Castelo de Vide e de Portalegre e que se pode dizer que vem remoçado. Parece que lhe ficaram bem as especialidades de Castelo de Vide... Até a chamada foi feita a tempo e a horas, com todas as praxes regimentaes.

Entretanto, mais parlamentares vão chegando. Até nós vem o sr. dr. Ferreira da Rocha, um dos mais inteligentes parlamentares da minoria liberal.

—Que pensa V. Ex.ª sobre a proposta de finanças?

—Dos lucros de guerra? Que ella é inexequivel. Imagine que quanto maior foi o lucro das emprezas antes da guerra, maior é a percentagem para o Estado após a guerra! E' a mais violenta nas percentagens de todas as leis congeneres na Europa e na America. A mais violenta para as pequenas emprezas e a menos violenta para as grandes! Já vê que é absolutamente inexequivel?

—Então o governo vae-se embora?

—Nada disso. Pelo menos, pela nossa parte só se irá embora se o quizer fazer. Havemos de aprovar-lhe a proposta na generalidade. Depois irá então a proposta para as comissões, a refundir.

Chegam os primeiros membros do governo. O sr. presidente do ministerio, e os ministros de finanças, da agricultura, do comercio e da justiça.

A sessão começa a animar-se. Formam-se grupos. Cheira a copa de *as perges*...

Todos eles, á excepção do sr. ministro da justiça saem da sala acompanhados pelos *leaders* dos partidos e vão reunir a trocar impressões. Muito antes das 15, horas coisa rarissima, ha numero de sobejo na camara. Até que emfim!

Lê-se o expediente. Concedem-se licenças. Ha de facto uma espectativa anciosa em toda a camara sobre o que irá passar-se no seguida que se aproxima.

O sr. Sá Cardoso propõe que se envie ao sr. Presidente da Republica franceza um telegrama de saudação por ter saido incolume do desastre de que vitima. Associam-se-lhe pelos respectivos partidos os srs. Alberto Jordão, Alves dos Santos, Mariano Martins, Manoel José da Silva, Eduardo de Sousa (independente), e dr. Ramos Preto, ministro da justiça.

O sr. Sá Cardoso propõe depois um voto de sentimento pelo falecimento de um irmão do sr. dr. Hermano de Medeiros. Associam-se os srs. Jaime de Sousa, Campos Melo, Alves dos Santos, Eduardo de Sousa, Mariano Martins, Alberto Jordão e ministro da justiça.

O sr. presidente propõe ainda se lance na acta um voto de sentimento pela morte da filha do deputado socialista sr. Manuel José da Silva. Quasi todos os deputados o vão cumprimentar. O sr. ministro da justiça envia para a mesa uma proposta de lei revogando o decreto de abril de 1918 que dispensava as custas e reparos aos individuos que pleiteassem o Estado, e uma nota sobre inspectores judiciais.

O sr. Manuel Fragoso pede a palavra para interrogar a mesa. Deseja saber porque saiu da ordem do dia o projecto de lei sobre milicianos. Como a palavra lhe não chegue, vai á mesa e lá dizem-lhe que foi por equivoco!

Entra em discussão o projecto que diz respeito á Escola Campos Melo da Covilhã. O sr. Antonio José Pereira protesta, indicando a lei-travão. O sr. Sá Cardoso manda chamar o sr. Pina Lopes. E espera-se que o sr. ministro venha e diga da sua justiça.

No Senado

Discutem-se assuntos regionais

No Senado vota-se tambem o envio de felicitações a mr. Paul Deschanel, por ter ficado ileso do desastre de que foi vitima, e um voto de sentimento pela morte do irmão do sr. deputado Hermano de Medeiros.

Antes da ordem discute-se um projecto de lei permitindo que a Camara Municipal de Torres Vedras desvie as importancias provenientes da venda dos foros municipais, aplicando-as nas canalisações da agua daquela vila. Sobre o caso está falando o sr. Pereira Gil.

Na ordem do dia ha os mesmos assumptos já marcados para hontem: sargentos mutilados e sua preferencia nos empregos publicos, e os altos comissarios.

Em ambas as casas as sessões continuam, devendo na Camara dos Deputados o debate sobre proposta de finanças só tarde ser iniciado.

Instituições militares

Nem tendencioso nem falso

Informam-nos do parlamento que, sendo interrogado no Senado pelo sr. Constancio de Oliveira acêrca do artigo, de hontem, d'*A Capital*, o sr. ministro da guerra declarára que esse artigo era falso e tendencioso.

As considerações que fizemos foram sugeridas pela seguinte noticia d'*O Seculo* de 23 do corrente, que transcrevemos:

Segundo nos informam, muitos oficiaes praticos e milicianos do exercito, a maioria dos quaes presta serviço na guarda republicana, vão pedir autorisação superior para reunirem a fim de nomearem uma comissão que irá instar, junto do presidente da camara dos deputados, para que sejam marcados, com a maior brevidade, para ordem do dia, dois projectos, um dos quaes regularisa a situação dos milicianos, e o outro revogará um decreto do dezembrismo, que muito prejudica os oficiaes praticos.

Trata-se do seguinte: em abril e setembro de 1916, segundo um decreto do governo da União Sagrada, foram promovidos muitos sargentos ajudantes e aspirantes a oficial ao posto de alferes, sem que tivessem o tempo determinado na lei organica do exercito, ficando supranumerarios em todos os postos a que fossem promovidos, até que tivessem passagem á reserva.

No tempo em que a pasta da guerra foi gerida pelo sr. Amilcar Mota, foi por este publicado um decreto que mandou ingressar nos quadros, para efeito de promoção, todos os oficiais todos os oficiais que beneficiavam daquela excepção, dando em resultado que, ao serem colocados na escala, na proporção de um pratico por dois oficiais tecnicos, ficaram prejudicados, resultando daí verdadeiras anomalias, em virtude da escala de guerra ter tido, durante o periodo de guerra, uma frequencia anormal.

Para bem se avaliar do quanto os reclamantes são prejudicados, bastará citar que muitos dos oficiaes praticos promovidos a alferes em setembro de 1916 serão interpolados na escala com alguns futuros alferes, hoje ainda, estudantes da escola de guerra!

Um d'aqueles oficiaes, que hoje é tenente, tem um filho que está terminando os seus estudos preparatorios para ser admitido á Escola de Guerra, e que deverá, quando ascender ao posto do pae, ser em primeiro logar, promovido a capitão.

Ambos os projectos teem já os pareceres das comissões parlamentares, faltando, para que sejam leis do paiz, que sobre eles incida a aprovação do Congresso da Republica.

A anomalia existe, visto que contra ela se fazem reclamações. Se não foi ou não é seu autor o sr. Estevam Aguas, atual ministro da guerra em cujo o caso nem por isso deixa de a haver, e o sr. ministro da guerra, tem já tempo suficiente na sua pasta para dela ter tido conhecimento e a não sancionar, o que até hoje não fez.

De resto, se a noticia publicada pelo *Seculo* não era verdadeira, junto do ministerio funciona um gabinete de informações e leitura de jornais e já ela devia ter sido desmentida, visto que saiu no dia 23 e já hontem foi o dia 25.

A GRÉVE DOS ELECTRICOS

Ainda se não encontra solucionada a grève dos electricos, embora se tenham efectuado varias «démarches» para restabelecer a normalidade dos serviços.

Varios «camions» da Empreza de Camionagem de Transportes fizeram hoje carreiras do Rocio para o Lumiar e Bemfica, e do Largo das Duas Egrejas para Campolide. Auto-omnibus militares e outros que tambem fizeram carreiras para a Graça e outros pontos da cidade eram assaltados pelo publico, visto não haver outros meios de transporte.

Tambem se estabeleceram carreiras para Belem e Sete-Rios, sendo grande a concorrencia.

Amanhã, tres camions dos Sapadores de Caminhos de Ferro estabelecerão carreiras da Praça Luiz de Camões á Estrela.

POEIRA DA ARCADA

Levantamento de cartas

Deve largar brevemente para a costa, afim de proseguirem os serviços do levantamento de cartas, o aviso «5 de outubro», cujo fabrico está quasi concluido.

Interesses coloniais

Noticias recebidas nas estações oficiais, dizem que está sendo levantada em Angola uma intensa campanha contra as medidas do governador geral daquela provincia, no que diz respeito ao aumento das contribuições.

— Deve seguir brevemente para as colonias o material necessario para a montagem das estações radio-telegraficas.

— Diz-se que o governo pensa em acabar com a organisação da marinha colonial, visto a falta de navios especiais para o serviço das nossas possessões.

— Acham-se vagos dois lugares de escrivão tabelião na comarca de Balravente, ilha de Santo Antão, e outro na comarca de S. Vicente, cujo provimento foi solicitado ao ministerio das colonias pelo governador de Cabo Verde.

Assucar sonegado

Foi preso Manuel Lourenço Real, com mercearia na rua do Vale de Santo Antonio, 2, que n'uma casa da rua dos Caminhos de Ferro, tinha sonegado uma grande porção de assucar.

Latino-Americana
Anuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 28
Telefone:—2143-C.
BREVEMENTE — RUA DO OURO, 81

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3526 — 10.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 27 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Serviços prisionais em Portugal

Sobre a nossa mesa de trabalho exibe-se um folheto com o titulo de *Serviços prisionais*, do sr. João Bacelar, director da Cadeia Nacional, de Lisboa.

O assunto é dos que empolgam quem tem reflectido um pouco sobre as miserias humanas e tem devaneado algum tanto sobre o modo de lhes dar remedio. Entre aquelas miserias, a que mais avulta é incontestavelmente o crime. O crime cometido pelos chamados criminosos habituais, incorrigiveis, prevertidos que assim se fizeram, em geral, no meio de profunda miseria fisica, moral e pecuniaria em que nasceram, cresceram e viveram, em completa liberdade de instinctos, adquirindo tendencias viciosas que a pouco e pouco os vão convertendo em delinquentes, e o crime cometido furtuitamente por qualquer individuo que o acaso, a fatalidade, a má sorte colocou em circumstancias de passar por esse fatidico minuto que decide d'uma vida inteira, atirando-a para o monturo.

Aquele já não comove, em geral, senão raras almas bem formadas que muito se condoem da má sina que persegue os individuos que o acaso fez nascer nos esgotos sociais, o segundo emociona, geralmente, uma população inteira e o julgamento que para o reu em tais circumstancias é já durissimo castigo, constitue sempre um acontecimento de sensação.

A lei penal, a nossa, pelo menos, não distingue ainda hoje entre um e outro crime e, todavia, é de tão clara evidencia a diferença de condições de eclosão do acto criminoso que arrepia as carnes só pensar que são ambos submetidos ao mesmo criterio nivelador no que respeita á penalidade.

As teorias modernas protestam contra essa maneira anti scientifica de encarar a repressão penal.

Contra ela protesta tambem o sr. João Bacelar no seu interessantissimo folheto, advogando a necessidade impreterivel de a refundir por completo, de modo a pôrmo-nos de acordo com aquelas teorias e a par de todas as nações civilisadas, visto que n'este capitulo nos deixamos atrazar lamentavelmente.

A penalidade não deve ter por objectivo o desagravo da sociedade ofendida pelo acto criminoso. A pena deve representar um incentivo á regeneração para aqueles que d'ela forem passiveis e um meio de eliminação do convivio da sociedade dos que se manifestarem incorregiveis.

A primeira conclusão a tirar é que a fixação do tempo de cumprimento da pena é contraria áquele objectivo. A duração da pena dependerá principalmente do proprio delinquente, o que representará, indubitavelmente um poderoso estimulo á sua regeneração.

Um sistema de repressão penal assim concebido não admite a faculdade de conceder indulto ou perdão a qualquer criminoso que pela Constituição pertence ao sr. Presidente da Republica. O exercicio dessa atribuição contrariaria os objectivos visados pelo novo sistema de repressão penal.

O sr. João Bacelar defende tambem, no seu utilissimo trabalho, as vantagens das penas pecuniarias com o fim de indenisar as victimas do crime, o que é, na verdade, um principio muito salutar.

* * *

A colonisação por meio de condenados foi panaceá a muito gabada como meio de se obter um rapido progresso da agricultura colonial. Hoje toda a gente que lida nas colonias, olha horrorisada para qualquer tentativa nesse sentido. As colonias agricolas, como meios de colonisação de qualquer região da provincia de Angola ou de Moçambique, são erros que só a ignorancia do modo de ser da vida daquelas colonias pode explicar.

O nosso dominio colonial é, felizmente, muito grande e variado para nos permitir fazer, sob este ponto de vista, obra modelar.

Sob o dominio das modernas teorias de repressão penal afigura-se-nos traçado o caminho a quem pretender levar a efeito obra de utilidade, da maneira que vamos expôr.

O Limoeiro seria arrazado por vergonhoso e indigno de uma sociedade que se propuzer regenerar delinquentes, e á Cadeia Nacional seria dado o papel de prisão preventiva.

Logo ocorre a necessidade de reservar lugar, nos terrenos devolutos, proximos dessa cadeia, para o palacio da justiça em que ha tantos anos se fala, mas que não ha modo de fazer surgir do chão.

A cadeia de Monsanto seria reservada para os individuos condenados a penas correccionais, os quais executariam, uns trabalhos agricolas na serra e outros artes e oficios nas oficinas da cadeia. Crêmos que é, pouco mais ou menos, o que se está fazendo ou projectando fazer.

Os condenados a pena maior iriam todos para as colonias, não para Angola ou Moçambique, mas para ilhas onde não podessem ter comunicação com gente estranha. A vantagem do local insular é obvia, pois poder-se-hia dar aos condenados uma ilusão de liberdade que muito auxiliaria, por certo, a sua regeneração.

Para os criminosos ocasionais escolheriamos a ilha de Santa Luzia, do arquipelago de Cabo Verde, que tem cerca de 12,5 quilometros de comprimento e uns 2,5 de largura. Se fosse julgada pequena, teriamos a ilha do Maio, mas na primeira exercer-se-hia melhor influencia no espirito dos condenados, porque seriam eles e o pessoal da colonia penal os unicos habitantes da ilha. Em qualquer delas se praticariam, em excelentes condições, as tres gradações do sistema progressivo preconisado pelo sr. João Bacelar para educação desta especie de condenados aos quais, quando fossem julgados dignos da liberdade condicional, deveria ser dada qualquer concessão, em determinadas regiões dessas colonias, para exercerem a sua actividade que, então seria util e não nociva.

Para os criminosos habituais escolheriamos uma das ilhas do arquipelago de Bijagós, a de Orango, por exemplo, que é bem lavada dos ventos e tem, porem, o inconveniente de serem bastante povoadas. O ilheu do Rei, defronte da praça de Bissau, seria, sob este ponto de vista, preferivel, mas receamos que seja pequeno de mais para o efeito; caso que, todavia, os competentes na materia resolveriam facilmente á vista. Na ilha escolhida se praticariam as quatro gradações prisionais que o sr. João Bacelar julga necessarias para educação, quando ela seja possivel, desta especie de criminosos. Aquele que fosse julgado susceptivel de regeneração, passaria para a colonia penal anteriormente considerada, e, seguindo a educação ali ministrada, poderia atingir a liberdade condicional nas condições acima assinaladas.

Os trabalhos agricolas, a horas consentaneas com o clima da região, seriam a principal ocupação destes condenados, principalmente daqueles cujo comportamento auctorisasse a supôr de regeneração muito problemática.

O caso de Santo Tirso

Varios cidadãos d'aquela vila confirmam em carta o que aqui dissemos

Recebemos de Santo Tirso a cópia d'uma carta que varios cidadãos da formosa vila minhota enviaram ao sr. general comandante da 3.ª Divisão militar, protestando contra o castigo infligido ao tenente Bacelar por causa da visita pascal.

A carta confirma tudo quanto aqui dissemos acerca da natureza d'aquela festa. N'ela tomaram parte varios funcionarios republicanos, muitos dos quais estavam entre os visitantes do quartel ou antes, da residencia particular do tenente Bacelar, porque a parte do quartel, onde se deu o facto é a moradia daquele oficial.

Como é, pois, que se embirrou sómente com o tenente Bacelar, quando não ha lei que lhe proiba ter e exibir crenças religiosas?

Não se compreende. Segue a carta:

Ex.mo General Comandante da 3.ª Divisão—Porto—Os abaixo assinados, republicanos dos concelho de Santo Tirso, vêm respeitosamente perante V. Ex.ª protestar indignadamente contra as infamantes e falsas acusações que um jornal dessa cidade «A Montanha» publicou no seu numero de dia 8, referindo-se a um facto passado no dia 5 do corrente no quartel da Companhia de Sapadores do Caminho de Ferro desta vila.

Tudo o que nessa local se diz não passa duma serie de mentirosas insinuações ao dignissimo comandante da referida companhia, que, pelo seu porte, pela sua correcção, pelo seu conhecido espirito de disciplina e evidente dedicação pela Republica, bem merece a nossa consideração e a de toda a gente desta vila.

Aqueles que, como os signatarios tem tido ocasião de tratar de perto com o ilustre comandante, não podem consentir que infamias desta natureza venham a publico sem o seu mais sentido e veemente protesto de indignação.

Na segunda feira de Pascoa, todos os anos, é de uso e costume nesta vila realisar-se a festa pascal, como sucede na totalidade ou quasi totalidade das terras do norte do paiz; em Santo Tirso porém, acontece que toda a população da vila se associa a essa festa.

Em todas as casas particulares, por ocasião da visita pascal, se serve, em grandes taboleiros, doce e vinho fino e não ha porta que se feche seja a quem fôr.

Muitas pessoas de fóra da terra se associam a esta festa carateristica, visitando com a população da vila os domicilios.

Assim, esta festa tradicional, assume uma feição democratica de confraternisação.

E' a grande festa regional, a que todos sem distinção de politica e de crença se associam.

Aconteceu este ano que ao passar junto do Quartel dos Sapadores de Caminho de Ferro uma multidão enorme de senhoras e cavalheiros, que andava na visita aos domicilios, se lembrou de entrar no quartel a cumprimentar o comandante, que pelo seu fino trato e porte exemplar, tem grangeado as melhores relações e obtido geraes simpatias.

Os amigos do brioso comandante, entre eles muitos, dedicados e velhos republicanos, desejando provar a sua Ex.ª a estima e consideração que lhe tributam, não quizeram deixar que a sua casa fosse esquecida nesta festa familiar, o que fizeram, indo comprimenta-lo na sua habitação no quartel, onde sua Ex.ª a todos recebeu reconhecido pela merecida manifestação de simpatia que os habitantes da vila desta forma lhe prestavam.

Foi este facto tão simples e só dignificador para o ilustre comandante que levantou a indignação do falso puritano que arremessou a bomba da calunia, cujos estilhaços nós pretendemos atirar para o montão das intrigas e inconveniencias.

De V. Ex.ª, com a mais subida consideração e respeito.—Santo Tirso, 14 de Abril de 1920.

(a) Virgilio Coelho d'Andrade, presidente da Camara; José Antonio Martins, chefe fiscal dos impostos; João de Mattos, vereador da Camara; Abel da Costa Leite, José Maria de Azevedo Freitas Costa, Fernando de Carvalho Brandão, Joaquim Sineiro, Alberto Martins Monteiro, aspirante de finanças; Antonio Ribeiro do Amaral, tesoureiro da Camara; Antonio Augusto da Cunha, amanuense da administração; José Adriano de Souza Dias, amanuense da administração; José Vieira da Silva, Augusto Rebelo, director da Escola Agricola; José Maria da Costa Sá, ex-administrador; Vicente Gonçalves Borges, juiz de paz; Mario Antonio S. Guimarães, regedor; José Machado Guerra, Manuel Joaquim Fernandes, vogal da junta; Francisco da Fonseca Pinheiro Guimarães, antigo presidente da Camara; José Fernandes da Silva Pinto e Antonio de Sousa Correia.

(Ha ainda cinco assignaturas, para nós ilegiveis. Todas elas reconhecidas pelo notario dr. Manuel J. da Costa Cruz).

Segredos
A toda a gente

A gréve de Suas Ex.cias

Pois não sabem: Lisbôa não tem electricos.

Ha meia duzia de dias que todos nós suspirâmos por uma liteira velha ou por uma d'aquelas sejes do seculo XVIII com o seu boleiro de espora de latão e lenço d'Alcobaça.

A gréve dos electricos! Uma fantazia? De acordo. Uma aboutade? De certo. Uma necessidade? Sem duvida. Como V. Ex.as desconhecem precisamente aquilo que toda a gente sabe, permitam-me a graça de lhes dizer — em segredo, é claro—que esta gréve é excelente para a saude.

Porquê? Nada mais simples. Porque nos obriga a andar a pé e andar a pé, meus senhores, é meio caminho andado—para digerir o pão...

Os outros

Em Portugal toda a gente sacóde a agua do seu Capote. Quem faz tudo—são os outros. Evidentemente tudo quanto é mal feito.

Então em politica, a cada passo:
—Não faz senão asneiras.
—Quem? O X?
—Não.
—O S?
—Tambem não.
—O L.
—Que idéa.
—Mas afinal quem foi?
—O' homem—o outro.
—Mas qual outro?

E conclue-se, quasi sempre, por comodidade e boa educação—que o outro não existe.

A caricatura

Visitei ha pouco, a exposição Jorge Barradas.

Interessante. Fez-me rir. Decididamente todo o homem tem a si, sem dar por isso, a sua caricatura. E' triste—mas é verdade!

Luís Guimarães

Juntas gerais de districto

O seu congresso começa no domingo

Como já noticiámos, realisa-se em Lisboa, nos dias 30 e 31 do corrente, o congresso das juntas gerais de districto do continente, que promete revestir grande importancia, pelos assuntos a tratar e pelo numero de congressistas que veem á capital.

O programa é o seguinte:

Dia 30, ás 14 horas, sessão inaugural e 1.ª sessão do Congresso no Salão Nobre da Camara Municipal, presidindo á sessão inaugural o sr. Presidente da Republica. A guarda de honra será feita pelas creanças que estão a cargo da junta geral do districto de Lisboa. A's 21 horas, segunda sessão.

Dia 31, ás 10 horas, visita á Escola Profissional de Agricultura; ás 21, terceira sessão.

Dia 1 de Junho, ás 13 horas, sessão de encerramento. A's 21 horas, banquete no hotel de Inglaterra, oferecido aos congressistas pela Junta Geral do Distrito de Lisboa.

Banco Ultramarino

Acaba de ser publicado o relatorio do governo do Banco Nacional Ultramarino, documento importante pelo qual se vê a grande prosperidade e incremento que tem atingido o banco emissor das colonias portuguezas, um dos principaes estabelecimentos bancarios mundiaes.

Exposição clara e metodica de tudo quanto se passou durante o exercicio de 1919, o presente relatorio traz, pela primeira vez, o balanço geral do Banco, de modo que basta um olhar para se avaliar quão importante é o Banco Nacional Ultramarino.

POLITICA

O boato fervilha... — Realisam-se em absoluto as nossas informações — As propostas de finanças baixam ás comissões —O que vai acontecer-lhes —A dificuldade com que se trabalha agora!

Certo nunca como agora, como n'este momento, o boato fervilhou com mais descaramento! Não se escreva porem que o boato é uma instituição nacional. Não. O boato é universal como a intriga, como a estupidez humana. Simplesmente tomou aqui um caracter edemico que é preciso combater de maneira a evitar que o contagio redunde n'uma catastrophe nacional.

Hontem e hoje o seu halito envenenado tem feito prodigios nos mentideros da politica. Não lhe demos guarida. Se a curiosidade doentia do publico exige tisanas deterioradas neguemos-lh'as. Não ha o direito de envenar um povo só pelo prazer d'archivar uma miseria.

Conforme hontem informámos os leitores do nosso jornal, as propostas de finanças vão baixar á respectiva Commissão para esta as refundir de *fond en comble* de maneira a sahir d'ali uma coisa decente e aceitavel.

Todas as considerações que archivámos a seu respeito representam a opinião dos mais estudiosos deputados de todos os lados da Camara e não era crivel que fossem os mais competentes aqueles que vissem mal. Viram bem e falaram bem. Agora vão trabalhar as comissões. O que sae de lá? Segundo as nossas informações uma obra tão emendada e tão refundida que deve dar uma obra nova. Das antigas propostas de finanças do sr. Pina Lopes, fica o nome e a bôa vontade de ter bem servido a Republica. Já é alguma coisa. Já é muito mesmo para o sr. Pina Lopes.

Ha quem diga que o actual ministro das finanças não aceita tão duro esfacelamento da sua obra. Não temos informações seguras a tal respeito, mas affirma-nos pessoa que tem obrigação de saber o que se passa que é muito possivel que essa afirmação se realise tanto mais que, já hontem, politicos de cathegoria se reuniram para trocarem impressões sobre a possibilidade d'uma proxima sucessão. Houve n'essa reunião duas correntes, ambas com defensores fervorosos. Os que desejavam um ataque *á outrance*, e os que defenderam uma discussão pura e simples. Venceu esta ultima corrente. Vencerá amanhã? Não o podemos affirmar. A maioria de votos não foi tão grande que possamos ter n'ella uma confiança illimitada.

Um assunto vai prender a atenção da Camara, visando directamente a pasta do interior: o ajuste de contas do sr. Alvaro de Castro sobre o seu caso do questionario á Guarda Republicana do Porto, a quando da sua ida ali. Não deve ser coisa de grande vulto apesar dos boatos em contrario. O caso limitar-se-ha a uma troca de afirmações entre o sr. Alvaro de Castro e o sr. coronel Baptista. E nada mais.

O ponto bicudo agora será o ataque que se prepara á pasta do trabalho. E' o sr. Augusto Dias da Silva a liquidar as suas contas quanto aos bairros sociais.

E' possivel, se não certo, que o caso dê uma certa animação á Camara. Mesmo muita animação. Será, porém, como tantas outras, uma tempestade num copo dagua.

E é o que ha para hoje. Se ha mais novidades e elas aqui não aparecem, a culpa é dos electricos. E' desta maldita e estupida gréve, que nos obriga a gastar o décuplo para andarmos a maior parte do tempo a pé.

E' que a gente, para tomar o comboio na linha de Cascais a caminho da cidade, nunca sabe quando chega. *El tren*, como em Hespanha, aqui peor do que em Hespanha!, *llega quando llega y parte quando parte*.

E muitas graças, leitor amigo, em não termos apanhado ainda uma febre infecciosa emquanto se espera naquelas pocilgas imundas, fédorentas, cheias de escarros e coisas velhas, que são as estações provisorias da linha de Cascais. E para se apanhar um comboio! Se se vem para o comboio do meio dia, apanha-se o comboio das nove. Se se vem para o comboio das oito, consegue-se o comboio do meio dia! Uma massada insuportavel. Assim não é possivel haver tempo... para se descobrirem as ultimas novidades.

Instituições militares

Uma carta confirmando as nossas afirmações

O nosso artigo «Instituições Militares» levantou reparos. Um senador, o sr. Mendes dos Reis, distincto oficial do exercito e ministro no gabinete Fernandes Costa, aquele governo que morreu á nascença, chamou a atenção do sr. ministro da guerra para o artigo em questão, respondendo o titular daquela pasta que era falso e tendencioso, censurando-o asperamente, no dizer do extracto parlamentar do «Diario de Noticias».

Falso, perdão, nada n'ele se contém, que não seja verdadeiro. A verdade vem sempre ao de cima, como se diz vulgarmente. Um dia, em 1916, foram promovidos a alferes muitos sargentos e aspirantes sem o tempo legal para a promoção. A guerra que acabava de nos ser declarada justificava a excepcional medida. Foram promovidos sob condição de ficarem sempre supranumerarios aos respectivos quadros até lhes tocar a vez de passarem á reserva. Porque não se respeitou esse compromisso tão solenemente tomado e em circunstancia de suma gravidade?

Os oficiais, assim promovidos, ficariam sempre supranumerarios, mas seriam sempre mais antigos que os promovidos depois, e seriam promovidos aos postos imediatos sempre na altura que lhes marcou a sua promoção a alferes.

Querer fazel-os recuar d'essa altura, intercalando-os com individuos que nem alferes, sequer, ainda são, é subverter a disciplina, virar do avesso os mais fundamentais principios militares.

Não é da autoria do sr. Estevão Aguas o decreto que mandou ingressar nos quadros, por aquela forma, os referidos oficiais? Não é decerto, mas nós só ao ministro actual nos podemos dirigir, porque, tendo aparecido a publico, agora, a reclamação dos oficiais prejudicados, e não a tendo atendido até agora, o sr. ministro da guerra mostrou concordar com a doutrina do referido decreto, mantendo-o, pois, sob sua responsabilidade.

Quanto a ser o nosso artigo tendencioso ninguem tal acreditaria. E não acreditaria, porque tem sido «A Capital» o unico jornal que abertamente tem defendido o governo do sr. coronel Baptista, a quem tributamos muita consideração, não tendo ainda razões para nos arrependermos da atitude que espontaneamente tomámos por motivos de interesse de ordem publica e porque não pontificamos, nem dependemos de nenhuma capelinha politica.

A confirmar o que dissemos no artigo referido recebemos uma carta d'um oficial do exercito, em que nos informa que agradou muito a muitos oficiais o nosso artigo, sobretudo áqueles que, sendo já tenentes ha 2 anos, estão em riscos de virem a ser comandados por jovens que nem sequer ainda escolheram carreira, não havendo motivos para assim os prejudicarem, pois teem os cursos que as leis lhes exige e muitos deles tomaram parte na guerra.

Vê-se, pois, que é verdadeiro o fundamento do nosso artigo e isso nos basta.

De resto, escusamos de acrescentar que o nosso intuito ao criticarmos aquilo que no exercito nos parece haver de mau, é apenas o de concorrer para fazer dele uma instituição forte, altiva na consciencia de poder desempenhar bem o seu papel, de modo que não haja quem lamente o dinheiro que com ele se gasta.

Ora isto devem desejar igualmente todos os oficiais do exercito e, primeiro que todos, o sr. ministro da guerra.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

A situação da Companhia Carris e o projecto do novo contrato

Tem-se escrito que a Companhia Carris, realisando o aumento de tarifas que a Camara Municipal lhe chegara a autorisar e que depois resolvêra não permitir, continuava a viver em angustioso regimen deficitário, tão angustioso que dentro em breve ela se ia ver na contingencia de pedir um novo aumento no preço dos bilhetes dos seus carros.

E' evidente que isto se disse em obediencia ao proposito que já aqui denunciámos de atirar com poeira para os olhos do povo, confundindo uma questão como esta dos electricos que é clara como agua corrente. Pois se a tarificação elevada em cêrca de 75 por cento—percentagem esta que atingiria a elevação que lhe chegára a ser concedida—representava uma mais—receita de mais de 3.500 contos e se o acrescimo de despesas proveniente das reclamações de aumentos de salario apresentadas pelo seu pessoal não excedia 1.500 contos, para onde iam os 2.000 contos restantes que estiveram para ser arrancados ás algibeiras do povo da capital? Não sabemos, ou, melhor, sabemos muito bem...

E, de resto, se o projecto de contrato que ia ser aprovado pela Camara Municipal, e que merecera o voto favoravel da sua comissão de viação, era tão mau para a Companhia, porque é que esta assentia em pagar todas as dividas que tinha em aberto com aquela, sobre a legitimidade das quais ainda se não tinham pronunciado os tribunais competentes?

—Veja-se o que a este respeito se consigna no projecto a que vimos de aludir:

«A companhia acede em pagar á Camara os seguintes saldos que existem a seu credito, quanto a percentagens e licenças de carros, relativamente aos anos de:

Ano	Valor
1902	7.136$21,3
1903	7.500$00
1904	8.000$00
1905	8.000$00
1906	33.329$94,5
1907	21.500$00
1908	22.000$00
1909	1.750$00
Esc.	109.216$15,8

A Companhia acede mais, a pagar á Camara todas as importancias em divida até 31 de Dezembro de 1918, quanto ás contas de reparação e conservação de calçadas que a Camara lhe enviou durante os anos de 1904 a 1918 e que perfazem um total de 105.216$23,6 Esc.;

Acede por ultimo a Companhia em pagar á Camara a quantia de Escudos 37.214$95,8, importancia das despezas realisadas até 31 de Dezembro de 1918 com a conservação da via publica quanto ás linhas da concessão do contrato de 15 de Agosto de 1898 conforme as contas que pela Camara lhe foram enviadas desde o ano de 1905;

Reconhece a Camara a obrigação de pagar á Companhia as contas que esta lhe apresentou na importancia de Esc. 27.657$55,5 e se baseiam na condição 18.ª do contrato de 10 de Abril de 1888;

Que em consequencia deste ajuste e liquidação de contas e do encontro das respectivas verbas, resulta a favor da Camara um saldo da importancia de Esc. 223.989$80 o qual vai ser pago pela Companhia no acto da presente escritura;

Que por virtude desse pagamento ficam inteiramente liquidadas e saldadas todas as contas entre a Câmara e a Companhia, obrigando-se reciprocamente a nada mais exigirem uma da outra, em juizo ou fóra dele, não só com respeito ás reclamações assim extintas, mas tambem com respeito a quaisquer outras reclamações preteritas ou futuras que por ventura pudessem derivar da observancia ou inobservancia dos mencionados contratos.

A eloquencia deste *poenitet-me* de Companhia dispensa quaisquer comentarios.

C. da C.

QUINTAS-FEIRAS

ARTE

A exposição do jovem Almada Negreiros

A proxima exposição dos humoristas portuguezes e hespanhoes

Ali no Teatro de S. Carlos estão expostas umas duzias de trabalhos de Almada Negreiros, filiado no genero avançado das artes... e das letras.

O expositor é uma creança de 10 anos cujos primeiros desenhos e borrõesitos denotam alguma cultura e dão esperanças. Certamente que ao entrar na exposição ninguem irá procurar arte, desenho rigoroso sob qualquer forma a mais moderna, mas simplesmente os entretenimentos, as blagues, o divertimento dum colegial que anda ainda nos primeiros rudimentos da pintura.

Procurando bem, entre os bonecos, as sugidades de caixa de tinta barata que o joven Almada Negreiros expõe *pour epater*—15$00 cada folhinha de papel — encontrará o visitante de olhar mais lucido uma meza—a do meio—onde uns trabalhos de 1915, 1914 denotam as qualidades, a tecnica, o sentimento, a forma do joven Almada Negreiros que nessa data, com mais alguns anos por cima dos que revela hoje, ainda tinha produções compreensiveis e até admiraveis. Deixou-se porem dessa banalidade e elevando, aprimorando o seu genero é hoje aquela creança de cabelos negros que expõe... «A mulher com raiva a todas as creanças do predio até ao 5.º andar... e mais que houvesse», e outras «fumisteries» do autor do *K 4. O quadrado azul*.

Estiramentos, contorções, estilisações extremas que vão até ao cubismo de Picasso, ou aos rabiscos cheios de intuição do filho do meu porteiro, é esta a 2.ª Descoberta de Portugal na Europa no seculo XX: a 1.ª foi por Amadeu de Souza Carneiro, na Liga Naval, com versos de Almada Negreiros.

A entrada é gratis e não vale contrariar.

* * *

Anuncia-se para 5 de junho a abertura da exposição dos Humoristas nas salas do belo palacio Foz (aqui em segrêdo no ex-Maxim's). A nota é excelente no nosso meio artistico: os humoristas! Mas esse Portugal onde os habitantes têm aquela expressão tão banalisada — tou-jours gais — não tivesse o seu punhado de artistas-humoristas, no genero caricatura, no genero blague, no genero comentario, que outro paiz melhor os havia de apresentar?

Por isso a exposição constitue um novo facto no nosso mazombo meio. Um dos expositores, dos que pertence á comissão, apanhado na faina de congregar, mexer, movimentar toda essa bohemia que vai expôr, cede ao suplicio duma entrevista... volante:

—Quando abre o certamen?
—De 5 a 10 tem de abrir...
—Quem expõe dos nossos?
—Mandou-se convite a todos os artistas novos, como Alberto Sousa, Milly Possoz, Rey Colaço, m. Jourdain, que, embora não humoristas são modernistas e...
—Mas seguros quem?
—Até agora temos a certeza de Leal da Camara, Emerico Nunes, Jorge Barradas, Almada Negreiro, Antonio Soares, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Ernesto Canto, Menezes Ferreira, Stuart Carvalhais, Valença, Cotinelli Telmo, Rodrigo Castanhe, Rocha Vieira, Alfredo Candido, Sanches de Castro, Amarelhe... Alguns já mandaram os trabalhos, tal o entusiasmo... outros continuam na indiferença e preguiça que são costume dos antigos bohemios e artistas, esquecendo que a vida de hoje é muito diferente. A Hespanha ha poucos anos não tinha caricaturistas. Basta dizer que o presidente dos humoristas hespanhois é... Leal da Camara.
—A proposito de hespanhois. Consta que figuram na exposição...
—José Francez, esse bom amigo que Portugal tem em Hespanha, acha-se empenhadissimo nessa representação. Ao convite que ha pouco tempo os nossos humoristas receberam para irem expôr a Madrid com os artistas hespanhois, correspondeu-se agora convidando-os a cá virem.

E assim teremos cá, Ribas, colaborador de quasi todas as revistas hispano-americanas, Bartolozi, artista que os leitores da *Esfera* bem conhecem, Ki Hito, do *Blanco y Negro*, Robledano, do *Nuevo Mundo*; Tovar do *Liberal*; Sileno, do *Blanco y Negro*, Mari, da *Esfera*, etc.

—E não faremos nenhuma das nossas amaveis partidas aos nossos hospedes... sim... facilidades diplomaticos...
—A comissão já se avistou com o ministro interino dos estrangeiros, sr. Vasco Borges, que prometeu todas as facilidades e regalias, pelo menos as mesmas que foram concedidas aos artistas belgas; creio ser um deposito alfandegario restituido á saida, dispensa dos 6 %...

Neste caso creio que as esferas politicas não consideram a caricatura como... arte. Felizmente.

—Quem está á frente da comissão?
—O artista do *Simplicissimus*, Emmerico Nunes, cujos habitos de trabalho o impunham a este espinhoso cargo. Foi sob o modelo da ultima exposição dos humoristas de Zurich que se elaborou o programa e condições da nossa nova exposição de humoristas.
—Tudo pelo melhor então?
—Tudo pelo melhor. E até lá é reclamar a exposição!

O conselho em ar de noticia cá fica.

Armando Ferreira

PELO TELEGRAFO

Em Madrid, durante a noite de antehontem um grupo de homens armados tentou assaltar uma fabrica de farinhas, situada num bairro excentrico; as tropas que estavam de guarda á fabrica trocaram tiros com os assaltantes, sem outro resultado alem do grande alarme que se produziu no bairro.

Os padeiros grévistas aceitaram a formula de transação proposta pelo ministro do interior, devendo voltar ao trabalho á meia noite.

—Em Melila, por causa das proximas operações, a aviação realisou alguns reconhecimentos.

—Em Valencia, as grèves continuam. Em consequencia da bomba que rebentou no café Suisso, morreu um dos feridos e outro está a expirar. No interior dum cinematografo foi encontrada outra bomba, carregada de dinamite e metralha, mas a mecha apagou-se. Num intervalo do espectaculo, no teatro Apolo, rebentou outra bomba. Como os espectadores estavam ausentes não houve desgraças, mas o panico resultante fez com que grande numero de pessoas ficassem feridas. As autoridades mandaram terminar o espectaculo.

—Os jornaes franceses publicam noticias de Roma, dizendo que rebentou a gréve geral em Carnica e Friul, com o fim de protestar contra a lentidão do governo em solucionar os conflitos pendentes. Tambem se declarou a gréve em Palermo, onde se deram disturbios e conflitos graves entre a policia e os manifestantes que tentavam assaltar os estabelecimentos. Ha um morto e sete feridos.

O «Petit Parisien» diz que o sr. Millerand, presidente do conselho, e Marsal, ministro das finanças, partiram para Londres no sabado. O mesmo jornal tambem diz que a conferencia economica franco-alemã foi suspensa por 8 dias a fim de permitir aos delegados alemães pôrem o seu governo ao corrente dos resultados conseguidos.

Nos Estados Unidos foram processados e presos varios refinadores de assucar que vendiam o artigo por um preço ilegal e açambarcavam outras mercadorias com o fim de provocar a alta dos preços.

O «Daily Graphic» diz que estão preparados oito batalhões para marcharem para a Irlanda.

Em Barcelona, um grupo de homens armados fez fogo de fuzilaria á porta da casa dum curtidor, chamado Vale, o qual foi atingido por três balas e se encontra em estado grave.

A Agencia Americano dá os seguintes pormenores, dos seus correspondentes de Vera Cruz, Washington e Mexico, ácerca da morte de Carranza.

O governador Candido Aguilar, genro de Carranza, rendeu-se ás tropas de Obregon, ás quaes se apresentou. Prometeu abandonar o Mexico, acompanhado de sua familia no primeiro vapor que siga para a Europa.

O general Obregon enviou uma mensagem a Wilson, expressando o seu pesar pelo assassinio de Carranza e prometendo castigar os assassinos.

Apesar da declaração do general Herrera, quanto ao facto do Presidente Carranza se ter suicidado, uma versão considerada como fidedigna assegura que o presidente foi assassinado por aquele general, que o feriu á machadada após uma violenta discussão travada entre os dois. Convencido disso, Obregon ordenou a prisão de Herrera e dos seus cumplices, sendo todos submetidos a conselho de guerra. O general Herrera foi preso pelo seu regimento, que para isso recebeu ordem de Obregon.

Desligando-se do Partido Socialista

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Lisbôa 24 de Maio de 1920.—Exm.° Sr. Presidente do Conselho Central do Partido Socialista Portuguès.—Cumpre-me participar a V. Ex.ª, que, por motivos politicos, nos vimos forçados, bem a nosso pesar, a abandonar as fileiras do P. S. P.

Socialistas por convicção, não vimos com imenso desgôsto lavrar a discordia entre os dirigentes do partido, ter-se quebrado a unidade de vistas entre os seus elementos mais representativos, ter-se tomado resoluções individuaes contrarias até aos nossos principios.

Na Camara dos Deputados e no Senado Municipal, onde a acção da minoria socialista se podia ter feito sentir com o mesmo exito que teve a acção de somente 3 deputados republicanos no Parlamento da monarquia, o P. S. P. não tem sabido prestigiar-se, deixando que se percam as conquistas economicas e sociaes que se haviam alcançado apóz os dias de Monsanto.

O P. S. P. que geriu a pasta do Trabalho e que colocou em logares de destaque e de responsabilidade nesse ministerio correligionarios que pela forma que desempenharam os seus cargos muito o podiam ter acreditado no conceito publico, granjeando-lhe numerosos adptos, está dia a dia vendo decrescer a sua força, tal como tem sucedido com as demais classes organisadas, por falta de orientação, coesão e disciplina.

Em vista disto e porque não temos que abdicar dos nossos principios, resolvemos concorrer com o nosso esforço individual para o advento dum novo estado de coisas que permita não só consolidar as conquistas economicas e sociaes já realisadas pelo nosso povo, mas tambem realisar aquelas que são viaveis no nosso meio, no seu estado actual, e que constituem uma etapa indispensavel á execução cabal dos principios socialistas.

Nestes termos, embora não continuêmos a militar no P. S. P., nós jamais deixarêmos de considerar V. Ex.ª e os nossos antigos consocios como amigos e companheiros de ideias que muito prezamos e aos quaes dedicaremos inalteravel afecto.

Saude e Liberdade.—(a) Joaquim Pedro dos Santos Leal, Augusto dos Anjos Rodrigues (vereadores da camara municipal de Lisbôa).

Em favor de Chocano

Intercede o sr. Fontoura Xavier, embaixador do Brazil em Lisboa

O ilustre embaixador do Brazil em Lisbôa, sr. Fontoura Xavier, telegrafou ao presidente da republica de Guatemala, implorando clemencia para o distinto poeta Chocano que foi preso e condenado em consequencia dos ultimos acontecimentos n'aquela republica.

Muito folgaremos que a intervenção do sr. Fontoura Xavier obtenha o resultado favoravel, pois todo o mundo intelectual está emocionado com a sorte reservada ao ilustre poeta, so o presidente d'aquela republica não atender os rogos que lhe chegam dos quatro cantos do mundo.

Temos fé em que a suplica do sr. Fontoura Xavier será atendida, pois que antigas relações d'amizade ligam no estreitamento ao chefe de Estado da Guatemala.

Um cheque falso

O socio da firma Fonseca Duarte Limitada sr. Avelino Baeta Dias comprou uma porção de grão á firma Simões & Souza, da rua dos Caminhos de Ferro, 38, pagando a encomenda com 500 escudos em dinheiro e um cheque na importancia de 2.510 escudos, a descontar na casa bancaria Dias & Costa, da rua Garrett.

A firma Simões & Souza mandou descontar o cheque, recebendo aí a informação de que a firma sacadora não tinha ali qualquer deposito.

Por tal motivo foi apresentada queixa na policia, sendo presos os socios da firma acusada srs. Avelino Baeta Dias, gerente da casa, e Fonseca Duarte, que são amanhã remetidos para o 1.° juizo de investigação criminal.

Julgamentos de açambarcadores e falsificadores

No governo civil, respondeu hoje o sr. D. Whinting, gerente da Sociedade Continental de Alimentação, acusado de ter nos grandes armazens frigorificos, manteiga falsificada com agua.

Foi condenado na multa de 3.000 escudos, que pagou, tendo o seu advogado, sr. dr. Mario Pinheiro Chagas, recorrido da sentença para o Supremo Tribunal.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO

Com touros de Joaquim Mendes Nuncio e com os nossos mais distintos amadores realisa-se no domingo, no Campo Pequeno, uma corrida cujo cartaz anuncia ainda os nomes dos bandarilheiros profissionaes Luciano, Custodio, José da Costa e Rodrigo Largo, dos praticantes A. Marques e Rodrigues Raposo e de um grupo de forcados composto de cabos de diversos grupos.

A corrida é dedicada ao emprezario sr. José Segurado e organisada pelo apreciado cavaleiro amador sr. D. Alexandre de Mascaranhas, que toma parte na corrida, alternando com o amador D. Alcacer sr. João Branco Nuncio. Os amadores que tourearão a pé são os srs. D. Carlos de Mascarenhas, João Azevedo Coutinho, Francisco de Oliveira, D. Pedro de Bragança, João Malhou da Costa e Artur Alves Ribeiro.

THEATROS

Medalhões

Palmira Bastos é hoje uma figura da grande scena portugueza.

Com um longo e variado repertorio, com explendidas qualidades de inteligencia, de estudo e de observação, possue o segredo de conquistar o publico, principalmente o publico dificil e enigmatico que é a «mulher».

O nome de Palmira Bastos representa uma intima ligação entre o Teatro de hontem e do hoje.

Palmira Bastos

Evoca-nos uma trindade de nomes que teve fulgor extraordinario ha uma vintena de anos — Palmira, Souza Bastos, Alfredo de Carvalho — em revistas e operetas, em magicas e peças de viagem — que eram dum valor bem diverso do Teatro ligeiro de hoje.

E hoje Palmira Bastos recorda tambem os sucessos presentes, uma nova galeria de figuras em peças do moderno Teatro declamado — Casa em Ordem, M. Josef, Idade de Amar, Pipiola, as sucessoras da Veronica, etc...

Mas lá temos de novo recordar. Para quê, se o que temos deante dos olhos é a «Fedora»; e o que temos para a frente é talvez superior, deve-o ser, no que já tão bom, fica para traz?...

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

Theatro Apolo — «O sonho do Baptista» — novo quadro da revista PAM

O novo quadro com que os autores do «PAM» ampliaram a sua revista, presentemente em scena no Apolo, agradou, ao contrario do que, geralmente, sucede o deve alcançar e ficar visado, qual o de prolongar por mais algum tempo, aquella peça no cartaz. Dividido em 3 partes, obedecendo a uma ideia que lhe justifica o titulo e que, por si só, representa uma *charge* interessante, está polvilhado de ditos de espirito e ornado de musica facil e interessante, merecendo alguns numeros a honra do *bis*. Entre os de maior agrado, citaremos o «*Fado dos senhorios*» por Chica Martins, Miranda e Santos Carvalho, o «*Chale e lenço*» por Maria Alves, uma boa rabula por Roldão e finalmente o dueto do «*Vicio e virtude*» por Dóra Vieira e Bertha Miranda. Córos afinados, regencia acertada, marcação satisfazendo, não se recomendando pelo brilhantismo, nem guarda-roupa nem scenario.

Alvaro Lima

Noticiario

A companhia de Choby Pinheiro que parte brevemente para o Brazil, está ensaiando *O Emigrado* de Bourget, peça com que reaparecerá no Rio de Janeiro.

—Na proxima epoca de inverno do «Politeama» será levada á scena a peça de Kistemaeckers *O Instinto*.

—No domingo publica um numero de homenagem á actriz Palmira Bastos, que nesse dia passa o seu 45.° aniversario, a folha semanal «Ecos de Avenida».

—A *Pagina teatral dos Sports* publicada hoje contem: *Emprezarios e artistas* (fundo); Galeria dos novos—*Alice Pancada*—; Entrevista com a grande actriz Virginia; *Cronica da Semana* por Armando Ferreira; Criticas da Semana por Alvaro Lima, noticiario, comentarios, retratos, caricaturas. E' um numero em cheio.

—A «tournée» Carlos Leal parte ainda no proximo mez para o Brazil.

MUSICA

Recital Bach

Promovido pela distinta artista sr.ª D. Maria Colaço, realisa-se no proximo domingo, ás 15 e meia horas, no salão da Liga Naval, um recital de obras do grande compositor Bach.

A luva vermelha

Constitui um legitimo sucesso a estreia que hontem se realisou no Salão Central, do primeiro episodio intitulado «A Lagôa Misteriosa», da sensacional pelicula em 18 episodios, 36 partes, «A luva vermelha», do reportorio da afamada e gentilissima artista americana Maria Walcamp.

Hoje, com a sua repetição, não deve ficar um unico logar vago no Central, sendo o resto do programa preenchido pelas interessantes fitas «O segredo do missal», «Caravalescas» e «Batalha de Rainhas». Amanhã, sexta-feira, estreia na *matinée* do 2.° episodio, «Serenidade e arrojo», um punhado de scenas cheias de interesse, com as mais comoventes e alegres passagens que Maria Walcamp desempenha primorosamente.

VIDA ARTISTICA

A exposição do Rio de Janeiro

Prosseguem com actividade os trabalhos de organização deste grande certamen artistico. Alem de muitas obras de artistas contemporaneos, serão expostos em Rio de Janeiro os quadros de Silva Porto, Alfredo Keil e Thomazinni. O sr. João de Figueiredo Urspreng, um dos organisadores da exposição, parte em breve para o Porto, onde vae buscar trabalhos de alguns dos mais destintos artistas daquel cidade.

NO PARLAMENTO

Coisas que se passam antes da sessão — Declarações graves — O caso de Santo Thyrso e o mais que se disser...

Muito antes da hora regimental já na sala dos Paços Perdidos se encontravam, além do sr. presidente do ministerio, os ministros das finanças, agricultura e comercio.

Na sala ha já a essa hora muitos alguns deputados. Outros veem chegando. Esperemos e ouçamos o que se diz no sofá onde estão rodeados de deputados o sr. presidente do ministerio e o sr. ministro do comercio.

O sr. coronel Antonio Maria Batista—Os srs. da imprensa teem agora mais do que nunca uma alta missão a cumprir. Orientar o povo, guiando-o para uma mais alta, uma mais intensa vida de patriotismo. Estamos no ultimo acto duma tragedia, ou no inicio duma redenção.

«As propostas de finanças apresentadas á Camara são uma questão de vida ou de morte para a Republica e para a Patria. O orçamento tem que sair equilibrado d'entre a discussão parlamentar. E' o orçamento da vida portuguesa e representa a base de toda a nossa politica interna para já e de toda a nossa politica externa para amanhã. E' preciso que o Parlamento veja as graves responsabilidades que impendem nas suas resoluções d'onde ha-de sair o concerto completo e harmonico de toda a nossa vida inteira da nação».

O sr. ministro do comercio (Anibal Lucio de Azevedo)—Sim. Estamos de facto no ultimo acto duma grande tragédia. O paiz tem estado á saque...

O sr. coronel Baptista (atalhando)—Não. A saque, não. Tem havido erros, mas esses sem pecado. Os ministros da Republica são honestos. Teem sido honestos.

O sr. Anibal Lucio:—Sim... sim... Mas teem-se feito nomeações em massa de incompetentes e de criminosos.

O sr. coronel Baptista:—Não. Não é bem assim. Os ministros são honestos. Erros. Erros é que teem havido.

O sr. Anibal Lucio de Azevedo:—Mas erros que nos levaram a este lindo estado. Ainda ha pouco á dois barcos nossos que estavam já na Inglaterra para carregar, o governo inglez negou carvão para Portugal. E no rateio de carvão feito agora para nações da Europa, Portugal foi excluido! Isto é grave, mas é preciso que o Paiz saiba estas coisas. Que o Paiz tenha conhecimento destas tremendas coisas!»

A discussão anima-se. Discute-se agora o caso de Santo Thyrso. Conta-se como o caso se passou. Oficiais do exercito pasmam da injustiça do castigo.

São horas da sessão começar. Os srs. ministros estão impacientes. Indago a razão. E' que na reunião de hontem entre o governo e os *leaders* dos partidos, o sr. Brito Camacho propôz que a discussão fosse adiada para hoje á uma hora. Todos concordaram e todos aqui se encontram á hora marcada. Mas são 14, 40 e o sr. Camacho não chega. A impaciencia sobe de ponto.

Uma voz:

—Teem que esperar! O Camacho foi consultar primeiro o sr. dr. Egas Moniz.

Outro deputado:

—E esse a quem foi que consultou?

São horas. Faz-se a segunda chamada. Estão presentes 73 deputados. A sessão principia.

Nos Deputados

Um incidente com o sr. ministro da guerra

Começa-se por um voto de sentimento pela morte do sr. Dionisio dos Santos Silva, antigo jornalista, director do jornal republicano «O Norte» do Porto e sogro do deputado sr. Mem Verdial. Associam-se pelos diversos lados da Camara os srs. José Domingos dos Santos, Eduardo de Souza, Manoel José da Silva, Alvaro Guedes, Viriato da Fonseca e presidente do ministerio.

Trata-se depois de haver ou não sessão nocturna. O caso discute-se. E fica resolvido que as sessões emquanto houver grève sejam das 14 ás 20 com a segunda chamada ás 15.

Aprova-se depois que o dia 10 de junho seja considerado feriado nacional.

Entra depois em discussão o projecto de lei que autorisa o governo a dispender pelo Ministerio da Guerra e pelas despesas excepcionaes resultantes da guerra, referentes ao ano economico de 1919-1920 a quantia de 5.215.871$79.

A proposito, o sr. Malheiro Reymão ataca o sr. ministro da guerra por se ter utilisado de tres automoveis para vir de Portalegre a Castelo de Vido, por não querer viajar de noite.

Esta revelação provoca agitação na Camara. Grita-se que o orador está fóra da ordem. O sr. Aguas justifica-se. Fez isso porque queria chegar depressa a Lisboa.

Entra-se na ordem do dia.

No Senado

Aprova-se a urgencia para uma proposta de amnistia

O sr. Silva Barreto ataca a redução de quadros com o que concorda o sr. ministro da justiça.

Pede-se depois urgencia em votação nominal para um projecto do sr. Jacintho Nunes dando amnistia aos crimes de natureza politica e religiosa, liberdade de imprensa, deveres militares e outras infracções.

Aprova-se. Só um senador regeita: o sr. dr. Bernardino Machado. Só outro senador sae da sala: o sr. Vasconcellos Dias.

Homenagem a Palmira Bastos

A noite de hoje vae ficar assinalada como das mais brilhantes que se tem passado no teatro Nacional. Para que tal suceda basta saber-se que é ali a recita de homenagem á ilustre artista Palmira Bastos, que pelo seu talento inegualavel e primorosas qualidades pessoaes tem sabido impôr-se á estima e á consideração de todos. Representa-se a peça *Feiora*, da qual Palmira Bastos será a protagonista.

Os desfalques nas obras publicas

Prisão de dois importantes comerciantes

Na 3.ª secção da policia de investigação continuaram hoje as investigações sobre o grande desfalque dado nas obras publicas.

Os agentes e Serra Hermano da Fonseca estiveram a ouvir os srs. Francisco d'Oliveira, dono de umas estancias de madeira na rua 24 de Julho, e Casemiro José Sabido, com estabelecimento de azulejos e outros materiaes na rua de S. Bento, 150, os quaes, depois de interrogados, ficaram presos. Nas administrações dos bairros sociaes tambem continuaram hoje as comissões ali instaladas nas suas investigações sobre o desfalque ali descoberto.

Noticias da Capital

A crónica do roubo

A pedido do alferes sr. Ruy Dias Lapa, foi hoje preso José Bernardo, da rua do Passadiço, 41, 3.°, acusado pelo referido oficial, de ter praticado um furto na fabrica de produtos quimicos do largo Dr. Afonso Pena, 1.

—Tambem foi detido Alberto d'Araujo, do beco do Cardoso, 12, que por meio de arrombamento entrou no estabelecimento de Raul Teixeira Alves, na rua dos Bacalhoeiros, 64, onde era empregado, furtando varios objectos avaliados em 59 escudos.

BANCOS E COMPANHIAS

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense. — Pelo relatorio agora publicado, vê-se que o saldo no ano findo foi de 58.006$66,5, a que foi dada a seguinte aplicação: 37.000$00 para fundo de reserva e 21.006$66,5 para conta nova.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

A bordo do vapor *Mossamedes*, chegaram hoje a Lisboa, vindos de Loanda o sr. visconde de Pedralva governador geral de Angola, e de S. Tomé o sr. José da Costa Guimarães, administrador dos importantes propriedades do sr. Pedro Bolo Machado, e a sr.ª D. Alice Cordeiro.

DOENTES

E' depois d'amanhã submetido a uma melindrosa operação o nosso antigo colega de imprensa e funcionario publico Dias Ferreira. Será operador o sr. dr. Reinaldo dos Santos.

FALECIMENTOS

No Porto, faleceu no domingo passado uma filha do deputado sr. Augusto Dias da Silva e irmã do sargento do 3.° grupo de companhias de saude sr. Alberto Dias da Silva, o qual, tendo sido chamado para os jornaes de Lisboa por motivo da greve tipografica, prestou aqui bons serviços, se recolhendo á sua unidade quando se agravaram os padecimentos de sua estremecida irmã, roubada aos carinhos da familia na flor da vida.

A' familia enlutada apresenta *A Capital* os seus mais sinceros pezames.

Tribunal Militar Especial

Responderam hoje os civis, Duarte Augusto Borges Fajardo, proprietario e Adriano de Sousa Novais, marchante, ambos de Braga, sendo o primeiro acusado de ter assaltado em novembro de 1918 o Centro Unionista e preparado a restauração monarquica e o segundo de fazer parte do batalhão de voluntarios d'el-rei e ter exercido violencias contra os republicanos.

O réu Fajardo foi defendido pelo sr. dr. Raul Gonçalves e o réu Novais, pelo sr. dr. Herlander Ribeiro. Depuzeram tres testemunhas de acusação e seis de defeza.

As traças na Biblioteca Publica

A direcção do Laboratorio Farmacologico de Lisboa ofereceu ao sr. dr. Jayme Cortezão algumas caixas de pastilhas de *Trazolina*, para serem empregadas na destruição das traças. O depositario exclusivo sr. Raul Vieira Lt.ª, R. da Prata 51-3.° tem tido ocasião de ver o grande consumo que tem este novo producto do importante Laboratorio.

Vida Sportiva

Concurso hipico internacional

Chegam amanhã, 6.ª feira, a Lisboa, os distintos oficiais hespanhois, que veem tomar parte no grande concurso hipico internacional que começa no sabado, no hipodromo de Palhavã.

A inscrição dos concorrentes para o 1.° dia fecha esta noite, e assinatura é magnifica, devendo o hipodromo ter um aspecto soberbo de animação e de alegria.

A Asembleia Geral Ordinaria, para discussão do Relatório e apreciação das Contas do Exercicio de 1919, realisa-se sabbado 29 do corrente pelas 2 horas da tarde.

Poeira da Arcada

Junta do Credito Publico

Efectuou-se hoje a eleição por parte dos juristas, de dois vogais efectivos e respectivos substitutos, que deverão funcionar no trienio de 1920-1923. A mesa foi constituida pelos srs. dr. Alberto Pinto de Gouveia, presidente; Carlos Augusto Ferreira e Julio Estevão de Mesquita, secretarios; Antonio Barbosa e Francisco José da Silva Machado, escrutinadores. O acto foi muito concorrido, sendo eleitos vogais efectivos os srs. drs. José da Silveira Vianna e Guilherme de Sousa Machado e substitutos os srs. João da Rocha Leão e dr. Simão Arouca.

Associação de Socorros Mutuos dos Empregados do Estado

Aviso

Convoco a Assembleia Geral a reunir no proximo dia 2 de Junho pelas 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte:

1.°—Discutir e votar o conhecimento aos medicos e pessoal do escritorio em harmonia com a proposta da Direcção;

2.°—Elevar de 100 % a quota mensal a todos os socios e estabelecer a taxa de 25 centavos por cada pessoa de familia do socio efectivo a que se refere o § unico do n.° 1 do artigo 16 dos Estatutos.

3.°—Resolver sobre a escusa pedida pelos socios eleitos para a comissão dos Estatutos.

4.°—Tratar de qualquer assunto que a Assembleia julgue urgente e de imediato interesse para a Associação.

Não comparecendo numero legal de socios para a Assembleia poder funcionar, fica esta desde já convocada para o dia 12 de junho do corrente ano á mesma hora e com a mesma ordem de trabalhos.

Lisboa, 27 de Maio de 1920.

O Presidente,

José Maria Moreira e Brito.

Propaganda bolchevista

A um dos calabouços do Governo Civil recolheu o marceneiro Raul Vaz da travessa de Santo Antonio, 7, que estava fazendo propaganda bolchevista no Café 5 de Outubro, da rua Fernandes da Fonseca.

Foi-lhe aprehendido o jornal espanhol *El-Sol*.

Latino-Americana
Annuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 28
Telefone: 2143-C.
Brevemente — Rua do Ouro, 81

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3527 — 10.º anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 28 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

O QUE VAI PELAS COLONIAS

Em Angola um conflito grave com a Associação Comercial de Loanda — Moçambique continua a cair aos bocados nas guelas de estrangeiros

Apareceu ha dias nos jornaes a noticia de que a Associação Comercial de Loanda, apoiada por todas as associações da provincia, resolvera suspender os embarques de mercadorias para a metropole até que o sr. ministro das colonias providenciasse no sentido de revogar a medida do governo geral que lançou varios impostos sobre diversos generos de exportação para acudir á situação financeira dos funcionarios publicos.

Até agora não veio á imprensa noticia alguma de ter sido feita qualquer diligencia para resolver tão grave conflicto. Grave, sim, não tanto pelos prejuizos que a resolução da Associação Comercial possa causar, pois, de certo, dentro de pouco tempo, voltar-se ha á normalidade, mas pelo que significa como manifestação de união das classes preponderantes na colonia para defeza dos seus interesses. Quer isto dizer que a situação da provincia de Angola nos deve merecer uma cuidadosa atenção, sobretudo no que diz respeito á escolha dos funcionarios destinados a funções de governo.

O sr. visconde de Pedralva, governador geral, em vesperas de embarcar para a metropole, vendo-se na necessidade de acudir á situação verdadeiramente aflictiva dos funcionarios publicos, agravou alguns impostos, especialmente sobre café, oleaginosas e couros, artigos que as consequencias da guerra valorisaram muitissimo e que, por isso, mais nos casos estavam de suportar o novo encargo. A associação comercial de Loanda protestou contra o acto do governo geral, declarando incomportaveis os novos encargos e sem base de estudo e equidade, não se negando, todavia, a qualquer sacrificio para remediar a precaria situação do funcionalismo, mas depois de estudo ponderado, para que os novos impostos fossem gerais, justos e equitativos. O protesto da associação comercial não foi, porém, atendido, talvez porque o sr. governador geral entendeu não admitirem delongas as providencias para acudir á crise do funcionalismo que, em avultado numero, abandonava os serviços publicos afim de procurar melhor remuneração em serviços particulares.

D'ahi o conflicto e a resolução da associação comercial de suspender o embarque de mercadorias para a metropole.

Oxalá que se não repitam os conflitos desta natureza afim de que entre a colonia e a metropole reine sempre a melhor harmonia e boa vontade de cooperação nos interesses comuns. E' preciso ter sempre os olhos no futuro e sempre presente no espirito a convicção de que Angola ha-de chegar um dia á maior idade, convindo que entre pai e filho se não quebrem os laços de amizade que os ligam e que muito conveniente seria manter sempre.

Os conflitos como aquele que ora se deu, podem precipitar a emancipação da colonia, realisando-o antes de atingir a maior idade e em más disposições de espirito para com a metropole.

De tudo isto se pode concluir quam melindrosa é a escolha do alto comissario. A pessoa para ali indicada, o sr. Norton de Matos, reune felizmente as condições requeridas para o espinhoso cargo e isso nos tranquilisa por algum tempo.

Em Moçambique continuam as coisas a correr muito mal, não havendo quem defenda eficazmente a colonia da rapacidade estrangeira, parecendo, pelo contrario, que da nossa parte ha empenho em lha largar aos farrapos.

Os manes de Cecil Rhodes presidem á politica da Africa do Sul e a nossa é caracterisada por uma transigencia que nada tem de patriotica.

No «Seculo» de 25 do corrente mez publicou o sr. Figueiredo Lima, antigo director do jornal «A Provincia» de Lourenço Marques, a transcrição que este jornal fez duma noticia publicada numa gazeta sul-africana pela qual se veio a saber que um estrangeiro, de nome Goldberg, está na posse duma concessão de exclusivo de pesquiza de minerais e pedras preciosas numa area de 3500 milhas quadradas, ás portas de Lourenço Marques, confinando com a região ingleza dos Amatongos.

Esta ultima particularidade é extremamente perigosa para a integridade da provincia, pois que, se as pesquizas demonstrarem que a região é rica em minerais, o que tudo leva a crer que sim, hão-de ser postos em pratica trinta mil ardis para nol-a subtraírem á nossa soberania, o que a sua situação geografica, no extremo sul da provincia, em contacto com territorios estranhos, facilitará sobremaneira.

A noticia do jornal sul africano informa-nos tambem de que o preço da *transferencia (?)* da concessão foi de 40 mil libras, incluindo um deposito de garantia em Lisboa de 20 mil escudos do que se poderá concluir que não teve o ministerio das colonias interferencia n'este escabroso caso, o que nós muito folgamos em registar.

Parece tratar-se d'uma concessão obtida por nacionais e vendida a extrangeiros. Pelos perigos que d'ahi podem advir para a integridade de Moçambique não ha no vocabulario termos bastante fortes e energicos para verberar semelhante transacção em que os nacionais que nela entraram, se o caso realmente se passou como parece depreender-se da noticia, não viram senão o volume que na sua algibeira fariam as 40 mil libras, sem se importarem para nada com os perigos que isso traria para o patrimonio de todos nós.

Este caso precisa de ser esclarecido e no ministerio das colonias devem existir os elementos necessarios para o aclarar.

E' preciso saber-se quem são os vendilhões do territorio nacional que a isso equivale o direito do exclusivo da pesquiza das riquezas do sub-solo.

E' necessario esclarecer-se este caso, assim como se precisa tambem saber quem foi que tão solicitamente se poz ao serviço de estrangeiros, em prejuizo dos interesses do paiz, que eles julgaram de justiça recompensar com a dadiva de 36753 acções da companhia que se propõe fazer as pesquizas, de 5 shilings cada uma, ou seja, um presente de 9188 libras.

E' a gazeta sul africana que faz a sensacional revelação.

Se não ha lei que puna um crime d'esta natureza, torna-se urgente que o parlamento elabore uma que ponha para o futuro o patrimonio nacional ao abrigo da ganancia de portuguezes sem escrupulos.

A amnistia nos presos politicos

Uma entrevista com o sr. dr. José de Castro

Publicará amanhã «A Capital» uma entrevista, sobre o momentoso assunto da amnistia aos presos politicos, com o ilustre jurisconsulto e indefectivel republicano sr. dr. José de Castro.

Ninguem com mais autoridade do que ele, que sofreu perseguições e vexames do dezembrismo, para falar ácerca do projecto que tanta discussão tem levantado.

Luiz Galhardo

A sessão em sua homenagem

E' depois de amanhã, como já noticiámos, que no teatro S. Luiz, em *matinée*, se realiza a sessão de homenagem ao infatigavel trabalhador e homem de rasgadas e ousadas iniciativas que é Luiz Galhardo.

Terá o homenageado ensejo de verificar quão elevado é o numero dos seus amigos e quanto eles apreciam as suas qualidades de talento e de amigo leal e dedicado, sempre pronto a pôr a sua influencia no dispor dos que a ele se dirigem.

No escritorio do teatro S. Luiz continuam a ser entregues os bilhetes destinados ás pessoas que queiram assistir á festa.

A morte do professor Gueifão

Responde amanhã, no 2.º distrito criminal, o revolucionario civil Armando de Azevedo, acusado de ter, em 1917, no café Chave d'Ouro, assassinado o professor Gueifão Morques natural de Portalegre.

Ordem publica

Em virtude dos boatos que insistentemente corriam hontem á noite, de uma possivel alteração de ordem publica, as legações estrangeiras estiveram vigiadas e ainda hoje as casas dos membros do governo estiveram guardadas por praças de infantaria da guarda republicana.

«Leva da morte»

Está já concluido o processo da «Leva da morte» no segundo juizo de investigação criminal, faltando apenas capturar dois ex-guardas civicos, que foram ha dias pronunciados, devendo agora o processo ser enviado ao Juiz do 2.º districto criminal, para ser presente a julgamento.

Prisão de motociclistas

Em conformidade com uma lei que até aqui não era cumprida o que o governador civil de Lisboa recomendou que a policia fizesse respeitar, com referencia a automoveis, *side-cars* e motocicletes, foram ontem detidos alguns condutores de motos e *side-cars* que não andavam munidos dos competentes cartas de *chauffeurs*.

A tal proposito procurou-nos um dos detidos para nos dizer que sendo o Automovel-Club a entidade competente para passar essas cartas, não ha ali nem quem as passe, nem o competente livro de registo. Entendia, pois, o reclamante, que se devia dar um praso para os motociclistas legalisarem a sua situação.

Hoje foram presos mais alguns *chauffeurs*, por não terem as respectivas cartas, sendo-lhes aprehendidos os sid-cars e conduzidos para o governo civil. Entre os presos ha um inglez que não tinha a carta de *chauffeur*.

O chefe do distrito deu, porém, instruções, em virtude de um oficio recebido do sr. ministro do comercio, para que fôssem suspensas por uns dias as ordens para a apreensão, pelo que se começa já hoje de tarde a fazer a entrega dos *side-cars* apreendidos

POLITICA

A Situação dos partidos — Os boatos de crise — O sr. dr. Domingos Pereira regressa á Camara — O projecto de amnistia do sr. dr. Jacinto Nunes — Como é encarado pelos partidos — Segundo os melhores calculos será aprovado por 47 votos contra 17

A situação politica não se modificou d'hontem para hoje.

Subsistem os mesmos boatos, ha as mesmas apreensões e paira na athmosfera o mesmo ambiente prenhe de electricidade.

Sobre propostas de finanças mantem-se todas aquelas afirmações arquivadas nas columnas da «Capital» e ouvidas aos mais competentes e aos mais estudiosos dos nossos parlamentares.

Quanto a crise governamental nada ha resolvido até agora, mas trabalha-se afanosamente para a realisação dum ministerio das direitas que os mais entendidos na materia julgam inviavel. O partido reconstituinte continua afirmando pela boca dos seus elementos mais prestigiosos que não quer o governo—por enquanto.

Não quer a publica governação, mas afirma-se que já tem organisado e pronto o seu ministerio e dão-se como seguras certas a pasta da finanças nas mãos do sr. Antonio da Fonseca, a dos estrangeiros nas do sr. Melo Barreto, a das colonias nas do sr. Alvaro de Castro, a da guerra nas do sr. Americo Olavo, a da justiça nas do sr. Lopes Cardoso. Estas estão já garantidas e certas. Ha outras tambem, mas não conseguimos senão vagas informações que preferimos não dar.

Espera-se, no entanto, a chegada do sr. Antonio Granjo para se entabolarem oficialmente negociações para a realisação d'um bloco reconstituinte liberal que tem já hoje muitos oposicionistas e entre eles, que me recorde agora, o sr. dr. Pedro Góes Pita, que já por mais duma vez tem manifestado a sua opinião de que o seu partido, a ter que arcar com as responsabilidades do poder, nesta hora tremenda que passa, o deve fazer por si, sem ligações, nem encostos.

Nos liberaes, tambem a ideia de ligações em blocos partidarios tem franca defeza. O sr. Brito Camacho, como sempre, aceita-as. O sr. Antonio Granjo antes da sua viagem lá fóra era por uma aproximação entre liberaes e populares. Agora não o sabemos, mas temos fundadas razões para afirmar que as inclinações do sr. Granjo se não modificaram.

Por outro lado é facil averiguar tambem que os reconstituintes, isolados, só podem aceitar o governo com o principio da dissolução parlamentar, posto em pratica logo a seguir á sua apresentação no parlamento, e isso não é viavel, por enquanto.

De maneira que, por exclusão de partes, e ainda porque o ir-se agora ao poder não é tarefa agradavel e deleitosa, muito possivel, é se não certo, que o actual governo do sr. coronel Batista, como está, dizem uns, remodelado afirmam outros, continua nas cadeiras do poder a sua obra patriotico e meritoria.

A haver uma reconstituição ministerial, ella attinjirá os ministerios das finanças, guerra, commercio e agricultura, ou talvez, mais restrictamente as pastas das finanças e da guerra.

O que devemos, no entanto, registar é que a opinião hontem mais acentuada e mais declaradamente afirmada por todos os lados da Camara, incluindo a maioria governamental, era a de que tudo se pode esclarecer e resolver durante a primeira quinzena de junho proximo.

Seja...

* * *

Já hontem vimos na Camara o sr. dr. Domingos Pereira, ex-presidente do ultimo ministerio, ha quasi um mês retido em casa por efeitos d'uma melindrosa operação cirurgica, de que felizmente se encontra restabelecido. Folgamos com o regresso do illustre parlamentar aos trabalhos da Camara e fazemos votos para que o seu estado de saude se avigore cada vez mais para bem da Patria e da Republica.

* * *

Foi hontem, como dissemos, apresentado ao Senado um projecto de lei de amnistia. Sobre elle as opiniões modificaram-se agora completamente, e assim a maioria dos parlamentares das duas casas do Parlamento com quem temos trocado impressões votam-n'a. No partido democratico ha de facto uma corrente contraria, mas quasi insignificante. São os extremistas do que é porta-voz, no Senado, o sr. Vasconcellos Dias, e na Camara dos Deputados o sr. Sá Pereira. «Arcades ambo! O resto podemos quasi afiançar que está na disposição de acolher o projecto de amnistia com os melhores desejos de o approvar. Em todos os partidos, aliaz, a discussão representará uma questão aberta. E' preciso iniciar vida nova, diz-se. E essa vida nova só pode iniciar-se pela mais completa, perfeita e harmonica pacificação dos espiritos na familia portugueza.

Resumindo podemos desde já afirmar que o projecto de amnistia tem a maioria dos votos nos democraticos, nos reconstituintes e nos liberais. E' regeitado por dois independentes, por uma minoria insignificante do partido democratico e, diz-se, mas não se confirma, pelos populares. Feitos os calculos a votação será na Camara dos Deputados 47 votos a favor e 17 contra, se os populares a regeitarem.

Tudo nos leva a crer que estes nossos calculos, fundados em conversas com todos os lados da Camara, em breve se confirmem.

Segredos a toda a gente

Propostas de finanças

Um facto notavel caracterisou a ultima semana politica e financeira: a apresentação, ao Parlamento, das propostas de finanças. Concordo que elas equivalem em grande parte, neste momento para o paiz a uma questão de vida ou de morte—mas o senhor ministro exagerou-as talvez em nome da sua boa-fé e da sua sinceridade. Houve é claro, como não podia deixar de ser, quem protestasse desde logo: uns por isto, outros por aquilo, outros precisamente pelo contrario,— porque ha sempre quem proteste sem nunca deixar de haver quem não tenha razão. Mas porque se não tributa a falta de juizo? Afinal seria entre nós, o unico imposto capaz de recair sobre toda a gente—sem que ninguem, creio eu, encontrasse um unico argumento para protestar.

Um futurista

Inaugurou-se ha dias, no salão nobre do teatro de S. Carlos, a exposição Almada Negreiros. Só hoje a pude visitar—e não fujo á tentação de lhes falar dela. Almada Negreiros é, como todos sabem, um futurista—e eu habituei-me sempre a manter perante o futuro uma vaga expectativa. Em todo o caso não falto á verdade se lhes disser que desta vez a minha sensibilidade e até o meu bom humor se desconcertaram por completo. A Arte—já repararam?—reveste ás vezes uma forma de loucura tão impressionante e tão assustadora que dir-se-hia pedir um colete de forças e um pequenino quarto, em Rilhafoles... Mas estará esta, nestes casos? Evidentemente, não. Caso curioso: a exposição sempre cheia. Não admira. O publico só gosta daquilo que não entende.

Santos Chocano

Tem-se esboçado por toda a parte um movimento de clemencia a favor do poeta Santos Chocano, condenado á morte por um crime qualquer extremamente grave. Pergunta-se: é licito que alguem, pelo facto aliás muito louvavel de ser poeta, seja indultado pelos crimes que cometeu? Não sei. Não sei mesmo o que pensam os jurisconsultos de toda a parte, sobre este caso. Ignoro tambem o que diriam, se falassem os varios Codigos penaes. O que é certo é que, se o precedente vinga—não haverá amanhã criminoso que se não faça poeta senão pelo amor á arte, ao menos por amor á pele...

Luis Guimarães.

Um problema de solução urgente

E' preciso que o governo trate de providenciar para se abreviar o despacho das encomendas postais e de mercadorias provenientes do estrangeiro

São constantes os protestos e de dia para dia se avolumam os clamores do publico contra a demora havida na Alfandega no despacho de mercadorias provenientes do estrangeiro, bem como nas encomendas postaes.

Uma pessoa que se nos dirigiu mostrou-nos uma factura de uma encomenda expedida da Holanda, em setembro de 1919 e só agora entregue ao destinatario.

Os pertences são entregues aos despachantes e só depois de um mez se começa a ter noticias de haver possibilidade de receber a fazenda.

Ora isto não pode continuar assim. Os protestos platonicos do publico virão fatalmente a transformar-se em conflictos que podem ser violentos, se o governo não tomar as providencias energicas que o caso de ha muito reclama.

Ha comerciantes que são prejudicados com esta demora, embora haja outros, que lucrem bastante, visto se manter a escassez de productos no mercado, que passam a atingir preços exageradissimos, como sucede com os productos quimicos.

Procurámos ha dias ouvir a opinião do sr. director da Alfandega de Lisboa ácerca de este momentoso assumpto. Disse-nos que já tem diligenciado empregar os meios para se porem em pratica providencias que estão dependentes da sancção do governo. Assim, por exemplo, o pessoal technico ao serviço é deficiente. Faltam cêrca de 20 funcionarios superiores, cujas vagas não podem ser preenchidas, por estarem á espera de aposentação e outras causas. Tambem na alfandega se prontificavam a fazer serões, para se abreviar o despacho das encomendas postais; mas tem havido dificuldade para pôr em pratica esta medida, por motivos extranhos á vontade do pessoal aduaneiro.

De todo este inquerito que fizemos sobresaiu mais o eterno desleixo, o desprezo absoluto pelos interesses do publico, que está sendo victima de açambarcadores que aproveitam este pessimo serviço oficial para irem enriquecendo á custa do povo.

E' preciso que se resolva este problema quanto antes.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

A gréve dos electricos e a sua solução

A gréve dos electricos mantem-se no mesmo pé.

Não se encontrou ainda, não obstante ter sido declarada já ha sete dias, uma plataforma aceitavel para a solucionar.

E' de lastimar que se tenha de dizer isto, que não pode ser senão atribuido á falta de solicitude que tem havido por parte de quem de direito, facto este que, sem embargo, nos é grato acentuar estar em completa contraposição com a diligencia demonstrada pelo governo.

A Camara Municipal tem o estricto dever de normalisar quanto antes esta situação enervante, sem que com isso deixe de garantir á população da capital a maior soma possivel de vantagens.

A Companhia Carris necessita, com efeito, de aumentar os salarios ao seu pessoal e, por conseguinte, precisa de elevar o preço das suas tarifas? Está certo.

Consinta-se-lhe que o faça, mas sobre fundamentos de escrita que, sendo muito embora imprecisos, assegurem aliás ao publico que se procurou zelar no maximo os seus legitimos interesses.

Não é exigir muito: — é esperar o menos duma vereação republicana.

E acaba-se, assim, com essa ignobil especulação da gréve dos electricos que está sustentando, irritantemente, o sindicato de Santo Amaro para, á sombra dela, poder arrancar ao municipio privilegios tão gritantes de imoralidade que só num paiz como o nosso seria admissivel haver quem tivesse a ousadia de os enunciar, — de simplesmente os enunciar.

Todavia, a Camara Municipal, fazendo isto, não se deve esquecer que é ela quem dá e que, portanto, deve obrigar tambem a que lhe deem.

Ouro é o que ouro vale...

C. da C.

O assassinio do dr. Sidonio Paes

Foi hoje presente ao Juiz do 2.º districto criminal o processo contra José Julio da Costa, acusado de ter [illegible] por ter findado o prazo de 30 dias para ser constituido o jury mixto, como requereu o advogado dr. Costa, de Torres Vedras, que defenderá o reu, e afim do Juiz marcar novo dia para julgamento, que deverá efectuar-se por todo o mez de junho.

O caso da legação de Hespanha

Por ordem do governo foi esta tarde preso pela policia de segurança do Estado, o conhecido agitador das classes operarias Joaquim Cardoso, que ha dias foi á legação de Hespanha, juntamente com outros, entregar uma representação, em nome da C. G. T. sobre o movimento social que se está dando no paiz visinho, a qual era redigida em termos inconvenientes.

Cadaver que se dizia desaparecido

Foi já inhumado n'um dos cemiterios de Lisboa

Um jornal da manhã diz ter desaparecido um «fourgon» com o cadaver de uma senhora da familia do sr. Sergio Quintanilha, oficial da direção geral de contabilidade publica, supondo-se que esse «fourgon» tivesse sido abandonado em qualquer estação.

Pondo-nos em campo, averiguámos o seguinte: o fourgon com o cadaver foi despachado na Estação Nova de Coimbra, em 17 do corrente, para seguir nessa noite atrelado ao comboio correio que chega ao Rocio ás 6 horas e 27 minutos.

Mas devido a não estarem os documentos em ordem e o correio ter chegado á Estação Velha com o peso de 318 toneladas, quando o peso maximo e de 298, o «fourgon» ficou em Coimbra e seguiu no dia seguinte de manhã, chegando ao Rocio á tarde, de onde saiu o funeral para um dos cemiterios de Lisboa, onde o corpo foi inhumado.

Os grandes desfalques

Foram hoje detidos o sr. Sergio Martins Areias, com deposito de madeiras na rua Vale a Jesus, e mais sete individuos cujos nomes a policia não revelou, os quaes juntamente com os srs. Casimiro José Sabido e Francisco Henriques de Oliveira serão ainda hoje acareados com o apontador Alfredo Gil, afim de se verificar se são ou não fundadas as acusações que ele lhes faz.

O desenvolvimento de Angola e a questão do caminho de ferro de Ambaca

O que pensa e o que a tal respeito nos diz o senador sr. Botto Machado

Agora que tanto se fala na necessidade de desenvolver e fomentar as nossas colonias; agora que toda a gente reconhece o dever de para elas se olhar com aquele carinho que deve ter-se por um grande emporio que póde ser um grande encargo para o Paiz, por virtude da nossa incuria ou da demonstração do nosso pouco valor como fomentadores da riqueza publica; agora que toda a gente tem esperança de que as nossas colonias sejam o grande celeiro que venha solver o «deficit» da nossa produção metropolitana, quer pelo envio de generos para consumo, quer ainda pela produção de generos coloniais que sejam uma balança compensadora da drenagem de ouro para fóra do paiz, não julgamos fóra de proposito ouvir do grande colonial e senador sr. Pedro Botto Machado algumas considerações, alvitres e, até, se isso nos fôr relevado, pedir a indicação de alguns pontos de necessaria urgencia de administração colonial, que é preciso resolver, para que o nosso credito de colonisadores e de administradores, se levante á altura das necessidades modernas, apagando da historia dos nossos processos erros, que se fossem praticados por meros comerciantes sem terem a cobri-los a capa-*Estado*, teriam levado muita gente a sofrer as consequencias da sua falta de conhecimento dos negocios publicos, com a agravante de não poderem, de modo algum, explicar como é que aparecem actos praticados com a sanção do Estado, sem aquela autorisação necessaria á conclusão de certos contratos.

Isto expuzemos ao nosso presado amigo sr. Botto Machado, que imediatamente nos diz:

—Sim, senhor, tem razão. Deixe-me logo de entrada referir-me a uma grande parte da colonia de Angola, cujo aproveitamento da sua riqueza está dependente do desenvolvimento criterioso e rapido da sua rêde ferroviaria, do aproveitamento das suas vias fluviais e ainda da valorisação das suas quedas de agua que com a sua força transformada em energia electrica se faria o fomento mais rapido e economico dos seus riquissimos vales.

[illegible] é constituida pelos territorios dos distritos de Cuanza Norte, Cuanza Sul e Lunda, á qual dou a preferencia muito porque sobraça a pasta das colonias um homem publico que naquela região fez o melhor da sua carreira colonial. E não me parece fóra de proposito dizer que julgo de utilidade administrativa e verdadeiramente colonial a constituição pelos distritos de Cuanza Sul, Cuanza Norte, Lunda, Congo e Cabinda de um Governo Geral que poderia denominar-se — Governo Geral de Angola Norte.

—Pode dizer-me o que ha sobre a magna questão de Ambaca?

—Com todo o prazer, porque me dá o ensejo para lhe dizer que a questão do Caminho de Ferro de Loanda a Ambaca, se acha hoje muito mais agravada do que o era em 1912, quando o Governo de então, encarando patrioticamente os negocios coloniais e os interesses do Estado, preparou o contracto que na historia desgraçada d'este Caminho de Ferro, ficou com a designação — *Contracto Freitas Ribeiro*. Esse contracto, se a politiquice indigena o não tivesse malsinado, teria trazido a posse da linha para o Estado, de acordo com a Companhia, teria posto cobro a tantas questões que se lhe tem seguido que só tem justificado o patriotismo e são criterio com que tal contracto teria sido levado a cabo. Seguiu-se a esse debate, mais politico, do que patriotico e que deu causa a tantos males o D. de 16 de março de 1914, em que o Estado, baseando-se em um artigo de concessão que depois se viu não ser oportunamente bem aplicado, mandou tomar conta da administração do Caminho de Ferro. Foi um decreto abafarete, que não chegou a ter execução porque surgiram as dificuldades que sempre surgem, quando uma questão ingrata se tenta resolver pela forma arbitraria que dimana do poder, mal compreendido, em logar de matar o mal pela raiz, de acordo entre as partes contratantes.

«E' como sempre que se tenta remediar um mal praticado, ao mesmo tempo se pretende impôr autoridade que, moralmente, na liquidação d'uma questão se não possue, vá de praticar maior arbitrariedade, atirando com o *crê ou morres*, ou seja o Decreto n.º 4600 de 13 de julho de 1918, á face de um dos contratantes, não salvaguardando, como legitimamente era necessario fazer-se, os interesses, a quem a quem de direito a eles tem jus—aos que ao serviço da companhia tinham posto os seus haveres.—E o Estado tomou conta do Caminho de Ferro.

—E quais foram os resultados dessa atitude.

—Resultou uma questão que junta á que fôra tentada por causa do decreto de 16 de março de 1914, se arrasta nos tribunaes, mas que entretanto, segundo informa a imprensa de Loanda e as proprias declarações ministeriaes já feitas, recebidas dos Governadores, os Caminhos de Ferro de Ambaca e Malange teem cahido em tal estado de ruina e de falta de material circulante, que estão peor do que nunca, perdendo-se nas estações os generos, que se deterioram com as demoras, quando tanto são precisos ao consumo da metropole, como tambem á colonia de Cabo Verde e aos arquipelagos da Madeira e Açores onde tanto tem faltado o milho, principal alimentação dos seus habitantes ruraes.

«Mais resultou que a companhia ou o Governo ha tres semestres que não paga os juros das obrigações nem fez amortisação alguma. Os obrigacionistas já se coligaram e estão preparando a sua defeza. O presidente da comissão que os portadores de cerca de 20.000 obrigações elegeram é o sr. dr. José de Castro.

«Eu não quero pôr em duvida e muito pelo contrario, o patriotismo dos portadores das obrigações, porque ninguem pode ou deve negar-lhes a defeza legitima dos seus interesses. O mesmo direi quanto á Companhia dos Caminhos de Ferro de Loanda e Ambaca, mas o certo é que tendo-se o Governo apossado da sua concessão e, tendo declarado no decreto que havia depositado á ordem da Companhia uma anuidade na importancia de 480 contos, pouco, mais ou menos, ainda até hoje nada depositou, ou se o Ministerio das Colonias fez esse deposito, o Ministerio das Finanças arrestou-o para conta de credito da Companhia.

«Não quero, como disse, duvidar do patriotismo quer dos obrigacionistas quer da Companhia d'Ambaca, mas por detraz d'elles estão os *Trusts*, perigo já muito visto e muito fallado pelo que me dispenso de novamente aqui os referir.

—E assim?

—Tudo caminha no cahos de onde só poderá surgir talvez uma grande indemnisação que será tanto maior quanto maior fôr o tempo que durar esta situação tão complicada e que os tribunaes ou a forma chicaneira dos seus processos mais complicarão.

—Mas então a nossa intervenção?

—Sim, apesar de se dizer que a nossa intervenção na grande guerra, que assolou o mundo, foi a consolidação do nosso dominio colonial, temos contudo a temer que se renovem amanhã contractos, entre os nossos visinhos, semelhantes ao que existia entre as duas maiores potencias que limitavam os nossos grandes territorios de Angola e Moçambique. O facto de ter desaparecido um inimigo ambicioso não quer dizer que não surjam no horisonte nuvens que bem podem descarregar sobre nós muito maior tempestade sem termos tempo de acudir ao despertar de novas ambições.

—Mau será isso!

—De facto assim é.

«Tudo quanto se tem passado desde 1912 até agora justifica quanta vantagem havia em se ter feito o contracto *Freitas Ribeiro* e hoje mais do que nunca se reconhece a necessidade de tomar posse legal do Caminho de Ferro de Loanda e Ambaca.

—Não seria conveniente tentar nova conciliação?

—Tomando para base de novas negociações as que se fizeram para o contracto *Freitas Ribeiro* seria facil chegar, com a Companhia de Ambaca, a novo acordo, fechando o arrendamento de então, adaptado ás circunstancias actuais? Seria boa, seria má a solução?

«Por peor que fosse seria sempre preferivel a eternizar-se uma questão em prejuizo duma colonia porque o Caminho de Ambaca é a base principal do fomento dela, na região a que me reporto, sujeitando-se o Estado ao descredito do não pagamento obrigatorio e justo aos interessados, meros particulares, que nenhuma culpa teem das desavenças creadas pelas teimosias e arbitrariedades dos que tem tido maior intervenção no assunto e são a causa de todo o mal que se observa.

«Mas isto não vai a matar. Amanhã lhe direi o que é preciso que se faça.

Universidade Livre

Depois dámanhã, pelas 21 horas, o Sr. dr. Carneiro de Moura fará a quarta conferencia do curso de direito civil e social, versando o tema sobre: Sociedades, sindicatos, cooperativas, parcerias, participação dos lucros, empreitadas, etc. Abordará a questão dos tecnicos, trabalhadores manuais e intelectuais e instrução profissional. A entrada é publica e a séde da Universidade é na praça Luiz de Camões, 46, 2.º.

Gatuno com pouca sorte

Esta manhã, o gerente da Casa das Colonias, estabelecimento de mercearia e confeitaria na Rua do Amparo, 84 e 86, quando abriu a porta, dirigiu-se á gaveta, verificando que tinham sido roubados uns 900 escudos

Esperou pelos empregados, dando por falta de um deles, de nome José Gouveia, natural de Ceia, de 20 anos de idade e residente na travessa dos Mouros, 10-4.º.

Proximo das 11 horas, o gerente foi encontrar o Gouveia dentro de um grande caixote, quasi asfixiado, tendo consigo os 900 escudos. Sendo preso pelo guarda n.º 612, que ali andava de serviço, confessou na esquadra que de facto tinha ficado de noite oculto no estabelecimento, com o fim de furtar aquela importancia e que não se poz em fuga devido a porta estar fechada e com recoio de ser preso á saida, caso a arrombasse.

Foi conduzido para o governo civil onde ficou.

NOVIDADE «A SENSATION»

"As rosas de todo o ano"

poema lirico de Augusto Machado verá a luz da ribalta de hoje a 8 dias

As rosas de todo o ano em opera? Tal era a novidade que corria dês de ha dias nos meios coscovilheiros de teatro e de musica. O delicioso acto de Julio Dantas interpretado pela musica era uma nova forma vitoriosa do trabalho do distinto poeta e escritor, cuja obra dia a dia se espalha pelo mundo, se vinca na alma portuguesa e se fixa nos corações de todos. Depois das traduções da *Ceia dos Cardeais*, que correm mundo, depois do exgoto sucessivo das edições dos seus novos livros, faltava ver sob a forma musicada esse lindo episodio das *Rosas de todo o ano*.

Quem traduziu para a linguagem divina esse poema cheio de graça? Augusto Machado.

Os senhores conhecem-no por certo, se bem que em Portugal os novos sejam de uma ingratidão e ignorancia criminosa, que vai até ao esquecimento e á ingratidão pelos que têm valor e têm contribuido de alguma forma para o nome de Portugal artistico.

Mas... Augusto Machado, está aqui: é uma figura pequena, o perfil choto, alguns centimetros de altura, todo do artista antigo de Montmartre, filósofo no seu cigarro barato, todo simples, destes que passam como sombras rentes ás paredes.

E contudo é um valor. E contudo é alguem.

Augusto Machado teve a sua primeira opera cantada no Grande Teatro de Marselha. Como sempre, a obra dum portuguez teve de ir ao estrangeiro receber a sagração oficial para depois os nacionais o olharem com consideração. A primeira representação fez-se em Marselha, com um exito grandioso; em 1883 os «diletonti» de S. Carlos ouviu-na então: era a *Lauriana*... Os bons ouvidos, os desse tempo, hão de lembrar-se.

Depois em 1886, tambem em S. Carlos, Augusto Machado via cantar os *Dorias*, a sua segunda opera, libreto de A. Ghisiavani; o libretista da *Aida*. No principio deste seculo é o *Mario Wetter*, que mais trabalho lhe deu e... mais mal compreendida foi do publico; finalmente em 1909 a *Borghezina*...

Hoje Augusto Machado, professor do Conservatorio, trabalha e compõe, sem esperanço, a maior parte das vezes, de ver em scena as suas composições. Esta *Rosas de todo o ano* está desde 1913 pronta, e é, o proprio maestro quem nos fala dela:

—Deixo livremente correr a fantasia ou a inspiração se assim lhe querem chamar. Não me preocupe com a sua subida ou não á scena, de quem a poderia vir a cantar. Foi terminada em Cintra, e de acordo com o dr. Julio Dantas chamei-lhe *episodio musical*; é mais proprio; não se trata duma opera, não tem árias, é... *As Rosas de todo o ano*, livreto em prosa, seguindo passo a passo o encantador trabalho do seu autor.

—Nunca lhe tinham pedido para ser cantada...

—Por varias vezes, tanto em Lisboa, como do Porto, recebi esse convite... Mas, com franqueza, eu já não sou novo para que a sedução do nome no cartaz faça proceder irrefletidamente. Portugal não conta com grandes elementos, e se agora se oferece ocasião de subir á scena é porque o acaso reune esses elementos no S. Luiz. Pedro Blanc com a sua orchestra symphonica é um habil piloto e um grande cooperador; Maria Abranches e Alice Pancada são duas vozes excelentes, conhecedoras de musica...

Alice Pancada e Maria Abranches que estão presentes protestam, naquela modestia que é apanagio dos que valem. E ambos unanimemente elucidam.

—A musica é lindissima... o motivo das *Rosas*, encantador... mas tudo dificilimo... Não ha pontos de apoio, é preciso estar muito seguras da partitura. Oxalá não comprometamos a obra do maestro Augusto Machado...

—Disse-me que seguia passo a passo a peça de Julio Dantas...

—Um côro longe no final, e mais nada. O resto é exactamente o episodio. Mas, deixe-me dizer-lhe, que eu não creio em sucesso. E' muito dificil a musica... o publico está costumado a vir aqui ouvir opereta...

—A titulo de curiosidade: tem mais algum trabalho musical entre mãos?

—Estou terminando a *Triste Viuvinha* de D. João da Camara. Motivos do nosso *folklore* alemtejano... Acusam-me de só fazer musica franceza...

—E pensa em que suba á scena...

—Isso sim... Necessitava de 3 barítonos... Calcule...

Augusto Machado havia terminado o ensaio, e descendo o Chiado falava sobre a necessidade de trabalhar, de produzir... embora fiquem sendo obras posthumas.

E morta a noticia, a sensacional noticia das *Rosas de todo o ano* em opera, felicitamos vivamente Augusto Machado e aquelles que tiveram uma idéa salutar e inteligente no meio desordenado das nossas caixas teatraes e... musicaes.

Armando Ferreira

Federação Nacional Republicana

Na ultima sessão do Conselho Central deste partido politico, foram nomeadas, dentre os seus associados, as seguintes comissões:

Comissão de Estudos Sociaes

Presidente—dr. Viegas Paula Nogueira, lente; vice-presidente—tenente-coronel Mello Simas, astronomo; vogais—dr. Arminda de Sampaio, professor dos liceus; dr. Eurico Herculano Dias, mathematico; dr. Fernando Carvalho Mourão, engenheiro civil; tenente-coronel I. Campos Ramalho, publicista; dr. José Martins, engenheiro agronomo; tenente-coronel Mario Augusto Teixeira, professor; Lazaro Parreira d'Oliveira, professor da instrucção publica; Urbino Mira Lobo, professor.

Comissão Juridica

Presidente—dr. J. Lopes Vidoira, auditor; vice-presidente—dr. Alexandrino de Albuquerque, advogado; vogaes—Adriano Augusto Nunes, procurador judicial; dr. Alberto de Moraes, juiz de direito; dr. Alberto de S. C. Cezorio de Castro, advogado; dr. Augusto Abranches Freire de Figueiredo, advogado; Carlos Sobral de Barreiros, da Faculdade de Direito; dr. David da Restauração e Silva, advogado; dr. Francisco Faria do Nascimento Bravo, curador geral; dr. José Gomes, advogado; dr. Luiz Ribeiro Martins da Costa, notario; Luiz Ribeiro de Mello, contador de juizo; Matheus Augusto Bourbon de Moraes, advogado; Rolando da Silva, solicitador encartado.

Comissão de estudos economicos e financeiros

Presidente—José dos Anjos, major de engenharia; vice-presidente—Artur Maria Bello, financeiro; vogais Joaquim de Freire Correia, oficial superior da administração militar; Alvaro Sena, guarda livros; Antonio de Bulhões, 1.º oficial da contabilidade publica; Antonio Cardoso de Lucena Vilhegas, secretario de finanças; Antero Paulo de Sousa, oficial da contabilidade publica; Carlos Augusto de Campos Ramalho oficial de finanças; Emigdio de Aguiar, empregado bancario; Francisco Luiz Conslancio, comerciante; João Gomes Rosa, comerciante; Jorge Bon de Sousa Mota Marques, comerciante; José Augusto Varandas de Carvalho, contabilista; José Maria da Silveira de Mesquita, sub inspector de finanças; José Holbeche Cardoso Castelo Branco, do C. S. F.; Manoel Ribeiro do Amaral, comerciante no Porto; Paula Correia, funcionario publico; Rafael Henrique Ludovicis, oficial de finanças; Raul Tomé Feteira, engenheiro industrial.

Comissão de Imprensa

Presidente—Guilherme de Campos Gonzaga, coronel de artilharia; vice-presidente José Boavida Portugal, jornalista e publicista; vogaes—Pedro Bandeira, escriptor; tenente-coronel Guedes Vaz, escriptor; Carlos Stuart Torrie, jornalista; Joaquim Miranda de Castro, jornalista; José Augusto Ribeiro de Mello, jornalista; Lima Duque, jornalista; Mario Afonso de Barros, literato; dr. Nicolau Pereira, jornalista; Santelmo Augusto Marques, publicista.

Comissão Colonial

Presidente—José d'Oliveira Duque, coronel d'artilharia; vice-presidente—José da Luz de Brito Queiroga, coronel d'infantaria; vogaes—Adelino Rodrigues Herculano de Moura, capitão do Quadro Ocit.; Anibal Augusto dos Santos Covaxich, oficial da armada; Antonio Ferrão, oficial do exercito; Carlos Gomes da Costa, funcionario do Ministerio das Colonias; Francisco Xavier de Sousa Menezes, capitão do quadro da India; João Marcelino Martins, oficial da armada; Luiz Marrecas da Trindade, oficial do exercito; Leopoldo Vergueiro Lopes, cap. de marinha mercante; Manoel Grilo da Cruz Andrade, oficial do exercito.

Comissão de relações com as classes organisadas

Presidente—Manoel Inacio Ferraz, funcionario da exploração de Lisboa; vice-presidente—Jaime de Castro, farmaceutico; vogaes—Abel Paul Coutinho, funcionario publico; Adelino Pereira d'Almeida, comerciante; Antonio Evaristo, funcionario publico; Claudino Ramos, engenheiro mecanico; Carlos Antunes, mecanico; Custodio da Silva, constructor civil; Domingos José da Silva, industrial; Hermenigildo Marques Escobar, apontador; Jeronimo d'Alpoim, comerciante; João Duarte Roxo, industrial; João de Deus Carvalho, comerciante; João Vicente Tormenta, ferroviario; José Catarino, funcionario publico; Manoel Fernandes, artista manual; Manoel Henriques Pereira, funcionario publico; Manoel João de Sena, operario municipal; Manoel Rodrigues Junior, comerciante; Manoel Covitas, constructor civil; Mario Costa, funcionario publico; Saul do Nascimento Rodrigues, grafico.

A provincia n'A CAPITAL

Figueira da Foz, 25—Acedendo a uma ideia sugerida pela redacção do jornal local *O Figueirense*, a Associação Comercial e Industrial da Figueira vai realisar no proximo mês, com com o maior luzimento, os tradicionais festejos a S. João. Consta-nos que está selecionada e aprovada a formula do programa a efectuar, cujos pontos principais serão os seguintes: festa religiosa, cavalhadas, o praxista e indispensavel banho santo, que durante um comprido ano livrará de maleitas e doenças quejandas, desportos variados, serenata fluvial organisada pela A. N. 1.º de Maio, ranchos, etc, etc.

Esta festa vai chamar, certamente, milhares de forasteiros, principalmente da Beira, tanto mais que a Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta vai estabelecer, dos dias 23 a 26, novo horario dos comboios a preços reduzidissimos. A Associação Comercial tem encontrado, da parte do comercio, do publico e da imprensa, o acolhimento mais favoravel a tão feliz ideia.

—Ainda se encontram em greve as costureiras de varios *ateliers* desta cidade, que exigem 50 O0 sobre os salarios atuais. As dirigentes patronais concedendo o aumento e pedindo, em troca, 10 horas de trabalho, teem sido infrutiferos.

Exposição de tenias

O Laboratorio Farmacologico de J. I. Fernandes & C.ª tem em exposição uma variada colecção de solitarias, que teem sido expulsas com o novo preparado *Solitarina* fornecido pelo mesmo estabelecimento e que é depositario exclusivo Raul Vieira Ld.ª, R. da Prata 51-2.º

THEATROS

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

Teatro Politeama

Ele, ela... e ele—1 acto de R. Braco, trad. de Alberto Morais.

Amavelmente convidados pela empreza, assistimos ao ensaio geral da interessante comedia de Braco que ontem subiu á scena em festa de Othelo de Carvalho.

O entrecho é facil de adivinhar. «Ele... ela... e ele», marido, mulher... e o primo, ou o inicio duma outra farça a que se poderia dar o estafado titulo, «Marido, mulher e amante» ainda ha pouco utilisada por Sacha Guitry.

Mas, a peça de Braco é interessante e leve, devendo ainda o agrado que vai ter ao seu desempenho cuidado e inteligente.

Othelo de Carvalho, o festejado, diz com graça e naturalidade, Isilda de Vasconcelos, muito bem na figura de mulher... eternamente mulher, e Luiz Monteiro, um marido, tolerante e amigo do seu amigo.

A encenação muito cuidada, revelando carinho da parte de Araujo Pereira que se dispõe a saír dos velhos e batidos processos de encenar.

A tradução corrente; apenas um «te adoro» fero os ouvidos, em determinada frase.

Armando Ferreira

A recita de caridade em S. Luiz

O Solar dos Barrigas por senhoras da sociedade.

Devido a um destes requintes da mais extrema amabilidade, tivemos o ensejo de assistir á recita de caridade organisada pela infatigavel e distinta Ex.ma Senhora D. Maria Domingos de Sousa Coutinho. Confessamos, com a sinceridade que nos caracterisa, que a nossa alma de artista se impressionou profundamente. As pessoas, que nos honram lendo as nossas mal alinhavadas criticas, devem ter compreendido que não sabemos adular, nem a adulação faz posto no nosso caracter, dizemos o que na realidade sentimos.

Desassombradamente, pois, diremos da bela impressão recebida ante-ontem na 2.ª recita do «Solar dos Barrigas». Falar do valor da peça e da sua musica seria repetir o que tantamente se tem dito; a musica é fina, por vezes inspirada e sempre definindo bem as situações.

A fusão admiravel, a juventude, a verbe, a vida, o encanto que a cada gesto, a cada frase imprime esse soberbo grupo de senhoras e cavalheiros da nossa primeira sociedade, a sobriedade e principalmente a intelectualidade que profundamente paira naquele palco—é o que deveria ser o Teatro.

Que encanto ensaiar, fazer mover coristas assim!

Sempre que no 1.º acto esse bando de andorinhas de limpidas e frescas vozes entrava em scena, aclamando o tão esperado Trajano, sentiamos a sensação de viver n'um paiz de sonho, onde a arte é arte e não um mytho como infelizmente encontramos nos teatros profissionaes.

Por mais que se queira não se conseguirá nunca em teatro algum do mundo obter das massas corais o conjunto que tivemos a ventura de admirar. Um artista pode ter um verdadeiro temperamento, mas se não tiver «base», a cultura da sua intelectualidade, nunca poderá atingir a perfeição.

As coristas profissionaes movem-se convencionalmente, (quando se movem) os seus gestos são estabelecidos, determinados; as que vimos no S. Luiz sabem imprimir tanta vida, tanta personalidade, que em cada uma e principalmente nas senhoras (perdoe-nos o sexo a que chamam forte) se revela uma intelectualidade, um ser que sabe sentir e compreender a razão do que exprime e o porque!

Que ideal seria o teatro assim!!

Citaremos um exemplo de relevo dado pelas ilustres amadoras dos coros, para não enumerar todos os trechos. Quando Manuela e Ramiro, envolvidos no seu amor nada vêem e passam as bestas para a igreja cochando o nada dizendo, não se conseguindo mesmo debaixo do tradicional capote e lenço descobrir as belas faces rosadas, a forma como o fazem é tal, dão um relevo tão especial aos seus movimentos todos sinceros e dizem-nos tanto que o espectador prende-se a esses vultos de velhinhas ou quais revelam cerebros que pensam, almas que vibram, intuições elevadas.

Na distribuição de todos os papeis nota-se o superior criterio de quem a dirigiu.

A Sr.ª Condessa de Santar prestou a sua filha a fidalga d'Arronches.

As ex.mas sr.as D. Berta Guimarães e D. Laura Reis Ferreira perdõem se lhes chamamos «artistas de raça».

O sentimento, o talento invulgar da primeira vivo e anima a sua personagem, a que se entrega de corpo e alma; a graça sedutora da segunda vehemente o doce, elegante e segura, dão-nos direito só de as classificar assim, como de lamentar que o não sejam!

D. Berta possue uma linda voz avelludada que mereceu com escola; D. Laura acaricia-nos com o seu canto suave e fino.

D. Assunção Mendonça Cyrne (Figaro) elegantissimo dispõe de meios vocaes lindos e vibrantes agudos.

D. Anna Mendonça Cyrne (Procopia) revelou-se uma atriz comica nova.

Esta já excedo o espaço destinado ás criticas, portanto os executantes que nos desculpem.

Todos, incondicionalmente, nos respectivos papeis de Trajano, Agapito, Mesuras, Pescadinha, etc., admiraveis.

Ao ex.mo sr. Luiz Gama não perdoamos que não seja um profissional; como nos recordou o chorado actor Valle! Rimos a bom rir, aplaudindo com entusiasmo, aplausos que n'estas linhas repetimos envolvendo n'ellas o genial ensaiador José Ricardo, tão justamente aclamado.

Maria Judice

NOTICIAS DA CAPITAL

Pão improprio para consumo

Sob prisão, deu hoje entrada no governo civil o dono da padaria da rua Gonçalves Crespo, 50, sr. José Marques Meiro, em virtude da analise ter declarado impropria para o consumo uma porção de pão que ali foi apreendido ha dias pelos fiscais do ministerio da agricultura, srs. João da Silva Araujo e Francisco Inacio Gonçalves.

Soma e segue...

Na enfermaria 4, do hospital de S. José, deu entrada, em estado gravissimo, o menor de 10 anos João José Pereira, residente na rua da Boa Vista, 4, que na rua do Sol ao Rato foi atropelado por um automovel pertencente á casa Palmela.

Prisão do «Olho de Vidro»

Esta manhã, foi preso por desobediencia, pela policia de segurança, quando pretendia n'uma «bicha» de tabaco, avançar á frente das outras pessoas, o conhecido gatuno de gabardines e sobretudos, Jayme Alvaro Machado Trindade, o «Olho de Vidro, de Setubal», com largo cadastro na policia.

Quando passava pelo pateo do governo civil, foi reconhecido pelo agente Albertino Ferreira, que já ha dias andava em sua procura, por ter em seu poder uma porção de queixas de furtos de gabardines, e sobretudos, por ele praticados, ficando á ordem da policia de investigação.

—Tambem foi preso pelo agente Albertino o companheiro do Olho de Vidro, de nome José Carvalho residente na rua Gomes Freire.

Exportação de milho colonial

O sr. ministro das colonias ordenou ao governador de Moçambique que apenas permita a saida de milho daquela provincia, quando se destine á metropole ou abastecimento de outras colonias portuguezas.

Para o estrangeiro só poderá ser exportado o milho avariado ou incapaz de resistir a uma longa viagem.

«Doida, não!»

A Capital publicará amanhã uma carta que lhe foi dirigida pela sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, em que essa senhora expõe os motivos que a levaram a não guardar silencio sobre o drama em que está envolvida.

A luva vermelha

Depois de Eddie Polo, o artista mais popular e querido do nosso publico, só a sua gloriosa companheira de tantas peliculas celebres, a insinuante e valorosa actriz Maria Walcamp, poderia aparecer no lindo ecran do elegante Salão Central. E se Polo, o grande Polo, no *Rei do Circo*, fez as delicias de Lisboa inteira, outro tanto vai suceder com a intrepida Maria Walcamp, unica no seu genero, na fita monumental *A luva vermelha*, cujos primeiro e segundo episodios, respectivamente, *A Lagôa Misteriosa* e *Serenidade e Arrojo*, já foram exibidos no Central e ali estão atraindo numerosa e seleta concorrencia. A estes junta-se no programa—o conhecido delicioso drama *Segredo do Missal* e *Carnavalesca, film* de extraordinario sucesso.

ULTIMA HORA

CONGRESSO

Nos Deputados

Durante minutos vê-se na presidencia o sr. Eduardo de Souza a quem alguns deputados felicitam particularmente por esse facto.

Volta depois ao seu logar o sr. Sá Cardoso, não sendo precisa segunda chamada por estarem presentes 59 deputados.

O sr. Costa Junior pede que a presidencia remeta á Comissão do Comercio e industria, a fim d'esta dar o seu parecer, a representação que os mougeiros enviaram á Camara.

O sr. Alberto Cruz pergunta para onde vão as madeiras que da sua região saem para os lados de Hespanha.

Chama depois a atenção do sr. ministro da guerra para os prejuizos que resultam para o agricultura dos constantes alistamentos para a guarda republicana.

O sr. coronel Aguas promete transmitir as primeiras considerações ao seu colega do comercio, e quanto ás segundas fará o mesmo para com o sr. ministro do interior a quem o caso está afecto.

Vota-se depois o credito destinado a varios serviços militares já efectuados.

Usa em seguida da palavra o sr. Ferreira Diniz que se felicita pela patriotica campanha que se vem fazendo em prol das nossas colonias. Para auxiliar essa campanha envia para a meza um projecto de lei organisando um Congresso Colonial para nele se discutirem os problemas que ás mesmas interessam.

A sessão continua.

No Senado

Aprova-se um voto de sentimento pela morte do velho republicano sr. Dionisio dos Santos Silva, depois do que os srs. Machado Serpa, Vicente Ramos e ministro das finanças discutem a proposta ministerial sobre os novos aumentos da contribuição industrial, que defende, e aqueles senadores dão como inexequivel e atrofiadora de todas as industrias, principalmente das pequenas.

Nesta altura está falando sobre importação e exportação o sr. Bernardino Machado.

Na ordem do dia continuará em discussão a proposta dos altos comissarios.

Violento incendio no entreposto de Santos

Prejuizos de 1500 contos

Esta tarde, pouco depois das 16 horas, manifestou-se incendio nos armazens pertencentes á firma ingleza Wiess & C.ª, instalados no terreno da Exploração do porto de Lisboa, em Santos, ardendo grandes rimas de sacas de enxofre e grandes pilhas de madeira de casquinha que ali se encontravam. Os prejuizos estão já calculados em 1.500 contos.

No local compareceu todo o material de incendios municipaes e voluntarios, sendo os trabalhos dirigidos pelo Comandante, sr. Parente, e seu ajudante chefe Carvalho.

A circulação dos comboios foi interrompida desde o Cais do Sodré até á estação de Santos, partindo d'aqui todos os comboios para Cascais.

No posto de socorros da Cruz Verde, que foi instalado no local do incendio, já se curaram varios feridos, entre êles os bombeiros voluntarios n.os 34 e 26 da 2.ª secção e n.º 20 da 1.ª, assim como José Mariano e Antonio Simões.

O Aterro está cercado por forças da guarda republicana e policia, para impedir o transito.

A' hora de fecharmos o nosso jornal continua o incendio, por não haver areia nem terra para o apagar, sendo apenas atacadas com agua as pilhas de madeira.

3529

CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3528—10.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redação e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Sabado, 29 de Maio de 1920

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina da impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

O cáos na Administração Militar

Informações do ministerio da guerra a varios colegas nossos inserem a nota de ter o sr. ministro da guerra já reconhecido ha tempos as circunstancias apontadas no nosso artigo editorial de 26 do corrente, intitulado «Em cada cem oficiais do exercito 27 são oficiais superiores» e ter introduzido, para as remediar, na lei n.° 971 a paralisação completa das promoções nos quadros em que haja supranumerarios, atribuindo o grande excesso de oficiais nos diferentes postos ás necessidades da guerra e a disposições legaes da equiparação para alguns quadros que já foram, todavia, suspensas com o fim de os normalisar.

Com efeito, a guerra perturbou bastante os quadros de oficiais e não só as disposições de equiparação já suspensas, mas outras ainda, como as que regulavam a promoção dos oficiais do estado maior, concorreram em grande parte para o excessivo congestionamento dos quadros dos oficiais. Não nos parece, porém, que a paralisação das promoções seja remedio justo para o mal. Remedio é, com efeito, mas impregnado d'um tão fundo espirito de injustiça que nos custa a crêr que o sr. ministro da guerra persista n'ele.

Depois de se terem regalado algumas centenas de oficiais com os beneficios provenientes da guerra, vá lá, passe o motivo da guerra, e das disposições acima aludidas e de varios outros expedientes de promoção que foram tão longe que ha hoje no exercito tenentes coroneis com 36 anos e majores com 30, para falar só n'estes dois postos, com que direito e autoridade se ha-de dizer aos outros oficiais que vieram depois: Para calar os justos reparos do paiz ao nosso rapido avanço, fiquem vocês, até envelhecer, nos postos subalternos!

Não, isso não! Suspender as promoções! Com que direito vai o Estado anular a unica garantia séria da vida militar? E sem esse estimulo da promoção, como quer o Estado continuar a ter oficiais? Como quer o Estado ter um exercito em que os oficiais não avançam na sua carreira?

Não diziamos nós ha dias, n'um artigo que o sr. ministro taxou de falso e tendencioso, que o Estado precisa de usar de boa fé em todos os seus actos e que a falta de respeito pelos seus compromissos o tem desconceituado dentro e fóra do paiz? Pois ahi está mais uma prova, mais uma verdade d'aquele nosso artigo que o sr. ministro da guerra taxou de falso e tendencioso, mas que o sr. ministro do comercio confirmou n'esse ponto, quando declarou ha dias a alguns parlamentares que os paizes estrangeiros não nos consideravam na distribuição do carvão por falta de confiança.

O Estado prepara-se agora para faltar aos compromissos tomados nas suas leis para com os cidadãos que ingressaram no exercito como oficiais, suspendendo-lhes as promoções;

Bonita perspectiva para eles—vencimentos miseraveis e suspensão de promoções.

* * *

O que seria para desejar é que se não tivessem empregado os mil e um expedientes de promoção e que se não tivessem promulgado as tais disposições que levaram a tenentes coroneis, oficiais que normalmente deveriam ser ainda capitães. O proprio sr. ministro seria ainda major. E' coronel e prepara-se para o exame de general.

Dirá ele a isto, porém, que não é sua responsabilidade de tais factos.

E' verdade. E aproveitamos o ensejo para desfazer um equivoco em que muita gente labora e até, ao que parece, o proprio sr. ministro da guerra. Nenhuma má vontade nos anima contra o sr. Estevão Aguas. Se a ele nos referimos, é por ser ele o titular da pasta da guerra.

Se outro a ocupasse, seria esse outro o visado pelas nossas considerações.

Posto isto, continuemos. A questão principal não é o grande numero de oficiais, não é o excesso de oficiais nos quadros, porque isso é já uma consequencia de outra questão bem mais grave—o caos na administração do exercito confessado pela propria comissão do orçamento.

Esta comissão não póde fazer um trabalho completo *por falta de elementos*. Isto sim, isto é que é muito grave!

Não ha elementos para se elaborar um trabalho completo sobre o orçamento do ministerio da guerra!

Não somos nós quem o afirma. E' a comissão do orçamento no seu respectivo parecer, relativo áquele ministerio.

D'essa confusão de contas provém todos os males, d'esse caos tudo é de esperar.

Portanto, em vez de praticar a injustiça do suspender as promoções de oficiais que nenhuma culpa tem do estado de confusão a que tudo isto chegou, que nenhuma responsabilidade tiveram na promoção de relampago de algumas centenas de felizes oficiais, o sr. ministro faria obra mais util, dedicando-se de alma e coração a pôr em ordem os serviços da administração militar. Bem sabemos que é tarefa cheia de dificuldades, pois é a propria comissão do orçamento a dizer no parecer já citado que esses serviços chegaram a tal estado de desorganisação que dificilmente se porão em ordem.

Mas o oficio de governar sempre foi arduo e eriçado de dificuldades.

PRESOS POLITICOS

O que sobre a anistia pensa o sr. dr. José de Castro

Deve ser acompanhada duma anistia aos soldados do C. E. P. condenados pelo crime de rebelião—Um duplo acto de justiça

Volta á tela da discussão o projecto de amnistia aos presos politicos. Entendemos que sobre ele deviamos ouvir o ilustre jurisconsulto sr. dr. José de Castro, que, pela sua indefectivel fé republicana, mesmo pelas perseguições de que foi victima no tempo do dezembrismo, tem especial autoridade no assunto.

Recebidos com captivante amabilidade, perguntámos:

—Pode V. Ex.ª dar-nos a sua opinião sobre o projecto de amnistia, de que se fala?

—Li com efeito nos jornais de ontem que o meu velho amigo e correligionario, na Republica, sr. dr. José Jacinto Nunes havia apresentado no Senado uma proposta de lei d'amnistia para os crimes politicos.

«Comquanto, como homem, seja sempre inclinado á tolerancia para todas as opiniões sinceras, reconhecendo aos outros o direito de livremente pensarem, como politico sou dominado pelos principios da justiça que condena todas as violencias, todos os crimes. Por mim pessoalmente posso perdoar as ofensas recebidas; como membro da sociedade sou solidario com ele não posso determinar-me senão quando um sentimento de justiça anima o seu criterio.

«Numa epoca, verdadeiramente extranha, fui atirado para o calabouço, para a casa-mata e para uma fortaleza; meu filho chegou a estar preso na Penitenciaria de Coimbra e andou depois homisiado; minha mulher e minhas filhas, nora e neto assistiram a uma busca feita em minha casa. Pois de tudo isso só me resta a magoa do que por mim sofreram os meus, — as pessoas minhas amigas, e aquelles correligionarios que foram tratados como feras. No que estou dizendo não vai um laivo sequer de odio, um desejo de vingança. Nas prisões, embora revoltado, nunca senti sequer desenhar-se um desejo de represalia. Mas o meu espirito de juridico pedia justiça.

«Justiça contra os que vergastaram com cavalos marinhos presos politicos! Justiça contra os que espancaram dentro das cadeias cidadãos inermes! Justiça contra os que intrigaram nos jornais, criando uma atmosfera de odio! Justiça contra os que, sem respeito pela dignidade propria, enxovalharam, mentindo, a dignidade dos outros! Justiça contra os que assassinaram presos politicos com todos os requintes de ferocidade e de traição!

«E essa justiça ainda não está feita.

«Mas não confundamos.

«Dos que compunham a colectividade que por um momento governou pelo terror, faziam parte homens, cujo delicto foi serem adversarios da Republica e contra ela tomarem armas. Esses, com excepção dos que praticaram delictos comuns e que ainda estão por julgar por haverem fugido para o estrangeiro, já responderam. As suas responsabilidades estão liquidadas. Mas a liquidação para muitos foi desegual e por vezes iniqua. Em nome do direito urge emendar esses erros juridicos. No meio dos condenados ha homens que pelo seu passado, pelas suas virtudes e distinctas qualidades merecem o respeito de todos. Estes não podem nem devem confundir-se com os bandidos que espancaram e defraudaram o Estado. Não! Sejamos justos. Estes merecem a amnistia. Esta não será um favor, mas o reconhecimento do apreço que a Republica presta aos seus adversarios politicos.

«Feita esta distinção, eu concordo com a amnistia.

«Agora me veem á mente essas dezenas de soldados nossos que estiveram no «front» na França e na Flandres e, condenados, andam dispersos pelos sujos e anti-higienicos presidios. Pobres soldados! Quantas vezes com a alma alanceada tenho procurado, junto de quem muito bem poderia, conseguir o perdão para esses desventurados!

«Porque foram condenados esses soldados pelos quaes eu m'interesso?

«Pelo crime de rebelião.

«Ha dias um distincto oficial do nosso exercito, sr. Cassiano José da Cunha, porque tambem esteve no «front», dizia numa entrevista, inserta no «Seculo»:

«Os actos de rebelião, esses tristes episodios, improprios do nome do nosso soldado, e que não foram só do nosso exercito, mas de quasi todos, só apareceram «quando eles, exgotados», abatidos moralmente, com as mil agruras do «front, vendo os seus camaradas dos exercitos aliados revesarem-se amiudadas vezes nas trincheiras, constataram com dôr e com revolta que os não rendiam nos seus postos» e mais «que em Portugal» as «forças se revoltaram» para não irem para a guerra e por cá ficavam, «colhendo os louros do seu heroismo.»

«Foram criminosos esses homens?

«O mesmo distincto oficial responde: Não serei eu que negarei essa verdade; mas que digam as pessoas de bem, as pessoas de são pensar, se depois de serem amnistiados, reintegrador, e até premiados muitos dos que ahi se revoltaram aos gritos de: «abaixo a guerra»; depois de terem sido amnistiados os que desertaram para não irem a França, depois disto tudo que foi uma afronta ao brio do nosso exercito, seja-me licito perguntar se é lógico, se é decoroso, se é decente que a ferros continuem soldados que cometeram faltas, é certo, mas que tambem praticaram heroismo, homens que a lei pune, mas a quem a Patria, comovida, agradece muitos actos de valor..»

«Estas palavras ditas por um oficial que se bateu no «front» teem um altissimo valor e actuam comovidamente nos corações de todos os que ainda não perderam a sensibilidade moral.

«A amnistia para estes homens, alguns dos quaes são condecorados com a cruz de guerra, impõe-se.

«Se eu estivera no parlamento defenderia as duas amnistias com a consciencia de que cumpria um duplo dever.

«Eis a minha opinião com respeito á proposta sobre que me interrogou».

Estava terminada a entrevista. Agradecemos ao sr. dr. José de Castro e viemos transmitir aos leitores de «A Capital» a sua opinião, que tem alto valor, por vir de quem vem.

UM CASO TRISTE...

Foi regeitada na Camara a urgencia para o projecto dos milicianos!

O deputado sr. Manuel Fragoso requereu hontem na sua Camara urgencia para a discussão do projecto que diz respeito aos milicianos, e requereu esta urgencia n'uma altura em que a Camara não tendo a presença do sr. ministro das finanças tinha que pôr de parte o assunto que estava tratando.

Esta urgencia, diga-se isto alto e claro, só teve os votos do partido democratico! Nem os reconstituintes, nem os liberais, nem os socialistas a votaram! E por entre os apartos asperos, violentos, mas justificados, do deputado Manuel Fragoso, a Camara regeitou uma urgencia que representava para essa mesma Camara um acto de justiça...

Ora já que estamos com a mão na massa, historiemos o caso dos milicianos que vale a pena.

Um ilustre oficial do exercito, dos mais distintos e dos mais sabedores, o sr. tenente coronel Mendes dos Reis, que por sinal era o ministro da guerra do ministerio Fernandes Costa, e que tem assento no Senado da Republica, na bancada dos liberais, estudando o assunto, com carinho, com conhecimento de causa e com indiscutivel fé republicana, apresentou no Senado um projecto de lei regulando, difinindo e marcando militarmente a situação dos oficiais milicianos. No dia porem em que o projecto foi dado para a ordem do dia, o sr. Helder Ribeiro, então ministro, apresentou na Camara dos Deputados a sua proposta, fazendo com que o projecto do Senado aguardasse ali a discussão e a aprovação do seu. Como este baixasse ás comissões, organisou-se um contra-projecto em cuja elaboração tomou parte o sr. tenente coronel Mendes dos Reis que já hoje, sabemol-o de mais autentica parte, lhe introduzirá profundas emendas quando a discussão se fizer.

Nos deputados porem era o projecto dado para ordem da noite da sessão nocturna de 19 de dezembro de 1919.

E d'ahi até hoje o misero e infeliz projecto tem corrido todos os numeros da respectiva escala, n'uma vergonhosa farandola, era o n.° 2 era o n.° 3, amanhã o n.° 9, é nunca o n.° 1. E até já se tem dado o caso, sob as vistas protectoras do sr. coronel Sá Cardoso e a má vontade flagrante do sr Baltazar Teixeira, do projecto desaparecer da escala... *por esquecimento!*

Que o sr. Baltazar Teixeira *se esqueça* do projecto dos milicianos, está certo, porque enfim, o sr. Baltazar, amezendado nos *feauteuils* das suas muitas sinecuras, ainda não teve tempo para avaliar o enorme esforço dos milicianos em prol da Patria nos Campos da Flandres, e nos terrenos ensanguentados de La Lys. Mas o sr. Sá Cardoso! Mas o sr. coronel Sá Cardoso, que fez parte do nosso C. E. P., que conviveu de perto com os nossos milicianos, que poude avaliar «mano a mano», como eles se bateram, como eles foram disciplinados e heroicos, aguentando os embates da horda teutonica com uma inquebrantavel fé nos destinos da Raça e no triumpho da Republica!...

Como é que a Camara, como é que o partido do sr. major Alvaro de Castro, como é que o partido do sr. Antonio Granjo—do miliciano sr. Antonio Granjo!—regeitou hontem a urgencia para o projecto dos milicianos, dos valentes rapazes que tudo sacrificaram pela guerra, d'esses que, emquanto o sr. Balthazar Teixeira, que agora se esquece do projecto para o incluir na ordem do dia parlamentar, honravam a Patria e a Republica, engrandecendo o nome de Portugal ao lado das tropas heroicas de French e de Joffre, e contribuindo com o sacrificio do proprio sangue para a gloria d'um Portugal maior!

Regeite-se no entanto. Houve um deputado—o sr. Manoel Fragoso—que viu a injustiça deprimente que se tem feito aos oficiaes milicianos relegando-os para o numero das coisas sem importancia. Houve um partido —o democratico — que pretendeu honrar a Republica e votou a urgencia necessaria para que o projecto se discutisse. E houve uma Camara que se colocou ao lado do confessado desprezo do sr. Helder Ribeiro e que regeitou essa urgencia. Registe-se ao menos isto!

Seria logico perguntar ainda o que faz em todo este caso o sr. coronel Aguas? Ora essa! Não faz nada—no seu olympico despreso pelos milicianos... e pelos jornaes!

O desenvolvimento de Angola

Depende da construção de caminhos de ferro. Os que urge construir desde já

— Prometti hontem — continua o nosso amigo sr. Botto Machado — dizer o que era necessario fazer-se a bem do problema colonial que vimos estudando.

«Quanto a mim a questão resume-se n'isto:

«Feito novo accordo com a Companhia d'Ambaca, de que resultasse a posse legitima para o Estado do Caminho de Ferro de Loanda a Ambaca, facil seria contrahir um emprestimo destinado: *Primeiro:* — Dotação da linha com o preciso material fixo e circulante. *Segundo:* — Fazer as rectificações já estudadas no traçado entre o kilometro 10 e Catete e entre Catete e Cassoneca, deixando ficar como ramal a parte que vae de Catete ao Cunga prolongando-o até ao rio Cuanza. Todos estes trabalhos são de extrema facilidade e barateza; não tem obras d'arte e, pelas condições do terreno, é pouco mais do que assentar a linha. Encurtaria 50 kilometros, aproximadamente, na exploração, sem prejuizo de maior para as localidades que deixavam de ser servidas—Cacuaco—Quifangondo — Funda e Cabiri, as quaes teem todas via fluvial.

«Estes trabalhos deveriam ser feitos por administração do Estado, utilizando n'elle a engenharia militar, auxiliada por tropas indigenas. Necessario se tornava ter em vista que as linhas de Ambaca e Malange são de 1,m00 e que a bitola das linhas da Africa do Sul é de 1,m067 e que as travessas metalicas a empregar de futuro deviam ser em condições de se poder fazer o alargamento, caso n'isso houvesse vantagem.

«*Terceiro:* — Prolongamento da linha de Malange. Depois de feita a rectificação da linha e do prolongamento do ramal Catete — Cunga — Cuanza, que resurgiria a região do Dondo e para melhor aproveitamento das energias coloniaes, conviria dar a uma companhia a exploração dos caminhos de ferro em conjunto com a navegação fluvial e o porto de Loanda, estabelecendo imediatamente o serviço de navegação entre Loanda e Cunga, salvaguardando muito criteriosamente os interesses da colonia ficando na mão do Estado o direito de possiveis aumentos ou reduções de tarifas.

«Para chegar a este resultado insisto em que é necessario modificar, com a maior urgencia, o estado actual das relações entre o Governo e a Companhia d'Ambaca, de modo a acabarem pleitos, substituindo estes por medidas mais consentaneas com a bôa administração e o bom nome dos contratantes. Ponto em vergonhas. Ponto em caprichos irritantes e perturbadores.

—E que mais?

—Vae vêr. Outro ponto a ter em vista para bôa administração e redução do encargo futuro na liquidação com a Companhia de Ambaca, seria, para já, o da compra de obrigações pelo Estado. Bastava talvez tratar com os reclamantes a que já me referi. Surge a dificuldade de fundos para essa compra? E' certo, mas não seria dificil ao Governo aplicar n'essa compra o saldo do fundo de repatriação do cofre dos serviçaes e colonos da colonia de S. Thomé e Principe, d'onde já sahiu capital para compra de algumas obrigações que estão na posse do Estado.

«Não chegava o saldo actual depositado no Banco Nacional Ultramarino, creio que sem juro? Ainda a propria colonia de S. Thomé podia realizar a compra do excedente, vindo depois essas obrigações a servir-lhe de caução para o levantamento de dinheiros para os seus planos de melhoramentos futuros. O juro em ouro das obrigações da Companhia de Ambaca dava de sobra para o encargo do emprestimo preciso para a sua compra. Esta operação de compra de obrigações devia ter a prioridade ou conjuga-la com a liquidação a fazer com a Companhia de Ambaca para o arrendamento.

«Não quero deixar de acentuar aqui que o Estado acusava a Companhia de Ambaca de que as suas elevadas tarifas embaraçavam o desenvolvimento da riqueza publica da Provincia, mas o mesmo Estado aplicou as mesmas tarifas, á sua linha de Malange, e que, tendo o direito de modificar essas tarifas apenas uma vez usou d'elle para o café. E' que a administração do Estado, em regra, é sempre peior que a dos particulares e por isso alvitro que a exploração dos Caminhos de Ferro, porto de Loanda e navegação fluvial com os Caminhos de Ferro conjugada seja adjudicada a quem queira fazê-lo bem, tendo o Estado participação nos lucros e bem salvaguardados os interesses da colonia. Esta Companhia ficaria sómente com a exploração ficando a construção para ser feita por conta do Estado, por empreitada ou como melhor convenha aos seus interesses.

—E que vantagens havia em tudo isso?

—Eu lhe digo. Estas melhorias de condições da linha de Ambaca trariam para já vantagens enormes. Alem da redução de fretes em um encurtamento de 50 kilometros, auxiliaria consideravelmente a exploração das minas de carvão do Senze do Itombe, que pelas novas e melhores condições de tração melhormente viria ao porto de Loanda. Com o ramal Catete—Cunga—Cuanza, cuja primeira parte ficaria da linha actual, reviveria a região do Donde e aproveitava-se com muito maiores vantagens o valle do Cuanza tão adaptavel a diversissimas culturas e onde melhoraria as condições de producção da grande fabrica de assucar do Bom Jesus.

«Em 1908 foi feita a tentativa d'este ramal ligado com a navegação do Cuanza. Foram feitas tarifas e esteve funcionando, mas como no nosso systema de administração colonial só é bom o que cada um faz, quem vem critica, altera e elimina. Assim aconteceu. A região marginal da Quissama e o Libolo ficariam melhor servidas e não são nada para desprezar os seus recursos.

—Que mais era necessario fazer?

—Posto o Caminho de Ferro de Ambaca no pé em que o deixo é necessario pensar imediatamente em dar execução á rêde ferro-viaria subsidiaria da linha Loanda—Malange—Lunda. Sendo esta linha de penetração, não pode servir nem fomentar regiões riquissimas que lhe ficam dos lados, a grandes distancias da linha. E' necessario, pois, construir sem demora os seguintes caminhos de ferro: 1.°—do Senze do Itombe, para norte, que vá servir um ponto comercial, denominado Calunga, que foi base de operações da ultima expedição aos Dembos, atravessaria o rio Lombige onde ha, segundo experiencias, ouro a explorar. Atravessaria a região dos Dembos, pondo côbro ás rebeliões gentilicas que muitos milhares de contos teem custado em expedições, e, seguindo a S. José de Encoge, riquissima região propria como toda a que atravessaria para as culturas de borracha, café e mantimentos, aproximar-se-hia da fronteira Belga. 2.°—Partindo do Canboca que vá servir Cambondo, Golungo-alto Duque de Bragança, pontos comerciaes e agricolas de importancia, seguindo por as ricas regiões da Ginja e Mahungo aproximando-se quanto possivel da fronteira Belga, junto ao Forte de D. Luiz.

«Deste caminho de ferro foi já reconhecida a necessidade da sua construção e começou-se, mas com a bitola de 0m,60 e creio que para terminar no Golungo-Alto. Julgo mais conveniente a uniformidade de linhas pela inconveniencia da duplicidade de material e dos transbordos. 3.°—Em frente do ramal de Catete—Cunga—Cuanza ou dentre este ponto e Dondo, devia partir para sul outro caminho de ferro que servindo a Quissama, Libolo, Amboim e Baiiundo a entroncar na linha de Benguella ou de preferencia, que do Amboim baixasse ao Selles, indo terminar no Lobito. Este caminho de ferro para mim de grande futuro e importancia, pacificaria a Quissama e Selles, este ultimo ainda agora em rebelião. Teria tambem a vantagem de ligar Loanda com Benguella por terra. 4.°—Um pequeno ramal que partisse da linha de Malange, entre Quella ou Malele, fosse servir Pungo-Andongo.

«São estes no meu entender os principaes caminhos de ferro a construir e ficaria servido todo o interland de Loanda ao norte e ao sul do Cuanza, de maneira a, em pouco tempo, o fomento d'esta região atingir o maior desenvolvimento e riqueza. Mas já agora fica ainda o resto para outra entrevista.

Ao sr. ministro das finanças

A situação dos professores estagiarios

Sr. director d'*A Capital*: — Permita V. que, num cantinho da sua muito lida *Capital*, eu chame a atenção do sr. ministro das Finanças para a situação dos professores «estagiarios» dos Liceus — situação que julgo não só deprimente para a classe do professorado secundario como desprestigiante para o regimen da Republica, que deve procurar fazer das classes intelectuais o seu esteio moral mais forte.

A questão é esta: depois dum curso longo (7 anos de liceu, 4 a 5 anos de uma escola superior ou especial e 2 anos de Escola Normal Superior) — os professores do Liceu, na situação de «estagiarios», vêem-se na contingencia de estar dando aulas em estabelecimentos de ensino, onde os continuos que fazem a chamada ganham aproximadamente o dobro do que eles proprios auferem. Uma simples pergunta: E' moral uma situação destas? Pode-se admitir que hoje alguem se sustente com 56 escudos mensais? Poder-se-ha objectar que estes professores estão ainda no ultimo anno da E. N. S. da Universidade de Lisboa, e portanto são «alunos». Perguntamos então: Será moral admitir que um rapaz possa estar, depois de um curso de 16 anos, o que quer dizer com uma idade minima de 24 a 25 anos, dependente materialmente de segundas pessoas — visto que se lhe prohibe o magisterio particular durante esse ano de estagio? E mais ainda: com que direito se lhes pode regatear uma situação que já foi creada para os professores provisorios, que lhes estão por lei equiparados, — e em nome de que principio, depois de os ter um ano a reger aulas por metade do que ganha um continuo, se lhes exige uma propina de 82 escudos e um diploma que custa 109...?

Agradecido sr. director, creia-me de V. etc. — *Leitão de Barros*, aluno da E. N. S. da Universidade de Lisboa.

Conferencia no Teatro Apolo

O deputado sr. Cunha Leal faz amanhã uma conferencia, pelas 15 horas, no Teatro Apolo, sobre a situação economica do Paiz e sobre o alcance das propostas do sr. ministro das finanças.

A entrada é livre.

Sabendo-se que o ilustre parlamentar costuma tratar assuntos desta magnitude com toda a proficiencia, e, sendo neste momento grave para o equilibrio economico e financeiro do Paiz, o assunto mais momentoso, é legitimo esperar que todos os republicanos conscientes acorram ao teatro Apolo para ouvir a conferencia do ilustre parlamentar.

Segredos a toda a gente

Crise?

Constava hontem, ao pôr do sol, que o ministerio escorregara. E cairá? — perguntava, cheio de curiosidade, tout le monde et son pére. *Peor para ele: ficará. Dizia-se mais—mas em segredo—que fôra o dr. Brito Camacho quem lhe atirara, ao caminho, uma casca de laranja: só para vêr o efeito. Uma blague, afinal. O que não quer dizer, que, entre nós, não haja sempre, mercê da reduzida educação politica dos nossos homens publicos, uma crise latente. Dir-se-hia que em Portugal os ministerios se formam, hoje — com o fim exclusivo de cairem amanhã E' profundamente lamentavel. «Nas democracias — disse-o Edmond Gondinet—ha alguma coisa mais inquietante que a falta de competencia dos governos: é a sua instabilidade».*

A mulher mais bonita...

O Diario de Noticias *publicou, ha tres dias, a fotografia de mademoiselle Agnes Souret*—a mais linda mulher da França. *Pelo retrato tive a impressão que o não era: embora acredite que o seja. Mas a beleza, como todas as coisas deste mundo, é meramente relativa e 195:166 votos não lhe dão, porque não podem dar em caso algum, o caracter absoluto. Não se pode dizer a mulher mais bonita da França; deve dizer-se: uma das mulheres mais bonitas da França. Permitam-me notar-lhes este pequenino quasi nada mas respeitemos a opinião dos que não votaram.*

Hipismo

Inauguraram-se hoje, em Palhavã, com um explendido dia de sol, as primeiras provas hipicas deste ano. Elegancia. Nobreza. Distinção. Por toda a parte revoadas frescas de raparigas, com a saia cada vez mais alta e o decote cada vez mais baixo, ondulando, sorrindo, flirtando, *—e eu não me atrevo a traduzir* flirtando *porque sempre respeitei a virtude delas e sempre guardei as conveniencias deles... Mas porque será que o hipismo, em quasi toda a parte e principalmente entre nós, tem interessado tanto as mulheres?*

Talvez seja já o dizia Rabelais—porque a vaidade de Suas Ex.as gostou sempre de andar em cima de qualquer coisa...

Luiz Guimarães.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

As propostas de finanças

O sr. engenheiro Antonio Maria da Silva, ácerca das propostas de finanças do sr. Pina Lopes, defendeu hontem, no Parlamento, a boa doutrina em materia fiscal. Podem as palavras pronunciadas pelo ilustre homem publico não agradar á grande massa dos contribuintes, mas o certo é que elas traduzem um sentimento de alto patriotismo, que se não compadece com as habilidades repelentes dos corrilhos dementados.

A hora que atravessamos é grave sem ser, no entretanto, irremediavel, ainda que muito peze áquelas que preferiam Afonso XIII a Afonso Costa. E, sendo assim, falsos republicanos são e duvidosos patriotas devem ser considerados os politicos que, consciente ou inconscientemente, animam se não incitam o movimento de reacção em que se lançaram as cognominadas forças vivas para inutilisar a *mise-en-pratique* do projecto de medidas apresentadas ao poder legislativo pelo sr. ministro das finanças. E' aspera esta opinião, mas, não obstante, é inteiramente verdadeira.

O Estado, em virtude da sua actual situação de exgotamento, para se salvar e nos salvar da falencia vergonhosa, não tem senão que lançar mão ou de impostos ou de emprestimos. O desequilibrio do seu orçamento, que é o signal mais eloquente do desarranjo intrinseco e extrinseco da vida colectiva, só poderá atenuar-se nos efeitos das suas nocivas consequencias por meio dum ou de ambos os recursos indicados. Daqui não ha que sair, por mais *souple* que seja a dialectica dos contraditores.

Desta sorte, torna-se preciso, absolutamente preciso, que as propostas do sr. ministro das finanças sejam convertidas em lei o mais depressa possivel.

Entendem certos deputados que elas, alem dos bons principios financeiros que conteem, não pódem ser aprovadas sem primeiro serem modificadas em alguma das suas disposições? Pois bem.

Discutam-nas, mostrem ao paiz, que ainda não a conhece, ou se a conhece conhece-a duramente, a grande bagagem dos seus conhecimentos financeiros, que o governo, que não tem outro desejo que não seja fazer uma administração honrada, aceitará todas as propostas que venham a ser apresentadas e que vizem a melhorar o trabalho que levou ao Parlamento na mais elevada das intenções patrioticas.

Este é que é o unico bom caminho a seguir, tanto no ponto de vista de facilitar a exibição dos talentos financeiros dos deputados que combatem as propostas do sr. Pina Lopes, como no ponto de vista de prestigiar o regime e resgatar o paiz dos enormes perigos que o ameaçam.

O povo sabe-o e saberá pronunciar-se contra todos quantos dele se desviarem.

José de Torres.

Professor Lo Monaco

Este notavel professor da Universidade de Roma auctorisa a direcção do Laboratorio Farmacologico a dar o seu nome ao xarope preparado com hidratos de carbone, contra a tosse, bronquites dispensando-se o emprego do opio. O Xarope Lo Monaco está sendo empregado com grande exito pelos mais conhecidos clinicos portuguêses. Depositario exclusivo Raul Vieira Limitada, rua da Prata 51-3.°.

Dr. Magalhães Lima

Passando amanhã o 70.° aniversario do ilustre democrata sr. dr. Magalhães Lima, grão mestre da Maçonaria Portuguesa, a secção «Solidariedade», do Gremio Lusitano, promove em sua honra uma esplendida festa, que começará ás 15 horas, e na qual tomarão parte alguns dos mais consagrados artistas de teatro.

A' festa podem assistir senhoras das familias dos socios.

A's 19 horas realisa-se tambem um banquete de 150 talheres, em que apenas tomam parte sócios da prestante coletividade.

Propostas de finanças

O discurso do deputado Ferreira da Rocha

Na discussão das propostas de finanças já varios parlamentares falaram, e já sobre a sua palavra os jornaes arquivaram os respectivos extractos. Queremos porém salientar aqui, que um desses parlamentares foi o sr. Ferreira da Rocha, deputado liberal. A sua oração causou em toda a Camara uma impressão profunda. Sobrio, conciso, sem um ataque pessoal, sem um deslise ao aprumo, o deputado Ferreira da Rocha subiu a uma altura, como parlamentar, que é caso para todos nós nos felicitarmos pela alta mentalidade ante-hontem confirmada na Camara, em assumpto de tanta e tão extraordinaria importancia.

Raro se é tão respeitosamente ouvido, e muito raramente tambem se sobe tão alto no conceito unanime de uma Camara. Folgamos em o registar, tanto mais que ao sr. Ferreira da Rocha nos liga apenas o mesmo interesse — o de bem servirmos a Republica.

Assim, este deputado, que já por mais duma vez se havia revelado um colonial distincto, sempre um parlamentar estudioso e correcto, vincou agora fundo o seu logar ao lado dos nossos financeiros de mais competencia e de mais autoridade.

«A Capital», repetimos, folga em registar este facto que só honra e enobrece os homens da Republica.

TRIBUNAL MILITAR ESPECIAL

Respondeu hoje neste tribunal o 2.° sargento miliciano de infanteria 8, Manuel Gomes Monteiro, acusado de ter deixado evadir-se do presidio de Barcellos, na madrugada de 6 de agosto do ano passado, o major José Augusto Mancellos Pereira Sampaio ex-comandante militar durante os acontecimentos do norte.

Foi defendido pelo sr. coronel Jorge Maia.

O reu disse não ter responsabilidade alguma nessa evasão, pois que até á 1 hora da madrugada rondára as sentinelas, que nenhuma penalidade sofreram por esse motivo.

Depuzeram 3 testemunhas de acusação, tendo faltado 6. Não houve de defesa.

Foi absolvido.

Na terça-feira responde o civil João de Sousa Araujo e Mello.

"Doida, não!"

Uma carta da autora deste livro, em que responde á pergunta se não seria preferivel guardar silencio

...oras da tarde. O correio acaba de nos trazer uma carta. Letra de mulher—pequenino, impressionanto, reveladora. Abrimo-la. Firma-a o nome duma senhora ilustre: D. Maria Adelaide Coelho da Cunha. São quatro paginas apenas — rubricadas pelo punho d'um notario de Gaia. Continuação da sua defêsa.

Mas — pergunta-o de novo tanta sente — não será sempre preferivel o silencio nestes casos de coração?

E' a senhora D. Maria Adelaide que lhes vai responder naquele seu estilo duma tão nobre simplicidade e duma tão facil distinção que não nos deixa duvidar um instante do que estamos em presença duma mulher superior:

Sr. director d'A Capital:—Ignorando o nome da pessoa que escreveu no dia 17 a critica ao meu livro «Doida, não!», venho por intermedio de v. dirigir, convida, a essa pessoa os meus agradecimentos.

Ha nessa critica palavras que me fizeram bem o que precisava de que fôssem ditas por mim, nem pelos meus dedicadissimos advogados. A imparcialidade que de toda essa critica resalta anima-me a responder ao ponto em que o cronista diz:—«Mas, não será sempre preferivel o silencio nêstes casos de coração, pregunta-o muita gente...»—

Sim, talvez: se fôsse eu só a sofrer; porque o cronista interpretou tão inteligentemente o sentir do sr. dr. Bernardo Lucas, ao dar publicidade aos apontamentos que lhe forneci para elaborar a minha defêsa, desejo mostrar-lhe as razões porque acedi ao pedido do meu advogado e consenti em os tornar publicos.

Ha 15 mêses que, acusados de crimes que não cometeram, estão, na Cadeia da Relação do Porto, dois homens presos. Um é solteiro; era o amparo de sua velha mãe; o outro é casado e tem três filhinhos pequenos.

Ao primeiro só pode pesar-lhe na consciencia o ter-se apaixonado por uma mulher casada; o segundo apenas tem que lamentar-se por ter, num rasgo de generosidade, aberto as portas do seu lar ao primo e amigo e á companheira dêste.

Acusados de rapto, violação e de haver tido em cárcere privado uma *suposta louca*, há 15 mêses que êsses dois homens, victimas da sua dedicação, se vêem privados da liberdade, sofrendo horrivelmente.

Há 15 mêses que os olhos de uma pobre mãe não cessam de chorar de noite e de dia, que o coração de outra mulher geme de angústia por lhe terem tirado o seu marido, e que três criancinhas gritam pelo pai.

Há 15 mêses que as lágrimas dessa mãe me turvam a vista, como se fôssem os meus próprios olhos que as chorassem; há 15 mêses que os soluços dessa outra mulher me apertam o coração e me asfixiam; há 15 mêses que os gritos dessas crianças me tiram o sono e o socêgo, tornando-me a vida um martirio.

Poderia eu, depois de tudo isto, deixar que continuasse, em volta da minha tristíssima historia, o mesmo silencio sepulcral? Que me responda quem tiver consciência.

Terminarei esta carta, sr. director, agradecendo tambem a V. o ter permitido que, nas colunas do seu acreditado jornal aparecesse o meu nome; e, se julgar que não é um abuso, peço-lhe que consinta na publicação desta carta, porque ela leva ao cronista e a quem preguntar—«Mas não será sempre preferivel o silêncio nêstes casos de coração»—a resposta que o meu coração lhes dá. — De V., etc.—*Maria Adelaide Coelho da Cunha.*

(Esta carta vem reconhecida, como dizemos por um notario de Vila Nova de Gaia).

THEATROS

Medalhões

Rosina Storchio

O nome d'esta artista está ligado a tantas recordações gloriosas deixadas entre nós que basta evocal-o para todos rejubilarem á ideia de novamente a vêr dar lustre a um teatro.

A modesta homenagem que n'estas colunas lhe prestamos pouco valor tem, só possue o de raramente ser dispensada.

Rosina Storchio é uma artista de singular temperamento scenico, as suas personagens, mesmo se as não cantasse com lindas notas cristalinas e doces, viveriam igualmente pelo relevo, pelo cunho pessoal que lhes imprime.

Rosina não pertence á escola que aprende e encarna tipos varios estudados, obedecendo á regras de pura plastica, ondeando harmonicamente o corpo, em poses esculturais, não. Rosina é toda instinto; impulsiva, no entrar em scena ante a multidão a sua alma — animada certamente por um fogo desconhecido, por espiritos geniaes, divinos — transforma-se, vive, sofre, ama, chora, implora ou impreca, roge ou suspira com tanta verdade, com tal sublime elevação que subjuga e domina.

Será para nós uma festa espiritual admiral-a na «Bohéme», opera que nunca lhe ouvimos.

Tivemos hontem a agradavel visita, na nossa residencia, de Rosina Storchio, cortezia que agradecemos.

Maria Judice

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

Teatro S. Luiz—«Moinhos que cantam», opereta holandeza em 3 actos, musica de Van Oost, tradução de Pedro Bandeira e Queiroz Vaz.

A peça de costumes holandezes que ha dois dias, se representou pela primeira vez no Teatro S. Luiz, em festa artistica de Cremilda de Oliveira, pertence áquele teatro ingenuo e simples que fez as delicias dos nossos avós, cujo agrado resulta mais da partitura e da beleza de scenarios e guarda-roupa, do que, propriamente da sua acção, que quasi a não tem, tão deluida é ela, nos tres actos. Se atendermos á evolução sofocada pelo teatro musicado e consequentemente á modificação operada no paladar do publico, temos de concordar que, por mais interessante que o espectador ache a peça «Moinhos que cantam», o seu sucesso não pode ir alem do relativo, pela simples razão de lhe sobrar em ingenuidade o que lhe falta em malicia e ainda pela pouca preocupação dos auctores pretenderem agradar pelo enredo, que chega a ser infantil na sua simplicidade.

O nosso publico, mais do que qualquer outro, está mal habituado, mercê das suculentas revistas que, a meudo, lhe proporcionam e, assim, escusado é pensar que ele possa premiar um trabalho cujo valor não aprecia e que acaba mesmo por o maçar. Ora, os «Moinhos que cantam» pertencem a esto teatro. A probidade artistica que presidiu á sua montagem desde o guarda-roupa tipico e do bom gosto, ao scenario de Serra e Mergulhão, todo ele perfeito, só louvores merece.

No proprio desempenho existe um conjunto e uma homogenidade que, o que tambem raras vezes sucede, só valorisa a peça.

Cremilda de Oliveira e Irene Gomes nos principais papeis femininos e Sales Ribeiro no «pintor», o galã da peça, não excluindo sequer personagens secundarias entregues a Gomes, Vasco Sant'Ana, João Silva e Matias de Almeida, deram aos seus respectivos papeis o melhor dos seus esforços, coroados, aliás, do melhor exito.

Apenas Zulmira Vargas fracassou no garoto «modelo», ao contrario da sua nova colega Aurora Martins que, pela sua graciosidade se fez aplaudir.

E sendo estes dois os papeis comicos da peça, cujo comico poderá, quando muito e nem sempre, fazer sorrir o espectador, calcule-se o pouco efeito que, com tais personagens, o autor pode despertar no nosso publico.

Para os que apreciam o teatro, pelo que ele proporciona de beleza ao olhar e pelo interesse que sempre merece uma partitura de facil audição, embora dum genero diferente do que estamos habituados a ouvir, os «Moinhos que cantam», representam uma noite bem passada. Para os que estão habituados ao moderno teatro de opereta, com milhares de lampadas electricas, a costumada valsa e alguns can-cans á mistura, os «Moinhos que cantam» não serve.

Alvaro Lima.

Noticiario

— A temporada actual no Gymnasio finda amanhã inadiavelmente com a peça *Dominós côr de rosa*. Em junho inaugurar-se-ha, tambem sob a direcção de Lucinda Simões, a epoca de verão com a apresentação do nova companhia, da qual faz parte o distincto actor comico Alegrim, recemchegado do Brazil.

Arte

Exposição de pintura

No salão da «Ilustração Portuguesa» abre depois de amanhã, ás 15 horas, uma exposição de pintura e do pintor e estudante de direito da Universidade de Coimbra, sr. Fausto Gonçalves.

Exposição do Rio de Janeiro

Além dos trabalhos a que já nos referimos e que vão figurar na grande exposição de arte portuguesa do Rio de Janeiro, já estão entregues dois quadros do pintor Luciano Freire, um dos mais ilustres mestres contemporâneos, o restaurador carinhoso e inimitavel a quem se deve a verdadeira *resurreição* das velhas tabuas de Nuno Gonçalves.

Esses trabalhos teem os titulos de *Os catraeiros* e *O vaqueiro*. David Melo já entregou tambem um dos seus melhores trabalhos, *A velha*.

TOURADAS

Campo Pequeno. — A corrida de amanhã começa ás 17 horas e meia, mas, ás 16 horas, ha concerto, na arena, pela banda do corpo de marinheiros.

A corrida é de homenagem ao empresario sr. José Segurado e nela tomam parte distintos amadores e alguns profissionais.

Festas associativas

Centro Espanol.—Realisa-se ámanhã, ás 21 horas e meia, uma festa extraordinaria dedicada ao ministro de Hespanha, sr. D. Alexandre Padilla, representando-se a comedia *Las Flores*.

Alfredo Moura

Trabalhador incançavel, serio, probo e honesto, o nosso amigo Alfredo Moura, bem conhecido no meio comercial, acaba de entrar para socio do antigo estabelecimento «Perola da China», sito na rua da Palma, 123 a 139. Deixa, por esse motivo, a casa Bastos & Toinha, onde estava como empregado interessado.

A Alfredo Moura, a cujas qualidades de caracter folgamos de prestar justiça, as nossas felicitações.

Banco Nacional Ultramarino

Reuniu esta tarde a Assembleia Geral que aprovou por aclamação o relatorio

Reuniu esta tarde a assembleia geral do Banco Nacional Ultramarino que, por aclamação, aprovou as conclusões do relatorio do conselho fiscal. Aprovou tambem uma proposta da Direcção relativa á Caixa de Reformas do pessoal e uma importante proposta, que a assembleia sublinhou com applausos, relativa á emissão de titulos de trabalho para o pessoal, interessando-o, assim, nos lucros do Banco. Foram eleitos:

Governador—João Henrique Ulrich; vice-governadores — Bernardo Homem Machado, conde de Caria; Henrique José Monteiro de Mendonça, Arthur Porto de Mello e Faro, conde de Monte Real, José da Cunha Rolla Pereira e Julio Schmidt.

Conselho Fiscal

Effectivos—Francisco Luiz Pereira de Souza, Balthazar Freire Cabral, João Albino de Souza Rodrigues.

O adeantado da hora, em que terminou a reunião, não nos permite dar uma noticia mais desenvolvida.

JULGAMENTOS

A morte do professor Gueifão

Reuniu hoje o tribunal do 2.º distrito criminal, presidido pelo juiz sr. dr. Francisco José de Sousa, representando o ministerio publico o sr. dr. Ferreira Lemos, e estando á defeza a cargo do sr. dr. Ramada Curto, para julgamento de Armando de Azevedo, natural de Lisboa e empregado no comercio, acusado de, em 1917 ter morto com um tiro de pistola o professor Gueifão Marques, no café Chave d'Ouro. E' tambem acusado de ter em 31 de março ultimo, no restaurante conhecido pelo Magrinho, na rua das Prêtas, tentar agredir os srs. D. José de Mascarenhas e Azevedo Coutinho.

Proximo das 13 horas foi aberta a audiencia, procedendo-se á chamada das testemunhas de acusação que são em numero de 15, e de defeza que são os srs. drs. Domingos Pereira, Adolpho Coutinho, governador civil de Lisboa, Carlos Olavo, dr. Antonio Joice, dr. Antonio Joaquim Guerra, juiz do 2.º juizo, dr. Pedro de Matos, major Lindorfo e Carlos Ferro.

O réu negou o crime de assassinato, e sobre o caso Magrinho alegou que foi em sua legitima defeza.

Aproximam-se as ceifas

Um grave problema que parece será satisfatoriamente resolvido

Aproxima-se a época das ceifas e aproxima-se com esse facto, o mal estar e a inquietação dos lavradores. Não ha braços. E não ha braços porque a visinha Hespanha oferece aos trabalhadores portuguêses 30 duros por cada 40 dias de tarefa.

O lavrador português não podia evidentemente arcar com estes preços fabulosos em moeda portuguesa, e nós estavamos em vesperas de não termos homens para as ceifas portuguêsas. Parece porém que o atual ministro da guerra está na disposição, a partir do proximo dia 15 de junho, de pôr em pratica o alvitre que lhe foi fornecido pelo ... capitão Plinio Silva do aproveitamento dos braços mobilisados e que, parece, a partir dessa época, poderão ser requisitados pelos lavradores, ás unidades que lhe fiquem proximas. Será este, de facto, a unica resolução do assunto, e bom é que o caso se resolva para que a tremenda crise que nos ameaça se não realise.

Oxalá assim aconteça e nós só tenhamos que felicitar o sr. ministro da guerra pela rapidez e pela oportunidade das resoluções tomadas... e efectivadas.

Os serviços da policia e os hospitaes civis

Um individuo que estava sob prisão no hospital de S. José sahiu em liberdade, por descuido da policia

Como os leitores devem estar lembrados, na noite de 25 do mez passado desenrolou-se na ezinhaga das Salgadas, L. S. P., 1.º ao Poço do Bispo, uma trajedia de que foram protogonistas João do Paiva, ali residente e a sua enteada e amante Irene Julia da Luz, de 14 anos. O Paiva que vivia em companhia da mãe da Irene e que tambem mantinha relações amorosas com esta, ao ver que a pequena ultimamente o repudiava agrediu-a a tiro, tentando em seguida suicidar-se. Ambos recolheram ao hospital de S. José, onde o Paiva se conservou alguns dias entre a vida e a morte, mas, devido á sua robustez, conseguiu salvar-se, tendo tido hontem alta e recolhido novamente a casa. Ali foi visto momentos depois pelo guarda 203, que estranhando o facto do Paiva se encontrar em liberdade quando ele tinha ordem de prisão, imediatamente telefonou para o hospital de S. José e pediu informações do que era passado, sendo-lhe d'ali respondido pelo fiscal geral que em 22 do corrente o hospital oficiara á policia para ir receber o preso, o que até hontem se não fez. Em face de tal e havendo necessidade de camas resolveu-se mandar o doente em liberdade.

O guarda 203, em virtude de tal informação, dirigiu-se em seguida á casa do Paiva e deteve-o, tendo o preso recolhido a um dos calabouços do governo civil.

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

A final do Campeonato — O Bemfica contra os Belenenses — Uma local assustadora

E' certo que está despertando interesse o proximo desafio de foot-ball, que se realisa no proximo domingo, da final do campeonato de primeiras categorias. Os adversarios finalistas, Bemfica e Belenenses, estão trabalhando para alcançarem a victoria, não sendo facil prover qual deles ganhará. A lucta vae ser renhida, ambos os teams estão bastante homogeneos, vamos ter portanto no proximo domingo, no campo de Palhavã, uma tarde cheia de animação e de entusiasmo.

* * *

O nosso colega do *Seculo* da noite, de hontem, publicou uma local devéras assustadora, tanto mais que já ao campeonato passado o Bemfica usou de egual processo. Trata-se de fazer uma *mobilisação* de socios para uma futura assembleia na Associação, que votarão conforme as conveniencias que lhe são impostas.

A local a que nos referimos diz: «Os homens de Bemfica, afirma-se pelos centros de cavaqueira, têem elementos para, se perderem o campeonato jogando, o não perderem na secretaria da Associação. Quais são esses elementos?»

Ainda se diz nos mesmos locais que a um homem dos Belenenses, ainda que inscripto regularmente, lhe falta uma pequena formalidade que é a de sobrigação do club onde jogou em epocas transactas, desobrigação essa que esse club, que é o Sport Lisboa, não deu.

Ainda se diz mais que o caso a dar-se, e isto são comentarios dos cavaqueadores, a responsabilidade cabe á Associação e não ao club que inscreveu o jogador.

Por nossa parte achamos que o Bemfica não necessita destes processos, porque o seu team tem probabilidades de ganhar e quando assim não acontecesse a victoria dos Belenenses seria uma victoria do Bemfica, visto que os jogadores daquele grupo são antigos jogadores do Bemfica.

Aos Belenenses aconselhamos contudo a verificarem junto da Associação se as formalidades exigidas para os jogadores estão em ordem. E' necessario que para o levantamento do foot-bal todos os clubs e a Associação trabalhem com lealdade.

Noticiario

Encorra-se hoje no Gymnasio Club Portuguez a inscripção para o proximo campeonato de pesos e alteres.

— O proximo numero de domingo do *Os Sports* publica desenvolvidas secções de foot-bal e de hipismo.

— No domingo não se realisam desafios do campeonato escolar de football.

Professores das Escolas Primarias Superiores

Continuaram hoje os trabalhos do congresso dos professores das escolas primarias superiores.

Presidiu o dr. Manoel Paulino Gomes, secretariado pela sr.ª D. Maria Florinda Ferreira, directora da escola de Bragança e sr. Duarte Viveiros, da escola de Lisboa.

Foram aprovadas as teses: Função das Escolas Primarias Superiores e Modificações a introduzir na lei atual.

O incendio de hontem

Continuou hoje o rescaldo, sendo importantissimos os prejuizos

No Caes do Gaz, onde se manifestou hontem á tarde o incendio de que demos noticia, os bombeiros municipaes e voluntarios continuaram hoje no rescaldo, andando troços de operarios a fazerem a separação dos madeiras e do enxofre que ficaram em estado aproveitavel.

Na linha ferrea mais trabalhadores andam com picaretas procedendo á limpeza, em virtude do enxofre que ardeu formar uma grande pasta, não podendo os comboios circular ás primeiras horas do dia. O serviço já está, porem, restabelecido.

Segundo as informações que colhemos, os prejuizos andam por perto de 2:000 contos. No recinto continua a guarda republicana fazendo o serviço de policia.

O caso da legação de Hespanha

O sr. ministro de Hespanha esteve hoje com o sr. presidente do ministerio, a quem pediu que não houvesse qualquer procedimento contra os tres delegados da C. G. T. que ha dias lhe foram entregar uma mensagem, caso de que a imprensa largamente se tem ocupado.

Foram esses delegados os primeiros a dar-lhe explicações e comunicou o caso para o ministro dos negocios estrangeiros do seu paiz, mas sem lhe ligar importancia, porque importancia não tem.

O sr. ministro de Hespanha conservou-se depois em amistosa conversa durante algum tempo, com o sr. coronel Antonio Maria Baptista.

A greve dos electricos

Já amanhã haverá carros?

A camara municipal de Lisboa, que esteve reunida em sessão até ás 4 horas, aprovou a seguinte tabela de tarifas dos carros electricos: carros ordinarios, uma zona, 8 centavos; 2 zonas, 10; 3 zonas, 12; 4 zonas, 15; 5 zonas, 20; 6 zonas, tambem 20. Carros do povo ou economicos, uma zona, 5 centavos; 2 zonas, 8; 3 zonas, 12; 4, 5 ou 6 zonas, 15. Custo de passes anuais inclusivé utilisação nos ascensores, 120$ e por semestre 60$.

O aumento dos preços sobre os que estavam ultimamente em vigor é de 95 por cento, percentagem que se julga suficiente para á companhia fazer face aos encargos com a melhoria de situação do pessoal, aumento do custo do carvão, aquisição de novo material circulante, etc.

Foi nomeada uma comissão composta dos srs. Brega de Carvalho e Almeida Santos, pela maioria, e Marques dos Santos pela minoria socialista, afim de fiscalisar junto da Companhia a aplicação que terá a receita resultante do aumento.

Julga-se que já amanhã circulem os electricos.

O poeta Santos Chocano

Causou pessima impressão o telegrama enviado pelo ministro dos negocios estrangeiros de Guatemala á sua legação em Paris, dizendo que Santos Chocano será julgado como criminoso comum. O embaixador do Brazil em Lisboa, sr. dr. Fontoura Xavier, entrevistado a esse respeito, disse que ainda assim espera breve o indulto de Chocano, acrescentando que conhece o governo e o presidente da Guatemala; é amigo do ministro dos negocios estrangeiros do mesmo meu paiz, sr. Aguirre e sabe que a actual administração de Guatemala não é das que punem crimes politicos com assassinatos.

Salão Central

Quando uma casa de espectaculos tem o seu publico certo e escolhido, não ha forma de afrouxar a sua concorrencia. E' o que sucede com o Salão Central, sempre a deitar por fóra.

No espectaculo desta noite ha a gosar os dois primeiros episodios da afamada pelicula em 36 partes, «A Luva Vermelha», em que a valorosa artista Maria Walcamp faz verdadeiros prodigios.

Amanhã, domingo, uma surprehendente «matinée», em que figura a grande sucesso da «Luva Vermelha».

A Feira de Santos

Uma commissão de feirantes foi pedir a protecção do sr. presidente da Republica e membros do governo, para que junto da camara municipal se interessassem pela realisação, ainda este ano, da feira de Santos, visto que a determinação em contrario, por parte da Camara e á ultima hora, acarretou grandes prejuizos aos barraqueiros e seus empregados.

Tendo o chefe do Estado e membros do governo promettido patrocinar o pedido, os feirantes solicitaram da camara que a feira se faça nos mezes de agosto, setembro e outubro, devendo o caso ser tratado na proxima sessão.

PELO TELEGRAFO

O governo de Bukarest resolveu não assinar o tratado de paz. Também a comissão desse tratado se demitiu por entender que as suas condições são inaceitaveis.

Em Swansea estão detidas mais de duzentas embarcações, por os dockers se negarem a trabalhar, apesar da ordem da federação.

A New Castle chegou Krassine, com a delegação economica russa, sendo recebidos por um representante do Foreign Office.

NOTICIAS DA CAPITAL

Foi um ar que lhe deu

J. A. Andrade Piterra, da rua da Prata, 50, ao tomar um «camion» no Rocio furtaram-lhe um relogio de ouro antigo com «chatelaine», no valor de 150 escudos.

Agentes de investigação

Na 4.ª feira, pelas 12 horas, reune-se extraordinariamente no governo civil a junta de saude do corpo da policia civica afim de inspecionar os candidatos aos logares de agentes da policia de investigação. O concurso deve realisar-se dias depois tendo já apresentado requerimentos cerca de 50 concorrentes entre civis e guardas.

Fugindo a responsabilidades

A' requisição do administrador do concelho de Gaia foram hoje presos pela policia da 1.ª secção de investigação, na estrada de Sacavem 193, 1.º Francisco Vila Flor e Candido Augusto, acusados de naquela localidade terem praticado um importante furto de objectos de ouro os quais lhe foram apreendidos. Os presos devem seguir para Gaia.

Ordem publica

Deixaram já de estar vigiados os casas dos membros do governo, pois coisa alguma se passou de anormal que desse motivo a tais precauções.

O operario Joaquim Cardoso, que havia sido preso acusado de, com mais dois delegados da C. G. T., ter ido entregar uma representação ao sr. ministro de Hespanha, foi já restituido á liberdade.

POEIRA DA ESTRADA

Conferencias

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram hontem os srs. nuncio apostolico e ministros do comercio, trabalho, finanças e colonias.

ULTIMA HORA

Concurso hipico

Começaram hoje as grandes provas com numerosa e elegante concorrencia. Amanhã realisa-se a prova *Omnium*, sendo o premio 600 escudos. Estão inscritos 87 cavalos.

Todos os comboios param em Sete Rios, onde é o hipodromo.

A concorrencia amanhã deve ser enorme.

Uma grave desordem

Os operarios dos bairros sociais no Arco do Cego agridem dois empregados superiores

A' hora do nosso jornal ir para a maquina temos conhecimento de que o bairro social do Arco do Cego esta em verdadeiro estado de sitio. Para ali seguiram as forças disponiveis da policia das esquadras proximas e da valaria da guarda republicana.

Foi o caso que á hora do pagamento da feria não foi abonado mais que 50% dos salarios durante os dias de greve ultima.

Os operarios protestaram, armaram grande balburdia, agredindo o comandatario das obras e o engenheiro, que tendo ficado feridos, foram receber curativo ao posto de socorros ali existente.

Ao aparecer a policia os desordeiros fugiram, continuando ali as forças para impedirem novos desacatos, pois os operarios se encontram bastante exaltados.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3529 — 10.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 30 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Ameaça-nos a falta de carvão

Se "Paulo de Kock" tivesse sido ouvido, não estariamos agora em tão aflitiva situação

As declarações que o sr. ministro do comercio fez nos corredores da camara dos deputados a alguns parlamentares e que a imprensa reproduziu causaram certo alarme, que, de resto, é por demais justificado. A situação com que, dentro de breve praso, teremos de nos defrontar, é a peor de todas as graves crises que a nação tem atravessado em toda a sua longa historia.

A Inglaterra não conta comnosco para a distribuição do seu carvão. O excesso da produção sobre o seu consumo, que agora é pouco avultado, devido a varias causas, principalmente ao reduzido numero de horas que os operarios trabalham, vai todo para a França e Italia. Na divisão pelos paizes da Europa da grande remessa d'aquele combustivel, proveniente dos Estados Unidos, tambem não foi o nosso paiz incluido.

Diz o sr. ministro do comercio que esta especie de parede que contra nós se levanta para o fornecimento de carvão é devida á falta de confiança nas nossas finanças.

Se assim é, a nossa situação de muito dificil passará, dentro em pouco, a ser desesperada, porque não é natural que essa falta de confiança se limite ao fornecimento do combustivel.

O futuro, tal como se nos apresenta, apavoraria qualquer povo menos dado á patuscada que o nosso. Entre nós todos folgam, riem e divertem-se. Não vale a pena ralar, pois que tristezas não pagam dividas. O peor é que o pagode tambem não as salda.

A ocasião seria azada para as grandes resoluções, resoluções de energia e virilidade. Mas quem pensa n'isso, a não ser para largar a proposito qualquer dito de espirito?

A *piada*... ah, sim, eis ahi o grande meio nacional de resolver todas as questões, desde as mais simples ás mais intrincadas.

Os mais graves aspectos da vida social, os mais eminentes perigos para a colectividade, não escapam ao comentario espirituoso ou chocarreiro e, então, desde que os acontecimentos são sublinhados pela risada assim provocada, ninguem mais pensa neles. A um observador superficial devemos parecer um povo de inconscientes. D'esta vez, porém, a dura necessidade obrigar-nos-ha, esperamo-lo *bem*, a reagir contra aquele desgraçado feitio nacional. O culto da *piada* já nos tem prejudicado demasiadamente, impedindo-nos de prestar séria atenção aos problemas que mais interessam á vida da nação.

N'esta questão do carvão nós poderiamos estar, já hoje, em fraca dependencia do estrangeiro, se chegassemos para as coisas com seriedade e atenção.

Não é o carvão o unico combustivel que se póde utilisar na produção do vapor d'agua e cada paiz deve procurar queimar nos usos industriais aquele que possue. Nos paizes cujo sub-solo é rico em petroleo, procura-se generalisar o uso d'esse combustivel; nos paizes de grandes florestas, todos se esforçam em empregar a lenha n'aquilo em que esse emprego seja vantajoso e nos paizes abundantemente regados por fartos veios de agua trata-se de os aproveitar como magnificos produtores da força necessaria nos usos industriais.

O nosso paiz póde muito bem enfileirar-se entre estes ultimos, mas nada temos feito no sentido de fazer depender a nossa industria d'aquilo que é nosso.

E a proposito vem contar um caso em que mais uma vez a *piada* impediu que se considerasse com a devida atenção um importantissimo problema da economia nacional.

Eis a historia: No parlamento da monarquia sucedia, como agora, que muito poucos eram os deputados que se entregavam com ardor e vontade ao estudo dos problemas submetidos á sua apreciação. Agora parece que ainda são menos, mas adiante.

Na camara que funcionou de 1901 a 1904, havia um engenheiro que militava na oposição progressista, mas que se conservava estranho a toda a intrigalhada que fervia nos bastidores dos partidos.

Raras vezes mesmo se encontrava nas ruas de passeio. Era um estudioso, um apaixonado por todos os problemas economicos, dedicando-se de preferencia ao estudo d'aqueles que se relacionavam com a produção da força para os usos industriais e na camara falava frequentemente, em hulha preta e hulha branca, ouvido, em geral, por muito poucos, porque o maior numero saia para os corredores, alcunhando-o intimamente de maçador por tomar o tempo que se poderia aproveitar em assuntos de mais palpitante interesse para o paiz, como seria, por exemplo, uma descompostura no presidente do conselho por ter castigado o amanuense da administração de qualquer terra sertaneja, que não punha pés na repartição. Ora, um dia, o ilustre deputado monarquico a que nos vimos referindo, não sabemos se em 1903 se em 1904, apresentou á camara um magnifico trabalho, condensado n'um projecto de lei, produto do seu inteligente e porfiado estudo, em que se advogava a necessidade de se ir modificando, a pouco e pouco, as fornalhas das caldeiras empregadas nas industrias, dando o Estado o exemplo nas locomotivas dos seus caminhos de ferro, apropriando-as á utilisação do alcool como combustivel. Pretendia aquele estudioso deputado remediar dois males, solucionar a crise vinicola que então nos afligia por abundancia e libertar o paiz da dependencia do estrangeiro no que se refere á importação do carvão.

Infelizmente o distinto engenheiro chamava-se Paulo de •••, que ele nos perdôe irmos arrancal-o por momentos á sua modesta obscuridade, e um seu espirituoso colega, como ele tratava quasi sempre de carvão, lembrou-se de o alcunhar de «Paulo de Kock» (coke). A chocarrice correu de boca em boca com a velocidade d'um rastilho de polvora, todos riram muito, achando-lhe imensa graça. Riram, todavia, sem desprimor para o visado, porque ele era muito estimado por todos, mas ninguem mais quiz saber do assunto que ele com tanta proficiencia tratou. Mais uma vez a *piada* causou graves prejuizos ao paiz, pois que, se «Paulo de Kock» tivesse sido ouvido, não estariamos hoje em tão aflictiva situação pela iminencia da falta completa de combustivel que sobre nós impende.

Segredos a toda a gente

Sufragismo

Maura defendeu, ha meia duzia de dias, em Madrid, com todo o brilho e toda a elegancia da sua palavra, o sufragio feminino. Ainda ha pouco tambem, entre nós, um ilustre e curioso deputado socialista—são ilustres todos os deputados e curiosos todos os socialistas—apresentou, em plena Camara, um projecto de lei concedendo ás mulheres o direito do voto. Por toda a parte o movimento alastra sem vantagens para as mulheres—e com inconvenientes para os homens. Não sei se entre nós triunfará. Mas supondo que sim—não será licito perguntar que especie de mulher nos dominará amanhã no Parlamento, no ministerio, talvez na propria presidencia da Republica? A mulher bonita? Não. Ainda se o fosse. A mulher inteligente? Pelo contrario. Simplesmente a mulher feia, a mulher banal, a mulher impertinente, a mulher a quem faltem todas as condições dominantes do sexo forte e a quem sobra apenas uma qualidade imponderavel do sexo fraco: as saias.

Coimbra, terra de encanto

Constitui-se uma Sociedade dos Amigos dos conventos e dos museus de Coimbra. *Como nunca perco o ensejo de lhes falar da velha cidade do luar e dos doutores—porque não conheço terra portuguesa que nos acolha sempre com tão tradicional fidalguia—permitam-me que lhe dedique a meia duzia de linhas com que Malherbe saudava o que um dia passou. Faz agora precisamente tres anos. Lembro-me como se fosse hoje. Assomeia uma varanda do velho Paço do Bispo, debrucei-me sobre a névoa da manhã, olhei. Tive a impressão de que tudo aquilo ganhava um ar de festa, parecia cantar, palpitar, sorrir, a pequenina sombra dos laranjais, ao longe, o rio azul que luzia, uma rapariga que passava em baixo, com uma cantarinha de barro, á cabeça, a propria mancha negra duma capa de estudante. Coimbra lembra-me, não sei porquê, talvez pela côr e pela luz, certas aguarelas de Alberto Sousa. E afinal tão pouca gente a conhece! Que pena os portugueses—ignorarem Portugal*

Amnistia

Um grupo de senadores republicanos, velha guarda, apresentou um projecto de amnistia aos presos politicos. Parece-me oportuno. Talvez haja quem proteste—porque não conheço nada peior do que o facciosismo politico, o mais prejudicial e o mais inquietante de todos os facciosismos. Em todo o caso não deixará de ser oportuno lembrar-lhes que uma amnistia deve ser sempre alguma coisa de intermedio entre a clemencia de quem a concede como vencedor, e a dignidade de quem a aceite, como vencido.

Luiz Guimarães.

O DEBATE

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

A vida ou a morte

E' inteiramente necessario, a menos que nos queiramos precipitar, ineptamente, nos abismos da insolvencia degradante, criar receitas para equilibrar a nossa vida financeira. A situação é critica e não admite delongas. A guerra, em que interviémos por honra aos tratados e por amôr á civilisação latina, legou-nos uma herança pesada, da qual só nos poderemos resgatar, sujeitando-nos áqueles nobres sacrificios que são ditados pelos mais altos sentimentos patrioticos.

A vida da nação reclama dos seus filhos, para se salvar, privações de luxos, de prazeres e de comodidades, duma parte, em sumo, dos seus rendimentos? Vilões ignominosos seriam todos aqueles que se negassem a correr, afanosamente, em seu auxilio para a livrar da ruina por falta de recursos!

E' uma verdadeira infamia o que ahi se está passando em materia de contribuições. Simplesmente infame.

O sr. ministro das finanças, tendo tido a coragem de denunciar ao paiz o descalabro orçamental e a inteligencia de propôr uma serie de providencias para o remediar, deparou pela frente com uma campanha de oposição desleal, tão vil pelo mesquinho interesse que a move como imbecil pelos desastres que pode trazer.

O momento não comporta habilidades nem discussões bisantinas. E' preciso agir e agir imediatamente, que o caso é de vida ou de morte.

Ou se melhoram os principios que são a base da nossa organisação orçamental, inaugurando uma sã politica fiscal—e nós vivemos; ou continuamos a enganar-nos que não é preciso quotizar-nos para garantir a vida do Estado, bastando lançar mão do nefasto salvaterio das notas de curso forçado—e nós morremos.

Os bons portuguezes, os sinceros republicanos não teem que hesitar um só instante na escolha das alternativas do dilema.

Queremos crê-lo...

José de Torres.

A amnistia

Pelo sr. Jacinto Nunes foi, como se sabe, apresentado ao senado um projecto de lei concedendo amnistia aos crimes politicos, religiosos, militares e de imprensa.

O nome daquele que perante o paiz assumia a responsabilidade de tão generosa iniciativa é o de um homem que toda a vida lutou pelos ideais republicanos e isso imprime á questão uma especial autoridade para que ela seja devidamente considerada e resolvida.

Permitimo-nos, entretanto, fazer algumas considerações acerca do referido projecto com o qual concordamos absolutamente, na generalidade, contanto que fique expresso que se a Republica está disposta a esquecer, não se julga obrigada por isso a reintegrar nos cargos que desempenhavam, os individuos que se envolveram nos factos que tanta perturbação causaram na vida do paiz. E ha bons precedentes a justificar esta pequena restrição.

Na especialidade, como se diz em linguagem parlamentar, discordamos da amnistia concedida aos crimes de deserção militar em tempo de guerra, muito embora se acobertem com o pretexto da politica, devendo, todavia, limitar-se o tempo de guerra, para este efeito, ao decorrido desde a sua declaração até ao armisticio, e não o alargar até á ratificação do tratado de paz.

A deserção militar em tempo de guerra não se pode admitir em caso algum. D'outro modo correr-se-ia o risco de não responderem á chamada aqueles a quem a lei obriga a acudir em defeza da patria ameaçada, se houvesse "precedentes" de impunidade, perdão ou amnistia para tal procedimento.

No artigo 2.º parece-nos que não deveria ser marcado praso para a interdição de residencia no paiz. Isso dependeria principalmente dos individuos por ela atingidos, conforme o seu procedimento futuro para com as instituições.

No § 2.º d'este mesmo artigo será necessario substituir as ultimas sete palavras por estas: «serão julgados, se ainda o não tiverem sido, e cumprirão a pena em que forem ou tiverem sido condenados, no ultramar.»

O motivo da alteração é que pode dar-se o caso de algum dos alcançados pela interdição de residencia no paiz não ter sido julgado.

Nos artigos 5.º e 6.º parece-nos indispensavel especificar claramente alguns dos crimes cometidos contra pessoas republicanas, que assumiram aspecto de verdadeiras barbaridades, não podendo consentir-se que passe como crime politico o que não é mais que crime comum, dos mais repugnantes e demonstrativo de malvadez, ferocidade e maus instinctos.

Se a isso se juntar uma providencia constitucional que limite a uma só vez, para a mesma pessoa, os beneficios da amnistia por crimes politicos que envolvam revolta armada, parece-nos que a iniciativa magnanima do sr. Jacinto Nunes será bem recebida em todo o paiz.

Publicámos hontem uma entrevista que o sr. dr. José de Castro amavalmente concedeu a um nosso reporter, na qual defende a oportunidade da amnistia.

Ora, a opinião do sr. dr. José de Castro tem n'este assunto uma muito particular autoridade, porque aquele distinto advogado foi muito maltratado pelo dezembrismo, na sua pessoa e na de seu filho, o sr. dr. Alvaro de Castro.

Apenas faz uma restrição, tal qual como nós, para aqueles que praticaram barbaridades e selvagerias, só explicaveis em sociedades no primitivo estado de civilisação, as quais nunca poderiam ser consideradas como crimes politicos.

Encaminhada assim a questão pelas normas duma justiça enobrecedora, ela não encontrará por certo dificuldades para a sua solução.

Esperemos, pois, serenamente, confiando em que o governo e o parlamento tratarão, o mais depressa que lhes fôr possivel, de praticar um acto de magnanimidade que concorrerá, e muito, para o brilho das instituições republicanas.

Crise ministerial

O governo está solidario

Da presidencia do ministerio recebemos a seguinte nota oficiosa:

E' absolutamente infundado e tendencioso o boato de crise ministerial, levado ultimamente á imprensa. O governo continua solidario na obra que se propôz realizar sobre materia politica, administrativa e financeira.

OS GRANDES POTENTADOS FINANCEIROS

A acção do Banco Nacional Ultramarino

Foi no ano findo d'um grande brilho e não só proficua, como patriotica— Uma lição e um exemplo a seguir

O Banco Nacional Ultramarino é hoje sem contestação um dos nossos primeiros estabelecimentos de credito, que pode pôr-se a par e rivalisar mesmo com os do estrangeiro.

Banco emissor das colonias portuguesas, dirigido superiormente e criteriosamente, tem visto aumentar de ano para ano, de mez para mez, o ambito das suas operações, consolidar-se dia a dia a reputação de que gosa não só entre nós, mas em todo o mundo.

O seu ultimo relatorio, escrito com uma sobriedade e uma clareza muito para apreciar num documento de tal natureza, descreve pormenorisadamente todas as operações efectuadas em 1919 e diz com justificado orgulho:

«Em todos os mercados mundiais nos é dado, hoje em dia, exercer a nossa actividade—e de nenhuma outra instituição congenere sabemos cuja area de acção á nossa se compare. Na metropole, tanto em Lisboa como nos centros de provincia que de alguma importancia comercial gosam, e ainda na Madeira e nos Açores; nas colonias da Africa, e do Oriente; nas possessões alheias que das nossas são limitrofes; no Brasil, finalmente, nos grandes centros financeiros internacionais, em toda a parte, no mundo inteiro, exercemos nossas funções e, sempre e em todos os meios; do credito que disfrutamos é seguro indicio o «Movimento Geral de Operações» registado, o qual no passado ano de 1919 sobe á soma, até então nunca atingida, de 58.527:270.728$23.

Para o preenchimento deste numero entra a séde com 11.685:139.349$06,6; as dependencias do continente e ilhas adjacentes, a sua maior parte organisadas no decorrer do exercicio findo, com 2.650:162.846$74,1; as filiais e agencias do ultramar com 9.578:957.750$10,3; e as sucursais do estrangeiro, contando, algumas delas, apenas mezes de existencia, com 34.613:010.782$32».

Bastariam estes numeros para de por si só mostrarem a importancia e o grau de prosperidade que o Banco Nacional Ultramarino atingiu. Mas a actual gerencia entendeu que o ambito das operações devia alargar-se cada vez mais e quer no continente, quer nas ilhas adjacentes, quer nas colonias, quer no estrangeiro, sucede-se a inauguração de filiais e agencia que levam o nome e a acção do Banco a toda a parte. Nos principais mercados financeiros do mundo—Londres, Paris e Nova-York—tem já hoje o Banco filiais, devendo a ultima encetar em breves dias as suas transacções. E' grande a obra já realizada, mas estamos convencidos de que ainda maior ela se tornará dentro em pouco e que a iniciativa de quem assim sabe vêr trará ao nome portuguez um brilho extraordinario, ao mesmo tempo que concorrerá para trazer novos mercados ao comercio nacional.

O movimento geral das filiais do estrangeiro foi na importancia de 34.613:010.782$32, cabendo o maior quinhão ás dependencias do Brazil, 90 4[5 aproximadamente, o que vem demonstrar com que simpatia e carinho a colonia portugueza distingue o Banco Nacional Ultramarino.

Levar-nos-hia espaço de que não podemos dispôr se tentassemos mesmo ao de leve enumerar tudo a quanto se refere o relatorio, no respeitante a colonias. Em todas elas se tem feito sentir a acção benefica do Banco e — estamos certos — agora, que oficialmente foi reconhecido como Banco Emissor, ainda mais intensamente se fará sentir. Desde a mais proxima á mais remota, no Extremo Oriente, o Banco Nacional Ultramarino tem agencias e filiais, tratando de estabelecer outras que ponham essas colonias em ligação directa com as localidades mais modestas da metropole.

Ao apreciar a situação cambial, o que faz dum modo superior, a gerencia, constituida pelos srs. João Henrique Ulrich, governador, e conde de Caria, Henrique José Monteiro de Mendonça, conde de Monte Real, Rola Pereira e Julio Schmidt, vice-governadores, ha as seguintes palavras que são dignas de transcrever-se:

«Para a crise actual vencer, antes de mais nada, é necessario «trabalhar e produzir»—depois praticar, em todas as esferas, os sãos principios da mais estricta economia, como por toda a parte se está fazendo e impondo, e, procurando por todos os meios, bastarmo-nos a nós proprios, evitando despesas superfluas, cumpre prohibir a «Importação» de artigos de luxo e em geral a de toda a mercadoria que não seja de absoluta, urgente e comprovada necessidade.

Em troca, a «Exportação» deverá ser promovida e auxiliada e, para esse efeito, é dever utilisar todos os meios, beneficiando os transportes, terrestres e maritimos, tanto na metropole como nas colonias; creando incentivos ao alargamento da produção nacional; não entorpecendo e antes alentando e impulsionando, eficazmente, os empreendimentos e iniciativas a tal fim conducentes.

Dentro d'estas normas, a acção do Banco Nacional Ultramarino se orientou sempre e, como dever que o patriotismo impõe, na mesma corrente de futuro proseguiremos.»

Ha n'estas nobilissimas palavras uma lição e um exemplo que desejariamos vêr seguido por outros estabelecimentos congeneres. Ha ainda uma promessa, que nos satisfaz, porque sabemos que quem a faz a cumprirá.

E' preciso trabalhar e produzir—diz-nos a gerencia do Banco Nacional Ultramarino. Sim, é preciso na realidade fazel-o, para que saiamos da crise que estamos atravessando com nobreza e com dignidade, para que possa o Paiz mostrar que tem qualidades que o não deixam sucumbir perante as vicissitudes que o atingem, como de resto atingem n'este momento todo o mundo.

Os lucros no exercicio de 1919 foram, liquidos, na importancia de 6:338.131$64,4 dos quaes pertencem ao Estado 697.796$50,3, além de 179.205$21,5, de contribuições geraes em que o Banco foi colectado.

Acrescentaremos que o capital do Banco Nacional Ultramarino foi elevado a 24:000 contos e que a emissão ultimamente realisada foi não só integralmente subscrita pelos accionistas, mas teve ainda de se proceder a rateio, cujo coeficente teve de ser de 294 %, a melhor prova da confiança que o Banco merece, não falando nos pedidos do Brazil e de Londres e Paris, que não puderam ser atendidos porque não eram de anteriores accionistas.

Recondução dos corpos gerentes

A assembleia geral, hontem reunida, reconduziu os corpos gerentes, fez uma manifestação de simpatia e apreço ao governador do Banco, o nosso amigo sr. dr. João Henrique Ulrich, demonstrando-lhe assim em que apreço tem os seus altos e valiosos serviços e aprovou ainda por aclamação a proposta por ele apresentada da creação de «Titulos de trabalho», pelos quaes se recompensam os empregados que pôem os seus serviços, o seu zelo e a sua boa vontade ao serviço do Banco. O sr. dr. Ulrich demonstrou, com a apresentação dessa proposta, um espirito rasgadamente liberal e que sabe ir de encontro ás idéas modernas no que elas teem de justo e de equitativo.

Aos corpos gerentes do Banco Nacional Ultramarino manifestaram hontem claramente o seu apreço os accionistas. A esse apreço e aos elogios que lhes foram tributados nos associamos. Da acção d'esses homens, inteligentes e de rasgada iniciativa, muito ha ainda a esperar.

A proposta da creação de «Titulos de Trabalho», a que nos referimos, é do seguinte teor:

Os accionistas do Banco Nacional Ultramarino, querendo, mais uma vez, testemunhar a sua consideração pelos bons serviços prestados pelos empregados da séde e dependencias da metropole, ilhas, colonias e estrangeiro e desejando, ao mesmo tempo, significar o apreço em que têm o zelo e dedicação pelo pessoal evidenciado no desempenho das suas funções, resolvem que, sem prejuizo das regalias que os funcionarios do Banco, coletivamente, já hoje usufruem, lhes seja concedida uma participação pessoal e directa nos lucros liquidos que, anualmente, se obtiverem e, para esse efeito determina:

1.º—Serão pelo governo do Banco creados «TITULOS DE TRABALHO» que representando, tão sómente, o trabalho despendido pelos empregados a quem foram atribuidos, carecem de valor nominal suscetivel de qualquer expressão monetaria. § unico.—Estes titulos serão emitidos á medida que a sua distribuição pelos interessados se fôr realisando, e, em sua totalidade não poderão—salvo resolução especial da Assembléa Geral—exceder o numero de vinte mil. 2.º—Cada «TITULO DE TRABALHO» vencerá, anualmente, uma remuneração egual ao montante do dividendo que, a cada acção, fôr distribuido, e o respectivo pagamento efectuar-se-ha nos mesmos termos e epocas em que forem fixados para pagamento ás acções das diversas prestações de dividendo. 3.º—«OS TITULOS DE TRABALHO» serão sempre nominativos, intransmissiveis e inalienaveis, não podendo servir de caução, penhor ou garantia a qualquer responsabilidade. § unico.—O possuidor de «TITULOS DE TRABALHO» que infringir ou simplesmente tentar desrespeitar o disposto na presente clausula perderá os titulos que lhe hajam sido atribuidos e nenhum mais, de futuro poderá receber. 4.º—Até perfazer trinta anos de continuado e efectivo serviço, por cada periodo de tres anos consecutivos de trabalho, terá cada empregado direito a receber o seguinte numero de «TITULOS DE TRABALHO».

1.º periodo (ao fim de 3 anos), 3 titulos; 2.º periodo (ao fim de 6 anos), 4 titulos; 3.º periodo (ao fim de 9 anos), 5 titulos; 4.º periodo (ao fim de 12 anos), 6 titulos; 5.º periodo (ao fim de 15 anos), 8 titulos; 6.º periodo (ao fim de 18 anos), 10 titulos; 7.º periodo (ao fim de 21 anos), 12 titulos; 8.º periodo (ao fim de 24 anos), 14 titulos; 9.º periodo (ao fim de 27 anos), 18 titulos; 10.º periodo (ao fim de 30 anos), 20 titulos.—§ 1.º—Para, em casos excecionaes, premiar serviços relevantes e inexcedivel zelo e dedicação, poderá o governo do Banco encurtar os prazos de distribuição fixados na presente clausula ou aumentar o numero de titulos a atribuir; mas nenhum empregado—em qualquer caso—poderá ser possuidor de um numero de titulos superior a cem. § 2.º Os periodos fixados nesta clausula só começarão a contar-se desde que o empregado haja atingido a edade necessaria para a sua admissão como socio da «*Caixa de Reformas e Aposentações dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino*». § 3.º—Para o pessoal menor do Banco, os periodos fixados na presente clausula serão de seis anos e o numero de titulos a atribuir será sempre reduzido á metade. 5.º—OS «TITULOS DE TRABALHO» pertencentes a empregados que por indisplina, incorreto proceder, desonestidade ou qualquer outra falta grave, sejam dispensados do serviço do Banco serão cancelados no ato da demissão do seu possuidor.

6.º Os Empregados que se demitirem ou forem dispensados do serviço por motivo que não implique com a sua honorabilidade, zelo, dedicação e irrepreensivel proceder, terão, sobre os «TITULOS DE TRABALHO» que lhes houverem sido atribuidos, os seguintes direitos: 1.º—Se o empregado houver servido o Banco por um periodo de tempo inferior a quinze anos, consecutivos, os titulos que lhe pertencerem serão anulados, ao mesmo tempo que do seu nome se der baixa no respectivo cadastro; 2.º—Se o empregado tiver estado em serviço seguido durante mais de quinze e menos de vinte e quatro anos, emquanto fôr vivo continuará na posse e fruição dos titulos que lhe houverem sido adjudicados, os quaes, porém, só vencerão uma remuneração correspondente a metade da fixada na clausula 2.ª, e, por seu falecimento, serão os mesmos titulos anulados; 3.º—Se o empregado, por mais de 24 anos continuos se conservar ao serviço do Banco, durante o resto da sua vida permanecerá cobrando, por inteiro, a remuneração que, nos termos da clausula 2.ª, anualmente competir aos titulos que houver recebido, e, por sua morte, serão os respectivos titulos anulados.

7.º—Os «TITULOS DE TRABALHO» terão o direito a remuneração a partir do corrente anno de 1920, e, durante ele, se fará a primeira distribuição, e d'ela beneficiarão os actuaes Empregados do Banco, levando-se-lhes em conta os serviços já prestados e os anos decorridos desde a data da sua admissão. 8.º—Ao Governo do Banco é confiado o encargo de dar cumprimento á presente Resolução da Assembléa Geral, para que adotará todas as providencias que julgar convenientes. 9.º—A Assembléa Geral reserva-se o direito de anular a presente resolução e os «TITULOS DE TRABALHO» que houverem sido distribuidos se, por virtude de imposições legaes, já existentes ou que de novo venham a estabelecer-se sobre o Banco recair a obrigação do pagamento de imposto, contribuição ou como melhor se lhe deva chamar que, direta ou indiretamente, se diga destinado a beneficiar o Pessoal ou a contribuir para toda e qualquer organisação de assistencia a esse fim, generica ou particularisadamente, instituida. § *unico.*—Verificada a hipotese prevista nesta clausula, o Governo do Banco poderá, desde logo, suspender, até á primeira reunião da Assembléa Geral, os efeitos resultantes da presente Resolução.

Resultados do exercicio

São as seguintes as palavras do relatorio quanto aos resultados do exercicio e a aplicação a dar-lhes:

Os lucros que em 1919 obtivemos ascendem a 13:566.765$88. Adicionando-lhes o saldo que do ano findo transitou, 193.348$57, encontra-se o total que a respectiva conta apresenta de 13:760.114$45, de que se deduziram 7:421.982$80,6 (importancia dos Gastos Gerais, onus, encargos, liquidações e prejuizos diversos que, durante o ano, houve que supportar, tanto na Séde, como nas dependencias do Ultramar, Metropole, Brazil e Extrangeiro), restando, porém, ainda um saldo de 6:338.131$64,4, captivo dos seguintes pagamentos:

Ao Estado: Renda fixada na alinea f) da condição 14.ª do contracto de 4 de Agosto de 1919, 697.796$50,3; contribuições geraes em que fomos colectados, 179.205$25,1; e ás Obrigações de 4 1[2 %, juros respeitantes ao 2.º semestre de 1918 e 1.º semestre de 1919, 42:838$87,5, 919.840$62,9 o que reduz as disponibilidades a distribuir a 5:418.291$01,5.

A esta verba temos a honra de propôr sejam dadas as seguintes aplicações:

Para Fundo de Reserva Permanente, 650.000$00; para Fundo de Reserva Variavel, 250.000$00; para subsidio á Caixa de Reformas e Aposentações dos nossos empregados, 52.249$42; para dividendo de 20 % ás acções, incluindo os 12 % já distribuidos e ficando ao conta do Banco o encargo de Imposto de Rendimento e respectivas avenças de Contribuição de Registo e Imposto do Sello (Dec. n.º 4.692, 4.748 e 5036), 4:200.000$00—Total, 5:152.249$42. Saldo para conta nova, 266.041$59,5.

Aprovada a proposta que deixamos formulada, a Esc. 20:800.000$00 ficará elevado o nosso Fundo de Reserva Permanente e Esc. 4:100.000$00 atingirá o Fundo de Reserva Variavel e, ambos adicionados, sobre o Capital do Banco mostrarão um excesso de Esc. 900.000$00.

Para o fortalecimento das Reservas Esc. 900.000$00, este ano, se destinam quando, em exercicios anteriores, nunca soma superior a Esc. 400.000$00 a identico fim se aplicou».

Reservas em esterlino

Parte interessante e de elevada significação é a que se refere ás reservas em esterlino. Diz o relatorio:

Na percentagem acusada pelo alargamento da *Circulação Fiduciaria*, influe, por apreciavel maneira, o montante das notas representativas de moeda esterlina, circulando na Africa Oriental, e as notas emittidas em Rupias, na India, e em patacas, em Macau e Timor, cujo acrescimo, em seu conjuncto, de 1913 para 1919 se eleva a cerca de 125 %.

Da existencia de notas representativas de moeda de ouro resulta a constituição, que a lei preceptivelmente impõe, da respectiva *reserva metalica*, e, da obrigação, que sobre nós impende, da troca das nossas notas á vista e pela moeda que representam, decorre a necessidade de uma especial *reserva em esterlino* que a tal encargo permita fazer face.

A esta exigencia legal nunca—como a todas as demais—deixamos de dar rigoroso cumprimento e, ao findar o exercicio ultimo, só a séde do Banco, para responder por aquele encargo, dispunha de valores ouro que em 280 3[10 % o excediam.

E', porém, nosso proposito, aproveitar, nesta parte, logo que as circunstancias o permitam, a primeira oportunidade que se nos depare para—utilisando, tão somente, os serviços e recursos das Dependencias do Estrangeiro e sem pezar no Mercado Nacional, não lhe diminuindo antes aumentando-lhe as disponibilidades—acrescentar as *Reservas Ouro* que possuimos, depositando-as na Filial de Londres, e escolhendo, de preferencia, para sua formação, a Libra esterlina, estalão cambial mundialmente adotado.

Causas multiplas a tanto nos aconselham, pois, além do acrescimo da *Circulação de Notas* representativas de moeda de ouro—que indicios varios para breve anunciam—ha que considerar, tambem, as caracteristicas privativas do Comercio Colonial que, em muito, sobre a base e valor dos productos em moeda de ouro assenta, e ainda a natureza propria dos Bancos Internacionais em cujo numero o nosso presentemente enfileira, como consequencia da montagem, que a Lei e o nosso recente contracto com o Estado exigem, de representação propria, não só nos grandes Merca-

dos financeiros da Europa e Estados Unidos da America do Norte, mas ainda no Congo Belga e nos Dominios Inglezes do Oriente.

As vantagens, de ordem geral, que são de presumir da efectivação deste plano, aliás imposto pelas nossas actuaes condições de vida e do trabalho, em sua evidencia a todos, seguramente, persuadirão do que acertado caminho, neste particular, seguimos e, quando um dia, que esperamos não tardo, á custa de elementos extranhos aos recursos nacionaes, a nossa *reserva em esterlino* ascenda a uma ainda mais apreciavel parcela, disporá o Paiz de uma nova força para o desenvolvimento do seu Intercambio Internacional, e mais um fator poderá o Comercio Portuguez utilisar para o estreitamento e acrescimo das suas relações de negocio com os mercados financeiros de mundial influencia.

Repetimos o que já acima dissemos: a obra do Banco Nacional Ultramarino foi e continua sendo de verdadeiros patriotas e que bem merecem a confiança dos governos que no Banco encontram um forte esteio para a tarefa que a todos preocupa do resurgimento nacional.

Congresso de professores

Na sessão realisada hoje foi apresentado um projecto de reforma do Instituto Feminino do Professorado Primario e um outro reformando o actual regulamento.

Em consequencia da falta de tempo para discutir as ultimas quatro teses e os congressistas terem de retirar de Lisboa, baixaram elas para estudo ás respectivas comissões.

Os trabalhos do congresso findaram hoje.

A semana literaria

Continuemos: São duzias de pequenos livros, alguns, fruto do trabalho honesto daqueles que ainda vão procurar nas letras desabafo ás suas maguas, expansão ao seu valor, contacto com o mundo que nos cerca. E a *farandola* passa...

Trabalhos manuaes *por C. A. Marques Leitão. Ed. do autor. Lisboa.*

São poucos os pedagogos, os mestres, os estudiosos que, entre nós, se tem interessado pela educação manual, aferrados ainda á velha concepção da escola, da teoria, da lição abstracta, e esquecendo o ar livre, a acção, a tecnica, a creação directa de tudo que é util ao homem e á vida.

Os trabalhos manuais constituem na escola, não uma diversão, o oasis das lucubrações dilatiras, mas o grande factor do desenvolvimento fisico, que internamente se alia á *mens sana* dos classicos.

Muito bem, o professor Marques Leitão nos diz que não se propõe fazer um compendio de coisas muito bonitas, mas igualmente muito inuteis, pois para estudar e profundar tão magno assunto, bastariam os trabalhos de Martin, Jully, Croiselet, Pasqueli, etc., toda uma bibliografia; necessario para o nosso paiz é a sobreguia, a obra basilar, para que tenhamos em primeira analise professores, dirigentes desse espinhoso ensino dos trabalhos manuaes educativos. O trabalho do notabilissimo director da Escola Industrial Marquez de Pombal é valioso pela documentação que encerra, pelo valor da explanação, simples, logica, corrente, tal a forma de falar, de educar do mestre.

A introdução dos trabalhos manuais no Colegio militar foi,—o mestre não o diz mas sabemo-lo nós porque ao tempo eramos seu aluno,—um grito estridulo no meio militar, no ramerrão arcaico e anti-pedagogico do Colegio militar. Foi ousadia e foi assombro. Teve a vencer um mundo de dificuldades e levantou as hostilidades doutro mundo. E contudo a obra ficou, os seus resultados frutificaram: em nós, alunos, o gosto pelos trabalhos manuais vincou-se, fortaleceu-se, e d'ahi ao gosto pelas profissões tecnicas, ao amôr pela escola moderna na forma mais bela como deve ser organisada e... arejada.

O livro *Trabalhos Manuaes* dum erudito, dum trabalhador, dum obstinado na senda da educação, terá no nosso meio culto o acolhimento que têm os livros que ressoam forte pelo valor bronzeo. E toda a sua factura é cuidada, as gravuras que o ornam, escolhidas, os desenhos que o ilustram selecionados por um espirito que sabe ver o que principalmente sabe educar.

Porque o professor Marques Leitão é destes temperamentos e destas ilustrações que, no mais pequeno gesto, na mais simples frase, tem o condão de não ser banaes: educa, educa *sempre*.

Cancioneiro da saudade e da Morte *por Nuno Catharino Cardoso. Ed. do autor. Lisboa.*

Outro trabalhador. Agora é um investigador; a pequena figura dos humildes grilhetas da pena, a miopia dos que queimam as pestanas a procurar, a estudar a compilar. E, o mesmo desprezo da turba pela sua obra: publicou em 1917 *Poetizas portuguezas*, e em 1918 *Sonetistas portuguezes e brazileiros*, e a reverendissima critica, a opinião, nem sequer os conhece; ao seu trabalho honesto, vão outros beber a inspiração, colher o melhor fructo e depois... esquecem-no.

Os factos que o sr. Nuno Catharino narra no seu prefacio são edificantes... Mas que fazer? Sempre assim foi o mundo... Vamos á presente obra. E' o primeiro cancioneiro publicado, neste genero; refere-se aos seculos XII a XIX e trata de poetas Mediavais, Lenisbentistas, Lixcentistas, Arcadicos, de varias escolas Luzo-Brazileiras e Brazileiros. Tem a novidade e a valia de encerrar ineditos, porque não se poupa o seu autor ao ingrato peditorio por autores e colecionadores, no farejo inteligente de uma joia literaria desconhecida. E, pelo seu caracter didatico, ha-de ser adotado, como já o são os anteriores trabalhos, nas Escolas Superiores; para pesquiza contem notas e dados bio-bibliograficos referentes a cada um dos 164 poetas de que trata, e recomenda-se mais pela harmonia do conjunto, pelos verdadeiros mimos literarios que encerra.

A nós só nos não agrada por figurarmos nele...

Evocando *por Humberto de Luna e Oliveira. Ed. Aillaud Bertrand. Lisboa.*

O autor dum livro *Sonetos* publicado em 1918, ao qual a critica muito elogiosamente se referiu, acaba de fazer editar um novo pequeno volume de poesia a que faz o titulo *Evocando*. Insere agora poesias em variadas formas, destacando-se os *vilancetes*, que são trabalhados com verdadeira arte.

Os Temas de Luna e Oliveira continuam a ser duma idealisação superior, esfumados concepções, poesia, poesia, poesia diafana e... mais nada. Deve, em nosso parecer, Luna e Oliveira destacar-se, brilhar, fazer uma obra mais possante, de forma a não nos encontrarmos em face dum volume magro, quasi identico aos da aluvião imensa que os jovens poetas da nossa terra vulgarmente e quotidianamente produzem para bem da patria... e das industrias graficas.

Pó *por Francisco Costa. Ed. do autor, Lisbôa.*

Devia haver uma noticia-chavão para estes livros—os taes—que vêm a lume trazendo comsigo um nome e um velhissimo assunto. O leitor sabe-o de cór, mas se não se recorda eu cito o terceto ultimo do soneto *Melhor* do presente livro *Pó* e verá a eterna canção

Vales mais que a celeste Catherina,
pois foi o Poeta quem na fez divina,
e tu... e tu fizeste-me poeta!

Relativamente á forma, sim, bem, inspiração, boa rima, ...se nós sômos poetas até á raiz dos tutanos.

Ilusões que passam *por J. Aleixo Ribeiro Junior Ed. Papelaria Guedes, Lisbôa.*

«Livro 1.º a voz do meu sentir»; Quadra solta, historia vulgar, Aves errantes. O primeiro amôr... Palhaços... paremos nesta poesia. Começa assim

Uma vez, p'lum tambor, sempre a rufar...

Conta-se correntemente que um certo general chamado á ordem por não ter feito fogo explicou-se da seguinte fórma: Por mil razões. Primeira: não tinha polvora.

— Basta, basta... dispenso as outras.

A anedocta talvez não venha a proposito, mas agrada-nos cita-la depois daquela licença poetica que faz *p'lum!* aos nossos ouvidos.

De resto, o livrinho, como todos, é inspirado, fala de amôr, paixões, a nossa terra...

A afronta a Antonio Nobre *por Cesar de Frias—edição Livraria Central—Lisbôa.*

Outro volume desancando o nosso bom Albino Forjaz de Sampaio. Simplesmente este já tem sua linguagem propria, é correctamente escrito e valorisa-se por ser honesto. E' uma defeza de Auto, um ataque cerrado aos livros de Forjaz Sampaio, mórmente ao seu *«Antonio Nobre, obra irreverente e mercantil»*. Vae até á vehemencia, sem descer ao insulto como varias outras borracheiras impressas devidas ao pouco escrupulo de editores gananciosos. E' um trabalho,... é um livro, é uma opinião. Antonio Nobre, agora defendido, suspirou na campa e não poude deixar de susurrar aos vermes que ainda aproveitam qualquer migalhita da sua carcassa: «até que emfim. E' o meu homem!»

O Navio *por Carvalho Brandão e Cezar Ferreira. Ed. dos autores. Lisboa.*

E' um livro de estudo, para conhecimento geral do Navio do Comercio, e para uso dos oficiaes de Marinha Mercante. Util, simples, completo e perfeito.

Ensaio de uma moral *por Guyan. Ed. Guimarães & C.ª Lisboa.*

Guyan é um dos espiritos mais interessantes da humanidade. Filosofo, psicologo, moralista, artista, educadôr, poeta, é uma inteligencia que vê aos 19 anos premiada pela Academia de Sciencias moraes e Politicas a sua primeira obra, e aos 33 morre, deixando obras de tão grande importancia que algumas gosam de reputação universal.

O seu *ensaio de uma moral nóva*, atesta esse valor; é um livro duro para o grande publico, filosófico, mas é assim mesmo. Quem não gostar que não compre, porque muita gente o exgota.

O atheismo *por Felix Le Dantec. Ed. Livraria Central Lisboa.*

Recebemos a 2.ª edição desta notavel obra do Le Dantec, tradução de Faustino da Fonseca. O agrado do 2.º será por certo igual ao do 1.º.

E por hoje, mais nada.

Armando Ferreira

O conflito grafico

N'um eco assim intitulado, refere-se a «Batalha» de hoje ao conflito existente entre as emprezas jornalisticas e o pessoal dos seus quadros tipograficos. Aprecia-o a seu modo, pelo que lhe não podemos querer mal, visto que é um jornal operario e orgão do operariado.

Mas, ao referir-se ao director «d'A Capital», diz que o sr. Manuel Guimarães convidou um tipografo para vir trabalhar para «A Capital», sendo-lhe «proposto que lhe seria pago o salario pela tabela apresentada pela Federação do Livro e do Jornal, com a condição especial dêsse mesmo tipografo «guardar sobre o caso o maior segredo!»

O sublinhado não é nosso; é de «A Batalha.»

Ora o sr. Manuel Guimarães conhece o sr. Alexandre Vieira, como este senhor o conhece. Pois bem. Para a lealdade do sr. Alexandre Vieira se apela. Diga o nomo do tipografo que recebeu esse convite.

Não deve esse tipografo ter duvida alguma, nos parece, em o declarar.

A falta de electricos e a gatunagem

Houve hoje grande concorrencia de camions particulares e do Estado, conduzindo muita gente para o Campo Pequeno, Lumiar, Bemfica e Jardim Zoologico, não havendo transportes, como nos dias anteriores, para o Intendente, Graça e Estrela.

Os gatunos fizeram de tarde boa colheita no Rocio, indo diversas pessoas queixar-se da falta de correntes e carteiras. O «Joãosinho da Mouraria» «Lindorfo» e o «Pouca Roupa», estavam proximo da esquina do Campião, «trabalhando», sem que a policia os incomodasse.

A tosse convulsa

De todas as tentativas até agora feitas para encontrar um especifico para esta doença, nenhuma alcançou tamanho exito com as *gotas de Gaacol compostas*, preparados pelo Laboratorio Farmacologico e de que é depositario exclusivo Raul Vieira L.ta R. da Prata 51-3.º.

Arte

Exposição Amelia de Aguiar

Abriu ha dias, num dos salões da Fotografia Fernandes, ali ao Loreto, a exposição *Amelia de Aguiar*. Esta descendente ultra-moderna dos oleiros do seculo XVIII quiz dar-nos, sobre tela envernizada, a impressão colorida e pitoresca dos azulejos velhos. Conseguiu-o? Não sei. Sei apenas que a tentativa é deveras interessante—para que não deixemos de a ver.

Seja-nos permitido destacar, pela nitidez da côr e pela concepção, um *S. Jorge* e um pequenino *Santo Antonio*, risonho e milagroso, junto duma fonte que canta, partindo as bilhas ás raparigas—para as concertar depois...

Juntas gerais de districto

A' sessão inaugural do Congresso assiste o sr. Presidente da Republica

A's 14 horas e 25 minutos, foi aberta a sessão inaugural, assumindo a presidencia o chefe do Estado, tendo á direita o sr. presidente do ministerio, e á esquerda o sr. Costa Gomes, presidente da Junta Geral do Districto de Lisboa. Na sala encontravam-se os srs. ministros da instrução, comercio e agricultura, sr. Sá Cardoso, presidente da camara dos deputados, governador civil de Lisboa, general comandante das guardas republicanas, comandante e oficiais da policia, secretario geral e particular da presidencia da Republica, Alberto Tota, e os representantes das Juntas Gerais do Distrito.

O sr. Agostinho Fortes, presidente da comissão organisadora do congresso, usa da palavra, começando por saudar o sr. presidente da Republica, censura o procedimento da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes que não concedeu bonus aos congressistas, expõe largamente o plano de trabalhos do Congresso e entende que todas as bandeiras politicas se devem abater.

O sr. presidente da Republica agradeceu o convite que lhe foi feito e sauda os congressistas, retirando seguidamente e começando a 1.ª sessão do congresso, ficando a meza constituida sob a presidencia do sr. Costa Gomes, tendo por vogais os representantes dos distritos de Leiria e Vizeu.

Vida Sportiva

Nautica

Um caso bastante grave que se está passando—As regatas deste ano estão em risco de não se efectuarem

Já ha dias que chegou ao nosso conhecimento um caso bastante grave que se está passando no nosso meio nautico.

Contemos o caso tal como nos foi dito:

O Club Naval de Lisboa, Associação Naval e Federação nacional de Remo, já reuniram e marcaram as datas das regatas desta epocha. Mas como o Club Naval na presente data não tem remos suficientes para poder tomar parte nas provas e sabendo de antemão que a Associação Naval os tem, recebendo ainda ha pouco de França uma encomenda que tinha feito, a direcção do Naval dirigiu-se á Associação pedindo o emprestimo ou a venda de barcos de oito com os seus respectivos remos.

Resolve-se hoje, resolve-se amanhã, e por fim a Associação cede, não sabemos em que condições, um ou mais barcos, mas sem remos.

Desconhecemos os motivos que levam a Associação a proceder desta forma.

O certo é que os rapazes, desejando começar os treinos, para o que já não é cedo—não o podem fazer porque a cedencia dos barcos sem remos seria o mesmo que um amigo oferecer-nos um automovel sem o motor.

A Federação tem reunido, crêmos mesmo que tem empregado os seus esforços para conseguir demover a Associação dos seus intentos, porque agora que a federação está constituida e resolvida a trabalhar, este caso vae prejudicar bastante o sport nautico. Podemos mesmo assegurar que se a Associação até quinta feira proxima não resolver o assunto, o Club Naval vê-se obrigado a desistir das regatas deste ano.

E' bom notar que o Club Naval tem já ha um ano uma encomenda de remos feita em Inglaterra, mas até agora, nem novas nem mandados.

Sobre este incidente já se estão bordando varios comentarios e um deles, o que vamos dizer, é para quem não conhecer de perto a questão, até certo ponto justificavel.

Dizem:

A Associação vae empatando e quando ceder os remos já os rapazes não podem treinar como deviam, resultando que se concorrem vão ás provas com inferioridade sobre a Associação.

Por nossa parte não julgamos a Associação capaz nem de cometer este caso, nem tão pouco, pela falta de remos, de prejudicar as regatas deste ano, que, ao que nos dizem, tinham uma organisação cuidada.

Torna-se, portanto, urgente que a Associação pense no assumpto e se lembre de que tem sido ela uma das nossas agremiações que mais tem trabalhado pelo sport nautico, já pela antiguidade, já pelos otimos elementos de que dispõe.

A. Campos Junior

A gréve tipografica

Nota oficiosa

Depois d'amanhã devem reaparecer «O Mundo» e «A Situação».

Como já dissemos, «O Debate», emquanto não tiver tipografia propria, estará em contacto com os seus leitores por intermedio d'«A Capital», e «A Victoria» por intermedio de «A Manhã». A «Monarquia» está reorganisando o seu quadro e reaparecerá em breve.

Theatros

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

Colyseu dos Recreios

Mefistofeles

Em recita extraordinaria e com pouca assistencia, ouvimos, pela primeira vez, n'esta epoca, no Colyseu, a opera Mefistofeles.

Apezar do cartaz nos anunciar «recita extraordinaria», só a podemos considerar como tal pelo facto de ser suprimido o epilogo, um dos trechos mais apreciados pelo nosso publico.

Dirão, já sabemos, ser ordens das autoridades. E' certo, mas essas ordens já eram conhecidas; portanto, á empreza competia rogar ao maestro Armani que fizesse, na longa partitura, alguns cortes que certamente o seu preclaro talento executaria com criterio artistico, sem privar os «habituées» dum trecho como é a aria «giunto sul passo estremo».

Boito reune na sua obra-prima (pois Mefistofeles sempre foi assim considerada) as duas grandes manifestações do seu colossal talento, insigne poeta-libretista (que até hoje ninguem egualou) e musico genial.

O exito da sua partitura foi sempre tão grande que lhe infiltrou no sangue o temor de jamais produzir obra que egualasse aquella, facto que o levou a não dar ao publico a sua segunda opera «Nerone», senão após a sua morte.

Tem defeitos o Mefistofeles? Certamente, mas qual é a obra que os não possue?

Em Arte, sempre que as qualidades ultrapassam as deficiencias, ninguem de bom senso e criterio se ocupa d'estas.

Porque Wagner praticou tantos cortes nas suas partituras? Naturalmente porque achou nos trechos, que suprimiu, inferioridades de concepção. Só os pequeninos, os insignificantes, os nescios executam e adoram o que lhes sahe da pluma, achando tudo sublime.

Não podemos dizer que esta edição de Mefistofeles satisfizesse por completo as exigencias (aliás justas) de quem paga preços elevados; não. Apesar do protagonista se anunciar com grandes letras, foi bastante inferior a outros já aplaudidos n'este mesmo teatro, como Masini Pierali, etc.

O verdadeiro protagonista d'este Mefistofeles foi o maestro Giacom. Armani; conseguir com coros fracos, com uma orchestra (homogenea, sim mas na qual predominam elementos modestos) uma tal fusão, uma força sonora e expressiva como a que soube imprimir Armani a toda a opera e em especial modo ao Prologo, são milagres que a nossa sinceridade não pode deixar de registar e aplaudir.

Uma imponente, merecida e expontanea ovação coroou o seu trabalho e insistentes foram os pedidos de «bis» não concedido.

Tambem o acto da Grecia sabiu redondo, brilhando na «Elena» Maria Carena pela sobriedade com que cantou, emitindo lindos agudos no Concertante; se a sua voz tivesse a côr dramatica (nos graves e medios) que requer esta parte, o «racconto» do incendio de Troia teria obtido maior relevo.

Ao baixo Nicolesco faltam qualidades interpretativas para poder brilhar no tipo endiabrado «del cavaliere» disposto a satisfazer os caprichos do irrequieto Fausto.

A sua voz é desigual, pouco timbrada nos medios e graves, possue agudos sonoros, mas que não consegue sustentar suficientemente para obter efeitos, como sucedeu no final da canção do Mundo, em que nos deu um sol... de pouca dura! Artisticamente mediocre.

O tenor Capuzzo «Fausto» n'esta opera evidenciou os seus recursos vocais, que foram sacrificados na ingrata parte de Alfredo da Traviata. Vocalmente agradou-nos, disse com bela voz e correcção a aria «Dai prati; dai campi» o duetto «lontano lontano» e toda a scena da Grecia que constitue para os tenores um perigo onde tantos sucumbem.

A omissão do «Epilogo» prejudicou-o bastante.

Discreta Margarida, a soprano Polazzi a quem o dramatisar lhe produz na voz um tremulo molesto que só no duetto com o tenor se desvanecia; acentuou bem o «spunta l'aurora pallida» que, como a lua no acto da Grecia... se esqueceu de despontar.

Maria Judice

Os desfalques nas obras publicas

A policia da 3.ª secção continuou hoje nas suas investigações sobre os desfalques nas obras publicas, tendo os agentes Serra e Hermano da Fonseca interrogado largamente o sr. Casimiro Sabido, com estabelecimento de azulejos na Rua de S. Bento, o qual nega a acusação que lhe é feita. Nas esquadras, onde estão incomunicaveis, foram tambem interrogados os individuos acusados de implicados n'esses desfalques.

Parece que vae ser nomeada uma comissão de mestres de obras particulares para tratarem do assumpto, em virtude da policia não ter tempo de proceder ás necessarias diligencias, pois que o praso de prisão preventiva é de 8 dias, e para alguns dos presos está quasi a findar esse praso, sem haver elementos de prova.

O apontador Gil continua incomunicavel, e como as provas abundam contra ele, deve ser por estes dias enviado ao tribunal.

Quem alvitra? Quem reclama?

Marinheiros que pedem anistia

De um grupo de marinheiros, presos no deposito de praças da armada, recebemos uma carta em que nos pedem para advogarmos que lhes seja concedida uma anistia, pois que, afirmam, estão detidos por insignificantes delictos.

Não nos dizem os presos que se nos dirigem a especie dos delictos cometidos. Mas, a ser verdadeira a razão invocada, justo é que haja um acto de clemencia para com aqueles que sempre teem dado provas do seu amor á Patria e á Republica.

Ao sr. ministro da marinha recomendamos o caso, bem digno da sua atenção.

A greve dos eletricos

Pelas 18,30 terminou a reunião que fôra convocada no ministerio do interior, para se chegar a um acordo entre a direcção da Companhia e o seu pessoal.

Caso este desista do pagamento dos dias de greve, já amanhã haverá carros. A comissão delegada dirigiu-se a dar conta do que se passára á assemblea magna e consultal-a sobre a resolução a tomar.

PELO TELEGRAFO

— A *Etoile Belge* diz que as autoridades de Eupen descobriram um *complot*, fomentado por individuos suspeitos procedentes de Aix-la-Chapelle, com o fim de fazer ir pelos ares a estação do caminho de ferro de Herbestak e o respectivo viaduto.

— Durante uma reunião que se efectuou em Zelamsse houve uma verdadeira batalha entre os socialistas nacionais e os socialistas democratas.

— O general Obregon pediu a 4 dos principaes jornaes para nomearem cada um um reporter a fim de se fazer um inquerito sobre a morte do general Carranza.

— A camara italiana aprovou por mãos levantadas o tratado de Saint Germain.

— Noticias de procedencia yugoslava dizem que as tropas italianas se apoderaram de Durazzo e acrescentam que apesar de se dizer que se trata de tropas de D'Annunzio, parece certo serem tropas enviadas pelo governo italiano, como represalia do assassinato de varios subditos italianos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3538 — 10.º ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 31 de Maio de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Os planos do sr. ministro das colonias

Quem governa tira sempre vantagem de comunicar com o público, porque póde assim facilmente apreciar que acolhimento terá a sua acção governativa.

O sr. ministro das colonias disse o que tenciona fazer, se lhe derem tempo e dinheiro. Disse por alto, indicando apenas os problemas que pretende abordar, sem, todavia, manifestar o seu pensamento acêrca do modo de o resolver, a não ser no que diz respeito á nova organisação do ministerio das colonias na qual adoptará o racional criterio geografico, dividindo cada repartição em secções correspondentes a cada uma das possessões ou grupo de possessões seguintes: colonias do extremo oriente (India, Macau e Timor); Moçambique; Angola e colonias insulares do Atlantico e Guiné.

Esta orientação impunha-se ha muito tempo, admirando apenas que só agora venha a ser adoptado tão vantajoso criterio de simplicidade e método.

As outras questões enunciou-as apenas. Declarou julgar basilar a aprovação do projecto de lei, ainda em discussão no senado, dos altos comissarios, mas nada deixou percebêr que nos habilitasse a ajuizar do que pensa das pesadas responsabilidades de tão elevadas funções e, especialmente, dos requisitos concorrentes nas pessoas a nomear, quando é certo que nêstes reside a razão de ser daquela alta função. Se se mandar desempenha-la quem pela primeira vêz aborde questões coloniais, o fracasso é inevitavel. Já aqui o dissemos e os telegramas de Moçambique que a imprensa tem publicado, pedindo que para ali seja enviado, como alto comissario, quem conheça bem a colonia, justificam de sobejo as nossas apreensões.

Sobre fomento colonial avançou o sr. ministro das colonias na sua intenção colonisar com individuos e capitais portuguezes, *de preferencia*, locução adverbial que se não pode admitir em Moçambique, onde ha já demasiados capitais e colonos estrangeiros, sem se acautelar, pela forma que aqui já expusemos, a nacionalisação da provincia, defendendo-a contra todos os ardis empregados para que de nós se possa ali dizer o mesmo que o galega da conhecida anedocta confidenciava para a sua terra acêrca de Lisboa: «a terra é boa, mas a gente é tôla; a agua é deles e nós vendemos-lh'a!»

Afiança o sr. ministro das colonias que estuda neste momento o sistema de concessões de maneira a libertar a sua marcha de todas as dificuldades que agora teem. Se essas futuras facilidades se aplicarem só aos nacionais, proibindo-se, porem, absolutamente a venda ou hipoteca de tais concessões e estabelecendo-se que qualquer companhia formada para as explorar só poderá emitir acções nominativas, das quais tres quartas partes deverão conservar-se sempre na posse de portuguezes, é medida que, só por si, constituirá motivo bastante para registar, como muito benefica para os interesses do paiz e do ultramar, a passagem do sr. Ultra Machado pela pasta das colonias.

Acrescenta o sr. ministro que facilitará, tanto quanto possivel, as companhias para explorações agricolas ou outras, com capitais portuguezes, de preferencia, ás quais imporá, todavia, a obrigação de abrir estradas, limpar rios, proteger colonos, para quem tem em mente fundar escolas tecnicas coloniais.

Fala depois n'um esprestimo de 400 mil libras para concluir os caminhos de ferro de Mossamedes e de Ambaca o ajunta que facilitará todas as iniciativas neste capitulo, mandando já estudar a rede ferro-viaria a construir em Angola e em Moçambique.

Acerca da navegação refere-se á regularisação das carreiras de Africa de acordo com as necessidades economicas, ao estabelecimento de carreiras para as colonias do Extremo Oriente e até para o Japão, julgando que com isso fará o Estado economias nas passagens dos funcionarios e das tropas, percebendo-se que este assunto não lhe tem merecido uma atenção demorada.

* * *

Pois quem quizer abordar o problema do fomento tem que o considerar, *em conjuncto*, no seu triplice aspecto — exploração agricola, exploração industrial e transportes — senão nada feito.

A exploração agricola tem que servir-se do indigena que não abunda ou, então, da maquina. O branco, em Africa, mesmo nos sitios onde o clima permite a sua perfeita adaptação, deve reservar-se, sómente, para a direcção dos trabalhos e porisso se impõe uma selecção na gente que pretender ir para Africa, como colono. As escolas tecnicas coloniais elementares são, portanto, indispensaveis, e muito bem fará o sr. ministro se as tirar da mente para o mundo das realidades.

Falta saber que exploração agricola se deve impulsionar primeiro, se a de generos tropicais, se a dos planaltos. Como o nosso mais instante problema é fazer ouro, entendemos que se deveria facilitar de preferencia a agricultura de generos tropicais, mesmo porque, para as produções dos planaltos que são principalmente cereais, não teriamos, por emquanto, se fossem muito abundantes, facil mercado, a não ser o nosso proprio paiz que, todavia, pode e deve bastar-se a si mesmo neste capitulo.

O genero tropical não exige muitos colonos, nem o clima lhes permitiria uma longa permanencia. O melhor meio de o explorar é o capital coleclivo.

A exploração industrial exige mais cautelas. Tem muita gente, como boa, a ideia de que á colonia deverá pertencer a industria de produção das materias primas e á metropole a sua manufactura. E' um erro, como muitos outros que durante muitos anos seguiram caminho triunfante na administração colonial. A's colonias devem ser permitidas e auxiliadas todas as industrias que tenham condições de vida!

As leis economicas não admitem artificios, os quais teem sêmpre como efeito o encarecimento do produto que muitas vezes determina a carestia de muitos outros.

Veja-se o que sucede com os algodões. Fabricados na metropole, para que possam competir com os estrangeiros, são cobertos com uma pauta ultra-proteccionista. Em Moçambique nem com a pauta conseguem introduzir-se no mercado. De qualquer modo, nacionais ou estrangeiros, os algodões ficam muito caros em Angola e Moçambique e, como são a moeda corrente em muitas transacções com os pretos, encarecem extraordinariamente os produtos indigenas.

Ora os algodões ficariam certamente muito mais baratos se a materia prima fosse produzida nas colonias e lá mesmo manufacturada. Dir-se-ha que se arruinaria a industria da metropole.

Ninguem impede, todavia que sejam os proprios industriais metropolitanos que explorem a industria nas colonias e até produzam a materia prima.

Algumas tentativas se estavam fazendo neste sentido nas quais se sobresteve por causa das propostas de fazenda.

Mas nem a exploração agricola, nem a industrial, podem viver em condições de remuneração justa do capital empregado, antes de resolvido o importantissimo problema dos transportes ao qual, como acima se vê, poucas palavras dedicou o sr. ministro das colonias. Diz que vai mandar estudar as redes ferro-viarias a fazer em Angola e Moçambique. Estudo de projectos de construção de linhas futuras é extemporaneo por, temporão. E' cedo de mais. Basta estudal-os quando se pretender construir. Estudo, do modo geral, da rêde ferroviaria conveniente, é escusado, porque basta olhar para os mapas respectivos, para se concluir que, tanto numa como noutra provincia, a rêde se ha-da compor por fôrça dumas tantas linhas de penetração, conforme os progressos das regiões, ligadas por uma linha paralela á costa, em Angola bastante no interior, na região planaltica, e em Moçambique proxima do litoral.

O que é preciso considerar, para se não cometerem erros que nos ficam muito caros, é que teremos todo o interesse em chamar aos nossos portos, dum e doutro lado, parte do trafego da Africa Central e que, porisso, as nossas linhas de penetração deverão ser construidas todas com o objectivo de entroncamento nas linhas inglezas da Africa Central e, portanto, com a bitola destes que é 1,067.

Ora o caminho de ferro de Mossamedes tem a bitola de 0,60, absolutamente insuficiente para o desenvolvimento do planalto, e o de Ambaca a de um metro.

Para auxiliar os transportes ferroviarios possuem ambas as provincias uma rede fluvial soberba, aproveitavel mediante uma despeza relativamente pequena. As estradas para camions automoveis completarão o sistema.

Está claro que para desenvolver a riqueza nas colonias é necessario gastar muito dinheiro e isso desanima alguns dos mais fortes espiritos.

Consideremos, porem, que o nosso mal não é tanto a elevada cifra da circulação fiduciaria, como a reduzida soma da reserva oiro. Se arranjassemos oiro bastante para mantermos permanentemente em reserva uma soma equivalente, por exemplo, á quarta parte da circulação fiduciaria que nos importaria que esta fosse subindo em cifra?

O que precisamos, pois, é de oiro e esse só o poderemos arranjar, indo desenterral-o ás colonias que, felizmente, antecipadamente podemos afirmar, nos retribuirão o trabalho com fartos lucros.

Trabalhar é, portanto, o que nos cumpre fazer o muito folgamos em registar que o sr. ministro das colonias está disposto a auxiliar poderosamente todos aqueles que pretenderem dedicar o seu esforço ao progresso das provincias ultramarinas.

A greve tipografica

NOTA OFICIOSA

Na quarta-feira, ás 15 horas, realisa-se na Associação Industrial a assembleia magna das emprezas jornalisticas, solicitando-se desde já a comparencia não só dos delegados que costumam assistir a essas reuniões, mas ainda á dos directores dos jornais de Lisboa e Porto.

O assassinio do dr. Sidonio Pais

Ainda não está marcado o dia para o julgamento de José Julio da Costa. Ao que nos consta, vai ser apresentado ao juiz do 2.º distrito um requerimento do seu advogado, sr. dr. Gonçalves Costa, de Torres Vedras, para ser feito exame psiquiatrico ao seu constituinte.

O DEBATE POLITICA

(Publicado em harmonia com a Convenção da Imprensa)

A situação financeira

A nossa divida total, representada em valores efectivos, afóra o que devemos á Inglaterra que, segundo os calculos mais optimistas, sobe a mais de duas dezenas de milhões de libras, é computada, oficialmente, em contos 1.359.814. A circulação fiduciaria, que ao estalar a guerra era de 88.755 contos, ascende hoje a 596.842 contos. O *deficit* orçamental, que então não existia, no anno economico corrente ultrapassa 107.000 contos.

Estes numeros, que são bastante apreensivos, mas não de todo aterradores, esclarecem com inequivocá eloquencia o estado critico da nossa situação financeira.

E' claro, clarissimo que, se fosse só o nosso pais que no concerto dos paises aliados acusasse assim uma situação tão alarmante, podiamos considerar-nos perdidos. Felizmente que paises beligerantes ha em que as contas publicas não se apresentam sob melhores aspectos. Valeu-nos isso e isso nos valerá se tivermos bom senso. Ter bom senso, neste caso, equivale a ter patriotismo.

A hora, nunca é demais repeti-lo, é de sacrificios. Façamo-los. Não ha, de resto, o direito de alguem se eximir a eles. Mas teem todos, inquestionavelmente, o direito de exigir do governo que faça uma severa politica financeira e uma intensiva politica economica. Temos que ser poupados, não desbaratando os poucos recursos de que dispômos, como temos que ser empreendedôres, desenvolvendo as fontes de riquêsa que possuimos.

Risquem-se do orçamento todas as verbas destinadas a serviços inuteis ou de utilidade duvidosa, simultaneamente que se promulguem medidas para aumentar o nosso coeficiente de productividade industrial e agricola. Desta sorte, salubrisar se-ha o nosso campo financeiro, ao mesmo tempo que se valorisará o nosso campo economico.

Na realisação desta grande obra de salvação nacional, o governo póde contar que terá a seu lado a apoia-lo toda a opinião publica sinceramente amante da sua terra.

Poderão surgir protestos, mas esses protestos só poderão partir de gente que não se lhe dá nada sacrificar os interesses da sua Patria aos interesses da sua ganancia.

Tais protestos não devem ser ouvidos; quanto mais atendidos.

Devem apenas servir a marcar com o ferrête da ignominia quem os produzir; mais, quem os defender.

José de Torres

Segredos a toda a gente

Numeros

O Instituto Central de Higiene *publicou os boletins de estatistica sanitaria respeitante a 1919 que contem notas e numeros que quasi toda a gente aprova e que ninguem deixará de ter interesse em conhecer. O numero total de nascimentos desde 1 de janeiro a 30 de junho do referido ano foi de 5020. Em relação aos casamentos a percentagem contraria por completo o velho Platão. Os obitos foram de 876. A doença que maior mortalidade deu foi a tuberculose (139 casos). Os outros (737) é de crêr—a estatistica não nos diz, mas temos mil fundamentos para o acreditar—que morressem incompatibilisados com a carestia da vida...*

Essa horrivel—mas perdão...—essa deliciosa loucura que é o amor produziu em junho 388 casamentos, sendo, como não podia deixar de ser, a freguesia que maior percentagem deu: a dos Martires. Estamos dentro da logica. Apenas 15 divorcios! Pois se toda esta gente tem a mania de ler Rousseau—que já passou de moda.

Não sei se já repararam que não ha nada mais impressionante e mais revelador—de que a eloquencia dos numeros.

A carapuça

Um dia, era ministro Rodrigo da Fonseca, passou á porta do então ministro do reino uma pequenina sege de brazões pintados nas ilhargas. Três minutos depois, no seu gabinete de trabalho, Rodrigo da Fonseca acabava de acender um cigarro, quando o reposteiro de veludo, que guardava a porta, correu—e a casaca de veludo de Garrett assomou.—Ora viva! viva! Então o que o traz por aqui?

Garrett explicou então, sorrindo com aquele sorriso que trouxera de Londres nos seus punhos de renda, quanto se interessava porque fosse dada a certo padre, modelos de virtudes, a comenda de Nossa Senhora da Conceição...

—Pois muito bem, muito bem. Mas diga-me, meu caro visconde, o que fez esse padre?

—O que fez?

—Sim! O que fez para se lhe dar uma coisa dessas?

—Não fez nada.

—O quê? Pois ainda ha em Portugal alguem que não fizesse nada—que não tenha uma condecoração? Lavre-se já o decreto.

Como na cabeça democratica dos politicos de hoje—cabe, á maravilha, uma carapuça azul e branca de ha 70 anos!

Entre nós..

Entre nós, geralmente, discutem-se os factos—segundo os homens que os produzem. Confundem-se, não sei porquê, as ideias com as cabeças. E' por isso que muitas vezes se chega á conclusão que as ideias são calvas.

Luiz Guimarães.

A crise governamental—Ministros que entram, ministros que saem

Batiam já as mãos de contentes os que almejam sempre as aguas turvas da politica para pescarem as trutas das suas conveniencias. Afinal o governo não cae. Recompõe-se apenas. Do actual ministerio sahirão, como dissemos, os srs. ministro da guerra, da justiça e das finanças. O sr. ministro da guerra tendo-se deixado enrodilhar pelos varios «manjores» Evangelistas do seu ministerio, creou, perante o governo e perante o exercito uma situação insustentavel. O caso de Santo Tyrso e o projecto dos oficiais milicianos foram as duas pásadas de terra de misericordia lançadas sobre a sua pasta de ministro. O primeiro porque era uma irrisoria coisa, ridicula e mesquinha, que só servia para desprestigiar o exercito e escavacar a disciplina. O segundo porque representa, de facto, a continuação da afronta Helder Ribeiro aos que á Patria oferecem as maximas energias e a mais indefectivel fé republicana numa epocha de defectismos e de covardias. Vai-se portanto embora o sr. coronel João Aguas sem ter vincado a sua passagem ministerial por uma unica medida digne de registo e de louvor. Passou como aqueles negrumes ameaçadores que depois de prometerem um diluvio, se desfazem, sem sequer refrescarem a terra aspera das charnecas.

O sr. ministro das finanças cae esmagado ao pêso das suas propostas incongruentes. Queremos aqui prestar no entanto a nossa homenagem á sua boa vontade. O sr. major Pina Lopes teria dado um aceitavel ministro da guerra. Deu um infeliz ministro das finanças. Homem da tropa, sem bagagem financeira, os numeros farandolaram-lhe no cérebro e acabaram por lhe estabelecer uma especie de deliquio mental, proprio dos grandes esgotamentos. Seria como se o ilustre presidente do ministerio lhe désse para ser amanhã Pontifice romano! Mas nem por isso o sr. major Pina Lopes deixa de ser aquele republicano honrado e integro, cheio do mais ardente amor á Republica e da mais sincera vontade de a servir. Falhou. Paciencia. Mau foi que tivêsse aceitado a pasta que só serviu para o emagrecer e para lhe dar horas de amarissimas lucubrações a que o seu espirito não estava afeito nem preparado.

O sr. dr. Ramos Preto abandonou tambem a sua pasta. Porquê? Simples discordancia de principios. A questão da amnistia aos presos politicos não deve ter sido estranha á sahida de s. ex.ª. Durante a sua passagem pelo ministerio da justiça o sr. dr. Ramos Preto procurou fazer sempre uma justiça contraria ao seu nome. E conseguiu-o. Honra lhe seja que o administrar bem o principio da justiça é o melhor pedestal que pode ambicionar a gloria dum estadista.

Quem os substitue agora? Será talvez uma pergunta muito antecipada, mas não erraremos muito se afirmarmos que o sr. coronel Aguas é substituido pelo sr. general Pedroso de Lima, actual comandante da Guarda Nacional Republicana que terá como chefe de gabinete o sr. Oliveira Simões; e que o sr. Pina Lopes será substituido pelo sr. Vitorino Guimarães, «leader» do partido democratico e que, já com reconhecida proficiencia geriu a mesma pasta num dos ministerios anteriores ao dezembrismo. Fala-se tambem no sr. Antonio Maria da Silva para as finanças, mas até agora é o sr. Vitorino Guimarães quem reune maior numero de probabilidades. Para a pasta da justiça não ha ainda ninguem escolhido, embora se fale muito num politico de bastante destaque na maioria democratica.

Ha mais dois ministros um pouco em desequilibrio ministerial— os das pastas do comercio e do estrangeiro. O primeiro por se desejar ir embora e o segundo por militar ostensivamente no partido reconstituinte. E fala-se já para essas duas vagas nos nomes dos srs. capitão Plinio Silva para a pasta do comercio e Barbosa de Magalhães para a pasta dos estrangeiros. E' porem muito duvidoso que estas saidas se realisem. Tão duvidoso quanto a outros são certas e inevitaveis.

Para subsistituir o sr. Pedroso de Lima, no comando da Guarda Republicana, indigita-se o nome do sr. Francisco Antonio Baptista, irmão do sr. presidente do ministerio e actual segundo comandante da mesma Guarda.

São estas as novidades que hoje podemos dar sobre a tão falada crise ministerial, não sendo preciso depois disto afirmar que não vingou o projectado ministerio democratico liberal que alguns politicos andaram ocupados em organisar

Já tambem desmentimos qualquer aproximação democratica reconstituinte e hoje não temos senão que confirmarmos essas informações com a reorganisação que apresentamos.

A crise deve dar-se por toda esta semana, mais hoje mais amanhã, a não ser que surja o factor «ordem publica», que então o caso muda muito de figura. Esse factor tem sempre o condão das cerejas, umas puxam as outras. Não só não se dariam as apontadas modificações ministeriais como novos elementos entrariam em scena para repôr as coisas no seu devido pé. A Republica não pode nesta altura estar á mercê de odios desvairados ou ambições desmedidas. Tem que defender-se d'ambos para salvaguarda do patrimodio nacional—que é de todos...

Um acto de justiça

Lembram-se ainda daquele sargento-ajudante José Salvação que num ataque heroico a Monsanto ficou sem uma perna? Vai ser promovido ao posto que devia ter se continuasse ao serviço. Empenham-se por isto os grupos de defeza da Republica e informam-nos que o sr. presidente do ministerio é um dos que mais se interessa por este acto de justiça ao valente brigada Salvação.

Politica nacional dentro da politica partidaria

A politica dentro do partido democratico começa tendo um caracter nacional muito interessante. Como se sabe, ha, dentro desse partido, duas fortés correntes de opinião. Uma que é dos maximos extremismos, e outra que opta por uma politica de reconciliação, uma politica nacional no melhor sentido do termo.

Pois é esta ultima corrente a que está actualmente predominando nos meios democraticos. Um exemplo. Nos dias 14 e 15 de maio deviam realisar-se e realisaram-se em Elvas as festas da Primavera organisada pela Sociedade Propaganda e Defeza de Elvas. Logo os elementos conservadores da terra trataram de espalhar que as festas eram democraticas e que eram por estes aproveitadas para solemnisarem a data da revolução do «14 de maio». Os democraticos souberam disto e na sessão inaugural convidaram para a presidencia um conservador, não republicano, o sr. dr. João Henriques Tierno (pae) que foi secretariado pelo deputado democratico Plinio Silva. E durante as festas que decorreram animadas e cheias de vida não foi tocada uma só vez a nota politica.

Folgamos, é claro, em registar factos desses.

A questão dos livros e a votação da Camara

E para fechar, uma pergunta: Os sr. deputados mediram bem o alcance da proposta que aprovaram sobre casas editoras e livrarias?

Nós eramos já o paiz mais atrazado do mundo em casas editoras e em livrarias, sobretudo em livrarias com gabinete de leitura. Pois agora, mercê dessa lei esquisita e impensada, os poucos gabinetes de leitura que havia desaparecem. Fecham a sua porta ás ameaças estupidas da lei. Resultado: Mais paralisação de braços, mais quebra de interesses, e duplicação de burros.

E d'ahi quem sabe?! Pode muito bem ser que esta ultima razão fosse a que preponderasse na aprovação da lei... para as conveniencias duma possivel reeleição.

A venda d'"A Capital,,

Temos recebido diversas reclamações tanto dos nossos assinantes, como de leitores nossos habituaes, contra o facto de não lhes ser entregue ou não encontrarem á venda *A Capital*.

Embora saia um pouco mais tarde, devido ás circunstancias anormaes derivadas da grêve, *A Capital* publica-se todos os dias e por isso deve ser reclamada aos nossos distribuidores e aos vendedores de jornaes.

Os desfalques nas obras publicas

Os agentes Hermano da Fonseca, Serra e Maria proseguiram hoje nas suas diligencias sobre os desfalques praticados nas Obras Publicas, tendo esses agentes pedido ao Director Geral do Ministerio do Comercio as requisições feitas pelo apontador Gil, afim de serem confrontadas com a escrituração das casas fornecedoras.

Tambem alguns dos fornecedores foram novamente interrogados. Persistem na negativa.

Os automoveis e as forças militares

Quando uma força militar segue em qualquer serviço pelas ruas da capital, as carroças, trens e carros electricos mesmo param, para lhe dar passagem.

Só os «chauffeurs» de automoveis, que se julgam senhores disto tudo, assim não procedem, antes tratam de com os seus veiculos ladearem a força, afim de lhe passarem á frente. Que numa rua larga isso se faça, vá. Mas em ruas estreitas, não compreendemos que se não possam perder dois ou tres minutos.

Seria conveniente que a policia desse instrucções a tal respeito aos condutores desses veiculos.

A desratisação do paiz

Está-se realisando com o emprego do Raticida Jersin, que sem empregar venenos, destroe as ratas, não pondo em risco os animais domesticos. E' depositario exclusivo Raul Vieira L.ª—Rua da Prata 51 3.º

O desenvolvimento de Angola

As vias fluviais e as quedas d'agua — Em vez de ocupação militar, ocupação comercial e agricola

— Tratemos hoje — diz-nos o sr. Boto Machado — das vias fluviais e das quedas de agua, assuntos da mais alta importancia para a vida e para o progresso dessa nossa importantissima colonia.

«São tres as vias fluviais existentes na parte da colonia de Angola a que venho de referir-me: — rios Cuanza, Bengo e Dondo; os vales d'estes tres rios são de uma riqueza incalculavel, quer aproveitados em culturas ricas quer adaptando-os a culturas pobres.

«A cana sacarina desenvolve-se de uma maneira admiravel, atingindo um grau extraordinariamente compensador. A produção de assucar nestes tres vales podia vir a atingir um valor muito para respeitar e em boas condições de custo, desde que o trafego se pudesse fazer com vantagem e sem perigo pelas vias fluviais.

«Estão, porém, estes rios bastante assoreados e precisam ser limpos, conservando-os depois de modo a n'eles se navegar sem perigo. E não é de temer mau exito n'este trabalho, visto serem vias fluviais mais que experimentadas, pois por elas se fazia, antes do caminho de ferro, todo o trafego de mercadorias importadas e de generos coloniais nas suas margens produzidos e, ainda, dos que os indigenas vinham negociar aos pontos comerciais nas suas margens estabelecidos e que representavam a mesma tonelagem que alguns anos depois do Caminho de Ferro de Ambaca, em exploração, transportava, apesar de ter já um desenvolvimento de 190 quilometros.

—E quanto a quedas de agua, o que ha?

—Aproveitaveis, conheço duas e são as do rio Cuanza, perto de Cambambe e as denominadas —*Mabubas* no rio Dande, perto de Caxito, a cerca de 60 quilometros de Loanda.

«E' desta—*Mabubas*— que especialmente quero tratar por ter visto ha tempo na imprensa a noticia de que um Banco da nossa praça pedira a sua concessão.

«Bem utilizada, esta queda de agua, pode produzir, segundo dados que foram fornecidos por quem muito bem as conhece e é tecnico nestes serviços, 1200 a 1500 cavalos de força.

«Não deve o governo embaraçar o fomento das colonias, mas não me parece o melhor processo entregar esse fomento a monopolios, principalmente de uma produção de quê ele virá a ser o primeiro consumidor. A energia produzida pelas —*Mabubas*—começaria a ser com grande vantagem utilisada no vale do Dande para o desenvolvimento da sua agricultura e industria, começando por fornece-la á Companhia do Alto Dande—fabrica de assucar importante e dar ensejo á montagem de uma grande fabrica central para a transformação em assucar das garapas produzidas por pequenos agricultores, aplicando á condução delas o sistema de tubagem ou outro qualquer mais conveniente.

«Esses pequenos agricultores aplicariam a energia ás suas moendas, apenas, sem terem que pensar em maquinismos caros que só podem ter os grandes proprietarios.

«Podia fomentar o vale do Bengo, aplicando tambem a energia á fabricação de assucar, ao movimento de maquinas para o descaroçamento do algodão, tratamento e preparação do tabaco, industrias de cordas e fibras para sacaria.

«Chegaria por fim a Loanda onde o Estado seria o seu maior consumidor aplicando-a a todos os serviços quer de oficinas quer nos serviços do porto e iluminação da cidade.

«Esta grande força das—*Mabubas*— serviria ainda para um caminho de ferro electrico que partindo do Dande servisse Quifangondo, Cacuaco, S. Pedro da Barra, Penedo, Loanda com terminos na Ilha, e, ainda, um ramal entre Cabiri e Quifangondo aproveitando o leito da linha de Ambaca que se teria abandonado com as retificações a que me referi. Preferivel seria, pois, em logar de monopolio, a organisação de uma companhia para a exploração das—*Mabubas*.

«Elaboraria o Estado os seus estatutos, e, calculado o capital preciso, tomaria a parte que lhe conviesse d'esse capital e o restante deveria ser de preferencia coberto pelos agricultores e industriaes dos vales do Dande e Bengo e depois por particulares que n'ela quizessem entrar, conforme se pratica em companhias analogas.

«A gerencia seria pelas normas das emprezas particulares. O facto de ser o Estado accionista, não o faria perder esta qualidade e os seus representantes seriam nomeados segundo a forma estabelecida nos respectivos estatutos, mas afastando quanto possivel a intervenção do poder central. A sua séde deveria ser em Loanda.

«Este systema deveria ser aplicado a todas as emprezas semelhantes a estabelecer na metropole.

«E, a proposito, deixe-me lembrar-lhe ainda uma ideia sobre a maneira mais simples de solucionar a questão que se debate na actualidade—a questão do Douro. E' uma forma muito pratica e muito singela e que só por ter essa qualidade não será aproveitada n'este paiz onde só a barafunda impera: Uma repreza geral, feita por Portugal e Hespanha, com sahidas eguaes e ao mesmo nivel nas margens e cada um dos governos aproveitaria como quizesse a agua que lhe pertencia.

— Que mais nos diz, meu amigo?

— Para terminar abordarei um assumpto que me parece dever merecer algum estudo. Gastam-se talvez milhares de contos anuaes em occupações militares que quasi se poderia dispensar em toda a parte de Angola a que me refiro. A verba que se poupava com a eliminação d'essa ocupação deveria servir de fundo de credito agricola e comercial transformando a ocupação militar em ocupação comercial e agricola.

«E digo porquê. E' que a ocupação militar é sempre feita com enorme despeza e logo dentro em pouco estão os postos sem comando ou abandonados. A ocupação agricola e comercial tem sempre substitutos, é feita de conta propria, e contribue por muitas formas para o desenvolvimento da colonia.

«Estabelecido o credito comercial e agricola a um juro modico não faltaria quem d'elle quizesse aproveitar-se ficando o Estado sempre na certeza de recebê-lo. Toda a ocupação comercial e agricola feita no interior de Angola tem sido levada a cabo com credito aberto pelo comercio do litoral e pode afirmar-se que os prejuizos não atingiram nunca 10 % dos creditos, embora o juro fosse por vezes elevadissimo.

«Eu, que devi ao favor d'esse credito o começo da minha vida agricola, paguei por elle 11 %. No entanto o trabalho compensou.

«Mas vi ha dias nos jornaes, que se pensava dotar Angola com o serviço de aviação. Se assim é, mal empregada da despeza que só servirá a crear mais conezias sem proveito algum para o fomento da colonia e menos para os serviços militares.

«Nas operações do Nyassa creio que se voava com muita pericia no sem numero de automoveis que pertenciam ao Corpo de Aviação. Ha quem diga que parecia uma agencia do Parque de Automoveis Militares.

«E aqui tem, meu caro amigo, o que lhe posso dizer por agora...

O tenente Lata

E' curioso que quasi ao mesmo tempo que a imprensa noticiava a intenção do sr. ministro da guerra de suspender temporariamente as promoções no exercito, viesse ao conhecimento do publico que o mesmo sr. ministro promovera ao posto de tenente, em circunstancias que levantaram protestos de muitos republicanos, o sr. Manoel José Lata. Das noticias publicadas sobre este estranho caso conclue-se que este sr. Manoel José Viegas não pertencia agora ao exercito, tendo tido n'ele, n'outros tempos, o posto de 2.º sargento.

Era ultimamente agente da policia de emigração, em cujo serviço sofreu uma sindicancia que, segundo ele declarou n'um jornal, nada descobriu de condenavel no seu procedimento. Parece que, porisso, deveria continuar a exercer as funções de agente da policia de emigração.

Não sabemos se retomou ou não o seu serviço na policia; sabemos, porém, pelas noticias dos jornais, que este senhor Manuel José Viegas Lata apareceu agora promovido a tenente do exercito.

Para a promoção a este posto foi-lhe contado, ao que parece, todo o tempo que serviu como agente da policia de emigração, como se fosse serviço militar. Seria assim?!

O sr. ministro da guerra precisa de dar explicações claras acerca d'esta promoção que assume o aspecto d'um extraordinario caso de nepotismo.

O enxoval de recemnascido

Algumas senhoras, das que praticam o bem pelo simples prazer de o praticarem, fundaram uma associação que denominaram «O enxoval do recemnascido», absolutamente estranha a qualquer fim politico ou imposição religiosa, que tem como fim unico o soccorrer com roupas os recemnascidos nos hospitaes civis de Lisboa.

A direcção d'essa altruistica associação, constituida pelas sr.ªs D. Ignez Andresen da Costa, presidente, D. Carolina de Lacerda e Sousa, vice-presidente, D. Candida de Sousa Madeira Pinto, secretaria, D. Ester L. de Levy, thesoureira e D. Palmira Neves e Carmo, D. Ilda Avelina Monteiro, D. Adelaide Themudo de Sommere, D. Loiza Andresen da Costa, vogaes, promove depois d'amanhã, ás 15 horas, uma matinée no Cinema Condes, revertendo o producto em favor da Associação. Serão exibidas fitas cinematograficas proprias para divertir os creanças e haverá outros atractivos.

Mas o fim da «matinée» é tão elevado que estamos certos de que a concorrencia será não só numerosa, como selecta.

Agradecemos a amabilidade do convite.

Caminhos de ferro da Beira A[illegible]

Reuniu hoje a assembleia geral desta companhia, sendo aprovadas as conclusões e parecer do cons[illegible] cal e reconduzidos para adr[illegible] dores os srs. dr. Francisc[illegible] Metello e eleitos para o conselho [illegible] cal: Henry Burnay & C.ª, Marquez de Mendia e visconde do Marco, efectivos, Luiz Gonzaga Ribeiro e João Sequeira Nunes, suplentes.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

Teatro Nacional *Fedora*, 4 actos de Victor eu Sardou, trad. de...

Uma advertencia preleminar. Vai longo já a noite da primeira representação, nesta epoca, da peça de Sardou. O publico que vive fora do meio jornalistico desconhece como actualmente a maioria dos jornaes é feita: pessoal improvisado, tipografos mobilisados,... muito bôa vontade, um grande esforço para se conseguir a saida dos jornaes, abalados nos seus organismos por uma gréve desfeita; não podemos por isso ter as exigencias de pontualidade do costume.

Que nos desculpem aquela meia duzia de leitores que no dia seguinte a uma primeira vem procurar a nossa opinião; não é vaidade...são apenas 6...

A *Fedora* pertence ao Teatro que tem um passado; na personagem de Fedora se tem consumido talentos mundiaes.

Em drama, em opera, em film, não ha artista com veia dramatica que não estime ter no seu brazão de gloria a tragedia angustiosa da princesa russa.

O entrecho é interessante, bem original, intensamente dramatico, cruel como unhas que dilaceram impiedosamente. E' antigo, mas deste valor antigo que dura sempre e se enriquece dia a dia ante os modernismos, como as joias, os vinhos ou os Sevres. As exigencias da *Fedora* (drama) são taes que só uma artista do grande potencial dramatico se pode atrever a encarnar-se na angustiada slava, causadora involuntaria de mortes, horrores, crimes em inocentes, num conflito intimo dos mais tragicos que, só não levo á loucura leva á desesperada resolução do suicidio. Ha nesses 4 actos campo para variadissimos motivos: agora a espectativa, a tranquilidade, seguida da dôr crua, horrivel o golpe que vem de chofre; o juramento de desforra. Depois vem a fazê dificil e vigorosa da mulher que espera, que sabe esperar o momento da sua vingança; uma frialdade perante todos os galanteios, as riquezas, as adulações, frialdade que parece vir d'alem vida, alimentada por um amôr que despoticamente clama «vingança! vingança!» Eis o encontro da sua vitima e seu algoz também. D'ahi por deante a evolução dos sentimentos varios que impelem e escavacam aquela alma forte de mulher são mais visiveis do publico. A sedução como meio de atrair uma confissão: alegria ao dar os ultimos toques na teia que prenderia o assassino do seu noivo; o assombro pelo que essa confissão traz de imprevisto...a descoberta de uma alma de lôdo por quem se tem sacrificado... O perigo que a rodeia: um dever que se lhe impõe: a salvação daquele que a livrou duma afrontosa união. O seu sacrificio, ainda e finalmente um novo martirio. E depois a parte aguda da tragedia: o chegar das noticias, a colheita da sua sementeira de mortes... a perda irremediavel deste novo amor...os minutos angustiosos que precedem a chegada de Borok: os da revelação...Ainda, os efeitos dum toxico quasi instantaneo...os vincos daquele rosto que o sofrimento, toda esta luta amargurada durante mezes, deve transparecer...são elementos de sobra para que uma artista possa mostrar-se ou divina, ou ridicula, banal ou sublime. Que a *Fedora* é assim, não passo, mesmo, alem desta enormidade.

Palmira Bastos escolheu a *Fedora* para sua festa artistica, porque naturalmente achou, como toda a gente a peça interessante, e se encontrou com forças para arcar tão grande responsabilidade. Do ante-mão tinha a certeza de ser palmeada, tinha a certeza que seria muito delirantemente apaluadida. Assim sucedeu. Não ha hoje quem não estime tal artista e aprecie os suas grandes qualidades no teatro e fora dele. Arrostou-se com afronto com artistas portuguezes, com uma verdadeira gloria do teatro portuguez, e com artistas maximos da arte universal. E venceu? Fez o que poude para vencer.

Palmira Bastos é uma grande artista, tem coroas que ninguem atingirá mas apesar dos seus grandes recursos, tem uma certa especialisação, o seu genero caracteristico e proprio onde alcança vantagens enormissimas sobre qualquer outra artista. A *Fedora* é um drama, um violento drama, que Palmira Bastos interpretou bem, mas... Como dizia a unanimidade dos espectadores: «defende-se». E quando uma artista, encerdendo para um papel da responsabilidade do da princeza Fedora se *defende* a ponto de sair vitoriosa, é porque incontestavelmente, é uma artista de merito, uma grande artista.

Rafael Marques,—a outra sensacional figura da peça, e do actual desempenho—pareceu-nos tambem deslocado do seu genero. Certo que o artista deve ser tudo, e é-se tanto melhor artista quanto mais se vencem as batalhas dificeis. Rafael Marques é aqui o galo. Mas, Rafael Marques em amor não aquece, não é apaixonado, não é vibrante; a sua mocidade, a sua alegria, os seus qualidades ficam como subjugadas pelo esforço que faz para se tornar amoroso. Mas certamente que foi correcto, bem, com linha. Pode dizer-se mesmo, que no 3.º acto, na descrição do assassinato foi excelendidamente, deixou livremente expandir a sua boa dicção, e os seus recursos.

Em resumo: deslocado, trabalhou por não descair e conseguiu-o, prova de quanto é tambem um valioso artista.

Em segundo plano temos Brazão no papel de Seriex, que sendo simples, facil, leve, servo contudo para destacar um artista e sempre o nosso primeiro actor; Maria Pia, dizendo muito bem, com o *chic* caracteristico das suas «toilettes»; Erico Braga, irrepreensivel na sua linha; Calazans com a sua probidade; e ajudando, em papeis mais secundarios, Tristão, Matos, Rosina, etc.

Os scenarios todos muito bem cuidados, e a *mise-en-scene* tambem cheia com interesse. Muitas palmas, muitas flores, homenagem de senhoras da alta e chamadas a Inacio Peixoto.

Armando Ferreira

Teatro do Ginasio—*Dominós côr de rosa*, 3 actos de Hennequin, trad. Furtado Coelho.

Depois de desempoçirada *Divorçons*, foi-se procurar ao algeiros mais... e peor. Aí temos *Os dominós côr de rosa*, uma banalissima comedia de Hennequin que já fez sorrir os nossos parentes mais velhos, com as suas graças de comedia facil e monologos explicativos das resoluções e ideias dos varios personagens.

E dá-se uma coisa destas, velha e sédiça, com um desempenho de principiantes, em recita de assinatura: «quem me acaba o resto...» dizia o outro!

Para levar á scena esta belêsa de peça propria para clubs recreativos, juntaram-se Lucinda Simões e Samwel Diniz, Luzitana Sayal e Clemente Pinto, agregaram a si os excelentissimas senhoras actrizes recemchegadas da provincia... perdão... recemchegadas do Brazil, Hortenso da Luz e Antonio Mendes, que foi uma pena não chegarem cinco dias mais tardo... para encontrarem já finda uma época que começou tão brilhantemente...

E acabou-se o Ginasio.

A. F.

Coliseu dos Recreios

BOHÉME

A proposito de «divas» e «divos» modernos, dizia-nos o ano passado no Rio de Janeiro uma grande cantora que hoje ali leciona, «sinto orgulho e prazer em ter sido artista há já bastantes anos, ou seja no tempo em que por essas cenas eram celebres, era indispensavel se-lo a valer...»

Actualmente os chamados «divos» e «divas» (salvo raras excepções) são apenas seres que dependem profusamente para os proclamarem como tais! Daí a natural relutancia do publico.

Rosina Storchio para nosso orgulho — que somos da sua epoca — pertence á velha escola-lirica, da qual é uma verdadeira gloria.

Ao vel-a surgir em scena duvidase que possa ser a mesma que ha anos em S. Carlos triunfou; o seu fisico nada sofreu, é intangivel, mantem uma cabecinha de rapariga de 20 primaveras, fresca, com um sorriso claro a iluminar-lhe do juventude o rosto.

A voz de Rosina Storchio conserva a frescura de timbre dos seus verdes anos; não é som, é caricia que sai dos seus labios, ora languida e terna, ora vibrante de paixão, agora cheia de simplicidade emotiva, logo radiante de entusiasmo. Só uma escola completa aturada e perfeita pode conseguir que uma voz dure prodigiosamente bela e aveludada toda a vida.

Uma diminuta parte do publico que enchia a sala, no 1.º acto, julgou-se burlado, ouvindo declamar frases... em vez de cantar!!! E' que a Storchio sacrifica muitas vezes um efeito vocal á expressão dramatica; justamente nisto está a sua supremacia, a sua grande arte.

Se a Duse e a Sara Bernard tivessem sido cantoras, cantariam assim. Tanto mais que nas Operas modernas o drama é tudo, passando o canto á segunda linha; a prova é que essas mesmas notas que num trecho declamada para lhe dar vida e expressão, a seguir as canta sem o minimo esforço. A maneira como a divina artista disse a aria do 1.º acto foi surpreendente; esta aria não tem efeitos pilacos e é sacrificada por seguir á do tenor de relevo seguro.

Que variedade de modulações! De que modo detalhou Rosina essa aria! No entanto só depois da frase do 3.º acto «addio senza rancor» é que o publico dominado, vencido, arrebatado lhe tributou uma delirante ovação, como com a alma cheia de lagrimas, com um coração a transbordar de dores se vence a multidão. As notas, sim as notas é uma grande coisa possuil-as belas e limpidas, mas a Arte, o sentimento, a expressão comunicativa, são as unicas verdadeiras forças... para ser grande.

Rosina Storchio é grande entre as que o são! O seu trabalho scenico é um modelo para cantoras... e actrizes.

No ultimo acto desde a sua aparição até á soberba morte canta como quem já transpoz o limiar da eternidade; na sua voz já não ha vida, é uma alma que se debate, que exala os ultimos gemidos tenues, com um som quente como nas palavras graves e doces «ma grande como il mare» que atingem um poder sobrenatural.

O publico de pé aclamou a soberba interprete; a sua Mimi, como todas as suas interpretações ficará gravada eternamente no coração dos que tiveram a felicidade de a ver e ouvir.

Dino Borgioli, o festejado tenor, cantou com a arte que o distingue a «romanza», interrompida por uma colossal manifestação de agrado; assim como o quarteto onde a sua maviosa voz e talento rivalisavam com a perícia da ilustre Mimi.

A Ross Aguilar é certamente das poucas que hoje na carreira conseguem cantar a dificil parte de «Musetta» com agrado geral, brilhando n'ella a sua linda e robusta voz que na Valsa e em todo o segundo acto refulge. Vestiu-se com esmero, dando brio e relevo á desenvolta rapariga.

Ao baixo Donaggio e nosso aplauso sincero, pela expressão fina e elevada que soube imprimir á «vecchia zimarra» que repetiu.

Os barítonos Baratta e Eurasehin correctos nos respectivos papeis de «Marcelo» e Schaunard, sendo este ultimo um elemento de destaque.

Orchestra soberba de mimo, expressiva, guiada pela genial interpretação de Giacomo Armani.

Felicitamos a empreza que soube finalmente reunir um conjunto extraordinario...justificativo dos preços elevados.

Maria Judice

Noticiario

«Las Bribonas» é uma das mais engraçadas zarzuelas, de mais fama em toda a Hespanha e que o nosso publico mais aprecia. Traduzida por Acacio de Paiva, mas com a musica original hespanhola, vai ser representada na proxima sexta feira, pela unica vez, na recita de Luiz Cardoso, secretario do Teatro S. Luiz, fazendo a distinta actriz Cremilda de Oliveira a protogonista, sendo os outros personagens desempenhados pelos principais artistas. Nessa noite tambem pela unica vez haverá um grande acontecimento artistico: a linda peça de Julio Dantas, «Rosas de todo o ano», transformada em opera pelo maestro Augusto Machado, e cantada por Alice Pancada e Maria Abranches em côro e dirigida pelo maestro Radoo Blanch, que reaparece esta noite, sendo a orquestra consideravelmente aumentada com professores da Orquestra Sinfonica Portuguesa.

—No proximo sabado realisa no S. Luiz a sua festa artistica o estimado actor João Silva, com um espectaculo escolhido e de novidade.

Poeira da Arcada

Emigração de indigenas

O sr. ministro das colonias recebeu reclamações de Moçambique contra a emigração de naturais daquela provincia para as minas do Transval, dizendo que da forma intensiva como está sendo feita resultam graves prejuizos para a industria e agricultura, principalmente nos districtos de Lourenço Marques e Inhambane. Anualmente saem d'ali para as minas, cerca de 50 mil indigenas, tendo havido nos referidos districtos necessidade de recrutar trabalhadores em outros pontos.

Conselho de ministros

O conselho de ministros está convocado para reunir esta noite, na secretaria do interior.

Sorteio de titulos

No sorteio de titulos de emprestimo de 4 por cento de 1888, que hoje se realisou na Junta do Credito Publico, coube o premio de 4.500$ á obrigação n.º 13.611.

A gréve dos eletricos

Pelas 17 horas estava o serviço regularisado

Das conferencias havidas entre a Camara Municipal de Lisboa e a Comissão de melhoramentos da Carris de Ferro resultou o acordo d'esta Companhia, n'um grande espirito de transigencia, concordar em receber, desde já, sómente 50°/₀ das suas reclamações economicas e adiar a satisfação dos restantes pedidos para quando estejam revistos e modificados os contratos entre a Companhia e a Camara o que não devia ultrapassar o prazo de 30 dias.

A Companhia Carris tambem prontamente acedeu á acção conciliatoria da Camara e só assim se poude acelerar a resolução do grave conflito que tanto estava prejudicando a vida da cidade.

Agora resta a Camara não descurar a resolução rapida e urgente do assunto, desprezando o pondo de lado quaisquer protestos menos justos e inspirando-se sempre no interesse do publico.

As comissões nomeadas pelo senado municipal iniciam desde já os seus trabalhos, uma fiscalisando a aplicação proveniente dos aumentos de tarifas concedidos, outra procurando a melhor forma de contratar com a Companhia Carris.

Pelas 14 horas saíu o primeiro carro da estação do Santo Amaro, com bandeiras para Almirante Reis, indo cheio de pessoal dando vivas.

A' passagem pela camara municipal e ministerio do interior, tizeram uma grande manifestação.

Pouco depois, saiam carros paa Arco do Cego, Rocio, Praça Marquez de Pombal, Estrela, Graça, Campo Pequeno, Bemfica, Algés e Dafundo, estando ás 17 horas o serviço todo regularisado.

CONGRESSO

Nos Deputados

Falta de numero!

As 15,15 e depois duma demorada e prolongada segunda chamada, o sr. Sá Cardoso, interrogado pelo sr. Ladislau Batalha, vê-se obrigado a confessar que não ha numero e a marcar sessão para amanhã.

Voltou-se á antiga.

Não ha maneira dos srs. deputados se convencerem de que são deputados e de que as sessões se devem começar á hora regimental.

A declaração da presidencia provoca na sala varios ápartes.

Da minoria socialista, diz-se:

— E uma questão de moralidade! O regimento terá que cumprir-se!

O sr. Velhinho Correia:

— Assim é que se trabalha melhor do que o governo!

Durante bastante tempo os deputados presentes ficam na sala palestrando.

No Senado

Importações e Altos Comissarios

Aprovada a acta e lido o expediente, o sr. Melo Barreto trata do decreto ministerial sobre importações que analysa largamente, nas suas causas, nos seus efeitos e nos seus pontos de vista internacionaes.

Entretanto, no corredor do Senado vêem-se inumeros oficiais de marinha que veem reforçar o projecto de lei já aprovado na Camara dos Deputados e que estipula a uniformidade de galões para os oficiais combatentes e não combatentes.

Na ordem do dia continua a discussão dos Altos Comissarios que deve muito possivelmente ficar hoje liquidada.

Pelo Telegrafo

Um telegrama do Mexico diz que o instrutor e aviador francês Dupont faleceu em consequencia da queda do seu aeroplano. O acidente causou 4 mortes.

Uma violenta tempestade destruiu no sabado 40 metros de via ferrea entre Preston e Lancaster, fazendo parar o expresso de Londres, em consequencia da abundante chuva que caiu; a chuva destruiu tambem a margem do canal de Louth em Lincoln, assim como algumas casas da cidade. Já foram encontrados 50 cadáveres, em consequencia de se ter rompido o dique do canal de Louth, figurando entre eles 4 bombeiros, que foram arrebatados quando trabalhavam com uma bomba. As équipes de salvadores estão procurando os cadáveres entre as rrinas. Desabaram 15 casas, das quais só um morador escapou. A inundação já começou a baixar.

A Agencia Americana dá as seguintes noticias:

Na Republica de Cuba a assembléa do partido conservador proclamou candidato á presidencia o general Rafael Montalvo.

Deram-se novos combates entre as tropas francezes e os turcos, apoiados pelos arabes no norte da Siria. As forças francezas retiraram de Morassand e evacuaram a cidade de Aintéu, mas tendo recebido reforços puderam repelir os atacantes e retomar Ainteu.

Em Inglaterra, tendo a anunciada greve geral ficado puramente nominal por parte dos ferro-viarios, o sindicato nacional ordenou o regresso ao trabalho, ordem que em Swensea foi já acatada pelos dochers.

Em viagem

Boas novas

LAS PALMAS, 29 — Um sem fios expedido de bordo do vapor *Zaire* diz que o comandante e os oficiais do mesmo vapor seguem bem e saudam as suas familias. Esta mensagem é assinada por Pacheco, Honorio Melo, Pimentel e Mario Ponte. *Havas.*

Nos correios e telegrafos

Todas as repartições dos correios e telegrafos funcionaram hoje normalmente. Mas, segundo nos consta, a anunciada gréve de «braços caidos» não se deu devido a ainda não ter o pessoal recebido os seus vencimentos do mez corrente, esperando-se que ela se dê amanhã ou depois.

As reclamações feitas pelo pessoal, ao que parece, são a saida imediata do sr. Antonio Maria da Silva, administrador geral, reintegração dos cinco empregados que foram demitidos quando da gréve do pessoal da União Fabril, e reabertura da Associação de classe.

Os dramas do ciume

Mata a mulher e tenta suicidar-se

Manuel Faria, canteiro, de 25 anos, casou ha 7 mezes com Cecilia da Conceição Ferreira, de 17 anos. Parece que devido a ciumes, o casal se não dava bem, maltratando ele a mulher, que ha 25 dias abandonou o lar conjugal, indo para casa dos pais.

Hoje, pelas 16 horas, encontrando-se os dois em Palma de Baixo, o Faria disparou dois tiros contra a mulher, atingindo-a no peito e dando-lhe morte instantanea.

Em seguida virou a arma contra si e disparou um tiro no ouvido esquerdo. Foi conduzido ao hospital de S. José, ficando na enfermaria n.º 5, em estado grave.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Terça-feira, 1 de Junho, e dias seguintes, ás 12 horas, no armazem de leilões, serão vendidas mercadorias que faziam parte da carga dos vapores ex-alemães que constam de 146 fardos de novelos de fio de juta, 2.026 rolos de arame para prego, 1.445 bobines de arame farpado, 245 feixes de verguinha, 100 caixas de folha Flandres estampada, 100 barricas de alumen, pertences para eletricidade, quinquilharias, brinquedos, louças de ferro esmaltado, de barro e porcelana, chaminés de vidro, anilhas de ferro, banheiras, folha de estanho, arrebitez de cobre e ferro, balanças, toalhas, fibra, botões de madre-perola e massa, tecidos de algodão adamascado, aguilhas para gramofone e outras que serão presentes no ato do leilão.

Alfandega de Lisboa, 29 de Maio de 1920.

O escrivão
Alfredo Marcelino de Almeida